



ORALIDADES

Revista de História Oral

Ano 4 – Nº 7 – Jan.Jun./2010

Núcleo de Estudos em História Oral – USP
NEHO / LEI – USP

Núcleo de Estudos em História Oral – NEHO/USP
Laboratório de Estudos sobre a Intolerância – LEI/USP
Av. Prof. Lineu Prestes, 338, Cidade Universitária
CEP 05508-900 – São Paulo, SP, Brasil
Tel.: (11) 3091-3701 (ramal 238) Fax: (11) 3091-3150
Site: www.fflch.usp.br/dh/neho
E-mail: neho@usp.br

Coordenador da Revista Oralidades e NEHO/USP

José Carlos Sebe Bom Meihy

Docentes

Fabíola Holanda, Júlio César Suzuki, Leland McCleary, Samira Adel Osman, Sara Albieri, Zilda Marcia Grícoli Iokoi

Pesquisadores

Alfredo Oscar Salun, Cássia Milena Nunes Oliveira, Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho, Fernanda Paiva Guimarães, João Mauro Araújo, Juniele Rabêlo de Almeida, Marcel Diego Tonini, Marcela Boni Evangelista, Maria Aparecida Blaz Vasquez Amorim, Marta Gouveia de Oliveira, Maurício Barros de Castro, Natanael Francisco de Souza, Suzana Lopes Salgado Ribeiro, Vanessa Generoso Paes, Vanessa Paola Rojas Fernandez, Xênia de Castro Barbosa

Universidade de São Paulo

Reitora: Prof. Dra. Suely Vilela

Vice-reitor: Prof. Dr. Franco Maria Lajolo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretora: Prof^a. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Vice-diretor: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Departamento de História

Chefe: Prof^a. Dra. Marina de Mello e Souza

Vice-Chefe: Prof^a. Dra. Ana Paula Torres Megiani

Programa de Pós-Graduação em História Social

Coordenadora: Prof^a. Dra. Sara Albieri

Vice-coordenador: Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva

Oralidades: Revista de História Oral

Número 7 – Jan.-Jun./2010

ISSN 1981-4275

Site: www.oralidades.com.br

E-mail: oralidades.neho@gmail.com

Editores

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho, Fabíola Holanda Barbosa, José Carlos Sebe Bom Meihy, Juniele Rabêlo de Almeida, Marcel Diego Tonini, Suzana Lopes Salgado Ribeiro, Vanessa Gerenoso Paes

Conselho editorial

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho (NEHO-USP), Fabíola Holanda (UNIR-RO), José Carlos Sebe Bom Meihy (USP), Juniele Rabêlo de Almeida (NEHO-USP), Júlio César Suzuki (USP), Leland McCleary (USP), Maurício Barros de Castro (NEHO-USP), Samira Adel Osman (Senac-SP), Sara Albieri (USP), Suzana Lopes Salgado Ribeiro (NEHO-USP), Zilda Marcia Gricoli Iloko (USP).

Conselho consultivo

Alessandro Portelli (Università La Sapienza di Roma), Alberto Lins Caldas (CENHPRE/Universidade Federal de Rondônia), André Castanheira Gattaz (FIB-BA), Aurora Ferreira (Universidade Agostinho Neto, Angola), Dante Marcello Claramonte Gallian (Unifesp), Dolores Pla Brugat (Instituto Nacional de Antropología e Historia, México), Jacqueline Ellis (Jersey City University, EUA), Lucília de Almeida Neves (UFMG/PUC Minas), Marcos de La Rosa (Rhodes College, EUA), Mary Marshall Clark (Columbia University, EUA), Steven Buttermann (Universidade de Miami, EUA), Yara Dulce Bandeira de Ataíde (UNEB-BA), Yvone Dias Avelino (PUC-SP)

Consultores "ad hoc"

Alfredo Oscar Salun (UNIABC), Andréa Paula dos Santos (UEPG), Cleusa Maria Gomes Graebin (Centro Universitário La Salle), Flamínia Moreira Manzano Lodovici (PUC-SP), Heloisa Helena Pacheco Cardoso (UFU), José Miguel Arias Neto (UEL-PR), Lourival dos Santos (UFMS), Márcia Regina Barros da Silva (Cehfi/UNIFESP), Maria da Conceição Francisca Pires (Fundação Casa de Rui Barbosa), Rejane Penna (Centro Universitário La Salle), Rodrigo Patto Sá Motta (UFMG), Valéria Magalhães (USP)

Diagramação

Dorys Marinho

Foto da capa

Joesér Alvarez

Revisão e tradução

Roberto Rillo Bísvaro, Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Produção executiva

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho, Fabíola Holanda Barbosa, Fernanda Paiva Guimarães, Juniele Rabêlo de Almeida, Marcel Diego Tonini, Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim, Marta Rovai e Vanessa Generoso Paes

Solicita-se permuta

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Oralidades : Revista de História Oral / Núcleo de Estudos em História Oral
Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. — Ano 1, n. 1 (jan./jun. 2007). — São Paulo : NEHO, 2007 -

Semestral.

ISSN 1981-4275

1. História oral. 2. Oralidade. I. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História. Núcleo de Estudos em História Oral.

21ª. CDD 907.2

Sumário

EDITORIAL	09
------------------------	-----------

LINHA & PONTO

Corpo, esportes e tempo: a partir de entrevista com Denise Mattioli	17
<i>Sergio Barcellos</i>	

DOSSIÊ: CORPO E ESPORTE

O corpo e o esporte como estratégias de <i>marketing</i> da Bola de Neve Church	35
<i>Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho</i>	

Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul	53
<i>Silvana Vilodre Goellner</i> <i>Johanna Coelho von Mühlen</i>	

Mulheres cordiais: uma história das brasileiras olímpicas nas décadas de 60 e 80 do século XX	67
<i>Paulo Nascimento</i> <i>Katia Rubio</i>	

Palestra Itália e Corinthians: roteiro de uma pesquisa em história oral e futebol	89
<i>Alfredo Oscar Salun</i>	

Análise da construção do ídolo a partir da trajetória de Ademir da Guia	101
<i>Sérgio Settani Giglio</i>	

Negros no futebol brasileiro: olhares e experiências de dois treinadores	125
<i>Marcel Diego Tonini</i>	

Sobre “quem participa do rateio”: duas trajetórias futebolísticas	147
<i>Enrico Spaggiari</i>	

PROVOCAÇÕES

A transcrição em história oral e a insuficiência da entrevista	169
<i>Marcela Boni Evangelista</i>	

HISTÓRIA ORAL DE VIDA

História de vida de um travesti	185
<i>José Carlos Sebe Bom Meihy</i>	

TRADUÇÃO

Testemunhando narrativas	205
<i>Rita Charon</i>	

RESENHAS

Corpos e cicatrizes	245
<i>Fernanda Paiva Guimarães</i>	

Entre(vistas): diálogos e performances na capoeira	253
<i>Vanessa Generoso Paes</i>	

SOBRE OS AUTORES	261
-------------------------------	-----

NORMAS EDITORIAIS	273
--------------------------------	-----

Contents

FOREWORDS	09
------------------------	----

LINE & POINT

Body, sports and time: based on an interview with Denise Mattioli	17
<i>Sergio Barcellos</i>	

DOSSIER: BODY AND SPORTS

Body and sports as marketing strategies of the Snowball Church	35
<i>Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho</i>	

Collecting memories: sports, physical education, leisure and dance in Rio Grande do Sul	53
<i>Silvana Vilodre Goellner</i>	
<i>Johanna Coelho von Mühlen</i>	

Cordial women: one history of Olympic brazilian women on 60's and 80's of 20th century	67
<i>Paulo Nascimento</i>	
<i>Katia Rubio</i>	

Palestra Itália and Corinthians: guide to a research in Oral History and football	89
<i>Alfredo Oscar Salun</i>	

Analysis of an idol construction through Ademir da Guia's trajectory	101
<i>Sérgio Settani Giglio</i>	

Black people in Brazilian football: views and experiences of two coaches	125
<i>Marcel Diego Tonini</i>	

About who participates in the apportionment: two football trajectories 147
Enrico Spaggiari

ESSAYS

Oral History 'transcription' and the insufficiency of interviews 169
Marcela Boni Evangelista

LIFE STORY

Life history of a transvestite 185
Jose Carlos Sebe Bom Meihy

TRANSLATION

Bearing witness 205
Rita Charon

REVIEWS

Scarred bodies 245
Fernanda Paiva Guimarães

Inter(views): dialogues and performances in capoeira 253
Vanessa Generoso Paes

THE AUTHORS 261

PUBLISHING RULES 273



Editorial





EDITORIAL

O presente número da *Oralidades: Revista de História Oral* reúne textos em torno da temática *corpo e esporte*. Trata-se de um esforço orientador da especificação do uso da história oral em dois assuntos específicos. A ideia de organizar dossiês – comum a várias publicações – no caso da história oral procura alimentar debates particulares, afeitos a temas que representam tendências no uso e aplicação de fontes orais. Por lógico a oportunidade da Copa do Mundo de Futebol de 2010 somada à perspectiva das Olimpíadas de 2016 influiu na escolha, mas não só isso. Juntamente com a *questão esportiva* a abordagem sobre o *corpo* foi acrescentada como recurso integrante. O cruzamento de duas questões temáticas pareceu fundamental para provocar reflexões que se desdobram em pares. *Esporte e corpo*, pois se juntam em unidade de abordagem dimensionando soluções gerais alcançadas por projetos variados. Além da unidade temática, a abordagem sobre o significado do *corpo* na cultura também chamou a atenção e assim buscou-se valorizar esse aspecto como gerador de pesquisas.

Desde a discussão editorial que indicou o tema, reinou o critério da pluralidade nas escolhas de textos que tanto poderiam se iniciar como terminar nas abordagens comuns de *corpo e esporte*. Mas não só isto, havia também expectativa de textos que valorizassem o corpo como espaço síntese de tensões culturais e isso, felizmente, ocorreu. Temia-se o predomínio de estudos sobre futebol, fato, aliás, que aconteceu, mas submetido a recortes surpreendentes filtrados por subtemas como: racismo, religião, envelhecimento biológico, sexismo e, sobretudo sobre o papel do *corpo*.

O número é aberto com o texto de Sergio Barcellos que sob a grife de *Linha e Ponto* apresenta problemas gerais que enlaçam aspectos variados do conjunto. Partindo de entrevista com a veterana Denise Mattioli, ex-jogadora da seleção brasileira de vôlei, ângulos pouco prezados pelas abordagens comuns são enfrentados e submetidos ao crivo conceitual de *esporte máster*. O corpo da atleta, mulher, vencedora no passado é contemplado tanto pelo desgaste físico natural como a exames provocativos da ponderação

cultural/esportiva. Abrindo o dossiê, mostrando as artimanhas de *marketing* da *Bola de Neve Church*, o texto de Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho explora o uso do *corpo* como recurso de aproximação de skatistas e surfistas, bem como fisiculturistas, lutadores de jiu-jitsu e praticantes de esportes radicais. Valendo-se do conceito de *corpolatria*, as sutilezas de atração dos jovens para o evangelismo é demonstrada como recurso consciente da cúpula daquela igreja. A dupla Silvana Volodre Goellner e Johanna Coelho Von Mühlen mostram em “*garinpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul*” os resultados de um projeto em andamento que aborda a *memória esportiva* assumida pelo Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF-UFRGS). A proposta do grupo visa à reconstrução e preservação da memória das práticas corporais e esportivas daquele estado, promovendo para tanto a coleta de dados, oferecendo exposições e análises sobre o papel do esporte na vida social. Evocando o conceito de Sérgio Buarque de Holanda sobre a cordialidade brasileira, Paulo Nascimento e Katia Rubio observam a pertinência desse conceito aplicado à construção da identidade da mulher atleta brasileira entre as décadas de 1960 e 1980 do século XX. A valorização das histórias pessoais demonstra relações variadas que tanto afetam o universo da política nacional como o papel das mulheres que conquistam lugares em espaços do masculino.

Quatro textos sobre futebol contemplam o esporte sobre diferentes aspectos. Centrado na análise da projeção de dois times do futebol paulista, o Palmeiras e o Corinthians, Alfredo Oscar Salun mostra como organizou seus estudos atentos à perspectiva histórica do Estado Novo. Trabalhando com o papel público da representação das torcidas, o texto demonstra o cuidado com a organização da pesquisa. Sob o título “*Análise da construção do ídolo a partir da trajetória de Ademir da Guia*”, Sérgio Settani Giglio evoca o sentido heroico que cerca a cultura de jogadores famosos. Valendo-se de várias fontes, mas principalmente de uma entrevista com o jogador, a relação entre os dados e a bibliografia sobre o tema é explorada como explicação da “*idolatria*” dos atletas do

futebol. Enfrentando a problemática do racismo, Marcel Diego Tonini mostra em texto intitulado *“Negros no futebol brasileiro: olhares e experiência de dois treinadores”*, Lula Pereira e José Carlos Serrão, como o negro é considerado. Valendo-se do conjunto de procedimentos da história oral, por meio de entrevistas transcritas, são analisadas três categorias recorrentes nas narrativas: racismo no Brasil, racismo indelével e racismo “normal”. Enrico Spaggiari aborda questões ligadas ao profissionalismo no futebol. Considerando duas trajetórias, de Silva e Jaílson, pessoas ligadas ao cosmo futebolístico das regiões não centrais de São Paulo, vários supostos consagrados pela análise convencional do esporte são desconstruídos em favor do entendimento da cultura esportiva, aparada inclusive por instituições ligadas a administração pública da cidade.

A *Oralidades: Revista de História Oral* tem sempre apresentado um texto de fundamentação teórica onde questões polêmicas são abordadas. A escolha para este número recaiu na complexa passagem do oral para o escrito. Marcela Boni Evangelista arca com a responsabilidade de abordar a insuficiência da entrevista em sua transcrição pura e simples. No lugar propõe sugestões que implicam o conceito de transcrição.

Como parte de um projeto mais amplo, sobre o fluxo emigratório de prostitutas brasileiras rumo ao exterior, José Carlos Sebe Bom Meihy apresenta uma entrevista feita com travesti brasileiro em Paris. Questões de escolha de gênero e tratamento do corpo entre o masculino e feminino são temperadas por um discurso percorrido pela narrativa de história de vida.

Na linha da tradução, tendo em vista a busca de novos textos ou de manifestações não comuns na tradição brasileira, foi escolhido para este número o escrito assinado por Rita Charon, médica que tem se dedicado à “medicina narrativa”. Com o fito de “humanizar” tratamento médico e transformar o paciente em agente autocurativo, Charon valoriza o ato de narrar como forma terapêutica.

O conjunto é finalizado com duas resenhas, uma de Fernanda Paiva Guimarães *“Corpos e cicatrizes”* onde o filme “O lutador”

(2008), de Darren Aronofsky, serve de reflexão sobre universos simbólicos da cultura norte-americana. A opção pela morte do personagem central é mostrada como alternativa cultural num contexto onde o corpo vitorioso é exaltado como questão vital. Vanessa Generoso Paes resenhou o livro “Entre(vistas): diálogos e performances na capoeira”. Trata-se de um conjunto de 26 entrevistas variadas, selecionadas, feitas com mestres da capoeira brasileira. O conjunto visa mostrar a busca de superação do estatuto da capoeira que passa de marginal a símbolo da identidade nacional.

Tendo em vista as múltiplas reflexões sobre *corpo e esporte* apresentadas nesta edição, a revista *Oralidades* espera que o público leitor aprecie a seleção dos textos aqui reunidos. Registramos nossos agradecimentos aos colaboradores e corpo de pareceristas envolvidos na apreciação dos artigos.

A EQUIPE EDITORIAL



Linha & Ponto





Corpo, esportes e tempo: a partir de entrevista com Denise Mattioli

Sergio Barcellos

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as implicações do tempo no corpo e na prática esportiva do atleta profissional. Utilizando uma entrevista como fio condutor, apresento o conceito de esporte máster, cuja característica principal é promover uma transição menos problemática entre uma carreira esportiva de alto desempenho e uma prática esportiva pós-aposentadoria que conjugue tanto os benefícios da atividade física na terceira idade quanto a natureza lúdica, mas também sempre competitiva, da prática esportiva.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Esporte, Competição, Aposentadoria.

ABSTRACT: This paper examines the implications of time in the body and practice of sports by professional athletes. With one interview as a guideline, the concept of master sports is presented as an alternative to the definitive interruption of a sports career. Its main characteristic is to promote a less troubled transition between a professional career of high performance and a practice of sport after retirement, by conjugating the benefits of physical activities in old age and the playfulness and competitiveness of master sports.

KEYWORDS: Body, Sports, Competition, Retirement.

O tempo e o esporte

Quando eu parei mesmo, eu vi que a idade não me ajudava mais. As meninas eram muito mais altas, e eu tinha que fazer um esforço físico muito maior para superar isso. A gente sabe que enquanto é jovem, a gente consegue isso, mas quando a gente vai ficando com uma idade mais avançada que, no meu caso, já estava com trinta e oito anos – eu acho que eu fui uma das jogadoras de seleção brasileira que jogou com idade mais avançada – e eu falo mais avançada de trinta e sete, trinta e oito anos em diante, porque eu me lembro que nas olimpíadas de Los Angeles o Bernard estava com trinta e três anos e as pessoas diziam, “aí, vovô, tem que parar, não dá mais...” (Denise Mattioli, 58 anos, ex-jogadora da seleção brasileira de vôlei feminino, subsecretária de Esporte e Lazer da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro).

O tempo é o grande desafio do atleta. O tempo da partida, o *timing* da jogada, o tempo determinado das etapas, dentro do qual é preciso vencer ou adiar a derrota. Em algumas modalidades de esporte, lances tão ágeis, que ocorrem em frações de segundos, deixam mesmo de ser visíveis – restando deles uma ressonância ou uma vibração vocalizadas pelos espectadores. “Um gol marcado é, como em todos os esportes, uma grande vitória. Porém, no hóquei”, diz Roland Barthes, “o jogo é tão veloz, o disco, tão sutil, que um gol perdido não é somente uma derrota, é quase uma ferida.” (BARTHES, 2009, p. 104). Dentre todas essas categorias temporais em torno das quais o esporte orbita, há duas que mais diretamente interagem com o corpo do atleta: um tempo de curta duração das partidas esportivas, que se impõe sobre as circunstâncias, exigindo do atleta rapidez e resistência; e um tempo de longa duração, agindo sobre o processo natural de envelhecimento do corpo, minando assim as possibilidades de um segundo ápice de desempenho físico do atleta. Uma vez atingido o topo, o movimento seguinte seria, sempre, descendente. A ação do tempo no corpo do atleta, o tempo que aqui é denominado de “tempo de longa duração” – um empréstimo terminológico sem maiores pretensões –, inspira uma reflexão singular, cuja abordagem, aqui, não será fisiológica, mas referente aos reflexos desse tempo na carreira do atleta. Além de sua relação com

o passar do tempo, sua inserção ou reinserção no cenário esportivo, após ter vivido o dito movimento descendente, são objetos que reflexão desse artigo. Para possibilitar a reflexão, recorro à voz de uma atleta, Denise Mattioli, ex-jogadora de vôlei da seleção brasileira e militante da causa do esporte máster no Brasil.

Há cerca de dois anos, ao atuar como intérprete de um jornalista e editor norte-americano, durante uma entrevista com atletas brasileiros, tive contato pela primeira vez com o conceito de esporte máster. Ou, pelo menos, com a noção de uma categoria de competição esportiva entre pessoas acima de uma certa idade. A entrevista serviria de base para um artigo amplo, sobre praticantes de esportes, com idade acima dos quarenta anos, pelo mundo, começando com atletas cariocas (CALLAHAM, s/d). Não me surpreendi com a escolha do Rio de Janeiro como ponto inicial para a série de artigos, já que estava acostumado a ver, dia após dia, dezenas de disputas de voleibol, futebol, futevôlei, nas praias e parques da cidade, nas quais, lado a lado, viam-se homens e mulheres das mais diversas idades. O que nunca havia pensado era nas implicações da difusão da prática de esportes entre pessoas mais velhas. As campanhas governamentais e as admoestações de profissionais de saúde sobre a necessidade da atividade física, em qualquer idade, com pertinência jamais duvidada, nunca haviam passado, porém, de um conselho coerente, cujos benefícios gerais à saúde estavam definitivamente comprovados. Foi, contudo, a noção de uma organização, em forma de confederação, promotora de eventos esportivos não somente entre pessoas mais velhas, mas principalmente entre atletas veteranos, o gatilho para a presente reflexão.

A relação entre juventude e velhice talvez nunca tenha se manifestado social ou culturalmente sem atritos, sem denegações, sem perplexidades. Afinal de contas, uma é o apogeu da outra, e vice-versa. Um jovem teria o vigor corporal que a velhice se encarregará de exterminar. O velho alcançaria a maturidade e a sabedoria que somente o tempo e a experiência são capazes de proporcionar. Lugares comuns, como esses, não são recentes ou frutos de uma revolução de comportamento ocorrida em meados dos anos 1960. Em Shakespeare, o personagem de *As you like it*, Jacques, acusa a velhice de ser tão somente uma “infantilidade e um mero esquecimento”.

Já o poeta americano Walt Whitman temia que as consequências de sua velhice contaminassem sua poesia. Sigmund Freud sentenciou que, “aos cinquenta anos, a elasticidade dos processos mentais das quais o tratamento necessita, como marcadores, estão ausentes. Pessoas velhas não podem mais ser educadas.” (FREUD apud BROOKS, 2010). Pesquisas recentes começam a provar o contrário disso. O cérebro humano tem se mostrado capaz de criar novas conexões e de produzir novos neurônios ao longo da vida. Embora algumas faculdades sofram realmente alguma perda de desempenho com a idade, outras se mostram mais reforçadas exatamente com o passar do tempo, como é o caso das lembranças emotivas de eventos. O cérebro se reorganiza para compensar alguns dos efeitos da velhice. No esporte, essa descoberta tem se apresentado cada vez mais pertinente, principalmente no contexto dos esportes máster. O corpo, embora com limitações, se beneficia da maturidade alcançada com a idade e, através dela, é capaz de superar obstáculos:

na parte física o corpo consegue aguentar até um tempo maior juntando, porque você acaba fazendo isso, ou seja, juntando o que você pode fazer com a sua técnica de detalhes... você não vai mais fazer, às vezes você faz uma pontuação muito maior não com aquela força que você tinha, mas com habilidade. Você, tendo uma técnica e um detalhe que às vezes que te ajuda, não precisa ser jovem, é só fazer um esforço mais calculado para que não tenha desperdício de energia... a experiência faz com que você siga por esse caminho.

Segundo Denise Mattioli, o momento em que o atleta percebe que necessita parar – quando seu corpo não responde mais às necessidades dos jogos, quando suas limitações se impõem à vontade – marca o início de uma transição bastante difícil. O atleta, tão disciplinado, nunca está preparado para parar. Ou, pelo menos, para desacelerar o ritmo de sua atuação esportiva. A ação do tempo sobre seu corpo e sobre o que ele representa dentro de sua modalidade esportiva, embora seja contínua, só é plenamente percebida como um choque:

Eu vejo que muitas pessoas param de jogar e não são preparadas para parar de jogar, eles ficam perdidos, eles ficam parados, sem uma continuidade. Eles não sabem fazer mais nada. Nós temos

hoje muitos atletas deprimidos, que não sabem o que fazer, que estão drogados, que estão entrando na bebida, por quê? Porque não conseguiram fazer essa transição.

A transição a que Denise se refere é aquela em que a natureza da prática esportiva na vida do atleta se altera. Se antes era sua principal atividade profissional, após sua “aposentadoria” ela passa a ser uma atividade recreativa, como para muitos não atletas, e, mais importante ainda, uma atividade preventiva dentro de uma preocupação médica. O que o esporte máster vem preencher é essa lacuna entre um passado de realizações, no caso do atleta, e um presente esvaziado de glórias e desafios. Muitos atletas, respaldados em suas vitórias passadas, se recusam a encarar o presente como um momento distinto, cujos desafios se mostram diferentes e diversos daqueles de sua juventude. Viver no passado, perpetuando a glória, pode ser a causa de muitos casos de depressão, alcoolismo ou abuso de drogas entre atletas após o término de suas carreiras profissionais:

Já tem países, como Cuba, que se preocupam com atletas pós-treinamento, pós-idade, pós-carreira. Cuba foi o primeiro. Quando eu parei de jogar devido a todas as contusões que tive – porque não dá para contar quantas contusões eu tive! tive desde o nariz quebrado até braço quebrado, duas costelas quebradas, dezessete vezes engessada a perna direita, quatro a perna esquerda –, tudo isso devido ao esporte – é difícil dizer, mas eu não parei de jogar por causa disso.

Na experiência de Denise, não foram as lesões a causa principal do término de sua carreira de jogadora de voleibol. O reconhecimento das limitações físicas advindas da idade foi determinante. Não que as limitações significassem somente um obstáculo para a prática de esporte, mas tais limitações não eram compatíveis com o nível de cobrança atual em relação ao rendimento dos atletas. O corpo se vê diante do impasse entre não mais ser capaz de oferecer o que o jogo pede e ainda ser capaz de oferecer algo. É nesse contexto que o esporte máster vem fundir o que Denise chama de “necessidade de desacelerar” com a maturidade que a vivência proporciona:

Eu, com 58 anos agora, continuo jogando. Eu sei que a minha preocupação agora é muito maior. A minha musculatura não é mais a mesma, você perde a elasticidade, mas se você der

continuidade, você não vai perder. A sua mente vai perceber que você pode continuar desacelerando. Eu sei que o que eu faço agora, eu não vivo do passado, eu vivo do limite que eu posso agora, eu sei que eu não vou cortar agora cinquenta bolas como eu treinava, direto, agora se eu treino dez já é o suficiente, para o meu físico, para o meu corpo.

Tanto para ela quanto para praticamente todos os atletas profissionais de sua geração, a idade era o fator principal na tomada de decisão mais importante: a hora de parar. Não era necessariamente a resposta do corpo, mas a conformação a uma cultura que discrimina com base na idade. A prática recreativa do esporte na terceira idade não pode ser considerada uma tendência atual, ela talvez sempre tenha existido sem o auxílio de uma organização ou sistematização institucional. Porém, para atletas profissionais, aceitar a passagem de uma prática esportiva profissional para uma mera atividade recreativa não representaria um opção. Ao contrário, seria uma humilhação. O contato com a existência de uma filosofia como a que permeia a prática do esporte máster gera uma compreensão dessa alteração da velocidade da prática na vida do atleta:

A primeira vez que eu fui a um campeonato de esporte máster foi em 1985, nos cem anos de voleibol, que aconteceu em Massachusetts. Lá eu verifiquei que havia vários atletas já com seus quarenta, cinquenta anos, jogando, tendo sociabilidade com seus colegas, cuidando da sua qualidade de vida, que, aliás, hoje aumentou muito. Antigamente as pessoas com cinquenta anos estavam diante da televisão fazendo seu crochê... hoje tem gente com oitenta anos fazendo sua caminhada, procurando uma atividade esportiva dentro do que pode... eu vi isso no campeonato e pensei que no Brasil nós precisávamos disso. Mas foi muito difícil, foi uma luta durante muitos anos, que ninguém tinha interesse por isso. E surgiu tudo isso com a abertura do nosso ministro dos esportes, junto com o Djan Madruga que foi secretário também, que começou a perceber essa passagem, do alto rendimento até a interrupção da carreira profissional, e ele não estava preparado para parar. Foi então que nós entramos com esse projeto de passar do alto rendimento para o máster, desacelerando, fazendo uma filosofia diferente. O máster tem uma filosofia diferente, ele tem o entretenimento junto.

Em sua experiência pessoal, não foi somente a consciência do momento de transição – e a necessidade de encará-lo com uma

estrutura emocional e física para evitar cair em depressão e desgraça – o que auxiliou em uma recolocação no contexto profissional dos esportes. Denise se beneficiou de uma situação que aparentemente poderia ser considerada um empecilho à carreira esportiva: a falta de um salário e de um tratamento profissional ao atleta:

Já era uma condição de profissional, mas eu não recebia... a gente não poderia falar, na época, que era profissional. A gente tinha uma ajuda de gaveta, que como é que se fala. E o que é que eu tinha de ajuda? Eu não ganhava dinheiro, mas eu tinha o apartamento para morar, eu tinha uma ajuda de custo, porque eu fui assistente das escolinhas do Fluminense, ajudando o técnico. Logo depois, eu me formei em educação física e passei a ser técnica do clube, passei já a receber, a ser técnica de times mirim e infantil [...] Eu ganhei um lugar para morar, eu ganhei uma faculdade, uma escola para estudar. Eles me colocaram no Colégio Bennett, foi onde eu terminei a oitava série. Então fiz o científico e fiz faculdade de educação física, no Fundão, na UFRJ. Depois me transferei para uma faculdade que dava todo o apoio esportivo e que todo o atleta que queria ser alguém ia para essa universidade, que era a Gama Filho. E lá era onde a gente tinha um apoio muito grande, infelizmente hoje não tem mais isso. Eu me gratifico por isso, porque se eu tivesse jogando para ganhar dinheiro, talvez eu não tivesse a cultura e educação que eu tenho, que o voleibol me deu junto da educação, junto da disciplina, junto da sociabilidade. Foi o esporte que me trouxe tudo isso.

Para ela, a negligência cada vez maior em relação à educação do atleta tem sido a grande vilã e responsável pelas dificuldades encontradas no estágio pós-carreira. Agentes e empresários de atletas contemporâneos têm se dedicado a minimizar essa ausência de uma formação escolar e ou profissional. Com os altos salários e uma boa carteira de investimento, qualquer atleta veterano pode viver, atualmente, uma aposentadoria menos trágica. Mesmo assim, o momento de interromper a glória e descer do pedestal é, ainda, um grande impasse. Hans Ulrich Gumbrecht compreende esse impasse como a ideia que o atleta tem de “jamaís repetir aquele desempenho na vida” (GUMBRECHT, 2007, p. 163) – o desempenho total, conseguido no auge de sua carreira. Diante desse impasse, Gumbrecht prefere revelar seu sentimento de gratidão aos atletas do passado pois

Ser capaz de fazer o impossível acontecer pode ter consequências devastadoras (a palavra não é exagerada) para os atletas depois de sua aposentadoria. Porque os atletas de ponta têm tanta dificuldade para deixar seu esporte? [...] Uma resposta é que a sociedade moderna não tem uma boa solução ou uma estratégia convincente para a existência dos grandes atletas depois que a carreira deles termina. A maioria dos atletas de fama mundial torna-se um inútil quando a carreira acaba. Quando uso a palavra inútil, estou me referindo não apenas aos casos infelizmente frequentes mas sempre isolados de danos físicos irreversíveis [...]. Estou falando de inutilidade sobretudo no sentido psicológico e cultural. (loc. cit.).

No mesmo estudo, *Elogio da beleza atlética*, Hans Ulrich Gumbrecht alerta que o problema principal da aposentadoria dos atletas profissionais está em “como fazer uma transição tranquila entre ser um semideus e ser uma pessoa normal.” (loc. cit.). O uso do termo “semideus” não é, embora pareça, um exagero. Para os gregos, todas as vezes em que feitos surpreendentes aconteciam, podia-se testemunhar a intervenção dos deuses. Assim, os feitos esportivos, as vitórias e superações dos atletas eram o sinal incontestável de que os deuses estavam presentes. Gumbrecht, ao longo de seu elogio, examina as razões pelas quais um espectador de esportes chega a amar tanto seus ídolos a ponto de vê-los como semideuses, como seres para além das vicissitudes da vida ordinária. E alguns desses semideuses são enumerados no texto de Gumbrecht. O primeiro, Babe Ruth, o jogador de beisebol do *New York Yankees*, time que ajudou a alçar à categoria de melhor time de beisebol, deixou seu time por outro, onde não conseguiu reproduzir os êxitos anteriores. Afastado dos campos, imaginou ser possível se reinserir na profissão como técnico ou treinador, mas nunca recebeu o convite para tal.

Nas olimpíadas de 1936, na Alemanha de Hitler, Jesse Owens não foi somente o vencedor de quatro medalhas de ouro em atletismo, foi também o negro americano que enfraqueceu a propaganda nazista da superioridade ariana, que permeava o evento. Apesar disso, Owens, antes de morrer de câncer em 1980, teve uma carreira pontuada de fracassos. Três anos depois de ser catapultado à fama, teve que declarar falência, resultado de suas tentativas de lucrar com seu sucesso olímpico. Para sobreviver, em troca de dinheiro, envol-

veu-se em diversas atividades, desde o apoio ao Partido Republicano durante as eleições até sua participação como enviado especial às olimpíadas de 1956, em Melbourne. Apesar das tentativas, via-se sempre falido e dependente de ofertas de dinheiro em troca de seu valor simbólico, principalmente em eventos políticos.

Não seria exagero afirmar que o problema neurológico de Muhammad Ali tenha tido sua origem nos diversos golpes recebidos ao longo de sua espetacular carreira, em especial aqueles recebidos em suas disputas com Joe Frazier, nos anos 1970. Depois e se autorreconhecer como o maior lutador do mundo, Ali teria que prestar-se a participar de momentos de alto valor simbólico para o esporte, como foi sua presença nas olimpíadas de Atlanta, em 1996, ao acender a pira olímpica. Naquele momento irônico, duas imagens se fundiam em uma só: a do corpo debilitado e àquela constante no imaginário de todo o mundo, a do corpo jovem e potente, vencedor imbatível em sua juventude, cujos movimentos ágeis e precisos hoje se encontram vagarosos e trêmulos. Assim, Muhammad Ali estaria prisioneiro indefeso de um corpo agora imprestável para o esporte, mas a ele irremediavelmente ligado.

Fora dos padrões apolíneos do corpo atlético, pelo menos no formato de arco de suas pernas, Mané Garrincha pôde deslumbrar os espectadores de futebol com seus dribles rápidos e impossíveis de evitar. A fama não rendeu frutos financeiros significativos e, aos trinta anos de idade, já era vítima do alcoolismo que o levou a morrer na miséria. Embora com um desfecho, até o momento, mais positivo, Diego Maradona também conheceu as profundezas dos escândalos e do vício. Após figurar nas manchetes de jornais como acusado de violências físicas sob efeito da cocaína, e depois de diversas internações em clínicas de reabilitação, Maradona ocupa hoje uma posição de destaque como técnico da seleção argentina. Entretanto, considerando-se as oscilações ocorridas no passado em seu período pós-carreira, não seria uma surpresa vê-lo uma vez mais nas manchetes dos tabloides.

Outros nomes poderiam juntar-se a esses como forma de ilustrar o quão difícil é a transição entre a atividade esportiva profissional e o período após sua interrupção. Contudo, como já se apresentam alternativas para minorar os efeitos negativos do término

da carreira esportiva, esse ciclo de desventuras pode estar próximo de um fim.

O corpo no esporte

Interessa-nos pensar o corpo e suas reações diante de sua hegemonia na carreira esportiva. O corpo como instrumento para determinado fim, o corpo como desafio a ser superado – suas limitações, suas dores, seus desejos. O vínculo entre prática de esporte e qualidade de vida, quando redimensionado e transposto para a realidade do atleta profissional (ou atleta de competição, caso não haja uma categoria profissional para determinada modalidade de esporte, mas somente competições) assume novas cores e significações. O desejo de alcance da excelência pode levar paradoxalmente, e em muitos casos leva, o atleta a prejudicar o bom funcionamento da máquina. Denise Mattioli, refletindo sobre o impacto das novas tecnologias no cotidiano dos atletas atuais, reconhece que, ao preparar seus corpos para o esporte, atletas de gerações anteriores estavam, na verdade, encurtando suas carreiras. E isso porque, na ausência de aparatos tecnológicos que determinassem exatamente o tipo e a intensidade de exercícios físicos e treinamentos para cada necessidade específica do corpo do atleta, muitos atletas levaram às últimas consequências seus esforços, lesionando e danificando o que, para eles, era o patrimônio mais importante, seus próprios corpos:

Na época que eu era atleta profissional, nós não tínhamos essa tecnologia que os atletas hoje têm. Nós não tínhamos essas aparelhagens eletrônicas que você estuda especificamente para determinados movimentos... antigamente, o nosso trabalho era subir arquibancada com saco de areia nas costas para ter impulsão... nós pulávamos um plinto sem ter um amortecimento. Isso fez com que muitos atletas tivessem problemas de articulação, por não ter essa tecnologia que hoje existe. Nossa geração, nós prejudicamos o nosso corpo por não ter essa tecnologia. Hoje em dia são poucas as pessoas que têm essas contusões porque já houve um estudo mais avançado. Eu vejo hoje em dia... fico olhando, por que eles ficam fazendo exercício naquele aparelho? Ah, é pra ter impulsão. Puxa, mas impulsão que a gente trabalhava era mais rústica... a nossa geração, o nosso corpo foi muito mais danificado, muito

mais sofrido do que o das pessoas de hoje em dia. Os nossos treinamentos, apesar de serem menores porque a gente não treinava todos os dias, oito horas por dia, a gente treinava três ou quatro horas de manhã, mais três ou quatro horas à noite e já era o suficiente... agora não, é obrigatório o treino todos os dias, às vezes até duas vezes por dia, três vezes, porque tem a parte de condicionamento físico. Houve uma evolução muito grande, e eu fico pensando, sobre o limite... como essa russa que já está saltando cinco metros e tanto... aonde isso vai chegar? É o corpo, será que ajuda isso... será que até quando... Eu não sei o limite... será que um dia vai ter um limite? Eu só gostaria de ter nascido dez anos depois para pegar essa tecnologia que, talvez, para mim, eu tivesse conseguido um resultado muito melhor do que um resultado natural. Eu vejo que o que eu consegui foi um resultado natural. Eu não tive muito ajuda de aparelhos para conseguir uma coisa, para superar pessoas mais altas, eu tive que batalhar para isso.

Na sequência do raciocínio de Denise Mattioli, é relevante pensar o limite do corpo, hoje cotidianamente superado com o auxílio tecnológico e farmacológico, e os valores básicos que permeiam a prática esportiva desde a antiguidade: os elementos de *agon* e *arete*, conceitos gregos comumente aplicados à reflexão sobre práticas de esporte. O primeiro por apontar para um componente indissociável da realização, da prática e da contemplação de eventos esportivos, a competição. Enquanto o segundo, *arete*, por remeter à busca de excelência e à superação de limites. O mais comum, contudo, é a utilização isolada do conceito de *agon*, embora a *arete*, como explica Gumbrecht, seja um conceito mais específico, “pois mesmo que busquemos a excelência na solidão absoluta, não podemos fazê-lo sem competir contra a performance de outros (que estão ausentes)” (Ibid., p. 57). Disso pode-se inferir que a competição seja o elemento que perpassa toda e qualquer prática de esporte, mesmo aquelas que não tenham como objetivo explícito a competição – ou que não estejam inseridas em um contexto competitivo. Assim, a prática esportiva na idade mais avançada não estaria isenta de um grau de competitividade.

São duas fases, dois parâmetros diferentes. O atleta que atingiu o alto rendimento e chegou ao máster, e aquele que nunca fez nada e que viu que o esporte ou qualquer outra atividade física não tem idade, que qualquer um pode praticar, e procuraram atividades

esportivas já nos seus quarenta anos e são, hoje, campeões. São duas coisas diferentes. Essa pessoa que nunca fez nada e que chegou no máster competindo, ela pode competir ou não. O outro, não, representa o lado competitivo... ele foi um atleta e quer dar uma continuidade na competição e ser o melhor.

A perspectiva de passar de uma modalidade de prática esportiva profissional e competitiva para outra, concentrada basicamente na recreação parecia ser o grande fantasma na transição do atleta profissional. Entretanto, refletindo sobre a não oposição entre *agon* e *arete*, mas em sua consolidação como um só valor, em *arete*, chegar-se-ia à compreensão da permanência do elemento competitivo na prática esportiva máster, mesmo para aqueles que necessitam acomodar suas limitações físicas às suas dificuldades em abandonar a carreira esportiva. E estaria de uma certa forma repetindo a busca pela excelência, aquela competição em ausência, que o atleta veterano terá consigo próprio, em função de seu desejo de vitória. Assim, a filosofia do esporte máster teria o mérito de servir como caminho seguro nessa transição que tem se mostrado bastante problemática.

Jacob Burckhardt, historiador oitocentista, sugeriu que o contexto histórico, temporal, teria uma influência direta na predominância de um espírito de competição e de busca de excelência. Assim, alguns períodos históricos estariam mais propensos a experimentar esse clima de competição do que outros. Se na idade média a atividade física fazia parte do cotidiano dos camponeses, a prática de esportes ou de atividades recreativas utilizando o corpo não faziam sentido. As longas jornadas de trabalho e a exaustão ao final do dia não pediam flexões de braços ou noventa minutos de corrida em um campo de futebol (ou qualquer outro tipo de esporte popular que fosse similar, ao futebol, em importância e popularidade), o trabalho braçal se encarregava de exaurir a energia dos camponeses. Em outros contextos sociais, como o atual, o sedentarismo é vilão e a atividade física é redentora, como demonstram campanhas de saúde dos órgãos da Saúde. Há, assim, a necessidade de distinção entre atividade física e prática de esporte, esta inserida em um contexto de competição, que é o foco de nossa atenção. A excelência buscada pelo esporte profissional é alimentada por uma máquina que promove os valores de *agon* e *arete*, projetando-os em

um contexto muito mais amplo e profundo, que alimenta também setores da economia. Dessa forma, o esporte em seu mais alto grau de significância representaria também um sistema no qual estão inseridos seus admiradores e seguidores, além, é claro, de seus praticantes.

O corpo vulnerável

Não, o músculo não constitui o esporte: eis o que diz o Tour de France. O músculo, por mais prestimoso, nunca passa de matéria-prima: não é ele que vence. O que vence é certa ideia do homem e do mundo, do homem no mundo. Essa ideia é a de que o homem determina plenamente seus atos, e seus atos não consistem em dominar outros homens, e sim em dominar as coisas. (BARTHES, *ibid.* p. 103).

Em algumas ocasiões, não será somente o tempo o que fará com que o corpo não sirva mais para o esporte. Como uma máquina, o corpo do atleta também está sujeito a panes, a acidentes de percurso que também interromperão a trajetória do atleta. Diante do desafio, movidos pelo componente competitivo de suas carreiras, atletas ignoram a dor, ou a neutralizam com táticas as mais diversas. Suas reações – completamente calcadas no plano emocional – são várias e, em muitos casos, arriscadas, pois tentam ignorar o aviso de que algo está fora da ordem, insistindo em permanecer em atividade. Denise Mattioli tem a sua história de reação contra panes na máquina atlética que é o corpo:

Nós, atletas, quando temos uma meta em nossa cabeça não vemos muito o que vai ser prejudicado futuramente. Estamos ali, diante da dor, mas superestimando os limites do corpo. Quando faltava um mês para o mundial de voleibol em Moscou, em 1978, eu quebrei o punho. Mas eu não queria sair porque só faltava fazerem dois cortes e pensei, “com isso, eu vou ser um deles”. Por isso, o que eu fazia? Eu acordava de madrugada, sem ninguém ver, tirava a tala do meu braço quebrado, punha gelo num balde, água fervendo no outro, e enquanto estava todo mundo dormindo, eu enfiava o braço num balde, enfiava no outro e escondido eu injetava cortisona, porque é uma recuperação mais rápida... mas isso, futuramente, prejudica pois cria uma calcificação que no futuro pode prejudicar. Mas a gente não pensava nisso, eu não queria

deixar de estar presente por causa de uma contusão. Não era uma coisa que eu tivesse feito porque quis, era uma coisa da própria modalidade... eu tentava superar isso com recuperações muito rápidas. Às vezes, mesmo nos treinamentos, eu voltava a jogar, ainda que com dores. Isso é normal para um atleta, superar a dor para ter um resultado que é seu objetivo e consequência de um trabalho que já vem de muito tempo.

Fica claro, assim, a contradição existente na forma como o jovem atleta pensa e cuida do seu corpo. Ao mesmo tempo em que se envolve em atividades esportivas que lhe conferem um grau de saúde física acima da média entre os não atletas, ele coloca também seu corpo em risco em nome de uma meta de superação de limites, de busca de excelência. Essa contradição marcaria uma tendência à irreverência entre os atletas jovens, o que não ocorre com os atletas máster, cuja consciência da limitação e da necessidade do cuidado com o corpo é muito maior e mais esclarecida.

Jogos competitivos ou lúdicos?

O dia 5 de abril foi escolhido como dia mundial para a “celebração” dos benefícios da atividade física. O alvo, todas as idades. A prioridade, a terceira idade. Em 2009, a campanha nacional lançada pelo Ministério da Saúde usou como mote a relação entre a atividade física e os jogos lúdicos: “Praticar atividade física é tão simples que você faz brincando”. O elo entre as atividades físicas e os jogos infantis é inegável. Entretanto, deveria haver alguma diferença entre a motivação para a atividade física entre os jovens e os idosos. A distinção estaria, a princípio, nas possibilidades reais de superação de limites e busca de excelência do corpo do atleta jovem. A ênfase no aspecto lúdico da prática esportiva ficaria ausente, no cotidiano do corpo jovem, entregue à concentração e disciplina, objetivando uma meta precisa: a vitória. Para além dos comprovados benefícios da atividade física na velhice, o esporte máster funcionaria como uma forma de reinserção do corpo em um domínio temporal diferente. Não ocorreria em função de seus benefícios, somente. Se, na juventude, o atleta se prepara com disciplina para vencer obstáculos e superar limites – tendo nas competições o momento ideal para tais realizações, na idade avançada o esporte seria

apenas uma prática saudável, já não mais direcionada ao alcance de um alto desempenho. O elo entre os jogos lúdicos da infância e as limitações do corpo envelhecido, como forma de atenuar as limitações e possibilitar uma satisfação “desinteressada” do praticante de esporte não representa o único aspecto importante dessa relação. Em alguns casos, como no de Denise Mattioli, as brincadeiras infantis substituíram treinamentos de iniciação esportiva, permitindo-lhe, indiretamente, uma preparação para um futuro de atleta. Ela declara ter iniciado sua carreira um pouco tardiamente, pois a média de idade para a iniciação esportiva seria de oito a dez anos de idade. No seu caso, a idade avançada foi a de dezenove anos:

A minha vida de esportista começou desde o início, eu acho, desde que eu me entendi por gente. Eu era uma pessoa assim muito moleca, eu era a companhia do meu pai, a minha irmã era da minha mãe, era dentro de casa, e eu era mais a pessoa que acompanhava meu pai nas coisas externas e junto com ele... era caçando, era pescando, era atirando, era jogando bola com o pessoal na rua, era nadando no rio, porque eu vim de uma família de fazendeiros. O meu pai era do Ministério da Agricultura e a gente morava na fazenda, na roça mesmo, que ele administrava. Então o meu convívio foi muito no meio ambiente, foi na fazenda, subindo árvore, pulando, então isso para mim não foi difícil para que eu tivesse uma atividade esportiva, fosse ela qual fosse, juntando com o dom que eu acho que eu adquiri, porque quando eu comecei a praticar algum esporte eu já estava numa idade muito avançada.

A atividade física havia, desde cedo, feito parte da vida de Denise sem, contudo, estar vinculada a uma disciplina esportiva. Eram atividades ligadas ao meio em que vivia, brincadeiras, caçadas e acampamentos. Após mudar-se com a família para Goiânia e começar a frequentar um clube da cidade, Denise teve contato com árbitros de voleibol vinculados a equipes do Rio de Janeiro, e assim teve seu dom descoberto. Não conhecia as técnicas do esporte, as regras da partida, mas já demonstrava aptidão para o esporte:

A primeira vez que eu peguei numa bola de voleibol eu estava com dezenove anos e fui muito fácil devido a esse passado que eu tive de uma recreação lúdica natural, de fazer as coisas na fazenda. Isso, eu acho, me ajudou muito. Nós fomos morar perto de um clube no qual eu ia para lá para ajudar, colaborar e catar bola e, com isso, o técnico viu a minha habilidade e me chamou para jogar voleibol.

E aí o que é que aconteceu? Eu com seis meses de voleibol participei de um campeonato promovido pelo clube. Quando ele me chamou para treinar, eu aceitei, claro, mas eu não tinha tênis, eu jogava descalça, e com seis meses eu fui a melhor atleta no campeonato que aconteceu no clube. E os árbitros do campeonato eram árbitros do Rio de Janeiro. E um deles chegou para mim e disse: "Eu vou chegar no Rio, e um dos clubes gosta de trazer pessoas do interior para jogar no Rio. Você poderia vir...". Eu vim, em 1970, para o Rio de Janeiro, jogando no Fluminense. Eu fiquei morando com mais algumas meninas, e foi uma dificuldade muito grande porque quando eu cheguei o técnico me mandou logo trocar de roupa e treinar, para mim foi uma dificuldade, mas era minha oportunidade.

Em pouco tempo, o treinamento foi capaz de utilizar essa memória do corpo, a memória dos jogos infantis, somando-a à disciplina e rigidez do esporte. O que havia sido, um dia, recreação, nesse momento era uma herança de capacitação física para o que viria a ser a escolha profissional de Denise Mattioli. Sua carreira esportiva prosseguiu até os trinta e oito anos de idade, quando Denise começa a militar pela causa do esporte máster.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. O que é esporte? **Serrote**, São Paulo, Instituto Moreira Sales, n. 3, nov. 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Dia mundial da atividade física**, Brasil, 05 fev. 2010. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/saude/campanha/ventarolafinal.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

BROOKS, David. The Geezers crusade. **The New York Times**, Nova Iorque, 02 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/02/02/opinion/02brooks.html?em>>. Acesso em: 02 fev. 2010.

CALLAHAM, Sean. The girl from Ipanema goes running. **Masters Athletes**: Online Community for Competitive Adults, Estados Unidos, 03 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.mastersathlete.com/public/543.cfm>>. Acesso em: 03 fev. 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



Dossiê





O corpo e o esporte como estratégias de *marketing* da Bola de Neve Church

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho

RESUMO: Neste artigo, procuro identificar como a prática de esportes, e também a *corpolatria*, ou supervalorização do corpo, parecem receber estímulos por parte da igreja neopentecostal *Bola de Neve Church*. Como observo, há por parte da igreja um discurso que flexibiliza os usos e costumes do fiel em relação à sua aparência, ao mesmo tempo em que procura disciplinar suas vontades sexuais. Nesta direção, entendo que tanto o corpo como os esportes trabalham como referentes discursivos, mediatizadores do discurso religioso da igreja e agenciadores da consolidação da mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Esportes, Estratégias de *marketing*, Discurso religioso, Bola de Neve Church.

_____ O CORPO E O ESPORTE COMO ESTRATÉGIAS DE _____
MARKETING DA BOLA DE NEVE CHURCH

ABSTRACT: In this article, I identify as the practice of sports, and also the *corpolatria*, or overvaluation of the body, seem to receive stimuli from the neopentecostal church Bola de Neve. As I noted, there by the church a speech that eases the habits and customs of the faithful about their appearance, while seeking discipline their sexual desires. In this sense, I believe that both the body and sports related work as discursive, spread in the media of religious discourse of the church and agents of the consolidation.

KEYWORDS: Body, Sports, Marketing strategies, Religious discourse, Bola de Neve Church.

A igreja neopentecostal Bola de Neve, ou *Bola de Neve Church*¹, como é mais conhecida, foi fundada em 1999 pelo pastor Rinaldo Luiz de Seixas Pereira, surfista, formado em propaganda e marketing e pós-graduado em administração. Sobre a escolha deste nome para a igreja, Rinaldo Seixas comentou que

Ela tem um público formado essencialmente por jovens, em sua maioria surfistas e skatistas – e vem daí o seu nome, explica Rina. “Bola de Neve é porque eu sabia que seria uma coisa que cresceria. Church porque era como os primeiros frequentadores, esportistas que costumam usar muitas palavras em inglês, chamavam carinhosamente o templo. Acabei incorporando”, conta o pastor. (PEREIRA; LINHARES, 2006, p. 82).

Tendo feito parte da liderança da igreja Renascer em Cristo, Rinaldo levou para seu empreendimento muitas das características desta, como a flexibilização dos costumes estéticos, a informalidade dos cultos e o linguajar adaptado para o público jovem. Como contemplou Bruna Suruagy Dantas,

No mercado saturado de ofertas pentecostais, o pastor Rina, como é conhecido, teve a ousadia e perspicácia de escolher um segmento pouco prestigiado e explorado pelas igrejas evangélicas. Decidiu dirigir seu discurso religioso a surfistas, skatistas, fisiculturistas, lutadores de jiu-jitsu e esportistas de modo geral. Pretendia atingir a geração dos esportes radicais através de uma linguagem especial, menos formalizada. Criou uma imagem própria capaz de seduzir um grupo específico. (DANTAS, 2006, p. 125).

Penso que tenha sido neste sentido que, segundo Dantas, Rinaldo tenha comentado, em entrevista, sobre sua igreja:

Sei que os dogmas da igreja tradicional afastam a moçada da religião. Criei um local em que todos se sentissem à vontade e tivessem contato com a palavra de Deus [...] Não foi estratégia de marketing, ficou simplesmente a cara da liderança. Mas é claro que esse visual ajuda a quebrar estereótipos, principalmente daqueles que tinham aversão à igreja e à religiosidade. Aqui a identificação

¹ Tomo a liberdade, a partir daqui, de me referir à igreja Bola de Neve Church através de suas iniciais: BDN.

O CORPO E O ESPORTE COMO ESTRATÉGIAS DE
MARKETING DA BOLA DE NEVE CHURCH

dos jovens com a igreja é muito grande, aqueles que estão pegando onda com eles no domingo são os mesmos que no sábado estão pregando ou estão na liderança da igreja. (DANTAS, 2006, p. 129).

Apesar desta declaração, arguo que haja sim, na BDN, um planejamento de *marketing* consistente, que abarca desde a análise de mercado como estratégias que visem a adesão de fiéis e a satisfação de demandas (tanto destes fiéis como da igreja).

Entendo que uma das estratégias de mediação da igreja Bola de Neve e de atração de fiéis esteja na organização de eventos esportivos. É interessante notar que até alguns anos, a prática do esporte não era bem aceita entre os evangélicos, quanto mais estimulada. Como Magali do Nascimento Cunha comenta, nas décadas passadas os evangélicos “construíram no Brasil uma cultura de repressão do corpo e de todo o prazer que pudesse advir dele ou a ele ser direcionado”, o que se fundamentaria na assertiva de que o “corpo é o templo do Espírito.” Para esta,

Pressionadas pelo fato do lazer e a diversão serem parte do quadro das necessidades humanas, as igrejas históricas passaram a permiti-los, no entanto com duas condições: programá-los dentro do espaço religioso, sem que os participantes pudessem misturar-se aos “ímpuros incrédulos” e serem eles mal-influenciados; e nunca aos domingos, dia dedicado ao serviço a Deus. (CUNHA, 2007, p. 147).

Segundo a autora, “foi assim que os evangélicos passaram a ser incentivados aos programas de lazer entre eles mesmos: construíram quadras de esporte nas propriedades de algumas igrejas; adquiriu-se equipamento para jogos nas igrejas, como tênis de mesa.” (CUNHA, 2007, p. 147). Hoje em dia, entendo que mais que permitir, *se estimula* a prática esportiva como maneira de criar a adesão de fiéis.

Na BDN, o ministério *Sports* é o responsável pelo planejamento e prática das estratégias de *marketing* esportivo da igreja. Segundo o site oficial da BDN², os líderes deste grupo são “surfistas, diáconos e pessoas que entendem e praticam esportes – todos

² Bola de Neve Church. Disponível em: <www.boladenevechurch.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2009.

membros da Igreja Bola de Neve". O objetivo do grupo seria o de "chegar aos atletas com intuito de evangelizar", além de prover "suporte como patrocínio, hospedagem e premiações". E como é de se esperar de uma instituição que procura atrair novos frequentadores, os "circuitos são abertos ao público em geral, e não só para membros da igreja". O caminho para tal, como o sítio refere, está em "rolar uma boa música, distribuição de panfletos evangelísticos, além de uma palavra direcionada"³.

Desta forma, nos eventos esportivos promovidos pela BDN é apresentado o seu discurso religioso, que é acompanhado de canções *gospel*, especialmente as da igreja, que investe em gêneros musicais que estimulam o envolvimento emocional do visitante, como o *reggae* e o *rock*, ajudando a promover sua integração ao grupo. Por atender a uma demanda de seu público e fazer parte de uma estratégia de atração de fiéis, o surfe, assim como o *skate* e o futebol, são os esportes que recebem maior atenção do *Sports*. Outra apropriação que a igreja faz dos esportes está na interpolação entre a radiodifusão e o futebol, o que se observa através do programa *Comendo Bola*, veiculado na *Bola Radio* e que procuraria aliar humor a futebol.⁴ Segundo a seção News, do sítio oficial, o programa estaria "há pouco tempo no ar, mas já tem chegado ao topo em termos de audiência". Seu locutor, Bruno Zion, assim teria comentado sobre o programa: "Um dia estávamos aqui na Rádio comentando sobre o fiasco de um jogo do Brasil e de repente resolvemos dar uma pausa na programação e fazer alguns comentários sobre o jogo no ar". Segundo Zion, "ficou engraçado e foi aí que surgiu a idéia de fazer o programa"⁵. Segundo o sítio, a comunicação com os ouvintes pode ocorrer através do MSN, do telefone⁶, de

³ News. Bola de Neve Church. Disponível em: <www.boladenevechurch.com.br/admin/conteudos/images/news090901.jpg>. Acesso em: 10 dez. 2009.

⁴ Bola Radio. Disponível em: <www.bolaradio.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2009.

⁵ News. Bola de Neve Church. Disponível em: <www.boladenevechurch.com.br/admin/conteudos/images/news081105.jpg>. Acesso em: 3 maio 2009.

⁶ Programa de troca de mensagens instantâneas pela rede mundial de computadores. Segundo a notícia veiculada, as ligações e mensagens viriam de "diversos lugares do Brasil, até em locais que não há uma Bola de Neve, e também mensagens e ligações internacionais como Japão e EUA", o que identificaria a importância de se mostrar a ampla interação do público, ultrapassando fronteiras.

blog específico (www.comendobola.blogspot.com) e de uma “comunidade no Orkut criada pelos ouvintes”, o que identifica diferentes mídias como divulgadoras do programa. Como se depreende, a associação entre futebol e radiodifusão atende a uma demanda (o futebol por ser o esporte mais popular e praticado no país e a radiodifusão via *web* pela facilidade de interação com o público internauta), funcionando como agenciamento eficaz para a solidificação da BDN junto aos seus fiéis.

Entendo que, de modo similar ao que ocorre em relação aos esportes, a BDN tenha, na aparência do corpo do fiel e em sua sexualidade, ferramentas importantes para sua midiaticização. Um discurso estético é interpolado com um doutrinário, onde formas diferentes de olhar, descrever e policiar o corpo são apresentadas: no primeiro, se privilegia a imagem do corpo como saudável e desejável, enquanto no segundo, regulamenta-se desejos do fiel. Identificar estes discursos provavelmente aponte para o amoldamento volitivo e estético dos frequentadores e também para a constituição do corpo como agenciador da veiculação e consolidação da igreja.

A *corpolatria*, como descreveram Stephane Malysse (MALYSSE, 2002, *passim*), Wanderley Codo e Wilson Senne (CODO; SENNE, 2004, *passim*), seria a supervalorização do corpo e da aparência, potente na sociedade atual, e que, como considero, se associa ao que Nicolau Sevcenko chama de *hipertrofia do olhar* (SEVCENKO, 2001, p. 68), onde a visão se torna fonte de orientação e interpretação dos fluxos e das pessoas através das mídias, ideais de modelagem do corpo, mundo *fashion*; à “constatação cotidiana de que nas sociedades contemporâneas existe uma crescente tendência em adular, valorizar e mostrar o corpo”, como contemplou Denise Bernuzzi de Sant’Anna (SANT’ANNA, 2001, p. 23), à criação “de necessidades pelo sistema”, que “vem fomentando o hedonismo e o narcisismo,” como confere Ana Lúcia de Castro (CASTRO, 2007, p. 21), e à valorização do corpo no neopentecostalismo, que segundo Leonildo Silveira Campos, “se faz presente na insistência em embelezá-lo, torná-lo atraente, oferecer-lhe conforto, bem-estar, recuperar a saúde, coisas extremamente desejáveis na atual sociedade

de consumo” (CAMPOS, 1997, p. 15)⁷, o que, como considero, se identifica nos fiéis da BDN através da adequação a tendências de moda e dos cuidados com o corpo.

Como a BDN é uma igreja associada ao esporte, à saúde e à juventude, é comum ver corpos bonitos e trabalhados através de exercícios físicos, no sentido comentado por Castro de que “a construção da aparência, envolvendo adornos, posturas e modos de vestir, passa a depender cada vez mais das formas e volumes corporais e torna-se elemento central no projeto reflexivo do self” (CASTRO, 2007, p. 16). Jovens que se preocupam com sua aparência e/ou cuidado corporal e costumam frequentar o mesmo espaço evangélico não são novidades, como comenta Ricardo Mariano, para quem “só nos anos 80 é que efetivamente despontaram significativas transformações na estética, nos costumes e hábitos pentecostais” (MARIANO, 1995, p. 188), e como anota Márcia Regina da Costa, para quem os Atletas de Cristo e Surfistas de Cristo, fundados na década de 1990, representavam um “rompimento com o ascetismo tradicional protestante,” sendo o corpo “revalorizado e tido como instrumento para a ação do Espírito Santo” (COSTA, 2004, p. 51), no caminho do que comentou Campos, de que “enquanto o pentecostalismo clássico, herdeiro do movimento puritano, impõe regras severas sobre o corpo”, os neopentecostais “o ressitua, fazendo das reações dele o centro de uma liturgia ágil e viva, na perspectiva de encará-lo como um templo do Espírito Santo” (CAMPOS, 1997, p. 14), e nesta direção, arguo que, a partir de minha experiência participada, na BDN isto se identifica na liberdade que os membros tem de atravessarem a experiência religiosa através do corpo, seja no modo de se vestir, seja exclamando *slogans* durante a liturgia, ou se abraçando durante os momentos de oração, em um espaço cúltico favorável para que isto acon-

⁷ Campos contempla ser “significativo observar que o jornal oficial da IURD, Folha Universal, tem colunas permanentes sobre beleza feminina, ginástica, as modas mais apropriadas para as várias estações do ano, aconselhamento sobre as novas descobertas em termos de cosméticos, formas de rejuvenescimento, higiene e outras mais. Estimula-se também a apreciação do belo feminino, reproduzindo-se, em cada edição, uma fotografia, aparentemente retocada, com legendas do tipo: H.C., esta bela morena de olhos verdes, com todo esse sorriso, é obreira da Igreja da Abolição” (CAMPOS, 1997, p. 15).

teça. Como me refiro, através de minha observação participada, na filial de Florianópolis, por exemplo, durante o momento de louvor e adoração, enquanto pessoas acompanham a plenos pulmões as letras que são colocadas no telão, há indivíduos que correm pelo ambiente, alguns balbuciam palavras estranhas (fenômeno conhecido como glossolalia), outros preferem orar ajoelhados, uns caem ao chão sentindo-se visitados pelo Espírito Santo, enquanto há quem bata palmas de modo aparentemente frenético, também referindo a manifestação da presença divina. Alguns fiéis dão brados como *glória a Deus* e *aleluia*, mas também *ô glória, ô mistério, quebra o vaso, desenrola o manto, fala Jeová*, expressões também usadas durante a audiência das pregações.

Há também a interpolação destas manifestações, como o ficar deitado enquanto refere episódio de glossolalia, ou dançar abraçados, por exemplo. Manifestações diferentes podem ocorrer, especialmente se elas refletirem a criatividade do indivíduo, o que pode se mostrar em sua corporeidade. Entretanto, apesar de ter observado na BDN manifestações aparentemente originais, como dar cambalhotas e “dar peixinho” (de modo semelhante à comemoração do futebol, onde o jogador se joga de peito no chão, amparado pelas mãos), infiro que elas se amparam num espectro de manifestações consideradas convenientes, ou que combinam com este espaço litúrgico específico. Em igrejas diferentes, outros tipos de manifestação corporal, supostamente reflexivas da ação do Espírito Santo podem ser identificadas.

As reações, como observei, variam de acordo com fatores diversos: o gênero da canção, a qualidade do áudio e da canção, se o artista é carismático ou famoso, o quanto ele estimula seu público a participar,⁸ a manifestação coletiva, dentre outros possíveis. Ainda em relação a Florianópolis, percebi nas unidades de igrejas pentecostais mais tradicionais, como as Assembleias de Deus, especialmente as situadas em bairros mais afastados do centro, fiéis que dançavam girando o corpo em movimento de 360°, outros

⁸ O estímulo pode se dar de várias formas, como percebi, e dentre elas, o cantor (ou ministro de louvor como se convencionou nestes lugares) pode pedir que o fiel coloque a mão próxima ao coração, abrace a pessoa ao lado, cerre os olhos, baixe ou levante a cabeça, dance, pule, se aquiete, sente ou fique em pé.

que dançavam parecendo incorporados por espíritos ou orixás, de maneira semelhante às manifestações de cultos de matriz africana como a umbanda, que visitei algumas vezes, o que pode, supostamente, indicar um trânsito religioso marcado por pessoas que migraram destes movimentos religiosos para o pentecostalismo. Como anota Maria Lucia Montes, “já se fala de exus e pomba giras específicos aos cultos neopentecostais, versão própria, produzida nessas igrejas, das entidades dos terreiros de candomblé e centros de umbanda, de que elas são uma imagem distorcida e quase caricatural” (MONTES, 2000, p. 123) o que pode sublinhar esta reverberação de cultos de matriz africana no (neo) pentecostalismo. Como considero, este fenômeno pode ser identificado, por exemplo, no uso que os evangélicos, sobretudo os (neo) pentecostais, fazem da expressão “tá amarrado!”, expressão própria da umbanda, que visa “amarrar”, ou impedir a atuação de uma determinada entidade, e que é apropriado largamente por igrejas como a IURD (Universal do Reino de Deus), e por vezes pela BDN, no sentido de “amarrar” uma suposta manifestação demoníaca do fiel.

De toda maneira, estas últimas manifestações corporais também são observadas na BDN, ainda que de modo fortuito, pois há crentes destas igrejas que a visitam, ou passam a frequentar a BDN. A este tipo de manifestação, que no ambiente evangélico é geralmente entendida como sinal do “fogo do Espírito Santo”, muitas expressões costumam ser referidas, como “tal pessoa caiu no reteté”, ou “está no óleo”, ou “na benção”, “este é tocha”, dentre outras. Ser referido nestes espaços como “estando no óleo” ou “ser tocha”, por exemplo, é sinal de posituação do *status* social, e aponto para a possibilidade de que alguns fiéis manifestem uma determinada corporeidade com o objetivo de se inserirem ao grupo ou serem admirados por este. De todo modo, no campo religioso evangélico, principalmente dentro do (neo) pentecostalismo, o corpo é visto como canal manifesto de espiritualidade e contato com Deus.

Através de minhas observações das reuniões da BDN, especialmente as da unidade de Florianópolis, infiro ser comum, especialmente quando a temperatura está mais quente, ver moças que vão

aos cultos usando saídas de praia, *tops*, bustiês, regatinhas, tomara que caiam, *shorts* e vestidos curtos, às vezes maquiadas e adornadas com pulseiras, brincos, colares e outros acessórios, bronzeadas e ostentando corpos bronzeados e às vezes decorados com tatuagens (algumas com versículos bíblicos ou o nome de Jesus), e *piercings*. É normal que os rapazes (ou “varões”, como costuma se dizer nestas igrejas) se apresentem “cuidadosamente despojados”, usando chinelos ou tênis, bonés, bermudas no estilo *surf wear* e camisetas regatas (em geral ostentando marcas em inglês), em alguns casos exibindo *piercings* e *tattoos*, alguns com os corpos escurecidos pelo atividade do surfe.

Assim, há corpos em evidência a todo o tempo, e isso se mostra adequado, senão até desejável. Nesta linha de pensamento, Malysse comentou que “o bronzado, a musculação, as roupas justas vestem o corpo e formam uma espécie de segunda pele natural, que permite a cada um identificar-se e incorporar valores estéticos coletivos” (MALYSSE, 2007, p. 113), e a “*corpólatría* escreve diretamente seus costumes e modelos na carne daqueles que se dedicam a ela, os *corpólatras* são convidados a escolher seu corpo, esculpindo-o” (MALYSSE, 2007, p. 110), e para ele ainda, o corpo “parece estar no centro das estratégias do vestir” (MALYSSE, 2007, p. 112). No caso dos fiéis da BDN, além do amoldamento do corpo a um padrão mais ou menos comum e através de esportes como o halterofilismo e o surfe, se molda a aparência por meio da aquisição de acessórios e roupas, algumas comercializadas nas próprias Lojinhas da Bola, pontos de distribuição oficial dos produtos da igreja.

Observando os rapazes e moças que constituem o público-potencial da BDN, se percebe que há características que os identificam, ao mesmo tempo em que os diferem dos membros de outros segmentos evangélicos. Se em pentecostais como a *Assembleia de Deus*, ao menos em boa parte de suas unidades, é recomendável, como comenta Montes, “as vestimentas sóbrias padronizadas para homens e mulheres no culto dominical, o corte do cabelo e o penteado que passam a se conformar a um mesmo estilo uniforme, estranho às modas do momento” (MONTES, 2000, p. 148), ou como notei, que o público masculino se

traje semelhantemente a executivos, com roupas sociais acompanhadas de gravatas e adotando cortes curtos de cabelos, e é conveniente que as mulheres mantenham suas madeixas longas e usem *tailleurs* e trajes festivos, supostamente chiques e muito pouco *sexies*, na BDN a relativa flexibilização da aparência do fiel o diferencia deste estereótipo do crente. A flexibilização da aparência do jovem da BDN aponta para a uma aparência que o distancie da estética das pentecostais tradicionais, identificando e reproduzindo outros padrões de beleza em vigor na sociedade contemporânea, o que Dantas ilustra como “um visual moderno a fim de se diferenciar do estereótipo do jovem evangélico,” se aproximando, “pelo menos na aparência, das pessoas que não frequentam congregações pentecostais, o que contribuiria para o processo de evangelização” (DANTAS, 2006, p. 116), o que pode sinalizar para o corpo e a aparência do fiel como parte das estratégias de *marketing* da igreja.

Infiro, entretanto, que ao se procurar este distanciamento, a comunidade dos frequentadores da BDN acabe por promover uma nova estereotipia do ser *jovem evangélico*. Para Dantas, “não há regulamentação das vestimentas nem padronização de estilos” (DANTAS, 2006, p. 116) na BDN, mas o fato dos líderes se apropriarem ou reverberarem as tendências de moda mencionadas, sendo eles objeto de admiração, pode fazer com que alguns jovens queiram se vestir de modo semelhante, e em movimento contrário, é possível que o líder, para ser bem-aceito por uma congregação de fiéis, venha a se trajar ao estilo destes. Se por mimese o membro da BDN identificar estas tendências de moda e se apropriar delas, isto corrobora, de certa maneira, a existência de uma padronização estilística, o que sinalizaria para que a flexibilização em relação à aparência do fiel, na BDN, seja só aparente.

Como considere, nas unidades litorâneas é mais fácil identificar que tanto líderes como fiéis se trajam de modo semelhante, ecoando o visual dos surfistas e servindo como promotores da imagem da BDN como igreja deste tipo de público, o que poderia apontar para uma espécie de “uniforme informal”, ou de modo a reverberar o conceito de “símbolos autorizados” de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1996, *passim*), “roupa autorizada,” que convenciono

como aquela que seria conveniente ao fiel vestir para ser mais bem aceito pela coletividade, e que por ser usada pelos líderes, é “autorizada” e recomendada.⁹

Em sentido similar, Georg Simmel, como comenta Castro, observa que a moda “é um domínio de imitação universal, uma imersão na silagem social mais larga, um alívio para o indivíduo da responsabilidade por seus gostos e suas ações”, mas relativiza a assertiva dizendo que ao mesmo tempo, “ela é uma distinção, uma acentuação, um embelezamento individual da personalidade” (SIMMEL apud CASTRO, 2007, p. 84), o que poderia identificar a conexão entre o culto à aparência e a inserção ao meio, que entendendo potente na BDN.

Para Castro, o culto ao corpo “aparece como *obrigação quase religiosa*”, o que apontaria para a coerção social, “mas ao mesmo tempo, possibilita a construção de uma identidade social e de estratégias de distinção, conferindo uma margem de autonomia ao indivíduo frente às imposições sociais” (CASTRO, 2007, p. 115), enquanto para Campos, “é justamente nessa cultura narcisista que o corpo assume um lugar importante como instrumento de comunicação e de expressão das pessoas entre si e destas com o sagrado” (CAMPOS, 1997, p. 16), o que, como comentei a respeito da Lojinha, pode configurar o corpo como suposto instrumento do fiel para se chegar a Deus.

Assinalando uma demanda pela exposição do corpo na lógica publicitária, Sant’Anna afirma que “a multiplicação de imagens sobre corpos saudáveis e sempre belos é bem mais rápida do que a produção real de saúde e beleza no cotidiano” (SANT’ANNA, 2001, p. 70), sublinhando a interpolação entre imagem corporal e veiculação pelas mídias, o que no caso da BDN ocorre, dentre outras possibilidades, através da Crista e das imagens embutidas no sítio. Esta autora também contemplou que numa cultura “que reconhece as pessoas a partir daquilo que elas possuem e daquilo que elas conseguem acessar, ter um corpo e suas “senhas” de acesso,

⁹ Neste sentido Bourdieu propôs a associação entre uma “voz autorizada (o líder instituído)”, uma “palavra autorizada (a Bíblia, leitura considerada sagrada)”, um “templo autorizado (a própria igreja onde se dá o ato litúrgico)” e os “ritos autorizados (que constituem esta liturgia)”. BOURDIEU, 1996, passim.

representa uma riqueza invejável. Por isso, é preciso ostentar isto que se tem, frisar a posse, para si e para os outros” (SANT’ANNA, 2001, p. 19), e em sentido parecido, Sevcenko ilustrou que

O potencial de atrair e cativar já não está mais concentrado nas qualidades humanas da pessoa, mas na qualidade das mercadorias que ela ostenta, no capital aplicado não só no vestuário, adereços e objetos pessoais, mas também nos recursos e no tempo livre empenhados no desenvolvimento e na modelagem do corpo [...], em outras palavras, sua visibilidade social e seu poder de sedução são diretamente proporcionais ao seu poder de compra (SEVCENKO, 2001, p. 64).

O que Sevcenko identifica é a possibilidade de ser melhor aceito quanto mais adequado ao meio for o corpo e as mercadorias que lhe adornam e veiculam, o que se insere no contexto da contemporaneidade em que vivemos, e ao qual igrejas como a BDN se vinculam. De certo modo, isto sugere um controle social do corpo, que como Castro anota, “se dá pelo controle da sexualidade na sociedade moderna, que, aprisionando os corpos desviados e desocupados, os transforma em corpos dóceis, eficazes e proveitosos” (CASTRO, 2007, p. 21)¹⁰, o que transferindo para a BDN sugeriria que a adequação do fiel a um conjunto de convenções, como determinadas tendências de moda, pode demonstrar uma tentativa de controle social por parte da igreja.

Arguo que o controle do corpo e da sexualidade do fiel da BDN ocorra através de seu discurso doutrinário, que apesar de ser flexível na forma com que é exposto, como apontei no início deste capítulo, ele é rígido em relação a alguns valores, como sexo antes do casamento, virgindade, namoro, relações sexuais, etc.

Atrevo-me aqui, a denominar este discurso mais flexível da BDN, e que se mostra tanto na coloquialidade do linguajar como na liberalização em relação aos usos e costumes do seu fiel, de discurso *derretido*, e ao discurso que me referi anteriormente como autoritário, que tende à monossemia e se mostra em seu conjunto de doutrinas, chamo de *congelado*. Como infiro, a BDN, através

¹⁰ Castro se fundamenta em conceituação de Michel Foucault, cuja obra referenciada por Castro é *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

deste discurso congelado ou rígido, visa o controle e a regulamentação volitiva do fiel, o inserindo em uma cosmovisão onde há um ideal: a *ascese*, chamada nos ambientes evangélicos de *santidade*, e entendida nestes lugares como a castidade ou abstinência sexual, mortificação da carne e renúncia aos prazeres ligados ao sexo.

Para o crente, é condição *sine qua non* que se mantenha puro, como comentou Rinaldo Seixas em pregação recente: “Aquele que foi alvo da verdadeira graça, nunca mais oferece os membros do seu corpo ao pecado. Ele nunca conseguirá dormir em paz e o seu espírito estará atormentado até que ele confesse o seu pecado e se acerte com Deus.”¹¹

Para os núcleos neopentecostais como a BDN, a sexualidade e satisfação sexual só é permitida em uma condição específica: após o casamento monogâmico, heterossexual e preferencialmente entre frequentadores da instituição, realizado com anuência do sacerdote e em cerimônia pública.

Durante minhas visitas identifiquei conjuntos de regras que definem o que é consentido e o que é interdito na experiência sexual. De maneira geral, a satisfação sexual é não só permitida como estimulada, desde que de modo consensual entre o casal heterossexual casado sob as bênçãos da igreja (não necessariamente da BDN, mas de outra igreja evangélica), o que aponta para a regulação da vida sexual do solteiro, que deve realizar esforços para se casar.

Dentre estes esforços, identifiquei o processo de oração a Deus pedindo o “envio da bênção (pessoa amada)”, seguida de solicitação e concordância de namoro ao pastor da instituição, posterior namoro e noivado (em geral em prazos acordados com o líder), até o clímax do processo, o matrimônio autorizado, sacramentado e realizado pela BDN. O celibato pré-casamento é condição *sine qua non*, incluindo-se práticas hedonistas individuais como a masturbação, considerada pecado grave neste ambiente.

¹¹ Trecho da pregação Síndrome de Ananias, de Rinaldo Seixas. Cultos em áudio. Disponível em: <www.boladenevechurch.com.br/index2.php?secao=media>. Acesso em: 23 jan. 2010.

Infiro ser provável que muitos indivíduos e casais assumam determinadas *táticas* para satisfazer sua sexualidade, em detrimento da regulação promovida pelo estabelecimento, no sentido dado por Michel De Certeau, da tática como movimento “dentro do campo de visão do inimigo [...] e no espaço por ele controlado” onde se “aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende” (DE CERTEAU, 1996, p. 100), mas de todo modo, como aponte, qualquer atitude fora do que a igreja considera conveniente deve ser contada aos líderes.

A submissão aos direcionamentos do sacerdote e a interdição da sexualidade são considerados determinantes para que o relacionamento afetivo se concretize, e “cair na carne”,¹² ou o não cumprimento destas regras, segundo a igreja, transformaria os “momentos de bênção em maldição”, podendo levar a sanções como a ordem para o fim do relacionamento, no caso de namoro ou noivado,¹³ o afastamento do trabalho voluntário nos ministérios ou de cargos de liderança. Dantas dá um exemplo neste sentido, através do depoimento de um frequentador impedido pelo então pastor Rinaldo de se tornar líder de célula por ter se envolvido sexualmente com outra fiel:

Marcos: Foi assim, na hora rolou, a gente ficou e depois eu nunca mais vi ela. A gente parou de se falar. Aí, passou um tempo e chegou até a boca da Sara, que era a líder da minha célula. Eu estava meio que com medo de falar, de ela chegar e falar assim: “Manda. Corta. Tira ele do curso de líder”. [...] Ela veio falar comigo e eu disse: “Olha, Sara, é verdade. Foi um momento de fraqueza. Não justifica, entendeu?”. Ela disse: “Então, a gente vai falar com o pastor”. Aí, eu fui falar com o pastor, logo depois de meses, depois de uns dois, três meses. [...] Naquele dia, eu cheguei e falei com ele: “É isso, isso e isso”. Aí, ele disse: “Por essa atitude

¹² Como me refiro a partir de minha observação, *cair ou entrar na carne* é o mesmo que *pecar*, ou ter algum tipo de relação sexual. Usualmente é chamada de *sair do espírito*.

¹³ Me refiro, através de minhas observações da igreja, que o casamento, como se costuma pregar, é “plano de Deus para a vida do casal”, sendo indissolúvel. Não há, na BDN, e como em praticamente todo campo religioso evangélico, a anuência para a cessação do casamento, dizendo-se que “Deus abomina o divórcio”. Aos que aventam a possibilidade de se libertarem deste vínculo, costuma-se citar os versos de 1 Coríntios 7:10-11, que diz: “Todavia, aos casados, mando, não eu mas o Senhor, que a mulher não se aparte do marido; se, porém, se apartar, que fique sem casar, ou se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher”.

sua, você mostrou que ainda não está preparado. Agora, você vai aguardar e, pelos seus frutos, eu vou te conhecer". Ah, tudo bem, né? Na hora, é uma coisa que dói muito porque é um sonho que você tem, é uma coisa que você quer, você quer ministrar, você quer pregar, você quer ter esse... [...] Na hora que Deus sinalizar para ela que eu estou preparado... Eu estou buscando isso. [Quem vai indicar é ela?] É. Quem vai indicar é ela. O pastor até falou no dia: "Agora, você pede para a Sara vir falar comigo." (DANTAS, 2006, p. 145).

Assim, o discurso da BDN se dá no sentido de reforçar o processo de internalização do controle externo e intensificar a auto censura e a culpa em relação ao suposto pecado. Infiro, entretanto, que como percebi, boa parte dos membros da BDN entendem este controle como algo positivo e desejável, o que permite identificar que o discurso religioso doutrinário da BDN, por mais rígido que seja, só continua existindo porque há uma demanda favorável a isto.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo: entre o desprezo e a recuperação do corpo. **Tempo e presença**, Rio de Janeiro, ano 19, n. 296, p. 14-16, nov./dez. 1997.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CODO, Wanderley; SENNE, Wilson A. **O que é corpollatria**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COSTA, Márcia Regina da. Os carecas de Cristo e as tribos urbanas do underground evangélico. In: BLASS, Leila Maria da Silva; PAIS,

José Machado. **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: CAPES/Annablume, 2004.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X/Instituto Mysterium, 2007.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Sexualidade e neopentecostalismo**: representações de jovens da igreja evangélica Bola de Neve. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDEMBERG, Miriam (Org.). **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. Um ensaio de antropologia visual do corpo ou como pensar em imagens o corpo visto? In: LYRA, Bernadette; GARCIA, Wilson. **Corpo e imagem**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostalismo**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo, Loyola, 1999.

MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado entre o público e o privado. In SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. v. 4.

PEREIRA, Camila; LINHARES, Juliana. O pastor é show: os novos pastores. **Revista Veja**, São Paulo, ano 39, n. 27, p. 76-85, 12 jul. 2006. Edição 1964.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Internet

Bola de Neve Church. Disponível em:
<www.boladenevechurch.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2010.

Bola Radio. Disponível em: <www.bolaradio.com.br>.
Acesso em: 10 dez. 2009.

News. Bola de Neve Church. Disponível em:
<[www.boladenevechurch.com.br/admin/conteudos/images/](http://www.boladenevechurch.com.br/admin/conteudos/images/news081105.jpg)
[news081105.jpg](http://www.boladenevechurch.com.br/admin/conteudos/images/news081105.jpg)>. Acesso em: 10 dez. 2009.

Quem Somos. Bola de Neve Church. Disponível em:
<www.boladenevechurch.com.br/index2.php?secao=quem>.
Acesso em: 10 dez. 2009.

Trecho da pregação Síndrome de Ananias, de Rinaldo Seixas.
Cultos em áudio. Disponível em:
<www.boladenevechurch.com.br/index2.php?secao=media>.
Acesso em: 10 dez. 2009.

Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul

**Silvana Vilodre Goellner
Johanna Coelho von Mühlen**

RESUMO: Este texto apresenta a pesquisa “Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul”, desenvolvida pela equipe do Centro de Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fundamentada no aporte teórico-metodológico da história oral, a pesquisa objetiva reconstruir e preservar a memória das práticas corporais e esportivas neste Estado. Para tanto, além da realização e do processamento de entrevistas, desenvolve-se de forma a agregar outros objetivos, tais como a produção de acervo iconográfico, documental e sonoro; a organização de bancos de dados; e a realização de exposições, mostras fotográficas, seminários e oficinas temáticas.

PALAVRAS-CHAVE: História oral, Memória, Esporte, Educação física, Práticas corporais.

ABSTRACT: This text presents the research “Collecting Memories: sports, physical education, leisure, and dance in Rio Grande do Sul”, conducted by the staff of the Center for Sports Memory of the Federal University of Rio Grande do Sul. Founded on the theoretical-methodological subsidies of oral history, the research aims at reconstructing and preserving the memory of body and sports practices in this State. To do so, besides conducting and processing interviews, the research is carried out so that it aggregates other objectives, including producing iconographic, document, and sounding collections; creating databases; and organizing exhibitions, seminars, and thematic workshops.

KEYWORDS: Oral History, Memory, Sports, Physical education, Body practices.

Não há dúvidas que as práticas corporais e esportivas traduzem-se, hoje, em um fenômeno com grande abrangência e visibilidade no cenário mundial. As diferentes modalidades esportivas, a dança, a educação física escolar, as atividades de lazer, os exercícios ginásticos, as lutas e as práticas corporais alternativas, por exemplo, envolvem sujeitos de diferentes contextos culturais, seja como praticantes, seja como espectadores. São práticas regulares que se desenvolvem no cotidiano das cidades modernas despertando interesse, mobilizando paixões, evocando sentimentos, criando representações de corpo e saúde, enfim, convocando as pessoas para uma imediata participação.

Ainda que estas sejam práticas que adquiriram centralidade na vida moderna, há que referenciar que não são invenções do presente. Resultam de conceitos e práticas há muito estruturadas no pensamento ocidental cujos significados foram e são alterados no tempo e no local onde aconteceram e acontecem. Em outras palavras, possuem história e esta é feita pela ação de diferentes homens e mulheres que, a seu tempo, realizaram ações que consolidaram estas práticas influenciando, de certa forma, o que hoje vivenciamos (GOELLNER, 2003).

A complexidade do mundo contemporâneo, o crescente e rápido processo de individualização do sujeito urbano, o acelerado ritmo das modificações tecnológicas, a profusão de informações a interpelar, cotidianamente, homens e mulheres e mesmo a superficialidade com que, muitas vezes, essas informações são veiculadas tem diminuído o poder seletivo da memória, ou seja, a capacidade de eleição do que é ou não importante armazenar. Tal perda tem sido apontada, por profissionais que atuam no campo da informação, como um elemento a colaborar na estruturação de sociedades do esquecimento (VON SIMSON, 2001).

Trabalhar, portanto, com a memória esportiva de uma pessoa, grupo ou instituição é construir um passeio por um tempo que é passado e é presente pois, apesar de distante na cronologia, carrega em si proximidades com representações, conceitos e preconceitos, formulações teóricas, construções estéticas, políticas e ideológicas desse tempo que é hoje e que é nosso. É procurar nos fragmentos do passado, vínculos e persistências com o presente e

o futuro, não no seu desenrolar contínuo e cronológico mas na descontinuidade dos enlaces que entre eles se vão construindo e que são pelo sujeito-pesquisador/a construídos. Lembremos, ainda, que a memória é “uma construção e não está aprisionada nas coisas e sim situada na dimensão inter-relacional entre os seres, e entre os seres e as coisas” (CHAGAS, 2006, p. 31).

Entendendo que as práticas corporais e esportivas são constituidoras da vida cotidiana de um país, conformando, inclusive, suas referências identitárias, percebemos como de extrema importância o papel desempenhado pelos museus esportivos, centros de memória e de documentação, na medida em que sua intervenção política se destina, não apenas a agrupar dados, objetos, documentos, experiências individuais e coletivas mas, fundamentalmente, a preservar, produzir e transmitir informações oriundas de suas coleções por entender que ali se alojam conhecimentos de grande significação social (GOELLNER, 2009; WACKER, 2009). São, portanto, lugares da memória (NORA, 1993), entendidos aqui como espaços que possibilitam conhecer dados de um tempo já transcorrido colaborando, sobremaneira, para entender o presente, não no sentido de justificá-lo, mas de buscar várias possíveis respostas aos diversos questionamentos que hoje podemos empreender. Afinal, a memória não nos aprisiona ao passado mas nos conduz a indagar o presente.

Baseado nestas formulações, a equipe de pesquisadores/as do Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul¹ (ESEF-UFRGS), desenvolve, desde 2004, o projeto *Garimpando Memórias*², cujo objetivo geral está direcionado para a reconstrução e preservação da memória das práticas corporais e esportivas do Rio Grande do Sul. Para tanto, adota como principal aporte teórico-metodológico a História Oral tendo como especificidade a coleta

¹ Algumas pesquisas, monografias, dissertações e teses produzidas pelos grupo de pesquisadores do Grupo de Estudos sobre Corpo e Cultura (GRECCO), vinculado ao CEME, podem ser acessados através da página <http://www.esef.ufrgs.br/ceme/grecco/>

² Aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2007710 em outubro de 2007. Apoiado pelo Cnpq e Ministério do Esporte.

de depoimentos de pessoas que atuaram e atuam na estruturação e legitimação dessas práticas.

Ainda que diferentes ações desdobrem-se a partir do contato com as pessoas, o foco da pesquisa é a realização das entrevistas cuja realização e processamento insere-se dentro da perspectiva teórica-metodológica da História Oral, entendida aqui a partir de três grandes atribuições: como uma técnica de produção e tratamento de entrevistas; como um método de investigação científica; como uma fonte de pesquisa. Mais do que definir exatamente o que seja História Oral é pertinente pensar que, desde meados do século XX, vários pesquisadores/as e autores/as a têm empregado de diferentes formas e em diferentes campos disciplinares, e através dela produzido muitos textos acadêmicos, científicos e literários. Talvez uma dificuldade encontrada para a sua definição está situada no fato de que a História Oral não pertence a um domínio estrito do conhecimento, ela não encerra um estatuto independente sendo que uma das suas especificidades reside no fato de que ela pode ser utilizada em diferentes abordagens e assim transitar em um terreno pluridisciplinar (CAMARGO, 1989; THOMPSON, 1992; FERREIRA; AMADO, 1996). Em função desta acepção, paralela à realização e processamento das entrevistas, são desenvolvidas atividades voltadas para a coleta de materiais (fotografias, documentos, artefatos, etc) com o intuito de enriquecer o acervo do Centro de Memória do Esporte que conta, atualmente, com mais de 4000 livros sobre educação física, lazer, dança e esporte publicados antes de 1960, um acervo documental que comporta por volta de 80.000 páginas, aproximadamente 3000 fotografias, além de inúmeros artefatos tais como vestuários, medalhas, troféus, distintivos, bandeiras, enfim, uma lista imensa de peças, algumas delas consideradas como raras.³

Outro desdobramento do projeto *Garimpando Memórias* se dá através da realização de oficinas temáticas, exposições, cursos, mostras fotográficas sobre a história do esporte, do lazer, da educação física e da dança no Rio Grande do Sul. Estas ações objetivam

³ Para maiores informações sobre o CEME, acessar: <http://www.esef.ufrgs.br/ceme/index.html>.

divulgar os conhecimentos produzidos a partir da realização das entrevistas buscando, ainda, sensibilizar crianças, jovens e adultos sobre a importância da preservação da memória como um dos elementos da construção da cultura e da identidade de uma cidade e das pessoas que nela vivem.

No que tange as pesquisas desenvolvidas sob o abrigo do projeto *Garimpando Memórias*, seu eixo teórico-metodológico está fundamentado na História Oral tendo como referência o trabalho desenvolvido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea no Brasil (CPDOC). Partilhamos da ideia de que

A história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar deste objeto de estudo. Como consequência, o método de história oral produz fontes de consulta (entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (ALBERTI, 1989, p. 1-2).

Vale lembrar ainda que, assim como a entrevista está intimamente relacionada à memória, seu processamento articula, simultaneamente, pesquisa e documentação, na medida em que permite, também, a produção de um documento histórico. Daí sua riqueza, pois “a evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira*” (THOMPSON, 1992, p. 136). O sentido de verdadeiro, neste contexto, não significa assumir que aquilo que está sendo relatado aconteceu tal qual descrito, mas de que há, nessa rememoração, algo a ser exposto a partir do olhar de quem viveu o que está sendo narrado. Assumimos, portanto, que entre o vivido e o narrado há uma mediação e esta é construída, também, pela memória dos sujeitos que, mesmo sendo guardada por um indivíduo cujas referências são as suas experiências e vivências, está marcada pelo grupo social onde conviveu e se socializou.

Entendemos, portanto, que o caráter social da memória constitui-se em um elemento essencial da formação de sua identidade bem como da percepção que tem de si mesmo e dos outros. Nas palavras de Henry Rousso: “Se o caráter coletivo de toda a memória individual nos parece evidente, o mesmo não se pode dizer da ideia de que existe uma ‘memória coletiva’, isto é, uma presença e, portanto, uma representação do passado que sejam compartilhadas nos mesmos termos por toda uma coletividade” (1996, p. 95).

Ao partilharmos dessas representações acerca do caráter social da memória e, ainda da sua importância no que se refere constituição de histórias acerca das práticas corporais e esportivas no Rio grande do Sul e Brasil, desenvolvemos as entrevistas de modo a que, além de atenderem os objetivos específicos de cada pesquisa, sejam processadas de forma a se constituírem como fontes primárias para outros projetos e ações. Deste modo seguimos os procedimentos abaixo relatados:

1. Identificação do/a entrevistado/a – esta etapa envolve uma pesquisa prévia sobre a história de vida da pessoa a ser entrevistada bem como a elaboração de um roteiro a ser percorrido. A entrevista é semiestruturada o que permite que informações não previstas aflorem durante a sua realização;
2. Transcrição: passagem do documento da forma oral para a forma escrita se constituindo na primeira versão escrita do documento. Segue normas estipuladas pelo próprio projeto *Garimpando Memórias* de forma a buscar a padronização de todas as entrevistas, como por exemplo: cabeçalho, marcações na entrevista (risos, emoção, ênfases, palavras em língua estrangeira, siglas, etc);
3. Conferência de fidelidade: consiste em conferir se o que está gravado foi transcrito. É realizada escutando-se o depoimento e, ao mesmo tempo, lendo sua transcrição corrigindo, no papel, erros, omissões e acréscimos indevidos feitos no processo da transcrição. Nessa etapa é possível fazer pequenas alterações visando adequar o depoimento a sua forma escrita e, assim, viabilizar sua consulta. É nesse momento que se faz a primeira avaliação da fidedignidade do documento escrito;

4. Pesquisa: depois de feita a conferência de fidelidade a entrevista passa por um processo de pesquisa onde as informações nela contidas são conferidas cuidadosamente. Nomes próprios, datas, clubes, escolas, times, praças, parques, eventos, palavras não comuns, títulos de livros, periódicos, jornais, siglas, passagens obscuras das entrevistas, são pesquisadas em diferentes fontes conferindo ao documento maior veracidade. Essa etapa constitui-se como muito importante para o trabalho do/a pesquisador/a visto ser nele que encontram muitas das informações necessárias ao processo de reconstrução da história do esporte, do lazer e da educação física. Vale lembrar que a memória dos sujeitos, muitas vezes, apresenta lacunas e o que é rememorado no momento da entrevista pode ter sido de outra maneira, inclusive, porque a memória é repleta de imaginação, etc.; Assim respeita-se o narrado mas, de alguma forma, são indicadas em nota de rodapé algumas imprecisões.
5. Copidesque: consiste em dar ao depoimento oral uma forma escrita sem modificar a entrevista respeitando a correspondência entre o que foi dito e o que está escrito. A ação do copidesque limita-se a corrigir erros de português, (concordância, ortografia, acentuação), ajustar o texto às normas de padronização da pesquisa (maiúsculas e minúsculas, numerais, aspas, negrito, asterisco, etc) supressão de cacoetes de linguagem (né, ahã, hein, bah, etc) e de expressões de acompanhamento do entrevistador (hum, hum, ahã, etc);
6. Elaboração do sumário: para facilitar posteriores consultas cada entrevista apresenta um sumário e uma pequena biografia do entrevistado;
7. Devolução da entrevista na linguagem escrita para conferência do/a entrevistado/a. Esse procedimento é feito apenas quando o sujeito solicita ler a entrevista antes de assinar a carta de cessão dos direitos autorais.
8. Assinatura, por parte do/a entrevistado/a, de um documento concedendo ao Centro de Memória do Esporte a propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental.
9. Catalogação da entrevista: depois de totalmente processada, a entrevista e a fita correspondente são catalogadas pela responsável pela política museológica do Centro de Memória do Esporte do Esporte e, imediatamente, passam a se constituir parte do seu acervo;

10. Liberação da entrevista e disponibilização para consulta: as entrevistas prontas ficam disponíveis para consulta no CEME e são disponibilizadas também na home page do projeto.⁴

A partir das referências acima descritas foram desenvolvidas várias pesquisas tendo como fontes primárias as entrevistas coletadas pelo projeto. Destacamos algumas delas:

*Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX: a institucionalização da recreação pública*⁵, analisa o movimento de criação de parques públicos e praças de lazer. Focaliza as alterações no cenário urbano da cidade bem como o pioneirismo de Frederico Guilherme Gaelzer idealizador desses espaços de lazer.

*O elegante esporte da rede: a estruturação do voleibol feminino no Rio Grande do Sul*⁶. Com um recorte temporal situado entre 1940 e 1970 (período de ascensão e difusão do voleibol feminino no estado) a pesquisa evidencia o quanto visibilidade das mulheres neste esporte movimentaram vários tencionamentos entre representações de feminilidade e masculinidade apontando, inclusive, para discussões acerca dos espaços destinados às mulheres na sociedade gaúcha deste tempo.

*Da estruturação à consolidação do remo no cotidiano esportivo da cidade de Porto Alegre*⁷, analisa a história dessa modalidade esportiva cujo primeiro clube, no Brasil, foi criado na cidade de Porto Alegre. Evidencia, algumas alterações no cenário político e cultural da cidade depois da Segunda Guerra Mundial as quais influenciaram as agremiações de remo possibilitando que mulheres, trabalhadores de média/baixa renda e universitários pudessem participar de forma mais expressiva deste esporte.

⁴ <http://www.esef.ufrgs.br/ceme/garimpando/index.htm>.

⁵ Dissertação de Mestrado realizada por Eneida Feix. Capítulo de livro publicado em: Goellner, S. e Jaeger, A. Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

⁶ Realizada por Karine Dalsin como monografia de conclusão do curso (2004). Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2895/1531>.

⁷ Realizada por Luanda dos Santos Dutra como monografia de conclusão do curso (2004).

*Memórias da Criação da Maratona de Porto Alegre*⁸, analisa o surgimento, no Rio Grande do Sul, do “movimento de corridas de rua” a partir de um diálogo com o contexto nacional de difusão desta prática nas principais capitais brasileiras. Centra seu foco no CORPA (Clube dos Corredores de Porto Alegre), instituição responsável pela criação da Maratona de Porto Alegre, cuja primeira edição foi realizada em 1983.

*Jogos Abertos Femininos: espaço de visibilidade das mulheres no esporte gaúcho*⁹ tem como foco este evento esportivo que aconteceu, anualmente, em Porto Alegre entre os anos de 1954 a 1963. Investigou-se as condições de possibilidade da emergência destes jogos que foram inspirados no Jogos Femininos do Estado de São Paulo”, criados em 1935 e nos “Jogos da Primavera”, realizados na cidade do Rio de Janeiro a partir de 1949.

*Geny Mascarelo: um ícone feminino do esporte gaúcho*¹⁰ analisa a trajetória desta atleta, vencedora, por sete vezes, da Maratona de Porto Alegre. O foco situa-se na sua inserção no esporte, a vinculação com clubes, as competições que participou e os desafios que encontrou ao longo de sua carreira.

*Memória do judô feminino do Rio Grande do Sul: histórias a serem contadas*¹¹ aborda a inserção das gaúchas nesta modalidade identificada como masculina. Da análise das entrevistas e outras fontes de pesquisa é possível identificar que a inserção da mulher no judô, foi plena de contradições pois ao mesmo tempo que havia grande divulgação nos jornais de Porto Alegre desta prática como uma possibilidade de defesa pessoal, não havia divulgação nem incentivo para competições femininas.

*História do movimento estudantil de Educação Física no Rio Grande do Sul (1956-1964)*¹² analisa a história da atuação do Diretório

⁸ Realizada por Giovanni Frizzo como monografia de conclusão do curso. (2005). Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd100/maratona.htm>.

⁹ Realizada por Anna Maurmann, bolsista de Iniciação Científica do Cnpq (2006).

¹⁰ Realizada por Rossana Vincenti Ramos, bolsista do Programa de Educação Tutorial (2005).

¹¹ Realizada por Ana Paula Duarte como monografia de conclusão do curso (2005).

¹² Realizada por Leon Frederico Kaminski como monografia de conclusão de curso (2005).

Acadêmico da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul perante a conjuntura nacional do Movimento Estudantil o que levou Porto Alegre, a sediar, dois Congressos Nacionais de Estudantes de Educação Física.

*ESEF 65 Anos: entre memórias e histórias*¹³. Em função do aniversário da Escola de Educação Física da UFRGS, em 2005, o projeto desenvolveu 50 entrevistas com alunos, professores e servidores aposentados e na ativa objetivando compor um conjunto de informações que oferecesse possibilidades de analisar a trajetória da ESEF desde seus primórdios.

*Memórias da dança no Rio Grande do Sul: João Luiz Rolla*¹⁴, analisa a contribuição da atuação de João Luiz Rolla (1912-1999) como bailarino e primeiro professor homem de dança clássica no Rio Grande do Sul cuja trajetória contribuiu, sobremaneira, para a estruturação da dança no Estado.

*Mulheres na docência: trajetórias femininas na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1940 – 1945*¹⁵, analisa a inserção das mulheres como docentes desta instituição. Focaliza os tencionamentos relacionados a essa inserção em especial quando protagonizaram o ensino de disciplinas como, por exemplo, natação, atletismo e tênis.

*Fortes, aguerridas e femininas: um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de Rugby em Clubes de Porto Alegre*¹⁶, analisa a participação de mulheres no primeiro clube gaúcho de rugby. Focaliza as estratégias de negociação para a permanência das

¹³ Publicado em forma de artigo com autoria de Silvana V. Goellner, Johanna von Muhlen, Camile Romero, Ana Paula Duarte, Giovanni Frizzo, Karine Dalsin, Luanda dos S. Dutra, heloisa Carmona e Leila Mattos. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2878/1492> (2005).

¹⁴ Realizado por Cecília Elisa Kilpp, bolsista do Programa de Educação Tutorial. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd115/danca-do-rio-grande-do-sul-joao-luiz-rolla.htm> (2007).

¹⁵ Realizada por Camile Romero Bueno Saldanha, bolsista de Iniciação Científica do do CNPq (2007).

¹⁶ Dissertação de Mestrado de autoria de Thais R. de Almeida. Reflexões iniciais podem ser encontradas no texto "Mulheres praticantes de skate e rugby no Brasil: histórias a serem narradas" In: GOELLNER, S. e JAEGER, A. Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

atletas no interior do clube cujos participantes, em sua grande maioria, são homens.

*Memórias do Clube Recreativo Atlântico da cidade de Erechim*¹⁷, aborda a criação deste importante clube da região noroeste do Rio grande do Sul. Analisa os diferentes momentos históricos da instituição ítalo-brasileira, bem como as diferentes alterações sofridas ao longo de sua existência.

*Skate para meninas: modos de se fazer ver em um esporte em construção*¹⁸, analisa a inserção de mulheres nesta prática esportiva destacando as estratégias adotadas pelas atletas para consolidar sua participação nesta modalidade comumente representado como masculina

Para finalizar, vale mencionar que essas pesquisas partem do pressuposto que memória revela, simultaneamente, lembranças coletivas e interpretações particularizadas. Razão pela qual ao ser eleita como fonte de pesquisa não operamos com a memória como se fosse uma narrativa oficial sobre os temas pesquisados. A memória é uma reconstrução de um tempo que já passou, portanto, pode apresentar falhas, distorções, esquecimentos ou acréscimos. Em função dessa percepção, identificamos como importante, no procedimento adotado pelo *Garimpando Memórias*, a etapa da pesquisa que é realizada a partir e sobre cada entrevista. É no entrelaçamento, portanto, de memória e história que desenvolvemos pesquisas e, a partir delas, exposições, seminários, oficinas, mostras, enfim, atividades outras que façam da memória algo vivo a dizer de ontem e de hoje. Afinal, acreditamos, tal qual Keith Jenkins que, mesmo sendo palavras próximas, história e passado são absolutamente diferentes visto que:

O passado e a história não estão unidos um ao outro de tal maneira que se possa ter apenas uma leitura histórica do passado.
O passado e a história existem livres um do outro; estão muito

¹⁷ Dissertação de Mestrado de autoria de Jorge Alba. Texto publicado em: GOELLNER, S. Ciências do Movimento Humano: possibilidades investigativas. Erechim: EDIFAPES, 2008.

¹⁸ Tese de doutorado de autoria de Márcia Luiza M. Figueira. Reflexões iniciais podem ser encontradas no texto "Mulheres praticantes de skate e rugby no Brasil: histórias a serem narradas" In: GOELLNER, S. e JAEGER, A. *Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

distantes entre si no tempo e no espaço. Isto porque o mesmo objeto de investigação pode ser interpretado por diferentes práticas discursivas [...] ao mesmo tempo em que, em cada uma destas práticas, há diferentes leituras interpretativas no tempo e no espaço. (JENKINS, 2004, p. 24).

Assim temos desenvolvido as atividades do Garimpando Memórias, com a certeza de que, apesar dos diversos limites com os quais nos deparamos no fazer historiográfico, as atividades do projeto possibilitam tornar visíveis trajetórias particulares e coletivas no âmbito do esporte, do lazer, da educação física e da dança no Rio grande do Sul e Brasil.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- CAMARGO, Aspásia. Prefácio. In: ALBERTI, Verena. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Ed. da FGV, 1996.
- JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação olímpica: o papel pedagógico dos centros de documentação e memória. In: REPPOLD FILHO, Alberto R. et al. (Org.). **Olimpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009, p. 222-229.
- _____. Informação e documentação em esporte, educação física e lazer: o papel pedagógico do Centro de Memória do Esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, set. 2003, p. 190-207.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, Departamento de His-

tória de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo , n. 10, 1993, p. 07-28.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Ed. da FGV, 1996.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VON SIMSON, Olga. Rodrigues de Moraes. Memória, poder e cultura na sociedade do esquecimento: um exemplo do Centro de Memória da UNICAMP. In: FARIA FILHO, Luciano de (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista:Universidade São Francisco, 2001.

WACKER, Christian. Educação Olímpica em museus esportivos. In: REPPOLD FILHO, Alberto R. et al. (Org.). **Olimpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009, p. 207-221.

Mulheres cordiais: uma história das brasileiras olímpicas nas décadas de 60 e 80 do século XX

Paulo Nascimento
Katia Rubio

RESUMO: Mesmo diante do espaço conquistado ao longo deste século, a participação feminina representa apenas uma das faces do discurso sobre as relações de gênero que se espelha no esporte. Ela é peça de uma engrenagem maior e mais complexa que se encontra presente em todos os nichos sociais. O objetivo deste artigo é recuperar a memória das atletas olímpicas que representaram o Brasil nas edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna entre as décadas de 60 e 80 do século XX. Nossa intenção é por meio dessas histórias individuais discutir o movimento de construção e manutenção da identidade da mulher atleta brasileira, e como esse movimento se relacionava ao contexto macro político do país nessas duas décadas .

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, Esporte olímpico, Brasil, Ditadura, Histórias de vida.

ABSTRACT: Even up the place conquered along this century, women's participation represents only one side of the discourse on gender that is reflected in the sport. It is part of a larger and more complex gear which is present in all social niches. The aim of this article is to recover the memory of the Women Olympic Athletes who represented Brazil in the editions of the Olympic Games of the Modern Age between the 60's and the 80's of the 20th century. Our intention is through these individual stories discuss the construction and maintenance of Brazilian women athlete's identity, and how this movement was related to the macro policy of the country during these two decades.

KEYWORDS: Women, Olympic sport, Brazil, Dictatorship, Life stories.

O século XX representou um importante marco para a história, tanto no que se refere às questões políticas como sociais. Uma dessas conquistas foi a participação da mulher no esporte competitivo. Em época de grandes mutações, a transformação dos papéis femininos, bem como as atitudes e a percepção que as mulheres têm de si próprias, sofreram profundas transformações. A extensão desse exercício de gênero atinge as esferas social, econômica e política, e o esporte – representando um dos maiores fenômenos sociais do século XX – também passou a ser parte importante desse conjunto. Ainda assim não se pode dizer que isso represente tempos de respeito pela diferença entre gêneros. O modelo de sociedade patriarcal que ainda prevalece na atualidade acompanha a humanidade desde vários séculos antes de Cristo e mesmo diante de conquistas inquestionáveis, resquícios desse exercício de poder prevalecem seja de forma manifesta, seja de forma velada.

Kennard & Carter (1994) discutem essa afirmação revelando que a mulher, tanto na Antiguidade como no contemporâneo, tem sido estudada e descrita a partir de uma perspectiva eurocêntrica masculina, perspectiva essa de quem está no poder. Consequência disso seria a interpretação tendenciosa de registros históricos que falam de uma história genérica da humanidade, mas que de fato retrata a história de homens. Nessa condição resta à mulher um papel coadjuvante nas realizações que mereceram registro histórico, sejam elas de feitos políticos, artísticos ou mesmo esportivo. O que se observa historicamente é que apenas as mulheres que de alguma forma se destacaram por sair da média mereceram algum tipo de registro.

No esporte essa prática se repete. A mulher foi considerada como usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino. Fosse como atividade de lazer, ou ainda como prática sistemática com finalidades bélicas, o esporte unificou desde então o conjunto de adjetivos que representam o mundo masculino: força, determinação, resistência e busca de limites.

O predomínio da lógica de dominação masculina no esporte invalidou, durante séculos e décadas do século XX, a experiência atlética como uma busca feminina digna. Às mulheres cabia o

espaço das arquibancadas, validando a condição de espectadoras do espetáculo viril. Apenas diante de um gesto político é que essa regra foi quebrada, no que se refere ao mundo olímpico. Quando em 1900 os Jogos Olímpicos foram realizados em uma Paris marcada pela luta das mulheres pelo direito ao voto e ao trabalho, não houve como resistir às pressões sociais e admitiu-se então pela primeira vez as mulheres em algumas modalidades esportivas. Essa aceitação, no entanto, fez parte de um jogo de interesses que se por um lado facilitou a inclusão das mulheres no cenário esportivo competitivo, por outro demonstrou que essa luta estava longe de ser dada como ganha. A escolha das modalidades competitivas cabia a um círculo restrito de decisão, majoritariamente masculino, que de diferentes maneiras dificultou a participação feminina irrestrita nas competições olímpicas.

Admitidas em princípio em modalidades que não feriam sua fragilidade, adjetivo inseparável do substantivo mulher para aqueles que comandavam o esporte, foram necessárias algumas décadas para que o programa olímpico fosse disputado indistintamente por ambos os gêneros. Mesmo diante do espaço conquistado ao longo deste século, a participação feminina representa apenas uma das faces do discurso sobre as relações de gênero que se espelha no esporte. Ela é peça de uma engrenagem maior e mais complexa que se encontra presente em todos os nichos sociais e contribui para reproduzir as relações de gênero no esporte.

No caso do esporte brasileiro esse quadro ganha contornos próprios. Isso porque embora a participação feminina tenha se iniciado nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932 com a nadadora Maria Lenk, as primeiras medalhas, símbolo da eficiência esportiva olímpica, foram conquistadas apenas em 1996. Lidamos com esse dado não como mera casualidade, mas sim resultado de um processo que envolve ideologia, políticas públicas e representações sociais. Ao longo da pesquisa “Mulheres Olímpicas Brasileiras”¹ realizada ao longo dos anos de 2007 a 2009, no qual utilizamos a metodologia das histórias de vida, fomos investigar quais

¹ Esse projeto foi financiado como auxílio regular da FAPESP e também pelo edital de Gênero do CNPq.

teriam sido os fatores de significativa relevância no delineamento desta realidade. Entre políticas públicas, administrativas e o contexto social deste período, nos deparamos com um dado *sui generis* da cultura brasileira: a cordialidade.

A cordialidade e a prática esportiva feminina

Data de 1936 a primeira publicação de “Raízes do Brasil”. O livro, com um notório referencial à sociologia weberiana, problematiza como características da nossa história, tal qual a colonização dos portugueses (que já tinham sua peculiaridade se comparados à outros povos da Europa) fincada basicamente na cultura rural, assim como o modelo de família patriarcal sedimentado nessa cultura, ou o trabalho escravo do africano, importado estritamente para isso, não podem ser deixados de lado quando almejarmos decifrar o que vem a ser este Brasil e seu povo no século XX (HOLANDA, 2006). Considerando as repercussões que as perspectivas personalistas e ou individualistas possam ter na sociedade, em especial no que diz respeito à *coisa pública*, Holanda esboça um quadro sobre como o país e seus indivíduos poderiam superar o “atraso”, resquício do histórico colonial, a partir do advento da república, da industrialização, da urbanização e do trabalho livre.

O conceito de cordialidade para Holanda (2006) é tomado como uma contribuição brasileira para a civilização. Representada pela ilhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, tomadas como virtude pelos estrangeiros, são para o autor traço definido do caráter brasileiro, cunhado na influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Longe de representarem civilidade ou boas maneiras são esses adjetivos expressões legítimas de conotação emotiva que também se configuram ricos e transbordantes. Aponta o autor que nenhum outro povo se distancia mais da noção ritualística da vida do que o brasileiro, visto que a forma de convívio social representa o inverso da polidez. Entende que a mímica deliberada de manifestações espontâneas no “homem cordial” é uma forma natural de viver que se converteu em uma espécie de fórmula, que equivale a um

disfarce que facilita a preservação de sua sensibilidade e emoção (HOLANDA, 2006, p. 147).

Nessa perspectiva, a vida em sociedade representa uma forma de libertação do pavor que o indivíduo sente em viver consigo mesmo e responder por seus atos e ações em diferentes dimensões de sua existência, é um viver nos outros. O reflexo dessa construção subjetiva se dá em uma espécie de aversão ao ritualismo social o que gera uma reverência prolongada ante um superior, e cuja manifestação maior de respeito se dá no desejo de estabelecer intimidade. *Nosso temperamento admite fórmulas de reverência e até de bom grado, mas quase somente enquanto não suprimam de todo a possibilidade de convívio mais familiar.* (HOLANDA, 2006, p. 148).

As implicações da cordialidade, entretanto, vão além. Aponta Holanda que o desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja pautada em uma ética de fundo emotivo seria talvez um dos aspectos mais singulares da vida do povo brasileiro, condição que se mantém presente mesmo em atividades onde a racionalidade deveria imperar sobre a emoção, como é o caso do comércio ou as relações profissionais de qualquer natureza.

É indubitável que essa subjetividade privatizada e ao mesmo tempo histórica e social, transpirará na construção do feminino brasileiro, as condições para que esse processo se dê de forma singular, diferenciando-o de outros movimentos nacionais ou continentais, o que trará reflexos distintos para o feminino no esporte.

O feminismo no Brasil se organizou e se manifestou de forma singular se comparado aos movimentos norte-americano e europeu. Isso porque diante da estrutura social rural, conservadora e patriarcal dos governos e uma esquerda também conservadora, no que se refere a participação feminina na sociedade, as mulheres foram levadas a trilhar um caminho de conquistas único, marcado não pelo confronto aberto com as instâncias de poder, mas pela busca de espaços a partir de uma postura combativa, porém cordial. É nesse cenário que os feminismos se desenvolvem e dentro deles a mulher atleta trafega com não menos facilidade do que em outras esferas da vida social.

Dentro das três ondas do feminismo brasileiro, proposto por Pinto (2003) observamos a primeira que ocorre entre a virada do século XIX para o XX e a conquista do sufrágio pelas mulheres, no ano de 1932. Esse primeiro movimento coincide com o início da participação feminina brasileira nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1932) com a nadadora Maria Lenk (LENK, 1982). Nas décadas que se seguiram esse quadro não se alterou de forma marcante. Até os anos 1980 as mulheres brasileiras permaneceram como figurantes nas delegações brasileiras que disputaram Jogos Olímpicos, muito embora atletas como Aida dos Santos tenham se aproximado do pódio com uma quarta colocação, mas nem por isso receberam o reconhecimento pela sua atuação. Esses fatos nos chamaram a atenção desde a primeira pesquisa produzida sobre os medalhistas olímpicos brasileiros² e se revelaram como a questão primeira da presente pesquisa: porque entre a primeira participação feminina brasileira em Jogos Olímpicos em 1932 e a conquista da primeira medalha foram transcorridos 64 anos?

A busca pelas pistas da subjetividade privatizada das atletas, acessada por meio da narrativa de suas histórias de vida, nos conduziu para um campo inesperado que apontou para a constituição daquilo que se pode conceituar como os marcos da cultura brasileira.

O movimento feminista no Brasil foi marcado por características distintas de movimentos da América do Norte e Europa. Se nesses continentes a luta pela igualdade de condições cidadãos foi marcada pelo confronto, no Brasil esse movimento se deu de forma dispersa com interesses distintos: as sufragistas, que acreditavam que a desigualdade se resolveria por meio do voto, e as mulheres trabalhadoras, que anteciparam com seu discurso a especificidade da opressão, buscando atenção para as diferenças entre as categorias de gênero, étnicas, etc (RAGO, 2004). As mulheres atletas não ficaram à margem dessa discussão, muito embora

² Em 2002 foi realizada a pesquisa "Do atleta à instituição esportiva: o imaginário esportivo brasileiro" que buscou cartografar o imaginário olímpico brasileiro por meio das histórias de vida dos atletas medalhistas olímpicos. Essa pesquisa recebeu o apoio da FAPESP e resultou nos livros **Heróis Olímpicos Brasileiros** (São Paulo, Zouk, 2004) e **Medalhistas Olímpicos Brasileiros: memórias, história e imaginário** (São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006).

não tenham participado dela ativamente. Diante do questionamento sobre a experimentação de algum tipo de preconceito na condição de atleta, de um universo de 120 atletas entrevistadas menos de uma dezena referiu algum tipo de discriminação por ser mulher, sendo que em alguns casos a observação do preconceito de deu mais pelo fato de várias delas serem negras do que propriamente por serem mulheres.

1968 – O ano que começou antes e permanece tatuado em nossas vidas.

No que tange à geopolítica mundial, a decorrência mais significativa que a II Guerra Mundial (1939-1945) trouxe para o mundo – já assumindo aqui possíveis ônus em generalizar) foi a divisão do mundo em dois grandes blocos de poder: um, liderado pelos EUA e tido como capitalista; o outro, comandado pela URSS e que se apresentava ao mundo como sendo o bloco socialista. Mais do que um momento administrativo de nações de grande poder, que trouxe em seu bojo implicações político-militares e a iminência de uma Terceira Guerra Mundial, a Guerra Fria pode ser percebida como um período histórico que imprimiu aos países sob influência dessas duas grandes potências novos paradigmas e novas experiências de vida. (HOBSBAWM, 1995, p. 234-235). No Brasil, nos foram apresentados os Anos Dourados, que resplandeciam graças à política do governo de Juscelino Kubitschek, que trouxe, mesmo com algumas evidências de crise, alguma estabilidade política ao país, estabilidade esta importante para a promoção de um alto índice de desenvolvimento econômico (BENEVIDES, 1979, p. 49-51). A inovação musical da Bossa Nova tomava as rádios, a poesia concreta lança o seu programa estético, e a tão almejada taça da Copa do Mundo do futebol cada vez mais associado à unidade nacional, taça que desde pelo menos 1938 era aguardada, fora, enfim, conquistada (ANTUNES, 2004, p. 284).

Os anos 60 foram adentrados, portanto, sob esta recente experiência do nacional-desenvolvimentismo. Os golpes militares na América Latina bancados pela CIA, servindo de estratégia para os EUA demarcarem território na Guerra Fria, redirecionaram os percursos

políticos dos países do referido continente. O Brasil passara a ser governado por João Goulart (tido por alguns, pejorativamente, como comunista), que em seu governo defendeu as “Reformas de Base”, projeto que apresentava uma centelha de esperança para parte da população, interessada em uma distribuição de renda menos desigual (SILVA, 1985, p. 310). Simultaneamente, tal governo apavorava outra parte da população, temerosa em dividir o bolo prometido, mas até hoje degustado por poucos. O golpe arquitetado pelos militares e sofrido pelo governo civil de João Goulart, em 1º de abril de 1964, instituiu o regime civil-militar de governo, que embora tenha começado a promover a ascensão da economia e de poder de consumo dos brasileiros, o fez sob o auspício de um regime ditatorial de direitos políticos e civis cerceados. Passou a ser comum, para tal regime, governar sob a égide de Atos Institucionais. Dos dezessete Atos publicados nos vinte anos de regime, o Ato Institucional nº 5 foi o mais emblemático do arrocho às liberdades individuais dos cidadãos, notório no Artigo 5º do Ato (BRASIL, 1968):

A suspensão dos direitos políticos, com base neste Ato, importa, simultaneamente, em:

- I – cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função;
- II – suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;
- III – proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;
- IV – aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:
 - a) liberdade vigiada;
 - b) proibição de frequentar determinados lugares;
 - c) domicílio determinado,

§ 1º – O ato que decretar a suspensão dos direitos políticos poderá fixar restrições ou proibições relativamente ao exercício de quaisquer outros direitos públicos ou privados.

§ 2º – As medidas de segurança de que trata o item IV deste artigo serão aplicadas pelo Ministro de Estado da Justiça, defesa a apreciação de seu ato pelo Poder Judiciário.

O AI-5 seria instituído a pouco mais de um mês após a cerimônia de encerramento da edição dos Jogos Olímpicos realizados na Cidade do México. Nos Jogos de 1964, tivemos apenas uma atleta, Aída dos Santos, representando o Brasil, competindo no salto em altura, em uma delegação composta por 64 homens, nenhum de sua modalidade. Ser a única mulher naquela delegação nos traz, inclusive, um embaraço de ordem metodológica, já que uma das pretensões deste trabalho é garantir o anonimato das atletas pesquisadas. Neste caso, além das circunstâncias históricas daquele evento fazerem com que este anonimato seja impossível (afinal, nenhuma outra brasileira esteve naquela edição dos Jogos), a transgressão se justifica pela ganho em ter acesso à perseverança de Aída, notório em seu discurso. As situações que a jovem atleta teve de enfrentar para alcançar o índice para os Jogos nipônicos envolviam mais do que a concentração com seu rendimento nas pistas:

Me obrigaram a fazer o índice cinco vezes. A quinta vez me comunicaram, no dia seis, que no dia sete de setembro era a última eliminatória, outubro já era a Olimpíada. Então eu falei pra minha mãe: eu tenho que ir, é a última eliminatória pra ir lá e competir. Ela falou: mas antes de você ir você vai ter que carregar água, lavar roupa, encerrar a casa, fazer comida [...] e pegar tua irmã. Então eu fiz tudo isso e depois vim aqui pro Maracanã. Cheguei aqui e falei pro meu técnico: olha, eu estou aqui mas eu não quero competir, não. Não quero mais Olimpíada, competir, porque eu tô cansada. Ué, mas você não se concentrou, não? Eu falei: me concentrei: lavei roupa, passei roupa, carreguei água...

Tendo que improvisar um uniforme para ir aos Jogos, sem material adequado para competir, a atleta resolveu-se, com suas próprias palavras,

Quando chegou a uma semana da competição, eu falei: gente eu não tenho sapato de prego! Aí comecei a chorar. Aí um colega meu cubano me levou na representante do Adidas. Aí eu cheguei no Adidas, aí me deram uma bolsa, um sapato de prego e um tênis. Aí na relação pra dar baixa no meu nome, o Brasil não colocou o meu nome. Aí tive que devolver todo o material. Aí eu falei: e agora, como é que vai ser? Aí me levou no Puma, aconteceu a mesma coisa [...] Como eu chorei muito no Puma, o representante

ficou com pena de mim e me deu um sapato de prego do [...] corredor dos 100 metros.

Depois de outros apuros para deslocar-se ao estádio onde seria realizada as provas classificatórias para as finais, sozinha, Aída via suas adversárias acompanhadas por seus respectivos técnicos. Um episódio em específico, por ela recordado, nos dá algum dimensão das situações que Aída teve de enfrentar na terra de um idioma por ela desconhecido e muito diferente ao nosso – recordação esta que despertou alguns risos seus durante o relato:

Chegou um dirigente japonês e fez umas perguntas para todos os técnicos, eram quinze concorrentes. Para todos os técnicos, e os técnicos falaram que “não”. Veio me perguntar e eu falei que não, né? Mas até hoje eu não sei o que ele (*risos*) me perguntou...

Sua participação na final do salto em altura nos Jogos de Tóquio-1964 foi de significativa importância: a atleta conquistou o quarto lugar. A expressividade deste resultado pode ser percebida se verificarmos que tal resultado permaneceu por quarenta e quatro anos como o melhor alcançado por uma atleta brasileira em modalidade individual³. Com a voz, a realizadora da façanha:

Eu tava mancando (no dia da final, pela manhã) e a atleta [...] de Cuba me viu mancando e falou: “¿ que te passa, Brasil? Eu falei: “Estou com o pé machucado”. Ela chamou um médico, cubano, e o médico cubano veio, fez uma botinha de esparadrapo, entendeu, pra mim poder ir pra final. Aí na final foi que eu fiquei em quarto lugar, entendeu?, que pra mim, o quarto lugar, na hora, a gente não percebe. Quarto lugar, depois, é muito [...]. Foi assim que eu me consagrei a quarta do mundo: sem técnico, sem nada, sem material pra competir.

Nos Jogos do México-1968, sua segunda participação olímpica, Aída não ficou tão próxima do pódio quanto na edição anterior. Ao contrário de sua participação em Tóquio, para a Cidade do México Aída foi acompanhada por um técnico. Uma informação equivocada dada por este a ela, contudo, influenciou sobremaneira na

³ Foram precisos quarenta e quatro anos, ou onze olimpíadas, para que o resultado de Aída fosse superado, com o bronze de Ketleyn Quadros no judô. “Do saco...”. FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: 12 ago. 2008, p. D1 e D3.

preparação e, pelo menos, na condição física da atleta para as provas:

Eu tinha acabado de, eu tinha terminado de treinar, e tava sentada, o repórter chegou, querendo que eu com, fizesse uma sessão na barreira pra ele me ver. Eu falei pro técnico: “Olha, eu tenho que pré-aquecer”. “Ah não, mulher não tem distensão”. E eu obedeci, né? Na primeira barreira eu caí. Eu destruí o joelho, desandei o joelho... Ele me pegou no colo, me botou no táxi, me levou pra Vila Olímpica, me botou no quarto e falou “Não fala com ninguém”.

Mesmo com a recomendação de não competir, Aída resolveu contrariar médicos e dirigentes:

Eu saí do hospital, comprei sapato de prego por minha conta e fui pra pista. Quando eu to na pista chega médico, dirigente, técnico... “você não pode se aquecer...”, pra fazer a barreira. E eu falei: “Então, eu voltei pra me aquecer!” [...] Eu terminando a barreira e o médico já me segurando, eu segurando a perna, e ia botando, é, gelo no meu joelho. Então cada prova que eu fazia, que o pentatlo é cinco provas, os médicos do meu lado. Mas eu fiz. Eram trinta e poucos concorrentes, eu fiquei em vigésimo lugar.

Estes relatos transmitidos por Aída dos Santos são emblemáticos da potência própria às histórias de vida, que abrangem e interrelacionam os âmbitos social, familiar, grupal e individual (BOSI, 1994). O modo como nos apropriamos destes e de outras histórias de vida na elaboração deste texto vai ao encontro do que é proposto por Poirrier, Clapier-Valladon e Raybaut (1999 p. 38); de acordo com estes, nesse método o investigador tentará encontrar o *ele*, o campo exterior da personalidade, a envolvente do narrador num momento dado, ou seja, *aquele a quem atribuiu um valor pessoal (dando-lhe assim uma existência em si e fora de si)*. Dessa forma a história de vida *é considerada não como um produto acabado, tal como é geralmente apresentada, mas como uma matéria prima sobre a qual, e a partir da qual, se tem de trabalhar*.

Tal potência das histórias de vida também é notória no discurso de outra atleta brasileira, classificada para disputar os Jogos de Munique-1972 no adestramento individual do hipismo:

Aí, de fato, no dia seguinte, eu fui lá, na Vila Olímpica, e chego lá tava cheio de tanque de guerra, polícia, tudo o que pode imaginar.

Eu falei: “Meu Deus, estourou a guerra, o que aconteceu”. Aí eu soube, depois, né? – porque até divulgarem, né? –, e era do lado do meu quarto que aconteceu. A equipe de Israel era do lado do meu bloco, né... Depois foi uma tristeza, fizeram um ato fúnebre no estádio, foi muito triste.

A autora deste relato foi uma atleta brasileira classificada para disputar os Jogos de Munique-1972 no adestramento individual do hipismo. Trata-se, tal relato, do seu testemunho da tragédia ocorrida durante a disputa esta edição dos Jogos: um ataque de terroristas palestinos, identificados como membros do comando Setembro Negro, imposto à delegação de Israel, que resultou na trágica morte de dezesseis pessoas (CARDOSO, 1996, p. 303-306). Por conta do imponderável próprio à condição humana, Ingrid acabou por não disputar a competição. Outro trecho de seu relato transcrito é mais eficiente para nos dar uma maior dimensão do que se passou com a atleta no âmbito competitivo daquela edição dos Jogos:

Aí fomos pra Munique, e hã, “tava” tudo bem, e, hã, no dia da prova, o meu cavalo amanheceu manco. E, hã, a gente não sabia o que ele tinha, até o Nelson Pessoa ofereceu o veterinário dele e tudo, mas aí essa senhora disse: “No meu cavalo ninguém mexe!”. Eu achei estranho, mas depois descobrimos que foi feito um... uma coisa contra o cavalo, porque se ela não entrasse na prova – e ela não ia entrar porque ela não tinha condições – ela não queria que eu entrasse. Então com o próprio cavalo dela ela fez uma, um machucado. Puseram um fio de nylon bem fininho, então inchou a pata e ninguém sabia o que que era, né? E aí, hã... isso no dia antes da prova. E o professor só chorava, porque ele soube, só chorava, chorava, falava: “Mas conta, olha aí, a gente pode dar uma injeção...” – porque naquela época não tinha tanto controle de doping, e coisa, né? Mas ela falou “Não, no meu cavalo ninguém mexe!” E nós, cada um “tava” pagando a sua parte lá e tudo, não era ela que tava....

Tendo em vista todas as intempéries as quais fora exposta, a atleta em questão optou por não competir:

Bom, enfim... aí eu não competi. Porque eu tive dó e não competi, né? Mas eu “taria” mais ou menos entre os vigé..., eu tinha... com o resultado que eu fiz (*em competições anteriores*), eu taria entre os vinte primeiros colocados...

A entrevista com essa atleta foi uma das mais apresentou em seu discurso elementos para pensarmos as tensões no esporte que possam ter como pano de fundo o trato das próprias atletas com questões de gênero. Em outro momento de seu relato, diz, a mesma atleta, quando convidada a falar sobre eventuais dificuldades que teria enfrentado pelo fato de ser mulher e esportista:

Hã... nas provas, nem tanto, mas normalmente, quem ganhava eram os militares. E homens. As mulheres não tinham tanto... né? E... hã... foi difícil eu... chegar, e ganhar campeonatos, e tal e tal, e tive que montar muito pra poder ganhar dos homens e dos militares, né? Por exemplo, quando eu... eu fui a primeira mulher a dar aula de adestramento na Hípica Paulista. E eu tinha muitos alunos homens, de salto, que a gente dá o adestramento básico que é, que serve pra qualquer modalidade, que deveriam todos fazer mas não fazem, né? E, hã, no picadeiro da Hípica eu era atropelada por outros cavaleiros, porque achavam um absurdo uma mulher dar aula. E havia muito preconceito de montar com uma professora mulher, porque cavalo, hombridade, tal e tal, então como é que uma mulher pode ensinar um homem...

E quando foi falar sobre como estas questões se manifestaram em sua carreira de treinadora, iniciada tão logo a de esportista foi encerrada, disse-nos:

E aí eu cheguei a dar aula em cima de um cavalo com chicote; se alguém se aproximasse de mim, eu: "Sai", com o chicote le faz o gesto da chicotada. Porque era desse jeito. Então, 'cê vê, hoje em dia tem mais mulher dando aula do que homem, né? Mas tinha bastante preconceito contra as mulheres. Quando era criança, adolescente, tudo bem, mas depois quando... eu comecei a incomodar os outros, aí... Aí a coisa foi difícil.

A situação política do Brasil não era menos tensa no que tange coerção das liberdades individuais. O governo militar encontrou nas manifestações de alguns dos opositores ao regime que se dava em forma de sequestros, assaltos a bancos e guerrilhas que operavam país afora, uma conveniente justificativa para recorrer a práticas de tortura. Seriam os anos mais duros da ditadura militar, posteriormente consagrados como "os anos de chumbo" (SKIDIMORE, 1988, p. 249-250).

Nos Jogos de Montreal, nos ginásios onde eram disputados os eventos da modalidade Ginástica Artística, uma romena de catorze anos se notabilizaria ao conquistar a inédita nota máxima no evento de barras assimétricas. Na delegação brasileira, representada por sete mulheres nos Jogos Olímpicos do Canadá, a menina romena não passou despercebida por entre nossas atletas. Uma destas, à época com dezesseis anos, disse o seguinte sobre como hoje ela tem elaborado para si mesma sua participação em uma competição cercada de tanta repercussão, intensa cobertura midiática, em uma escala global, sendo ela tão novata:

Assim, pra mim, uma coisa que eu me lembro muito bem, né?, eu “tava” assustada e tudo. Mas quando eu via Nadia Comaneci lá eu falei: “Ah, ela é mais nova do que eu. Então “tá” tudo bem”. Aí eu fiquei mais tranqüila, fiquei mais sossegada. Então tinham umas atletas muito, assim, famosas, muito boas. Então aquilo me assustava um pouco.

Diz-nos ainda, sobre as lembranças que ficaram guardadas sobre este seu debut nos Jogos (a atleta viria a participar de edições futuras):

Muito bacana. Eu acho assim, que foi a Olimpíada que mais marcou pra mim, que ficou muito marcada. Assim, por exemplo: o desfile, toda aquela festa, aquilo ali ficou muito marcado. Muito mais do que a de Los Angeles, por exemplo, que eu já era madura, papapá... Mas a de Montreal ficou marcada a nível de emoção, de tudo. Essa marcou mesmo.

Entre uma edição e outra dos Jogos, na preparação para o chamado ciclo olímpico, esta atleta nos apresenta uma significativa alteração em sua vida pessoal, que reverberou em sua carreira como atleta:

É, eu fiz depois que eu... porque eu cheguei nos Estados Unidos, eu ainda era na *High School*, ainda era Ensino Médio. Aí eu terminei o Ensino Médio e depois eu ganhei uma bolsa. Eu ganhei uma bolsa no Colorado e ganhei uma bolsa na Flórida. E aí eu fui pra Flórida porque o meu marido ela ia pra Flórida. Então eu tinha que ir pra onde ele fosse.

Os Jogos de Montreal entraram para a história como a edição mais onerosa da história. A dívida pública contraída pela prefeitura

de Montreal alcançou as cifras de US\$ 1 milhão, que teve de ser paga em forma de impostos pela população de Québec até os recentes anos 2000 (RUBIO, 2006, p. 124). Apenas em segurança foram gastos cerca de US\$100 milhões de dólares (CARDOSO, 1996, p. 326). Tal montante de dinheiro foi investido pelos organizadores com o intuito de domar novas manifestações, terroristas ou de protesto, tal qual acontecera nas edições anteriores. Mais um relato, de uma atleta brasileira que foi para os Jogos de Montreal, pode nos auxiliar a pensar quais eram aqueles tempos para os atletas brasileiros:

Eu sempre fui reivindicadora, eu sempre achei que o atletismo tinha de ter uma posição de destaque, devido aos resultados diante do mundo... Porque, não é nada nem nada, mas nós produzimos três recordistas mundiais de salto triplo. E a nossa condição de treinamento como foram as condições de treinamento deles, não eram boas...

Ao contrário de resignação ou conformismo ante o estado de seu entorno, o discurso dessa atleta nos permite verificar como esta mulher lidava com as questões que ela percebia de algum modo afetar sua vida de atleta, e quais seriam as posturas possíveis para alguma alteração ser, senão executada, ao menos gestada. Prossegue ela:

Eu acho que tinha que ter uma situação melhor, nós tínhamos que ficar hospedados em lugar melhor, tínhamos que ter uma alimentação melhor, tínhamos que ter um estádio melhor... Então eu sempre reivindiquei isso. Sempre fui um atleta combativa, nunca fui uma atleta que aceitasse as coisas com tranquilidade. Nunca tive rabo preso, nunca fiz o joguinho... Eu acho que por isso que hoje eu talvez, nunca tenha.. o reconhecimento que eu vejo que outras pessoas, que fizeram muito menos, temem conta tinha de ter uma posição .

E sobre a postura que esta atleta percebia como sendo de responsabilidade dela ter:

Eu acho que tinha que ter uma situação melhor, nós tínhamos que ficar hospedados em lugar melhor, tínhamos que ter uma alimentação melhor, tínhamos que ter um estádio melhor... Então eu sempre reivindiquei isso. Sempre fui um atleta combativa, nunca fui uma atleta que aceitasse as coisas com tranquilidade. Nunca tive

rabo preso, nunca fiz o joguinho... Eu acho que por isso que hoje eu talvez, nunca tenha o reconhecimento que eu vejo que outras pessoas, que fizeram muito menos, temem conta tinha de ter uma posição.

A virada da década de 70 para a de 80 se daria com um marco da tensão da Guerra Fria repercutida nos Jogos. Sob o argumento de “retaliação diplomática” ante a invasão soviética ao Afeganistão, o governo americano de Ronald Reagan decidiu declarar boicote aos Jogos de Moscou, a serem realizados em 1980. Foi aludindo a este boicote que uma atleta olímpica brasileira optou por não envolver-se nas seletivas para os Jogos de Moscou:

Eu desisti, eu nem... nem tentei. Eu não queria nem tentar. Porque eu pensava assim: o Brasil sempre foi “Maria-vai-com-as-outras”, né? Os Estados Unidos já tinham boicotado a olimpíada. Eu falei: “O quê? O Brasil vai boicotar também”. Eu falei: “Eu não vou nem me preocupar com isso. Tô fora. Não quero nem saber porque não quero ficar irritada”. E nem me esqueitei com isso. Nós deixamos de lado.

A decisão individual desta atleta em boicotar os Jogos soviéticos, entretanto, não incidiu ante as demais atletas brasileiras que conseguiram classificar-se para aquela edição dos Jogos. A significativa ascensão no número de atletas brasileiras naquela edição, se comparada às anteriores, deu-se bastante por conta do início da participação do voleibol. Tal modalidade teve sua vaga assegurada em razão da desistência do bloco de boicote àquela edição, liderado pelos EUA. Foi a oportunidade para que doze atletas brasileiras debutassem em uma edição dos Jogos Olímpicos. Uma das pioneiras da modalidade nos anos 80 nos relatou:

O Brasil foi a primeira vez em 80 pras Olimpíadas, mas não foi por mérito, mas porque houve o boicote. Porque nós tínhamos aqui o Peru, e na época não havia pré-olímpicos, na época, existiam, há, iam o pessoal da América do Sul, América do Norte, Europa, e eram só oito equipes. L... E nós na época tínhamos o Peru, que era campeão mundial. Era uma equipe maravilhosa que a gente foi ganhar delas só em 81.

A partir dos anos 80, os atletas brasileiros seriam cada vez mais expostos àquilo que em edições anteriores dos Jogos poderia macular o feito olímpico de um atleta: o profissionalismo.

Exemplos bem-sucedidos em algumas modalidades de parcerias entre federações e confederações esportivas, mídia e iniciativa privada, fizeram com que a popularidade de alguns esportes aumentasse vertiginosamente (caso notório do voleibol), apresentando aos atletas brasileiros uma outra possibilidade de lidarem com sua condição de atleta. Realidade esta que não foi vivida pelas atletas olímpicas nos anos 80, tal qual nos diz a mesma pioneira do vôlei anteriormente citada:

Nós não ganhávamos dinheiro para jogar, não era profissional. [...] A gente não recebia pra jogar [...] tanto que na época meu técnico [...] dizia: “Não quero que ninguém receba, porque vocês têm que fazer isso por amor, porque o... um... daí eles não vão cobrar de vocês as coisas, se vocês estão fazendo o que vocês querem”.

Enquanto o Brasil continuava em sua lenta e gradual abertura para a democracia, o esporte olímpico brasileiro, em velocidade equivalente, transitava do amadorismo para o profissionalismo. O espetáculo no qual os Jogos Olímpicos estavam se transformando tornar-se-ia irreversível nos anos 90. Contudo, longe de ter sido superado, o amadorismo permaneceria sendo próprio à realidade de muitos atletas. Para as mulheres olímpicas brasileiras, as primeiras medalhas viriam nos Jogos de Atlanta, em 1996. O longo período entre a primeira participação de uma mulher em Jogos Olímpicos e as primeiras medalhas conquistadas por brasileiras acabaram por se apresentar como mais um elemento característico desta sociedade brasileira, dotada de uma ambiguidade ímpar. E vendo este elemento retrospectivamente, podemos verificar que as situações enfrentadas pelas olímpicas brasileiras nos anos 80 contribuíram para que as futuras gerações de atletas, não tendo mais que se exporem à situações, peculiares ou não ao treinamento, que as mulheres nos anos 80 tiveram como percalço, pudessem enfim alcançar o pódio.

Mulheres olímpicas, mulheres cordiais

Diferente das mulheres de outros continentes que construíram uma referência para o feminismo pautada no embate, a trajetória do movimento feminista no Brasil se assenta na luta por outro

meio desidentificando-a do confronto. Se por um lado a mulher atleta é capaz de individualmente demonstrar combatividade na construção de sua carreira esportiva vencendo obstáculos como a falta de recursos, o assédio e a diferença de prêmios, por outro não foi ainda capaz de identificar essas questões como de ordem institucional. É nesse sentido que aproximamos o conceito de cordialidade da trajetória das mulheres olímpicas brasileiras, cordialidade essa pautada na ética de fundo emotivo, e que se mantém presente mesmo em situações ou atividades onde deveria prevalecer a lógica da racionalidade.

Por outro lado, através dessa mesma cordialidade que nos marca e constitui e que define nossa estrutura política e social marcada pela flexibilidade mais propensa a deformações que a verdadeiras mudanças (que só poderiam ser obtidas através de confrontos “não cordiais”, por assim dizer), cabe pensar se ainda não vivemos uma realidade em que muitas mulheres atletas permanecem submissas a discursos estereotipados de sexo e gênero que hora as fragilizam com a ideia de serem “muito emotivas”, hora as masculinizam dependendo da escolha das modalidades e da própria postura como atletas: se competentes, assertivas e determinadas, são “quase homens”.

Longe das tensões terem sido suprimidas. Pensamos que as novas questões apresentadas para as mulheres atletas brasileiras a partir dos anos 80 são, sobretudo, uma reconfiguração que se deu em face de um novo contexto político e social. Possivelmente pela gana de querer seguir vivendo, as atletas, mesmo em condições que em alguns momentos eram-lhes desfavoráveis, prosseguiram caminhando contra o vento e foram protagonizar outros momentos do esporte olímpico brasileiro.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **“Com brasileiro não há quem possa”**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BRASIL. **Ato Institucional nº 5**. Brasília, 13 de dezembro de 1968. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/AIT/ait-05-68.htm>>. Acesso em: 21 set. 2009.

CARDOSO, Maurici. **100 anos de Olimpíadas: de Atenas a Atlanta**. São Paulo: Scritta, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KENNARD, June; CARTER, John Marshall. In the beginning: the ancient and medieval worlds. In: COSTA, D. Margareth; GUTHRIE, Sharon R. (Ed.). **Women and sport: interdisciplinary perspectives**. Champaign: Human Kinetics, 1994.

LENK, Maria. **Braçadas e abraços**. Grupo Atlântica-Boa Vista, 1982.

NAVES, Santuza Cambraia. Os novos experimentos culturais nos anos 1940/50: propostas de democratização da arte no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Ed. da Fund. Perseu Abramo, 2003.

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul. **Histórias de vida: teoria e prática**. Oeiras: Celta, 1999.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou Carta de Alforria. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (Org.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Ed. da Fundação Perseu Abramo, 2004.

RUBIO, Katia. **Medalhistas olímpicos brasileiros**: memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SILVA, Hélio. **O poder militar**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

SKIDIMORE, Thomas. **Brasil**: de Castelo a Tancredo, 1964-1985. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VENTURA, Zuenir. **1968**: O ano que não terminou. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.



Palestra Itália e Corinthians: roteiro de uma pesquisa em História Oral e futebol

Alfredo Oscar Salun

RESUMO: Este trabalho apresenta o roteiro utilizado na elaboração de uma pesquisa em História Oral em relação ao futebol, especificamente a Sociedade Esportiva Palmeiras e o Sport Clube Corinthians Paulista entre 1940-1942 frente à política nacionalista do Estado Novo.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral, Futebol, Estado novo.

ABSTRACT: This paper presents the script used in the preparation of Oral History research in the relation to football/soccer, specifically *Sociedade Esportiva Palmeiras/Palmeiras Sport Society* and *Esporte Clube Corinthians Paulista/Corinthians Paulista Sport Club* between 1940 and 1942 from of the nationalist politics of the Estado Novo.

KEYWORDS: Oral History, Football/soccer, Estado novo/new state.

História do Projeto

A temática central da tese “Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?” foi o processo de nacionalização de entidades esportivas durante o Estado Novo, especificamente a Sociedade Esportiva Palmeiras e o Sport Clube Corinthians Paulista.¹

No início do projeto, pensávamos focalizar exclusivamente as questões relacionadas ao episódio da alteração do nome Palestra Itália para Palmeiras em 1942, e nosso primeiro passo, foi entrevistar atletas e associados dessa entidade que vivenciaram tal acontecimento. A segunda etapa constituiu-se em analisar os documentos cartoriais, como os arquivos do DEOPS, jornais e revistas de época, atas e outros documentos da Federação Paulista de Futebol e agremiações.

Ao analisarmos as informações contidas nos prontuários do DEOPS sobre as entidades esportivas paulistanas, nos chamou a atenção o fato do dossiê sobre o Sport Clube Corinthians Paulista ser maior que o do Palmeiras. Procuramos na história o motivo dessa vigilância e tomamos conhecimento do episódio referente à intervenção do governo no clube, devido ao viés político-nacionalista. Os sintomas da vigilância diziam respeito ao fato de o Corinthians ser dirigido por um presidente de origem espanhola, Manuel Correcher, e de acordo com o órgão máximo dos esportes nacionais, o Conselho Nacional de Desportos (CND), isso era irregular.

Resolvemos então entrevistar torcedores e jornalistas esportivos ligados ao Corinthians, na medida em que poucos trabalhos se aprofundaram nesse tema. Invariavelmente as narrativas seguiram esse mesmo rumo, ou seja, a intervenção do CND no clube em janeiro de 1941.

Durante a pesquisa preliminar nos prontuários do DEOPS, identificamos que os primeiros relatos policiais sobre o Palestra Itália datavam oficialmente a partir de janeiro de 1942, um mês após a

¹ SALUN, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians**: Quinta coluna ou buona gente? 282 f. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Entretanto no Corinthians, os primeiros informes eram de 1940. No início, suspeitamos que poderia ter ocorrido algum equívoco nas datas constantes dos boletins policiais, pois acreditávamos na hipótese até então consagrada pela historiografia futebolística, de que a intervenção no clube em 1941 com a deposição de Manuel Correcher, assim como a mudança do nome Palestra Itália para Palmeiras em 1942, fossem frutos de uma mesma conjuntura, a repressão aos súditos do Eixo aliada à legislação nacionalista².

O Corinthians, entre 1935-1940, teve como presidente o espanhol Manuel Correcher, um presidente “folclórico” e que, de certa forma, tornou-se característica do clube, que contou, em seus quadros administrativos nas décadas seguintes, com personagens como Alfredo Inácio Trindade e Vicente Matheus.

Os títulos obtidos pela administração Correcher contentaram a torcida corinthiana, mas algumas derrotas em 1940 permitiram a ação coordenada de um grupo opositor, como já havia ocorrido em outras ocasiões³. Assim, a crise política no Corinthians em junho de 1940 que culminou na derrubada de Correcher pela oposição, teve como ponto nevrálgico o embate entre facções pelo domínio do clube, fato tão ostensivo, que resultou na intervenção pelas autoridades estaduais ligadas ao DEESP (Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo) em janeiro de 1941.

Portanto, ao contrário do que até então estava estabelecido oficialmente na história do clube e nos relatos dos colaboradores, não houve relação desse episódio com o Conselho Nacional de Desportos (CND), criado somente no mês de abril de 1941 mediante o decreto presidencial de Getúlio Vargas, que realmente cerceou os direitos esportivos de inúmeros estrangeiros.

² Em janeiro de 1942 o governo brasileiro se posicionou oficialmente ao lado dos Estados Unidos contra as potências do Eixo, em face disso, submarinos alemães e italianos atacaram navios brasileiros, ocasionando a declaração de guerra. O governo estabeleceu uma forte vigilância contra os súditos do Eixo: alemães, italianos e japoneses, temendo atos de espionagem e sabotagem.

³ Esses enfrentamentos entre grupos podem ser notado: em 1915 com a crise na gestão de Ricardo Oliveira e 1933 na demissão de Alfredo Schuring. O mesmo fato se repetiu recentemente na queda do presidente Alberto Dualib e seu grupo de apoio.

O Palestra Itália teve neste mesmo período (1935-1941), como dirigentes máximos, Rafael Parisi e Ítalo Adami, este esteve envolvido na transição em 1942, para Higino Pellegrini, que vivenciou a mudança do nome para Sociedade Esportiva Palmeiras, que, de certo modo, foi um fator de união entre dirigentes, sócios, jogadores e torcedores em defesa do clube. Sobre esse processo, entrevistamos atletas, torcedores e dirigentes que vivenciaram esse episódio.

Entendemos que o processo de intervenção\ nacionalização foi vivenciado de maneira oposta pelas duas equipes; enquanto, no Palestra Itália, foi erigida uma saga vencedora em relação aos atos opressores do Estado e se transformou em um episódio digno de lembrança, no Corinthians esse mesmo fenômeno esteve pautado pelo apagamento.

Nos dois casos, exploramos as especificidades do processo de intervenção\ nacionalização, mas também apontamos um ponto traumático esquecido na história e apagado da memória coletiva das respectivas colônias: o mês de outubro de 1942, quando o governo Vargas proibiu a permanência dos “súditos do Eixo” como associados nos clubes e agremiações, intimidando-as com ameaças de intervenção e confisco do patrimônio.

História Oral e o projeto

A partir das observações efetuadas por José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), a história oral não só oferece uma mudança de conceitos de história, como também garante sentido social a vida dos entrevistados e leitores, que passam a entender a sequência histórica e sentem parte do contexto em que vivem. Marc Bloch (1997) afirmou que não estudamos o “passado pelo passado”, mas é necessário inserir o homem no seu tempo. Nesse sentido, Lucien Febvre (1992) analisou que tanto a Revolução Francesa em si, como o homem, seus desejos, sentimentos e interesses, são objetos da história. José Carlos Sebe Bom Meihy, em suas pesquisas, tem corroborado com essa visão ao defender a valorização dos homens e o processo de humanização da história:

A história é feita pelas pessoas comuns, com sentimentos, paixões, idealizações... todos são personagens históricos, o cotidiano

e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que se traçam para garantir a lógica da vida coletiva. (MEIHY, 2005, p. 20)

Dessa forma, autonomia, valorização e transformação social são elementos presentes no processo de pesquisa com a oralidade. Ela é enriquecedora para a compreensão de qualquer fenômeno, inclusive o futebol e não se resume a trabalhar o espetáculo, o jogo ou campeonato, mas também o seu significado para quem participa como atleta, dirigente, jornalista ou torcedor.

Os estudos sobre a oralidade têm destacado a importância de valorizar as narrativas como “experiências”. Foram essas experiências sobre o processo de intervenção/nacionalização dos clubes, que nos permitiram discutir a existência/permanência de uma memória coletiva, que surge na narrativa dos entrevistados (denominados de colaboradores) identificados como palmeirenses ou corinthianos.

Ao estabelecer a história oral como parte deste trabalho, partimos dos documentos cartoriais e tradicionais para as narrativas, buscando um ponto de equilíbrio na combinação da história oral de vida em um projeto misto.

Para José Carlos Sebe Bom Meihy:

Há projetos temáticos que combinam algo de história oral de vida. Nesses casos, o que se busca é o enquadramento de dados objetivos do depoente com as informações colhidas. Essa forma de história oral tem sido muito apreciada porque a informação ao ser mesclada às situações vivenciais, ganha mais vivacidade e sugere características do narrador. (MEIHY, 2005, p. 148).

O Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO) tem advogado, ao longo do tempo, uma relação respeitosa e de valorização ao colaborador, reconhecendo a existência de uma questão de poder, que aproxima as discussões entre a oralidade e o processo de mediação.

O NEHO propõe uma relação de autoridade diferente das velhas práticas, que consideravam a entrevista como o produto final. O debate sobre esse fato altera o metabolismo do poder de comando da pesquisa, até os limites do seu uso. A moderna história oral delega muita atenção ao entrevistado, dando-lhe o direito de veto e censura da própria fala.

O narrador assume o papel de personagem essencial no projeto, que implica um jogo de autoridade, onde o poder de uso da entrevista não depende apenas do diretor do projeto. Diferentemente do jornalista ou de outras formas de utilização da história oral, em que o entrevistado muitas vezes não recebe ciência do trabalho final. Reconhecemos que o procedimento de “transcrição” não é a derradeira etapa, pois existe a necessidade da devolução que, em última instância, revela um compromisso com o colaborador. De acordo com essa perspectiva, algumas das entrevistas realizaram-se em mais de uma sessão e todas passaram pelo crivo final de cada colaborador.

Para o antropólogo Gilberto Velho (2001), não existe vida social sem memória e esta sofre mudanças e transformações, que fazem com que possa haver alterações de ênfase e de destaque, mas sempre existe um referencial básico misto de valores e crenças que sustenta a comunicação entre indivíduos e grupos. Essa comunicação pode ser entendida como parte constitutiva das identidades que, de acordo com Zygmunt Bauman (2002), em nosso mundo contemporâneo marcado pela diversidade, algumas são de nossa própria escolha; outras são infladas e lançadas por pessoas em nossa volta. Bauman discorre sobre a existência de comunidades de vida e de destino, cujos membros vivem juntos numa ligação absoluta e outras que são fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios.

José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda (2007), afirmam que estamos submetidos a uma multiplicidade de polos identitários que, dentre outros, sugere a questão étnica, de classe e de faixa etária. Assim, ao focalizarmos a mudança de nome Palestra-Palmeiras, no momento em que ocorreu uma campanha “nacionalizante” do Estado — apoiada pela repressão policial no combate à quinta-coluna e aos “súditos do Eixo” —, percebemos que foi um episódio marcante para uma colônia que encontrava em um clube como o Palestra Itália um local de recreação e de manutenção dos seus traços culturais.

Essa comunidade de destino, formada por torcedores marcados pela identidade palestrina (que não era só o clube, mas as tradições culturais dos vários grupos de imigrantes italianos e seus descen-

dentes) que o compunham. A construção de uma identidade “palestrina” se alimentou no discurso de vítima, quando o clube Palestra Itália esteve ameaçado de intervenção policial, com a possibilidade de fechamento e confisco de patrimônio. Se existiu uma vítima, necessariamente temos um algoz. Nesse contexto, prevalece nas narrativas dos colaboradores um “discurso comum” em relação à suposta “conspiração” dos dirigentes do São Paulo Futebol Clube com as autoridades, objetivando a apropriação do patrimônio palestrino. Esse rival assume um papel de destaque nessa memória coletiva, na medida em que a repressão do DEOPS e o Estado Novo se tornam atores coadjuvantes nas narrativas.

Os colaboradores

Como se optou pela utilização de um Núcleo Documental heterogêneo, no intuito de explorarmos diferentes aspectos sobre o processo de nacionalização/intervenção do Corinthians e Palmeiras, foi elaborado apenas um roteiro para nortear as entrevistas, já que os colaboradores estavam informados de nossas intenções e o tema que pretendíamos abordar.

As narrativas de colaboradores identificados como “palmeirenses” e “corinthianos” remetem às experiências individuais e à tradição familiar passadas pela geração que presenciou o episódio da nacionalização/intervenção dessas agremiações e que transmitiram pela oralidade suas experiências sobre esse evento, que entrelaçou a história do clube com a história de cada colaborador. Ao reconhecermos que as pessoas podem ser identificáveis por diversos critérios, encontramos nas entrevistas indicações da importância do futebol como um dos possíveis pressupostos articuladores de identidades:

Eu sempre fui palmeirense, pois os filhos tinham que seguir o rumo dos pais. Essa educação esportiva já vinha de berço. No tempo que era garoto ainda se chamava Palestra Itália e independentemente de ter ocorrido à troca de nome ainda sou palmeirense. (Antônio Rago, jun. 2002).

Os italianos, os imigrantes da península, quando vieram para o Brasil, não eram italianos. A unificação da Itália tinha acabado de ocorrer. Portanto, possuíam um sentimento regional muito forte,

eram bareses, napolitanos, calabreses, vênnetos... o Palestra é um aspecto muito importante, era um locus de identificação dos imigrantes; muitos não tinham em mente a unidade política italiana. Esse imaginário e essa identidade foram sendo construídos aqui. Por isso, o Palmeiras não é um simples clube". (Luiz Gonzaga Belluzo, ago. 2004).

"Ser corintiano está relacionado à tradição paterna" (Celso Unzelte, out. 2004, mar. 2005).

"Sou neto de libanês, meu pai era brasileiro e tinha certo orgulho de ser corintiano, minha paixão pelo clube foi herdada dele". (Juca Kfoury, mar. 2005).

A partir dessa Comunidade de Destino (torcedores de futebol com forte ligação emocional com esses clubes), foram formadas duas colônias e suas decorrentes redes. Houve uma pergunta de corte específica para cada uma delas. Para a Colônia formada pelos torcedores do Palmeiras: o significado da mudança do nome do clube e os efeitos desse episódio para os seus torcedores (individual/coletivo). Já a Colônia formada por torcedores do Corinthians: Os efeitos da deposição de Manuel Correcher e a intervenção do governo no clube.

Comunidade de Destino – Torcedores do Palmeiras e Corinthians.

Colônia – Torcedores do Palmeiras

Rede 1 – Formada por atletas e torcedores que vivenciaram o período, de forma direta e que estiveram presentes na partida entre Palmeiras e São Paulo em 1942.

Rede 2 – Formada pelos colaboradores que vivenciaram o período, mas não estiveram presentes na partida histórica.

Rede 3 – Torcedores associados e não associados que conviveram com a memória familiar e a tradição do clube. Como a mudança do nome Palestra Itália para Palmeiras, foi um episódio de grande importância na história do clube e em narrativas familiares, buscamos torcedores que tenham uma vivência familiar e uma relação de poder, afetiva ou profissional com o Palmeiras.

Colônia – Torcedores do Corinthians.

Dividimos essa colônia em duas redes específicas:

Rede 1 – Jornalistas esportivos com trabalhos escritos sobre o Corinthians e que escreveram sobre a repressão e a campanha de nacionalização, buscamos nessa colônia, “experiências” e “versões” em relação ao tema.

Rede 2 – Torcedores associados e não associados que conviveram com a memória familiar e a tradição do clube, principalmente familiares de antigos dirigentes.

Na realização da tese, foram entrevistadas vinte e duas pessoas, que compuseram nosso grupo de colaboradores. Duas entrevistas foram feitas em grupo, por pedido dos colaboradores, que justamente envolviam netos de dirigentes esportivos da década de 1930 e 1940. Todas as outras entrevistas foram individuais e algumas, em mais de uma sessão.

Memória, silêncio e tradição no processo de nacionalização/intervenção no Palmeiras e Corinthians

Como particularidade no episódio envolvendo o Corinthians, pudemos observar que nas crises anteriores em 1915 e 1933, foram os sócios-atletas (de origem operária) que se rebelaram contra os dirigentes provenientes de outros estratos sociais. Em 1940-1941, as facções não estavam divididas por esse critério e o embate foi entre grupos que disputaram o controle da agremiação e que resultou na intervenção do DEESP, pois estava se estabelecendo uma política de controle e organização dos esportes por parte do governo.

Nesse sentido é interessante a tese de Michael Pollak:

Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas que compartilham essa mesma lembrança, comprometedoras, preferem elas também guardar silêncio. Em lugar de se arriscar a um mal entendido sobre uma questão tão grave... (POLLAK, 1989, p. 56)

Cogitamos que o “silêncio” sobre o processo de intervenção no Corinthians, pelas pessoas que dirigiam o clube e foram depostas, está ligado diretamente aos traumas internos causados pelas acusações de cunho pessoal. O mesmo se procedeu, por parte da oposição, que, no final, não conseguiu manter-se na direção do clube ou comprovar suas suspeitas. Dessa forma, inicialmente se promoveu “pelo silêncio” uma história dignificante, criando-se vítimas, no caso Manuel Correcher e o Corinthians. Essa suposição pode ser avaliada, ao identificarmos que os principais auxiliares do presidente deposto, Manoel Domingues Correia e Alfredo Ignácio Trindade, comandaram o clube nos anos seguintes e provavelmente preferiram manter o silêncio sobre a fatídica intervenção.

Em um segundo momento, o silêncio foi primordial para o processo de apagamento, em que os interesses ideológicos da instituição se sobrepuseram à memória individual, o que, para Alessandro Portelli (1993), é indício de uma memória dividida: a memória oficial e a dos que vivenciaram o ocorrido. Segundo o mesmo autor, elas não são conflitantes, mas tornam-se fragmentadas e isso, em nosso entender, indica que a constituição da memória do grupo, sobre esse episódio, acarretou a criação de uma história mitificada.

Logrou-se dimensionar os motivos que contribuíram para o apagamento da memória sobre o processo de intervenção. Entretanto, houve um drama no qual encontramos 120 vítimas no processo de nacionalização do clube e que teve relação direta com a política nacionalista e o CND em 1942. E, sobre isso, não obtivemos uma única palavra dos colaboradores ou qualquer informação nos anais da instituição.

Diferentemente, o processo de nacionalização da Sociedade Esportiva Palmeiras se tornou um evento significativo, pois foi erigida uma epopeia vitoriosa e gravada como marco na sua história. A mudança do nome, a vitória obtida contra o São Paulo FC e a conquista do título fundamentaram um ideário que serviu de ponto de partida para uma nova fase, denominada “arrancada vitoriosa”, que é emblemática como consagração da própria identidade e de onde se cunhou a frase: “morreu Palestra, nasceu campeão”.

Nas entrevistas concedidas por nossos colaboradores palmeirenses, foi possível identificarmos diversos aspectos de unidade nas

narrativas e que vão ao encontro da tese de Meihy e Holanda (2007) e Halbwachs (1990), sobre a formação da memória coletiva do grupo. Nesse sentido, os eventos de 1942 são marcas integrantes, pois implicam um discurso de “união” e “vitória”, como motivação positiva em relação ao papel de vítima da instituição, perante uma trama elaborada pelos dirigentes do São Paulo FC com as autoridades.

Os responsáveis pela perseguição, os prelados obedientes ao governo Getúlio Vargas (e o CND e DEESP) cederam seu espaço para outro “vilão”, que, de coadjuvante, tornou-se o ator principal do acossamento: os dirigentes do São Paulo Futebol Clube, como pode ser observado nas entrevistas e em vários *sites*, que compartilham idêntica percepção histórica e reforçam nossa interpretação sobre a uniformidade da memória.

E, mesmo nos escritos oficiais, como um opúsculo produzido em 2005, na comemoração dos 60 anos da criação do Conselho de Orientação e Fiscalização (COF), notamos a permanência desse sentimento, que, para Maurice Halbwachs (1990), é prova da aceitação dessa versão pela memória coletiva, que é observada na oralidade, por isso, as narrativas possuem o mesmo referencial básico.

Ironicamente como no Corinthians, não conseguimos dos colaboradores ou em documentos cartoriais do clube, qualquer informação sobre outubro de 1942, quando os súditos do Eixo “palestrinos”, tiveram o mesmo destino dos seus rivais do Parque São Jorge, demonstrando como a história desses dois clubes “irmãos”, estiveram muitas vezes entrelaçadas.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 .

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Rio de Janeiro: São Paulo: Fórum de História, 1997.

- BOSI, Ecleia. **Memória e sociedade**. Petrópolis: Paz e Terra, 1984.
- FEBVRE, Lucien. Combates pela História. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Febvre**. São Paulo: Ática, 1992. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Editora Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Ed. da Unicamp, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo, Contexto, 2007.
- _____. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista: História oral e vida acadêmica**. São Paulo: Nova Stella, 1990.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. **Sonhos ucrônicos: memória e possíveis mundos dos trabalhadores**. In: Projeto História 10, São Paulo, 1993.
- RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Visões e Perspectivas: Documento em História Oral. Oralidades: Revista de História Oral**, São Paulo, NEHO-USP, n. 2, p. 35-44, jul./dez. 2007.
- TORREMOBELL, Maria Carme Boqué. **Cultura de mediación e cambio social**. Barcelona: Gedisa, 2003.
- SALUN, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou buona gente?** 2008. 282 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Orientador Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy.
- VELHO, Gilberto. Memória, cultura e sociedade: In LEIBING, Annette; BENNINGHOFF, LÜHL-BENNINGHOFF, Sibylle (Org.). **Devorando o tempo: Brasil, o país sem memória**. São Paulo: Mandarim, 2001.

Análise da construção do ídolo a partir da trajetória de Ademir da Guia

Sérgio Settani Giglio

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar a construção do ídolo no futebol tendo como pano de fundo a trajetória do ex-jogador Ademir da Guia. Os dados foram obtidos a partir de diversas fontes, tais como, uma entrevista com o ex-jogador, programas de televisão e livro sobre o atleta. A relação entre os dados e a bibliografia sobre o tema é explorada ao longo do texto para dar sentido e desvendar como se forma um ídolo no futebol. A partir dessa trajetória específica procuramos evidenciar que o ídolo é formado a partir da categoria tempo e espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Ídolo, Futebol brasileiro, Trajetória.

ABSTRACT: This paper aims to analysis the construction of the idol in soccer, having as its basis the trajectory of the ex player Ademir da Guia. The data were obtained from several sources, such as an interview with the player, TV programs and a book about the athlete. The relation between the data and the bibliography is explored along the text in order to give meaning and discover how an idol in soccer can be formed. From this specific trajectory we seek to evidence that the idol is formed from a category of time and space.

KEYWORDS: Idol, Brazilian soccer, Trajectory.

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO ÍDOLO A PARTIR
DA TRAJETÓRIA DE ADEMIR DA GUIA

*...I naquele tempo o palmeirense ia ao estádio com a
certeza de que seu time ia jogar bem;
podia até não ganhar, mas havia categoria em campo¹.*

Fiori Giglioti

O futebol é muito importante para a sociedade brasileira. Alguns dirão que é alienação, mas quem diz isso não entende o componente simbólico que esse esporte carrega. O futebol, o time do coração e o ídolo são capazes de dar um sentido à vida do brasileiro. O resultado dessa relação fez com que o Brasil seja considerado (talvez por nós mesmos!) o país do futebol.

Por meio do futebol a sociedade se expressa, ou seja, o povo extravasa suas características emocionais profundas. Não há como separar o futebol da imagem do povo brasileiro. Tudo isso acontece porque o futebol possui um significado específico, já que grande parte da sociedade brasileira se revela por meio de uma partida de futebol (VOGEL, 1982; DAOLIO, 2003).

O Brasil consolidou essa imagem de “país do futebol” por um longo processo de apropriação e transformação do futebol em esporte nacional. Isso pode ser revelado, como relata Mascarenhas (2004) no levantamento feito pelo Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ em 1993, junto aos municípios então existentes, sobre quais equipamentos de uso coletivo estavam disponíveis para a população. Os resultados indicam o “campinho de futebol” como elemento da paisagem mais frequente do que a igreja ou qualquer outro equipamento de uso coletivo.

Em âmbito nacional, a consolidação dessa imagem de “país do futebol” passou necessariamente pelos clubes e pelos ídolos. A relação estabelecida entre os torcedores e sua equipe do coração é capaz de pontuar a vida do brasileiro, conferindo-lhe, ao menos, uma história particular.

¹ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/esportes/futebol/noticias/2006/fev/08/48.htm>. Acesso em: 3 mai. 2007.

Por isso, se você for palmeirense e com idade para tanto, certamente se recordará onde e com quem estava quando o Palmeiras conquistou a Copa Rio em 1951²; ou se lembrará onde e com quem estava quando Ronaldo fez o gol do título sobre o Corinthians na final do Campeonato Paulista de 1974; ou onde e com quem estava quando o Palmeiras goleou o Corinthians por 4 a 0 e acabou com o jejum de títulos, no Campeonato Paulista de 1993.

Essas lembranças não se fazem somente pelos títulos ou pelos grandes jogos, são construídas também por aqueles que compõem o espetáculo esportivo e pelos ídolos que representam e demarcam momentos importantes da trajetória do clube. Por isso, é importante falarmos sobre um dos maiores ídolos palmeirenses: Ademir da Guia.

Podemos analisar, a partir dos principais times brasileiros, uma série de jogadores que são considerados ídolos. No entanto, esse artigo centra-se em uma trajetória particular para, a partir dela, analisar o ídolo no futebol. Mas por que a trajetória de Ademir da Guia é interessante para se discutir o ídolo e não outro jogador? E por que o Palmeiras e não outro time? Essas perguntas são necessárias antes de avançarmos no texto, pois uma série de jogadores são classificados como ídolos do Palmeiras³. Uma série de fatores me levaram até o ex-jogador Ademir da Guia, entre eles destaco: a partir de um roteiro pré estabelecido, fruto de um

² A FIFA reconheceu a Copa Rio de 1951 como sendo uma competição oficial. O Palmeiras pleiteia que o título conquistado seja reconhecido como o Mundial Interclubes da época, já que na ocasião o torneio foi disputado por oito times (Palmeiras e Vasco do Brasil, Juventus da Itália, Nice da França, Áustria Viena da Áustria, Nacional do Uruguai, Estrela Vermelha da antiga Iugoslávia e Sporting de Portugal).

³ Basta ver no site oficial do time (www.palmeiras.com.br) uma seção voltada aos grandes ídolos do clube que já encerraram suas carreiras. Ao todo estão listados 35 jogadores e ao final da página existe um alerta de que, em breve, mais ídolos serão incluídos nessa seção. Ademir faz parte desse rol de jogadores e em seu perfil no item *História*, o site diz: "O Palmeiras nunca teve um jogador tão talentoso e que unisse perfeitamente a capacidade de conquistar títulos, com classe e a habilidade, como o "Divino" demonstrou em 16 anos de clube. Sua genialidade transcendeu as quatro linhas, virando poesia e filme. Ademir da Guia tem um busto de bronze nos jardins do estádio Palestra Itália. É o maior nome que envergou as cores alviverdes." Acesso em: 28 mar. 2010. Diante dessa importância para o clube, o nome de Ademir ganhou mais força para compor a análise do ídolo.

trabalho final de uma disciplina de mestrado⁴, deveríamos entrevistar alguém que fazia ou tinha feito parte do mundo do futebol e que, por sua vez, deveria ter tido um destaque nesse cenário. Como o roteiro era grande, logo descartei os jogadores que estavam atuando, por conta de haver todo um trâmite burocrático, via assessoria de imprensa, para chegar aos jogadores. E mesmo que conseguisse vencer a burocracia, o tamanho da entrevista dificultaria o encontro, pois ter um roteiro longo mostrou-me, em experiências anteriores⁵, que o contato se torna improdutivo, pois no “mundo do futebol” os atores do espetáculo têm uma série de compromissos o que dificulta uma entrevista mais demorada⁶.

A trajetória de Ademir da Guia será o pano de fundo para entender como o ídolo é formado, como é estabelecida a sua relação com o clube e com a torcida, enfim, como o ídolo é construído. Analisarei as etapas de formação do jogador, tais como o início no futebol, a tentativa e concretização do sonho de ser atleta de futebol profissional. Com a intenção de compor um leque de informações sobre o trajeto percorrido por esse ídolo palmeirense, utilizo diversas fontes, uma entrevista⁷ realizada com

⁴ As perguntas foram estruturadas em cinco blocos de temas: os quatro primeiros (*I – Jogo de Identidades; II – Poder e Política; III – Tempos; IV – Crenças, Ritos e Superstições*) seguiu o roteiro do trabalho final da disciplina da pós realizada no Departamento de História da USP, *História Sócio Cultural do futebol: impulso lúdico, composição e significações*, ministradas pelos professores doutores Hilário Franco Júnior e Flávio de Campos. O último bloco (*V – Ídolo*) corresponde às perguntas que utilizei na pesquisa de campo do mestrado realizado na Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

⁵ Na Iniciação Científica entrevistei técnicos de futebol da 1ª divisão e no mestrado jogadores profissionais.

⁶ Além disso, tinha conhecimento por conta um amigo que em sua adolescência ligava para o Ademir da Guia para conversar sobre a época em que ele era o grande ídolo da equipe, período esse que meu amigo não tinha visto. Dessa forma, sabia que era fácil conseguir um número de contato com o ex-jogador via lista telefônica. Somado a esse fato, o ex-atleta estava, no momento da entrevista, no cargo de vereador em São Paulo o que facilitava o acesso para agendar a entrevista.

⁷ Foi realizada uma entrevista semiestruturada, pois esta permite ao entrevistado esclarecer os pontos colocados, segundo seus conhecimentos sobre o assunto tratado e fazer novos questionamentos a partir do que foi respondido (TRIVIÑOS, 1987).

o *craque*⁸, um bate-papo com Ademir da Guia e Dudu, gravado no espaço CPFL⁹, e a sua biografia “Divino: a Vida e a Arte de Ademir da Guia”¹⁰.

Futebol Divino

Quando se fala na família Da Guia, são lembrados, por motivos óbvios, dois nomes: Domingos da Guia e o seu filho Ademir. No entanto, essa família, que foi reconhecida por implantar o estilo divino e elegante de jogar futebol, teve outros nomes que também estiveram presentes nos gramados. Três irmãos de Domingos também foram jogadores, o primeiro deles foi o zagueiro Luís Antonio, depois vieram Ladislau, meia direita que ficou conhecido como “Tijolo Quente”, devido ao seu potente chute e o Médio, lateral-esquerdo. Neném, irmão de Ademir, também foi jogador, mas esse médio volante teve que encerrar prematuramente a carreira devido a uma contusão (SOUZA, 2003).

Com um grande número de jogadores na família, não é de se estranhar o interesse pelo futebol. Afinal, essa modalidade esportiva fez parte da vida dessa família desde muito cedo. Esse espaço familiar é um dos locais em que se aprende o valor que o futebol tem para o brasileiro. A presença de Domingos da Guia como o atleta exemplar atua dentro do espaço familiar como função de motivação e de gerar grande interesse das demais pessoas direta-

⁸ As falas de Ademir da Guia que aparecem sem referência ao longo do texto, são fruto da entrevista realizada com o ex-jogador em 8 de novembro de 2005. A entrevista foi realizada na Câmara Municipal de São Paulo, localizada no centro da cidade. Cheguei no horário agendado e só esperei o fim da plenária para iniciar a entrevista, que foi realizada numa ampla sala no térreo. Durante a entrevista toda esteve presente seu assessor, Rubens, o qual ao final da entrevista disse algumas palavras sobre o ex-jogador. Antes de iniciarmos a conversa expliquei sobre os objetivos da entrevista e para qual fim seria utilizada. Ademir da Guia somente perguntou se eu faria todas as perguntas do roteiro. Disse a ele que sim e iniciamos a entrevista. Sempre que necessário, questionei as respostas do entrevistado para que pudesse explorar um pouco mais o tema. A entrevista foi transcrita de forma literal.

⁹ O programa *Conversas ao pé da bola* foi transmitido pela TV Cultura no programa Grandes Momentos do Esporte em 2006.

¹⁰ É preciso ressaltar que utilizar um vídeo e um texto biográfico é ter acesso a um tipo de informação segunda, terceira ou mais mãos (GEERTZ, 1989).

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO ÍDOLO A PARTIR
DA TRAJETÓRIA DE ADEMIR DA GUIA

mente envolvidas no processo, nesse sentido podemos associá-la à imitação prestigiosa (MAUSS, 2003). Imitaremos gestos e ações de pessoas que possuem uma grande importância para nós. Mais do que fatores genéticos, os estímulos são os grandes responsáveis pela criação de modelos e, com eles, de sonhos que, nesse caso, foi o de seguir a carreira de jogador de futebol.

Ser jogador de futebol é o resultado de um longo processo, no qual o investimento no sonho se faz de forma diária, intensa e esperançosa¹¹. Porém, ao mesmo tempo em que esse esporte pode permitir que se vença na vida por meio dele, como foi o caso da família Da Guia, muitos ficarão pelo caminho. Esse processo tem como resultado uma grande exclusão. Atualmente, estão inscritos na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) cerca de 10 mil jogadores. Se pensarmos em números absolutos, essa quantidade de jogadores é significativa, porém, o que está por trás desses dados é um grande mecanismo de exclusão, já que uma enorme parcela não conseguiu transformar o sonho de infância em algo concreto: ser jogador de futebol.

Somado a isso, os jogadores que atingirão o status de ídolo representam outra exceção. São poucos os atletas eleitos à condição de ídolo. Essa é uma particularidade da família Da Guia, afinal, conseguir formar um número considerável de jogadores de futebol (seis) e, mais difícil ainda, dois atingiram o status de ídolo. O primeiro a atingir a essa condição foi Domingos da Guia, sempre reconhecido como um importante jogador do futebol brasileiro e internacional (atuou no Nacional, do Uruguai e no Boca Juniors, da Argentina), um zagueiro clássico de grande habilidade. A exemplo de seu pai, Ademir da Guia desfilou categoria pelos gramados e tornou-se um dos maiores ídolos palmeirense, senão o maior. Sem dúvida, tornou-se um ídolo pela sua qualidade, pelas conquistas e por um fator que se torna cada vez mais raro no futebol atual: permanecer durante muitos anos na mesma equipe. Jogou

¹¹ Damo (2007) fez um levantamento do número de horas dedicadas ao treinamento corporal pelo qual passam os meninos até chegarem à categoria profissional e chegou no valor de 5.650 horas de investimento.

no Palmeiras por 16 anos¹², sendo até hoje o recordista de jogos pelo clube, 901 no total.

O início esportivo

O início no futebol significa a busca pelo sonho de criança, dificilmente encontraremos um menino que quer ingressar no futebol sem gostar de praticá-lo. Dedicar-se a esse projeto representa investir intensamente em algo incerto, pois a qualquer momento os pretendentes a jogadores de futebol podem ser excluídos do processo e caso queiram continuar o sonho, terão que iniciar seu projeto em outro clube. Projeto esse que não visa somente tornar-se um jogador de futebol; o sonho envolve os grandes clubes, jogar no exterior e na seleção brasileira, além de ser um ídolo. Boa parte dos meninos que tentam ingressar em um clube vem das camadas de baixa renda e acreditam que só conseguirão mudar de vida por meio do futebol. Antes de tentarem conquistar o sonho de criança, os meninos brincam de jogar bola. Com Ademir não foi diferente, seu primeiro contato com o futebol foi na rua. Assim relata:

Na rua. Na rua porque naquela época nós tínhamos, onde eu morava, nós tínhamos uns locais que eram vazios né. Então, tinha lá [...] colocava dois golzinhos, às vezes se reunia oito jogadores, às vezes 12, 15, a gente fazia um joguinho contra, sempre na rua. Na realidade comecei na rua até o dia em que eu fui treinar no Bangu e tinha 15 anos. E aí fiquei no Bangu, comecei a jogar no infantil, no juvenil, foi quando na realidade eu comecei no futebol que era disputando campeonatos. Mas no início foi na rua.

No entanto, antes de iniciar no futebol, Ademir frequentava as piscinas do Bangu, clube que algum tempo depois seria o seu primeiro

¹² De 20/04/1961 a 18/09/1977. Disponível em: <http://www.palmeiras.com.br/historia/idososdetalhes.asp?id=56>. Acesso em: 30 jun. 2009. Atualmente o futebol possui uma outra lógica, a do rodar, afirma Rial (2008, p. 58), os vínculos são transitórios, “é apenas uma passagem, algo que se faz como um trabalho, com sacrifício, para receber a recompensa de prestígio profissional e financeira”. A exceção a regra nos dias atuais são dois goleiros que se mantêm titulares na posição: Rogério Ceni está no São Paulo desde 1990 e Marcos está no Palmeiras desde 1992, ambos esperaram alguns anos para conquistarem a condição de titular e desde então figuram como os grandes ídolos dessas duas equipes. Marcos possui 486 jogos pelo Palmeiras (www.palmeiras.com.br). O site oficial do São Paulo não informa quantos jogos Rogério Ceni possui pelo time (www.saopaulofc.net). Acessos em: 28 mar. de 2010.

time. Assim relata sua iniciação esportiva: “*Quando eu era mais menorzinho eu comecei a praticar natação. E Bangu era um bairro muito quente, então, todo mundo gostava de ir pra a piscina porque a praia era um pouco distante. Então, l...l eu fui para a piscina*”. No entanto, o futebol logo começou a despertar seu interesse e seu treinador de natação não deixava os meninos praticarem outros esportes, precisavam se dedicar integralmente à natação. Ademir relembra como fazia para conciliar a natação e o futebol:

Eu me lembro que a gente jogava as peladas na rua e ficava de olho para ver se o Paulo, o nosso treinador de natação, aparecia. Ele trabalhava na fábrica de tecidos e, na hora do almoço, saía com a bicicleta. No caminho para sua casa, passava pela rua onde a gente jogava. Então, o goleiro de um dos times ficava atento e nos avisava quando ele vinha chegando perto. A gente se escondia e, assim que ele passava, voltava jogar. (SOUZA, 2003, p. 48).

Ingressar em um clube profissional representa a porta de entrada para percorrer o tão esperado sonho de ser um jogador profissional. No entanto, ao fazer parte de um time, o mais difícil torna-se se manter no elenco. Ser dispensado pode representar o fim prematuro da carreira ou se empenhar novamente no árduo caminho para ingressar em alguma equipe.

Os meninos que ingressam nos clubes de futebol podem fazê-lo por diversas maneiras, sendo as duas principais: a peneira ou a indicação de alguém, seja o diretor, pai, empresário, olheiro do time etc. As peneiras cumprem um papel social importante, pois se o garoto não possui uma indicação ele terá que tentar a sua sorte em uma seleção, que é marcada por uma grande concorrência e pouca aprovação. A peneira cumpre esse papel social enquanto é capaz de manter viva a esperança, pois os meninos sabem que a única oportunidade que terão de realizar o sonho é ser aprovado nesse teste. Porém, a peneira funciona como um funil, isto é, muitos tentam a sorte por meio dessa ferramenta de seleção, mas poucos serão selecionados para integrarem a equipe (DAMO, 2007). Por isso, a indicação passa a ser um grande passo no sentido da aprovação, já que permite um tempo maior de testes.

Eu e um amigo meu fomos um dia fazer um teste lá no Bangu, numa peneira. Só que aconteceu assim: o meu pai foi jogador de futebol e o dia em que eu fui treinar, ele tava no grupo lá no

meio de campo junto com vários rapazes, meninos né, aí o professor falou Ademir, o técnico né colocou um pra lá outro pra cá, tal. Quando terminou o treino ele me chamou e falou: mas você é o filho do Domingos? Eu falei: sou. Ah, então, eu joguei com o seu pai, seu pai foi meu amigo, tal, tal e tal. Então, na realidade meu pai por ter jogado até me ajudou no início da carreira. Foi uma peneira.

A indicação representa que o candidato a jogador de futebol avance em algumas etapas no processo de seleção e que seja avaliado de uma forma mais personalizada. Sua avaliação deixa de ser feita a partir de uma partida, e o garoto passa por um período de testes maior ou pode logo ser incorporado à equipe.

Aí eu fiquei direto. Porque ele escolheu alguns garotos e como ia ter o campeonato infantil, ele começou armar a equipe pra jogar aquele ano. Então, aí nós já ficamos, eu e esse rapaz fomos os dois que permanecemos e aí já naquele ano começamos a jogar no infantil do Bangu.

Possuir um contato representa uma série de facilidades e foi com essa intenção que Domingos pegou o filho e foi para São Paulo na tentativa de colocá-lo em algum grande clube. Saiu do Rio de Janeiro com a ideia de levá-lo para um teste no Corinthians, mas por ter um conhecido em Santos, levou-o para a baixada santista. Somente não ficou por lá, devido ao não acerto salarial (SOUZA, 2003). Sorte do Palmeiras.

De maneira geral, nos últimos anos, os clubes diminuíram a frequência da realização de peneiras como uma forma de seleção de futuros atletas e recrutam seus jovens jogadores apenas por indicação¹³, pois a realização da peneira envolvia muito trabalho e pouco resultado.

¹³ Informação da assessoria de imprensa dos clubes. Palmeiras, Corinthians, São Paulo e Portuguesa ainda mantêm a seleção por meio de peneiras. Alguns clubes participaram da Virada Esportiva 2009, evento que tem a finalidade de oferecer atividades esportivas à população durante um fim de semana de maneira interrupta, com a realização de peneiras. A inscrição na peneira via internet representa uma nova forma de lidar esse tipo de teste. A divulgação de datas de testes e resultados, além de quais são as normas para participar da avaliação são as informações que podem ser consultadas via internet. No Rio de Janeiro, o Botafogo também utiliza a internet para esse tipo de processo, por meio de um projeto chamado Craques do Botafogo (<http://www.craquesdobotafogo.com.br>). Outros clubes brasileiros participam desse projeto. Acesso em: 30 jun. 2009.

Este é um dos paradoxos do esporte de rendimento. Ao mesmo tempo em que é visto como um espaço de ascensão social exclui grande parcela da população que tenta vencer na vida por meio do esporte.

Os caminhos percorridos para ingressar no futebol são extremamente concorridos. Ingressar nas categorias de base pode ser um começo, mas não é garantia que chegará ao profissional. Uma análise da história de vida dos atletas permite perceber que ingressaram nos clubes com idades entre 11-12 anos (em média) e avançaram até serem promovidos à categoria profissional (GIGLIO, 2007).

Concretizar o sonho de ser um jogador de futebol profissional é passar por diversas etapas e vencer a maior angústia dos meninos: a incerteza. Na verdade, a única certeza que se tem é que muitos ficarão pelo caminho e talvez eles mesmos. Conseguir jogar por uma equipe grande pode representar a mudança de vida tão esperada ao longo dos anos. Cada vez mais os contratos dos jogadores atingem quantias impensáveis no passado, mas a maioria dos atletas não tem essa oportunidade, já que atuarão por equipes de menor prestígio dentro do cenário futebolístico, o que significa menos renda para o clube e salários bem abaixo dos clubes grandes.

Nessa vida de incerteza, de saída prematura da casa dos pais, do contato com um mundo competitivo, enfim, dos inúmeros desafios que os meninos são colocados à prova desde cedo o suporte para aguentar e seguir em frente no sonho é estabelecido pela família. É ela que funcionará como base do sonho, sem ela, certamente, muitos meninos desistiriam prematuramente diante das dificuldades. O apoio se faz porque é um membro da sua família, um filho que vai tentar a sorte no mundo do futebol e que, no caso das famílias de baixa renda, é ele quem carrega o sonho, não só de ser jogador de futebol, mas o sonho de toda família de mudar de vida. Caso o menino consiga chegar ao profissional, poderá representar a possibilidade de mudança de vida. É preciso frisar que é a possibilidade que move o sonho, pois atuar pelos grandes clubes brasileiros e ganhar salários acima da média dos jogadores restringe-se a uma pequena parcela dos atletas profissionais.

O apoio familiar se faz incondicional, seja nos momentos difíceis ou nos de alegria. Aos que conseguem superar as barreiras encontradas pelo caminho, podem retornar os investimentos da sua família tanto na forma de bens materiais, como na de orgulho. Assim foi retratada uma conversa entre Ademir e seu pai, após uma grande atuação do divino¹⁴:

[Pergunta do repórter] O seu voto para o melhor jogador em campo, que vai ganhar o moto-rádio¹⁵, é para quem?

[Domingos] Pro meu filho, claro! Sabe quem é o meu filho?

[repórter] Sei. É o divino!

[Domingos] Esse, esse. O Ademir, eu vou dizer para tua mamãe que você nos deu uma grande alegria, na exibição que você demonstrou hoje.

[Ademir] Muito obrigado. Eu agradeço as suas palavras e pra mim é uma grande satisfação voltar a ganhar o rádio, isso aí é muito importante na carreira do jogador e ainda mais numa carreira que está terminando.

[Domingos] Terminando nada! Tem futebol para uns mais 2-3 anos.

Como os jogadores, em sua maioria, ingressaram no futebol muito cedo, iniciaram sua trajetória nas categorias de base com 11-12 anos e lá permaneceram até chegar ao profissional, somente sabem fazer uma coisa: jogar futebol. E jogar futebol não é qualquer coisa, representa o sonho que tinham desde criança. É a vida deles, fazem isso desde que se entendem por gente, investiram tempo e dinheiro em um sonho incerto.

[...] O primeiro clube foi o Bangu. Eu fui fazer um treinamento né, com 15 anos, nas equipes amadoras. Então, eu comecei, primeiro ano eu joguei infantil, 57, no segundo ano joguei juvenil, aliás infantil em 58, dois anos como infantil, terceiro ano joguei, em 59, juvenil. Aí nós fomos campeões juvenil e aí tinha o torneio de Nova Iorque em 60, por ter sido campeão o técnico levou quatro jogadores como prêmio e aí eu comecei a já ir para o profissional, ainda que

¹⁴ *Conversas ao pé da bola* (2006), infelizmente o programa não faz referência ao jogo disputado por Ademir.

¹⁵ O moto-rádio era dado, ao final da partida, ao melhor jogador em campo.

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO ÍDOLO A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE ADEMIR DA GUIA

a gente ficava na reserva nesse torneio, mas foi o início. Na realidade como profissional foi assim.

Como tantos outros jogadores, Ademir da Guia passou pelas categorias de base antes de chegar ao profissional. Mas diferente desse ídolo palmeirense, muitos não conseguem vencer essa etapa preliminar. Todo o investimento feito em uma atividade que necessita essencialmente do corpo, traduzidos em tempo, dedicação, abdicção, esforço etc, podem ser perdidos, pois o que os meninos sabem fazer com os pés, além de jogar bola? (DAMO, 2007). Os excluídos do processo serão reconvertidos? (DAMO, 2007; SOUZA et al, 2008).

O ídolo

A palavra ídolo vem do grego, *eidôlon*, e significa imagem. Como não poderia ser diferente, no futebol, o ídolo tem a sua imagem vinculada ao time que defende. A condição de ídolo pode ser passageira, já que sofre um processo de renovação cíclica que colocará outro jogador em seu lugar, mas sua relação com o clube fica na memória dos que o viram jogar e o tinham como ídolo.

O ídolo é o protagonista do espetáculo esportivo, sua presença torna-se imprescindível, afinal, sem ele o jogo “perde a graça”. O ídolo se relacionará com os seus torcedores/fãs e construirá essa condição no cotidiano e pode atingir a condição de herói¹⁶ caso seu time participe de um evento capaz de demarcar muito bem a identidade do clube, tal como fazer um gol em uma final de campeonato (GIGLIO, 2007).

O que define o ídolo são as categorias tempo e espaço. O ídolo é construído dentro de uma lógica de fatos que ocorrem de forma

¹⁶ Isso não é exclusivo do ídolo, pois um jogador desconhecido pode atingir tal status. Mesmo sem ser conhecido por sua torcida, como um caso de um jogador reserva que ainda não estabeleceu uma relação de identidade com o time e com os torcedores, e ao ser colocado à prova consegue responder a altura do chamado (CAMPBELL, 1990) e realiza o feito. Mas para que seja reconhecido como herói, o feito precisa acontecer em uma situação capaz de mitificá-lo, tal como uma final de campeonato. Para ser ídolo precisa estabelecer outros vínculos, como será explicado adiante.

temporal (cronológica¹⁷) que o coloca em condição de ser idolatrado a partir do referencial da história construída no clube. Muitas vezes o atleta carrega o status de ídolo quando se transfere para outra equipe, mas para que continue reverenciado, precisa criar um novo vínculo com o clube e a torcida. Para atingir essa condição não necessita de algum fato especial, só precisa criar o vínculo com os seus fãs.

Sua imagem é construída junto a seus fãs no cotidiano. O trabalho, na visão dos jogadores, é algo essencial para quem, algum dia, alcançou esse status. Por estar vinculado ao dia a dia, a imagem do ídolo pode ser mais duradoura do que a do herói no futebol.

O ídolo passa a compor uma nova condição de vida. Não importa se ela será passageira ou não, o que se vê é uma mudança, pois se tornam figuras públicas e carregam a possibilidade imaginária de vitória de milhares de pessoas. Como Campbell (1990, p. 13) muito bem afirmou: “Você desiste de sua vida pessoal e aceita uma forma socialmente determinada de vida, a serviço da sociedade de que você é membro”. Os ídolos, geralmente vistos como craques, estão a serviço do clã que representam e seu sucesso ou decadência está intimamente ligado ao seu desempenho dentro de campo e aos “bons exemplos” que transmite em sua vida particular.

O ídolo pode sobreviver por muito tempo. Será lembrado por tudo o que fez pelo clube, pelos campeonatos conquistados, pela identi-

¹⁷ Essa construção cronológica precisa também vir carregada de sentido que nos saberes futebolísticos se manifesta por meio dos títulos. Também é preciso ter claro que a construção do tempo se faz de formas diferente em períodos diferentes. Os ídolos recentes do clube, tais como César Sampaio, Edmundo, Evair e Zinho, todos mencionados no site do Palmeiras, ficaram bem menos tempo no clube se comparados ao Ademir da Guia e também atingiram o status de ídolo. Como o futebol faz parte da sociedade (DAMATTA, 1982) ambos estão em constantes transformações. O futebol dos anos 90 e 2000 não é o mesmo daquele que jogou Ademir da Guia nos anos 60 e 70. A lógica naquele momento era manter as raízes com o time permanecendo por muito tempo defendendo as mesmas cores, fato que se modificou no início dos anos 90 e os jogadores de futebol passaram a estar em “trânsito” permanente pelo mundo do futebol. No caso dos jogadores citados, que tiveram menos tempo de vínculo com o clube, esse fato foi suprido com a conquista de títulos, especialmente depois de 16 anos sem conquistar campeonatos (de 1977 a 1993), sendo 1977 a data que coincide com a saída de Ademir do clube. Como se pode observar, novamente, o tempo aparece como elemento essencial para solidificar os jogadores acima mencionados na condição de ídolos palmeirenses, pois todos estavam presentes na final do Campeonato Paulista de 1993 em que o time venceu o Corinthians, seu maior rival.

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO ÍDOLO A PARTIR
DA TRAJETÓRIA DE ADEMIR DA GUIA

ficção com a torcida, pelos jogos inesquecíveis, pelos gols etc. Assim que o ídolo não puder mais sustentar a sua posição, será substituído por outro jogador apto a ocupar o seu lugar. Ademir relembra como foi o jogo contra o Corinthians na final de 1974, que em seu entender e de milhares palmeirenses, foi um jogo inesquecível:

Subimos pé ante pé os degraus que dão acesso ao gramado do Morumbi e, quando concluímos a caminhada, avistamos a multidão. Eram 120 000 pessoas, 70% das quais torciam pelo Corinthians. Pior: todos enlouquecidos para ver o alvinegro campeão. Não há como negar que uma torcida favorável ajuda uma equipe de futebol. Sabíamos e nos preocupávamos com isso. Mas o Palmeiras possuía uma imensa vantagem. Estava muito mais acostumado a participar de decisões. L...l. A vitória contra o Corinthians, a faixa de campeão e tudo o que se passou dentro de campo, no entanto, garantiam: aquele havia sido o melhor de todos os jogos¹⁸.

A imagem do ídolo está intimamente ligada às vitórias de seus times. Caso o time não vá bem nos campeonatos, não há como criar vínculo. Vencer faz com que alguns jogadores se destaquem. Como resultado das vitórias, pelas grandes atuações e maior espaço na mídia, surgem alguns candidatos a ídolo. Seu sucesso, certamente estará intimamente ligado às conquistas, pois não há como estabelecer uma relação de idolatria junto aos torcedores se o time frequentemente aparece entre os piores classificados do campeonato.

A presença do ídolo no futebol pode transcender o clube, tornando-se, em alguns casos, mais importante que o clube. Isso acontece quando os torcedores vão aos jogos motivados não somente para ver o seu time jogar, mas também para ver o ídolo. Sua capacidade de mobilização é imensurável, percebida no som uníssono que sai das arquibancadas. O ídolo desempenha um papel importante na aproximação do clube com o torcedor. É ele quem faz o elo, quem aproxima a massa do espetáculo. Entre as formas que podem assumir essa aproximação uma delas é a idolatria (GIGLIO, 2007).

Tais comportamentos dos ídolos influenciam os que se interessam pelo futebol e têm essas figuras como seus ídolos. Mas será que o

¹⁸ "Para calar o Morumbi". Revista Placar, 1993, p. 19-21.

ídolo influenciou de alguma maneira na decisão de Ademir na tentativa de ser um jogador profissional?

Não. Não. Porque na realidade o que [...], como eu gostava de jogar fui fazer uma tentativa, deu certo e eu continuei. Então, não teve assim influência não. Porque hoje você vê, por exemplo, os meninos que estão começando, eles têm já, eles têm essa condição de ver Ronaldinho, na televisão, jogar pelo Barcelona, o outro Ronaldo pelo Real, então eles têm essa condição de ver tudo isso, né. Na nossa época não tinha essa facilidade. A gente ouvia no rádio assim, ficava muito distante de tudo isso. Hoje já não estou distante.

A admiração e idolatria por algum jogador podem aparecer de formas diferentes. A admiração é uma forma de idolatria, ou seja, admirar é uma maneira de observar atentamente o que faz determinada pessoa.

O ídolo é aquele que realizou feitos que poucos conseguiram. Assim, realizar tais feitos em outra época é como se aproximar do ídolo e renovar o ciclo, afinal, estaria reposta a figura do ídolo. Por isso as narrativas, as entrevistas, as estatísticas e as conversas em torno do futebol são fundamentais para que novos personagens ocupem o lugar dos ídolos do passado.

O ídolo como exemplo é uma das formas de idolatria. A presença do ídolo na infância, quando as crianças ainda não entendem muito bem o que é futebol, representa e reforça a importância dessa figura dentro do processo de formação do imaginário que tem o futebol como um dos pontos-chaves. O ídolo cria o elo entre o torcedor e o time. A imitação também compõe o percurso na busca pela carreira de jogador já que representa o contato com o ídolo distante. Nas brincadeiras, o imaginário¹⁹ estabelece aproximação com o ídolo assumindo o seu lugar e o seu nome. A reposição do ídolo também se faz fundamental dentro do processo.

Muitos que ainda tentam conseguir um espaço no futebol têm os ídolos como espelho para um dia ocupar o seu lugar. Diante da

¹⁹ Tomamos imaginário da forma como Castoriadis (1982) definiu: imaginário e simbólico se relacionam, sendo que o imaginário utiliza o simbólico para existir.

facilidade em acompanhar os campeonatos europeus, inúmeros garotos têm como ídolo atletas que não jogam mais no país e/ou atuam pela seleção brasileira. Essa é uma situação que cresce a cada ano. Hoje, os clubes brasileiros praticamente não têm mais condições de competir com as propostas milionárias dos clubes do exterior. Ter seus ídolos não mais vinculados aos clubes de coração, mas somente à seleção brasileira ou a clubes do exterior, torna-se comum²⁰.

A mídia exerce um papel importante no processo de construção do ídolo. Atualmente, diante de tantas facilidades tecnológicas, a presença dos ídolos está mais constante no meio futebolístico. Como relatou Ademir da Guia, antigamente era somente o rádio desempenhava o papel de aproximar o público do espetáculo esportivo e hoje, a televisão e a internet aparecem como opções para acompanhar os eventos ao vivo. Além, é claro, do rádio, ainda muito utilizado no Brasil.

No período de consolidação do futebol como o principal esporte para os brasileiros o rádio foi um dos pilares. Pelo fato de não ter televisão e pela dificuldade em ir ao estádio, muitas pessoas apenas ouviam os jogos pelo rádio. Nesse período, devido às dificuldades em acompanhar de perto os jogos, os ídolos eram mais distantes. Assim, segundo Ademir, os jogadores da seleção brasileira destacaram-se como ídolos para muitas pessoas após a conquista da primeira Copa do Mundo, em 1958. A figura do ídolo funcionava como uma motivação e objeto de superação, pois como ele mesmo diz, gostaria de superar o ídolo e ser melhor que ele. O mais curioso é que não tinha a ilusão de ser um jogador profissional.

Tinha o Barbosa que era goleiro do Vasco, eu gostava. Tinha o Rubens que era do Vasco e eu gostava. Tinha o Dequinha que era do Flamengo. Mas assim muito distante, porque a gente naquela

²⁰ Esse fato pode ser constatado com a volta do jogador Ronaldo "Fenômeno" ao país, agora para jogar pelo Corinthians. O atleta havia jogado por um clube brasileiro, o Cruzeiro, pela última vez em 1994 e estreou com a camisa de seu novo time em 2009. Nesses 15 anos, os brasileiros somente puderam assistir ao futebol de Ronaldo quando atuou pela seleção brasileira em gramados do país e a maneira como tem sido tratado pela imprensa e pelos torcedores comprovam que mesmo distante geograficamente ele continuou a ser idolatrado inclusive por jogadores que agora jogam ao seu lado.

época não tinha televisão, você ouvia no rádio, era muito difícil a gente poder ir ao estádio. Então, era [...], depois que em 58 veio a Copa do Mundo que ainda era difícil a gente assistir na televisão, aí começou aparecer o Garrincha, aparecer o Didi, o Pelé começou aparecer, então a gente começou a ter esses jogadores como ídolo também.

A reposição do ídolo é cíclica, pois compõe uma das bases de sustentação do espetáculo esportivo. São capazes de levar multidões aos estádios para vê-los jogar. O ídolo compõe o imaginário de uma geração que o substituirá. Aqueles que ficaram para trás no tempo, permanecem restritos a lembranças, falas e fotos daqueles que um dia os viram jogar. As imagens tornam-se escassas e assim são substituídos constantemente. Por isso, não é de se estranhar que Ademir não cite seu pai como sendo seu ídolo. Isso acontece pelo fato dele não ter visto seu pai jogar e, esse fato torna-se fundamental no estabelecimento entre ídolo e torcedor.

Ademir da Guia tem o seu nome escrito na história do Palmeiras, porém para aqueles que não viram esse atleta jogar, fica difícil estabelecer uma relação de troca direta, de idolatria. Esse fato é de fundamental importância para criar a relação entre o ídolo e a torcida²¹. Todo palmeirense, mesmo os que não o viram jogar, certamente ouviram falar dele e sabem de sua importância junto ao clube, mas certamente Ademir não aparece como referência para os torcedores mais jovens, pelo simples fato que esses torcedores nunca o viram jogar ao vivo. Não há dúvidas de que Ademir sempre é destacado, lembrado e colocado como ídolo do Palmeiras, mas em termos de idolatria, nos termos aqui desenvolvidos, que é a influência no sonho e a relação com a torcida o ex-jogador não exerce mais essa função.

Jogadores que conquistam o status de ídolo têm a sua imagem associada a uma série de comodidades, facilidades e de uma vida

²¹ No elenco atual do Palmeiras somente Marcos é visto como ídolo. Um que teria a possibilidade de ter se transformado em ídolo foi o chileno Valdivia, porém ficou pouco tempo no time e logo foi vendido, com isso não conseguiu estabelecer pontos importantes que formam o ídolo: atuar por um número maior de anos pela equipe, ganhar ou disputar títulos. A última promessa foi o atacante Keirrisson que se destacou como o artilheiro da equipe no Campeonato Paulista de 2009 e no início do Campeonato Brasileiro (7ª rodada) foi vendido ao Barcelona. A sua trajetória durou 35 jogos.

privilegiada. Essa visão será solidificada pelo uso que a mídia, em especial, a televisão, faz dos fatos esportivos: a seleção de fatos. Nessa seleção, serão transmitidos recortes da vida do jogador²² e seu foco volta-se principalmente ao espetáculo esportivo, momento em que muitos almejam vivenciar aquela situação, reforçada pela curta duração de uma partida, escondendo o fato de que, por trás dessas imagens, existe uma rotina extenuante de treinamentos e superações.

É comum ouvir nos campos de futebol, principalmente, após um lance em que o atleta não tem o desempenho esperado, inúmeras críticas ao jogador que erra um lance, pois na visão do torcedor como um jogador que “apenas treina” é capaz de errar. O pensamento que está por detrás dessa fala é o de que o atleta só faz aquilo e frequentemente dizem ser muito mais sacrifício ficar oito horas sentado num escritório do que ser um atleta. Assim, a vida do atleta é vista “[...] como uma sucessão de regalias, facilidades, fama e sucesso financeiro” (RUBIO, 2001, p. 175).

Essa é a imagem que as crianças recebem quando entram em contato com os ídolos. Também está presente o fato de a profissão de jogador de futebol compor o imaginário social brasileiro, principalmente das classes sociais menos favorecidas. É lá que o sonho de criança começa a ser cultivado. Os pais estimulam seus filhos a tentar a carreira, pois talvez essa seja a única maneira de mudar a situação financeira da família. Durante as brincadeiras infantis com bola, pelo menos entre os meninos, o futebol ainda mantém-se como preferência. Pode-se notar as repetições de lances e gestos de seus ídolos; dizer o nome de algum craque após a execução de uma jogada ou defesa é muito comum, e essa admiração pelos ídolos é uma forma de se aproximar deles e de se sentir em seu lugar.

A observação e desejo de ser igual ao ídolo funcionam como um ponto principal da interação entre o ídolo e aquele que o idolatra.

²² Na Copa disputada na Alemanha em 2006 aconteceu um fato inédito nas transmissões brasileiras. As emissoras de TV por assinatura, Sportv e Espn-Brasil (ambas especializadas no conteúdo esportivo), transmitiram ao vivo os treinos da seleção brasileira. Foi o máximo da cobertura e exposição que uma seleção jamais recebera. Essa superexposição pode transformar o espetáculo esportivo numa banalidade, pois um treino não tem o mesmo interesse do que uma partida exatamente pelo fato de não haver tensão na disputa, como definiu muito bem Elias e Dunning (1992).

Associado a isso, o ídolo é um exemplo para a sociedade; ou seja, a importância daquele que servirá de modelo para os demais é algo muito valorizado socialmente.

Queria ser melhor [muitos risos]. Ser igual já era muito bom [risos]. Por ter chegado a uma Copa do Mundo já era um sonho muito grande. Mas no início eu não tinha assim aquela convicção que eu ia ser um jogador profissional. Daí fui fazer um teste mais pra: ah vamos fazer? Vamos! Mas não tinha aquela ilusão, aquele negócio de ser profissional.

A admiração aparece como uma das formas da idolatria. O desejo de ser igual aos ídolos é um dos motores do processo de formação dos jogadores. Não que queiram seguir a carreira porque tenham como ídolo tais personagens, mas pelo fato da figura do ídolo ser uma referência durante todo o processo.

Apesar dos inúmeros recortes e imagens que as pessoas recebem diariamente sobre futebol e, em particular dos ídolos, a presença deles no cenário espetacularizado é essencial. A imagem projetada, não pelos jogadores em si, mas por aqueles que reproduzem e transformam o futebol em um fato social, é uma das responsáveis por alimentar o sonho de que os pretendentes poderão um dia ocupar o lugar que hoje é do seu ídolo. Isso gera a reposição necessária para que seja mantido o interesse pelo futebol espetáculo.

Na sociedade contemporânea, o jogador que se destaca e assume o papel de ídolo rapidamente passa por uma exposição da mídia. Os meios de comunicação vão explorar exaustivamente fatos que estão além do contexto futebolístico. Os jogadores que ocupam a condição de ídolo receberão uma atenção especial da mídia não somente em relação ao seu desempenho em campo, mas podem, muitas vezes, ter a sua vida particular, a casa em que mora, os lugares que frequenta, com quem se relaciona etc, transformados em notícias.

Se a palavra ídolo quer dizer imagem, também é preciso entender a imagem do ídolo. Alguns jogadores ao assumirem essa condição e ao olharem para o início da carreira e do sonho de ser atleta, não consideram que tinham algum ídolo, embora mantivessem uma relação de admiração por alguns jogadores. Enquanto outros

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO ÍDOLO A PARTIR
DA TRAJETÓRIA DE ADEMIR DA GUIA

reconhecem que já estiveram na condição de torcedor/fã e idolatravam algum atleta (GIGLIO, 2007). Ser ídolo é estabelecer uma relação com aquele que o idolatra. Ou seja, há um reconhecimento por parte do jogador que ele esteja na condição de ser idolatrado e por parte do torcedor que o idolatra. Será que os atletas conseguem assumir seu papel de ídolo e ter consciência daquilo que representam para inúmeras pessoas?

Eu considero que eu tenha sido um ídolo porque eu joguei num grande clube durante muitos anos. Fui várias vezes campeão e isso [...] ajuda muito. Então, eu acho que é isso que forma um ídolo né. Você estar [...], eu acho que os campeonatos são importantíssimos. Eu acho que o clube te projeta e te dá condição de jogar bem. Então, eu acho que é por aí.

Agora que ocupam o lugar tão sonhado na infância, o de ser jogador de futebol e, no caso de alguns, a condição de ídolo, como será que se autopercebem? Souto revela que pelo fato de:

[...] muitos jogadores declararem não terem cultivado nenhum ídolo ao iniciarem suas carreiras, [...] revela como a auto-percepção de cada um muda aceleradamente quando passa a ter acesso à região de fundo do universo sagrado e começa a se enxergar como um dos membros dessa equipe e a conhecer seus códigos e valores. (SOUTO, 2000, p. 93).

No futebol atual, devido a muitos fatores, os jogadores que se destacam são logo vendidos, geralmente com o objetivo de equilibrar as receitas do clube. No entanto, esse vínculo jogador-clube-torcida é um dos responsáveis por criar ídolos. Defender as cores de um mesmo time durante anos possibilita ao atleta atingir marcas até então nunca conseguidas e essa quebra de recordes faz com que o jogador sempre seja lembrado.

A imagem do ídolo é carregada de uma série de obrigações. Pelo fato de serem admirados, têm como responsabilidade dar o exemplo, afinal, um grande número de pessoas são influenciadas por suas atitudes. Quando algum fã consegue quebrar a barreira da distância e se aproxima do ídolo, a grande ansiedade pode muitas vezes não se traduzir na imagem que possui daquela pessoa. Espera-se que o ídolo dê atenção, afinal, ele é uma pessoa importante na sua vida e você quer que ele saiba ao menos o seu nome.

A falta de atenção ou a pressa em ir embora faz com que se quebre, ao menos em parte, a imagem do ídolo.

Imagem midiaticizada e distante da ideia de que aquele jogador é uma pessoa que tem as mesmas obrigações e deveres que todos os cidadãos. Como os ídolos desempenham um papel importante dentro do processo da construção da paixão do povo pelo futebol, quando algum fã consegue uma aproximação e não é correspondido da forma como imaginava, pode transformá-lo em um jogador como os outros, pois se perde o encanto. Os torcedores não pensam na quantidade de assédio que esses atletas recebem e dos inúmeros compromissos que têm que cumprir para manter a imagem de ídolos, por isso sentem-se preteridos pelos ídolos, afinal, queriam ter uma aproximação mais duradoura com o jogador.

Considerações Finais

Procurei, ao longo desse texto, explorar o conceito de ídolo e como esse conceito pode ser aplicado em casos específicos, como a trajetória de Ademir da Guia. Na busca por essa definição, o conceito de ídolo foi estudado a partir da categoria tempo e, para entendê-la, não estive preocupado com a duração temporal desse status, ou seja, se após encerrar a carreira o jogador ainda mantém essa condição. A categoria tempo foi utilizada para entender o início dessa formação, estabelecida pelo vínculo diário com os torcedores e o time. Quanto mais permanecem no clube, mais chances terão de atingir a condição de ídolo.

As vitórias também são condições importantes para a identificação com algum personagem do meio futebolístico, pois colocam em evidência os melhores jogadores da equipe e abrem caminho para que possam ser idolatrados pela torcida de seu time. Conseguir defender as cores de um time por muitos anos representa o estabelecimento de um vínculo extremamente duradouro.

Os caminhos que os meninos percorrem para serem jogadores profissionais, enfim, de transformarem o sonho de criança em realidade são extremamente difíceis. Inúmeros ficarão pelo caminho, sem grandes perspectivas de reconversão, já que só fizeram

uma única coisa durante os anos em que passaram nas categorias de base: jogaram bola (DAMO, 2007; SOUZA et al., 2008). Como essas categorias se espelham no modelo do futebol profissional, os meninos treinam em dois períodos e estudam à noite (isso quando estudam). Por isso, se forem excluídos, não terão como ingressarem em outra coisa, pois abdicaram até do estudo.

Por isso, a família torna-se o pilar desse sonho. É ela quem incentiva e quem acolherá os meninos que não conseguirem seguir adiante. No caso da família Da Guia, muitos se tornaram jogadores profissionais e apenas dois atingiram a condição de ídolo. Sem dúvida, a presença de Domingos foi de fundamental importância na decisão de Ademir em seguir na carreira e tentar voos maiores que do seu primeiro clube.

Ao longo de 16 anos, Ademir da Guia solidificou sua imagem perante o a torcida e o clube que defendeu. Atualmente, são poucos os atletas que permanecem por mais de dois ou três anos em um clube e um número infinitamente menor consegue atingir mais de uma década à frente do mesmo time. Num país em que os artilheiros e os meio-campistas são reverenciados como os maiores ídolos, hoje, os goleiros vêm ocupando esse espaço. Pelo fato dos times europeus interessarem-se pouco por goleiros brasileiros, resultando na permanência por mais tempo nas equipes brasileiras²³.

Ser jogador profissional é a realização de um sonho de infância e representa a vida desses atletas, pois, como disse, só fizeram isso na vida. Concluo esse texto com a fala de Ademir sobre o que representou para ele ser jogador profissional:

Eu acho que pra mim, pra minha vida, eu até hoje jogo, onde eu vou as pessoas dizem: “Ademir, vamos jogar!!! Mas eu estou com 63 anos, você quer que eu jogue? Você vai jogar porque você joga bem”. E o pior é que eu vou e jogo bem trissosl. Aí eles falam: “você tem que voltar”. Eu acho que o futebol é uma coisa que está em nossa vida.

²³ A contratação de goleiros brasileiros (Julio César, Gomes, Doni, Helton) por times europeus aumentou consideravelmente nos últimos anos, apesar disso, é um número pequeno quando comparado às contratações de jogadores de outras posições.

Referências Bibliográficas

- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO, Arlei. S. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.
- DAOLIO, Jocimar. **Cultura**: Educação Física e Futebol. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIGLIO, Sérgio Setanni. **Futebol**: mitos, ídolos e heróis. 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- MASCARENHAS, Gilmar. Tensões e mudanças recentes na cultura e na gestão do futebol brasileiro: entre a tradicional base local e as forças do mercado. In: GARGANTA, Júlio; OLIVEIRA, José; MURAD, Maurício. **Futebol de muitas cores e sabores**: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo. Porto: Campo das Letras, 2004.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, 2008.
- RUBIO, Katia. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO ÍDOLO A PARTIR
DA TRAJETÓRIA DE ADEMIR DA GUIA

SOUTO, Sergio Monteiro. **Os três tempos do jogo**: anonimato, fama e ostracismo no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Graphia, 2000.

SOUZA, Kleber Mazziero de. **Divino**: a vida e a arte de Ademir da Guia. 2. ed. Rio de Janeiro: Gryphos, 2003.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de et al. Dificil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 85-111, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1987.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

Negros no futebol brasileiro: olhares e experiências de dois treinadores

Marcel Diego Tonini

RESUMO: Fruto de uma pesquisa que procura analisar a questão racial no futebol brasileiro atual, a partir das narrativas orais de alguns negros que atuaram entre 1970 e 2010, este trabalho traz as visões e as experiências de dois treinadores: Lula Pereira e José Carlos Serrão. Valendo-nos do conjunto de procedimentos da história oral, realizamos estas entrevistas, transcriamo-nas e tentamos, neste momento, fazer algumas análises a partir delas. Para tanto, destacamos três temas recorrentes nas narrativas: racismo no Brasil, racismo indelével e racismo “normal”. Ao final, escrevemos breves palavras de como a história oral pode contribuir na reflexão das relações raciais neste país.

PALAVRAS-CHAVE: Negros, Futebol brasileiro, História oral, Treinadores.

ABSTRACT: Result of a research into the racial issue in Brazilian football nowadays, through the oral narratives of some black people who worked between 1970 and 2010, this article presents the views and experiences of two coaches: Lula Pereira and José Carlos Serrão. Using the methodological procedures of oral history, we have done these interviews, have transformed their oral code into written code and now we try to do some analysis from them. This way, we highlight three recurring themes in the narratives: racism in Brazil, indelible racism and “normal” racism. Finally, we write a few words on how oral history can contribute to the discussion of interracial relationships in this country.

KEYWORDS: Black people, Brazilian football, Oral history, Coaches.

Apresentação

Iniciamos este texto pelo título da pesquisa que o gerou: “Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)”. Esperamos com isto trazer elementos que orientem a identificação dos princípios básicos da história oral praticada: de quem, como e por quê. Trata-se, pois, de um projeto de mestrado, cujo grupo de pessoas a ser entrevistado é marcado por negros que atuaram ou atuam no universo do futebol brasileiro entre 1970 e 2010. Esclarecemos, contudo, que não pretendemos cobrir o futebol praticado em todos os estados que compõem o Brasil, nem mesmo em todas as suas regiões. Usamos a expressão “futebol brasileiro” no sentido de identificar esta modalidade esportiva em sua prática profissional e que envolve grandes competições, clubes e personagens, o que poderia ser resumido por “futebol espetacularizado”, nos termos de Damo (2007, p. 42). Além disto, outra ressalva que se faz necessária é dizer que não se trata também de entrevistar todos os negros deste tipo de futebol, mas apenas alguns deles, os quais nos foram indicados por pessoas que conhecem a história da nossa comunidade de destino.

Dito isto, começamos a explicar os procedimentos utilizados. A primeira consideração a ser feita é com relação ao gênero de história oral adotado. A opção pela história oral de vida mostra-se acertada, já que buscamos registrar narrativas de experiência pessoal, as quais constituem o *corpus* documental central da pesquisa. Valorizamos, portanto, o protagonismo e a memória do indivíduo e, com isto, evidenciamos o interesse especial pela subjetividade contida nas narrativas. Isto implica, evidentemente, numa postura ao oralista na condução das entrevistas: ao invés do uso de um questionário, com perguntas sequenciais, objetivas e diretas, ele faz apenas estímulos, ou seja, pequenas interferências que incitem o entrevistado a falar de um determinado assunto (por exemplo: infância, relação com companheiros de trabalho, racismo etc.).¹ Dá-se, desta maneira, ampla liberdade aos colaboradores para

¹ O uso do termo oralista tenta congrega todos aqueles que são adeptos da história oral, sejam eles acadêmicos ou não. Oralista vem a substituir o impróprio termo historiador oral, já que a história oral não é uma prática exclusiva dos historiadores, nem da universidade. Cf. MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 63; e MEIHY, 2005, p. 25.

narrarem as suas histórias de vida cada um ao seu modo, sem perder de vista o tema central motivador da narração (neste projeto: ser negro no universo do futebol brasileiro).² Ainda assim, a história oral de vida deve contemplar alguns aspectos gerais do comportamento social dos colaboradores, tais como: sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos.

Ao subdividir a nossa comunidade de destino (negros do futebol brasileiro) em uma colônia (negros do futebol brasileiro que atuaram ou atuam no universo do futebol brasileiro entre 1970 e 2010) e, por conseguinte, em várias redes de entrevistados (a saber: jogadores, treinadores, árbitros, torcedores, dirigentes, jornalistas e intelectuais), torna-se possível a realização da pesquisa. Antes do início das entrevistas, porém, cabe esclarecer aos colaboradores o projeto, a importância da sua participação, quem os recomendou, alguns dos procedimentos adotados e os destinos das gravações. Ademais, deve-se evidentemente ter o conhecimento prévio da história das pessoas a serem entrevistadas, preparar o material e a pauta para a entrevista, e definir local e tempo de duração da mesma.

Consumadas as entrevistas, vem o momento da transformação do oral para o escrito, que, nesta linha de história oral, segue rigorosamente as etapas da transcrição, da textualização e da transcrição. O objetivo final é a elaboração de um texto claro, expressivo e fluente, no qual se incorpora o dito, o não-dito e, se possível, a performance do colaborador. Sobretudo, neste momento, o caderno de campo, utilizado desde os primeiros contatos com cada um dos entrevistados, mostra o seu papel no conjunto das técnicas adotadas para o registro dos dados das entrevistas e das impressões do oralista. Sendo a ética um dos pressupostos da história oral,

² O uso do termo colaborador pressupõe uma relação de colaboração e de cumplicidade entre entrevistador e entrevistado, ou seja, uma ação de trabalhar junto e uma interação respeitosa e ética desde o primeiro contato até a devolução dos resultados finais da pesquisa. Isto explica a diferença de usá-lo frente a outros termos, tais como: objeto de pesquisa, ator ou agente social, informante e depoente. É impensável, por exemplo, que uma pessoa vista como objeto de pesquisa tenha autonomia para autorizar ou não o texto resultante da entrevista. Até porque, o pesquisador, neste caso, não cogita a hipótese da conferência do texto, da negociação para o seu uso e muito menos da sua validação junto com o entrevistado.

as etapas da conferência do texto estabelecido e da autorização para o seu uso são fundamentais dentro de todo o processo. A entrega da cópia das histórias de vida aos colaboradores é um compromisso assumido com eles e o primeiro passo na tentativa de uma evolução pública da pesquisa desenvolvida.

Após este resumo dos procedimentos utilizados, cabe justificar minimamente a importância de entrevistar negros que atuaram ou atuam no universo futebol brasileiro entre 1970 e 2010. Ao longo da primeira metade do século XX, o futebol colocou-se como um dos poucos espaços da sociedade brasileira abertos à entrada de negros e pobres. É sabido, contudo, que este não foi um processo linear, sem contradições ou mesmo sem conflitos sociais. De todo modo, este esporte abriu-lhes como um campo privilegiado de atuação enquanto jogadores, possibilitando a sua ascensão social. A grande maioria dos estudos acerca do negro no futebol abrange o período que vai desde a introdução deste esporte no Brasil, quando havia uma discriminação explícita, até as primeiras conquistas nacionais em Copas do Mundo, com a presença significativa de vários negros.

Inclusive, Cesar Gordon Júnior (1995, p. 76), um dos autores que trabalha a questão, analisa a Copa de 1970 como “o coroamento do processo descrito por Mário [Filho] como a revanche do preto”. Mas o que este contingente populacional tem a dizer disto? Qual a situação atual dos negros neste esporte? Quais as experiências vividas por eles? Como podemos caracterizar o racismo em nosso futebol? Estas são apenas algumas das perguntas norteadoras desta pesquisa, a qual pode contribuir de maneira significativa para o debate acadêmico através do registro e da análise de histórias, memórias e experiências de negros que atuam não só como jogadores profissionais. É desta maneira que pretendemos analisar a história recente deles no nosso futebol, da década de 1970 aos dias de hoje.

Lula Pereira e José Carlos Serrão

A partir desta apresentação do projeto que vem sendo desenvolvido, esperamos ter fornecido ao leitor um panorama teórico e

metodológico capaz de auxiliar o seu entendimento quanto à condução da pesquisa e das entrevistas. Assim, chegamos ao mote principal deste texto: olhares e experiências de dois treinadores. A seguir, destacamos três temas recorrentes nas narrativas de Lula Pereira e José Carlos Serrão, temas estes que acreditamos marcar a memória coletiva da nossa comunidade de destino. São eles: 1. Racismo no Brasil; 2. Racismo indelével; e 3. Racismo “normal”. Antes disto, porém, faremos breves comentários sobre a biografia dos dois colaboradores e apontamos algumas impressões do caderno de campo referentes a estas entrevistas.

Nascido na cidade de Olinda-PE em 6 de junho de 1956, Luiz Carlos Bezerra Pereira, dentro do estereótipo dos negros no Brasil, vem de família humilde e passou por muitas necessidades na infância e adolescência. Sendo o tio e o pai – que só foi conhecer aos quinze anos de idade – jogadores e treinadores profissionais de futebol, este esporte, seja acompanhando, seja praticando, tornou-se parte do seu cotidiano desde criança. Investiu na posição de zagueiro e profissionalizou-se pelo Sport Clube do Recife em 1972. Encerrou a carreira jogando no Ceará em 1988 e, tão logo, iniciou a de treinador profissional. Desde então, comandou uma série de equipes pelo Brasil todo, com destaque para a passagem pelo Flamengo em 2002. Atualmente, é novamente técnico do Al-Hazm, clube da Arábia Saudita.

Tendo o nome lembrado e sugerido por nada menos do que cinco dos nossos colaboradores, iniciamos o contato com o Lula Pereira em junho de 2008. Contudo, só obtivemos sucesso e marcamos uma entrevista com ele após um ano. Segundo ele, o longo tempo de espera serviu para ver se realmente nós tínhamos interesse em entrevistá-lo e o quão importante era o seu relato. Durante o encontro, realizado em Fortaleza no dia 15 de julho de 2009, ele extravasou, com sua voz grossa e a sua personalidade forte, todo o seu ressentimento pelo fato de não ter tido grandes oportunidades no futebol por ser negro. Escancarou, pois, como se dá o racismo em nosso futebol e país.

No momento da conferência, enfrentamos certa dificuldade. Como está na Arábia Saudita, onde o acesso à internet é contro-

lado pelo governo estatal, quem mediou o contato com o Lula foi o seu filho que vive no Brasil. Uma série de cortes foram feitos no primeiro texto entregue em virtude de eles acreditarem que alguns trechos narrados poderiam comprometer o futuro da carreira como treinador. Negociamos a forma como os mesmos poderiam ser publicados e, enfim, o texto final foi autorizado em 24 de março de 2010.

De origem pobre, José Carlos Serrão, paulistano nascido em 12 de outubro de 1950, assim como a maioria dos nossos entrevistados, também teve que trabalhar na infância e adolescência para ajudar a renda familiar e, ao mesmo tempo, poder custear o transporte ou a alimentação no período em que não era jogador profissional de futebol. Assim, Zé Carlos trabalhou como engraxate, flanelinha e carregador de sacolas em feiras livres. Enquanto atleta, iniciou profissionalmente em 1969 no São Paulo Futebol Clube e interrompeu precocemente a carreira, devido a fortes dores no joelho, no ano de 1980. Não demorou muito e ele foi convidado para integrar a comissão técnica do São Paulo, por onde permaneceu por mais sete anos. Depois, comandou inúmeras equipes, principalmente no interior paulista, e ficou mais conhecido por Serrão. Atualmente, treina a equipe do Mogi Mirim.

Sendo a nós indicado pelo Lula Pereira, Serrão foi bastante rápido na marcação da entrevista. Em 24 de julho de 2009, na cidade de Sertãozinho, ele narrou a sua história de vida de maneira objetiva, após termos feito considerações sobre a nossa pesquisa. De fala mansa e de maneira serena, ele contou a sua vida cronologicamente, pontuou alguns casos de racismo enfrentados e reforçou, ao final, a importância do trabalho como um valor moral para a superação das dificuldades. A entrevista foi autorizada para publicação em 5 de abril de 2010.

Ao elaborarmos uma síntese das carreiras profissionais dos dois colaboradores e ao informarmos algumas notas relevantes do caderno de campo, o nosso intuito é possibilitar ao leitor uma visão ampla que ajude na compreensão dos trechos a seguir. Primeiramente, apresentamos os temas recorrentes nas duas narrativas coletadas e, na sequência, esboçamos alguns breves comentários.

Temas recorrentes

Racismo no Brasil

Lula Pereira

Se a gente perguntar a qualquer brasileiro:

— Você é preconceituoso, você é racista?

— Não!

No entanto, ele não deixa a filha branca dele casar com negro... Infelizmente, é uma grande verdade. Já tive algumas oportunidades de [...] colocar aquilo que eu penso, vejo, o que já senti, vivi e vivo pra quem não viveu e não carrega consigo o problema. Afinal, de uma certa forma, a gente traz na cor da epiderme, né?!... Há um processo muito sutil de eliminação da raça negra... Só que ninguém assume. Essa é a grande verdade. [...] Até eu, que não participo de nenhum movimento Inegrol, já sofri na pele por diversas vezes! Tive empresários que falaram assim pra mim:

— Olha, o presidente do clube disse que você é o cara, mas infelizmente é negro.

Isso não me causou nenhum... remorso ou trauma. Até achei legal porque eles foram objetivos e diretos. Pior é quando não é! Esse é o grande problema nosso! Ninguém carrega na testa: "gosto de negro" ou "não gosto". Se carregasse, a gente evitaria o aborrecimento, o constrangimento... É lógico que, lá dentro do meu coração, a gente diz:

— Poxa, não era pra ser assim.

O homem deveria ter as oportunidades pela sua competência, independentemente da cor... Mas, o que a gente vê no Brasil... [...] Na verdade, ninguém é melhor do que ninguém pela cor, não é? [...] Uma das coisas que falo é que o negro, quando subalterno, é bem aceito... Até porque, ele se esmera pra fazer tudo melhor que o branco e merecer a oportunidade... Mas, pra chegar a nível de comando, a coisa pega. Aí, é seríssimo!

José Carlos Serrão

Tenho uma minha filha morena, de cabelo liso feito índia. Não faz muito tempo, ela tava aguardando trazerem o carro dela no estacionamento do Mackenzie, em São Paulo, onde faz faculdade

graças a Deus. Enquanto esperava, o manobrista fez a entrega de uma chave a uma negra. Essa mulher teve dificuldade pra sair com o carro e ele, branco, deu risada. Quando a moça conseguiu e passou pelo manobrista, ele falou pra minha filha:

— Putz, só podia ser negro mesmo! Pô! Você viu a dificuldade daquela mulher pra tirar o carro?

A minha filha esculhambou com ele:

— O senhor não deve falar isso porque o meu pai é negro. O senhor tá usando do preconceito!...

Sei que ela falou um monte pro manobrista e ele não sabia onde enfiar a cara... A minha ex-esposa é loira dos olhos azuis. Essa minha filha é clara e também tem olhos azuis. Se saio com ela, ninguém pode imaginar que é a minha filha, né? Só quando conversa comigo, me chamando de pai. Na maioria das vezes, as pessoas se assustam. Isso é normal! O racismo no Brasil é normal. Até hoje, tem preconceito. Dizer que não existe é mentira. Então, o racismo aqui é embutido, vamos dizer assim. Afinal, são poucas pessoas que discutem sobre isso... Tudo isso me magoa muito. Poxa vida! Deveriam ser todos irmãos, né?!...

Da forma como Lula Pereira inicia o trecho selecionado, remete-nos imediatamente aos escritos de Lilia Moritz Schwarcz (2001), nos quais a autora analisa alguns resultados de pesquisas que tinham por objetivo entender de que maneira os brasileiros definiam o racismo vigente no Brasil. Os números apresentados por ela sempre mostram porcentagens altas tanto na afirmação da existência de tal fenômeno neste país quanto na identificação do mesmo em outrem e não em si próprio. Isso leva Schwarcz (2001, p. 77) a concluir que “ninguém nega que exista racismo no Brasil, mas ele é sempre um atributo do ‘outro’”. Para completar a semelhança entre o que foi narrado por Lula com as conclusões da autora, lembramos que ela ainda observou que, tendo em vista a história da nossa sociedade, o racismo brasileiro afirma-se basicamente de forma privada. Daí, a não aceitação do vínculo conjugal entre brancos e negros por parte de muitas famílias brancas.

Na sequência, Lula Pereira relaciona diretamente ser negro com vivenciar experiências discriminatórias e, portanto, com algo negativo, afirmando haver neste país “um processo muito sutil de

eliminação da raça negra”. Para tanto, o colaborador exemplifica com um caso pessoal de discriminação sofrida no futebol, apesar de ele ter, na opinião do presidente de algum clube que ele não quis citar, capacidade para ocupar o cargo de treinador. Para a nossa surpresa, disse não ter se ressentido contra a franqueza dos empresários que lhe expuseram tal situação. Afinal, nas palavras de Lula: “Até achei legal porque eles foram objetivos e diretos. Pior é quando não é!”. Ou seja, ele prefere um brasileiro que não mascara o racismo àquele que discrimina veladamente, sem que o negro ofendido perceba.

Ao ouvir a sua experiência e a sua opinião sobre o ocorrido, refletimos: onde está a “cordialidade” tão apregoada ao nosso racismo? O futebol é, pois, uma área leve das relações raciais no Brasil, onde brancos e negros convivem num clima relativamente livre de tensões raciais, tal como o caracterizaram Helal e Gordon Júnior (1999, p. 16)? Afinal, os empresários não foram nem um pouco sutis e nem dissimuladores. Essa desagradável experiência também foi vivida por José Carlos Serrão, embora não a tenhamos exposto neste texto. O que nos leva a perguntar novamente: não vivemos em uma “democracia racial”, tal como defendiam tantos intelectuais brasileiros e brasilianistas nas décadas de 1950 e 1960?³

Ao final, Lula Pereira disse que a cor da pele não deveria ser um dos critérios para que as pessoas tivessem ou não oportunidades no mercado de trabalho. Aliás, esta é uma das áreas sociais em que o racismo se mostra mais aparente, tal como demonstram pesquisas consagradas (FERNANDES, 2008; HASENBALG, 2005; SANTOS, SILVA, 2005). Além disso, o treinador revela alguns comportamentos esperados pelos brancos em relação aos negros: subalternidade, submissão e subserviência. Algo que é explicado, evidentemente, pelo nosso passado escravocrata e, consequentemente, por haver uma ligação direta entre determinadas funções sociais de baixa valorização com a imagem do negro.⁴

³ Citamos alguns deles: Donald Pierson, Charles Wagley, Marvin Harris, Thales de Azevedo (num primeiro momento), René Ribeiro, Gilberto Freyre, entre outros. Para maiores explicações, ver: Maio (1999) e Guimarães (2005).

⁴ De acordo com Immanuel Wallerstein, o conceito de raça está ligado à divisão axial do trabalho. Cf. D'ADESKY, 2005, p. 134.

A chave racial para a suposta explicação de qualquer problema ou situação cotidiana na sociedade brasileira é muito comum, como vemos no caso narrado por José Carlos Serrão – é neste sentido que imaginamos que ele tenha usado a palavra “embutido”, como sinônimo de introjetado. Ainda mais quando o agressor supõe ter encontrado um interlocutor não negro com pensamentos racistas semelhantes. Se o interlocutor congrega com o que o agressor falou, o racismo aqui praticado enquadra-se em sua principal característica sempre apontada: ser velado, dissimulado. Caso contrário, há um acirramento das tensões raciais e o nosso racismo é revelado socialmente.

Se falar sobre este fenômeno social já é algo indigesto para tantos brasileiros e intelectuais, quanto mais falar em raças sociais – na acepção definida por Guimarães (2002) –, sobretudo em termos dicotômicos: negros e brancos.⁵ Afinal, mesmo após inúmeros estudos terem desmentido o mito da democracia racial no Brasil, muitos advogam em favor dela e acreditam haver relações raciais harmoniosas em algumas áreas sociais, principalmente no esporte e na música, em geral, ou no futebol e no samba, especificamente.

O próprio José Carlos Serrão relatou: “são poucas pessoas que discutem isso”. Talvez, nem sejam tão poucas pessoas como ele pensa, mas é certo que este é um assunto tabu, que, quando mencionado, sempre causa incômodo. Não seria o nosso colaborador que encobriria a existência do racismo, ainda mais por saber que nós o procuramos exatamente para ele nos contar as suas experiências enquanto negro na vida e no futebol. Ao contrário, apesar de lamentar, este colaborador afirma: “O racismo no Brasil é normal. Até hoje, tem preconceito. Dizer que não existe é mentira. Então, o racismo aqui é embutido, vamos dizer assim.”. Ao nosso entender, ele diz “normal” no sentido de ser corriqueiro, cotidiano.

⁵ Citemos alguns exemplos: Peter Fry (2005), Ali Kamel (2006), José Miguel Wisnik (2008) e Demétrio Magnoli (2009).

Racismo indelével

Lula Pereira

Agora, há um fato difícil de ser diluído: como é que nós, com tantos jogadores negros, não temos treinadores negros? Nas escolinhas juvenis, até temos um ou outro, mas não a nível profissional... Essa é uma realidade. Se você fizer um levantamento hoje, na Série B e na Série A não tem nenhum negro trabalhando! Quando eu digo "negro" é igual a mim ou um pouquinho até mais. Afinal, tem muito mulato por aí. Por exemplo, o Luxemburgo é negro? Não é negro. Joel Santana é negro? Não é. Celso Roth é negro? Não é. E o Serrão? Também não. Negro sou eu: Lula Pereira. Aí, te pergunto: cadê um outro?... Até pra te dá como base. CADÊ OUTRO?... Não tem! A gente tem nas divisões de base, mas não tem no nível profissional. Nas Séries A e B, nós temos 40 clubes! E, mesmo assim, não tem nenhum negro. O que poderia estar trabalhando era eu se tivesse aceitado a proposta do Campinense... E se você for pra Série C, também não tem!... Por isso que eu te falo do processo sutil de eliminação... Será que nós não temos num país tão grande ex-atletas negros com capacidade de ser treinador? [...] Então, me estranha: como que nós não temos num país de alta miscigenação meus irmãos de raça galgando a condição de treinador de futebol? Não vejo no basquete, não vejo no vôlei, não vejo no futsal... Não vejo e nunca vi... E olha que assisto de tudo. Onde tem esporte, estou antenado...

José Carlos Serrão

Até que, em 81, o Poy me chamou pra trabalhar no São Paulo. Após três meses na equipe júnior, ele me puxou pro profissional. Fiquei lá de 81 até 87. Quando saiu o Cilinho, fui efetivado como técnico do clube pelo Juvenal Juvêncio, que hoje é presidente e meu amigo. Trabalhei nessa posição durante uns dez meses e não tive problema nenhum, não. Tanto é que fui técnico do time profissional do São Paulo mesmo sendo de cor! Mas, dentro dessa sua proposta de entrevista, há racismo, sim, no futebol. Se formos procurar negros como treinador, a gente não acha. Afinal, o jogador negro até se educa a não ser treinador de futebol porque sabe que a carreira pode ser curta, né? Nós temos excelentes jogadores aqui no Brasil e a maioria é de negros. Só que eles não se tornam treinadores. Salvo raríssimas exceções, isso acontece no norte, nordeste. Aqui, nas regiões sul e sudeste, tem poucos. Eu conheço o Edmilson de Jesus... Não me lembro de outro... Ah, tem o Lula,

que trabalhou aqui e tá lá em Fortaleza agora. Tem eu também... Não tem! Se procurar mesmo, não tem.

Outro dia, tava falando com o meu auxiliar sobre essa entrevista que você vinha fazer comigo aqui e ele disse:

— Pô, Serrão, é mesmo! Sabe que eu nunca reparei isso?

Porque as pessoas se acostumam a não ver negros nessas posições.

Neste tópico, chega-se às rebarbas do racismo no futebol brasileiro, a um lugar em que a quase inexistência de negros não permite negar a sua realidade. Afinal, como os nossos dois colaboradores também se questionaram, onde estão os treinadores negros? Ainda mais por sabermos que a grande maioria dos treinadores no Brasil é composta por ex-atletas profissionais, os quais, por sua vez, são em grande parte negros. Tendo em vista o nosso passado escravocrata, o antropólogo Arlei Sander Damo (2008, p. 1) foi, ao nosso ver, preciso ao buscar responder a questão acima mencionada:

É pelo fato de que a função de treinador é considerada própria àqueles vocacionados por natureza a mandarem em outros, que os negros são alijados da concorrência ao cargo. Na perspectiva do status quo, compete-lhes a obediência, e isso não combina com as exigências em relação a um treinador, homem que se faz respeitar por outros homens. (DAMO, 2008, p. 9).

Estes são, pois, os parâmetros simbólicos que continuam distanciando os negros de cargos de comando, ao mesmo tempo em que os condena à posição de comandado, às atividades que demandam poucas habilidades intelectuais. Como José Carlos Serrão relatou: “o jogador negro até se educa a não ser treinador de futebol porque sabe que a carreira pode ser curta”. Para Damo (2008, p. 1), os negros são desencorajados a investirem nessa carreira, o que é consequência da reprodução de “uma forma de discriminação racial branda” em nosso futebol.

Dessa maneira, podemos entender o porquê de os dois entrevistados não conseguirem citar sequer dez nomes de treinadores negros de futebol que trabalham em clubes que disputam as principais competições nacionais, e, além disso, o porquê de esta ser

uma realidade também presente nos outros esportes praticados neste país, como bem reparou e se indignou Lula Pereira. José Carlos Serrão ainda disse que o “processo sutil de eliminação”, para usarmos os termos de Lula, acontece em todo o país, sobretudo nas regiões sul e sudeste.

Talvez, alguns elementos que expliquem tal fenômeno sejam: a maior tradição dos clubes destas regiões que disputam os campeonatos mais prestigiados; maior investimento financeiro; maior cobrança por parte dos dirigentes, dos patrocinadores, das torcidas e da imprensa esportiva; e, conseqüentemente, menor espaço para falta de resultados e para treinadores iniciantes ou com pouca experiência na profissão. E nós sabemos que os poucos negros que rompem essa barreira geralmente comandam equipes de menor expressão. Assim, como podem ter oportunidades nos principais clubes brasileiros? Com isso, a tese do “desencorajamento” aparenta-se convincente. Ademais, qual grande agremiação que deseja ter negros lhe representando publicamente? Levando tudo isso em consideração, a frase final de José Carlos Serrão ganha todo o sentido: “as pessoas se acostumam a não ver negros nessas posições”.

Ainda sobre os dois trechos trazidos, gostaríamos de fazer duas observações. A primeira diz respeito à classificação racial no Brasil. Não há dúvida que a mesma se baseia tanto em um cientificismo biológico quanto em características fenotípicas e critérios subjetivos, ideológicos e de *status* social.⁶ Percebemos, assim, a razão de Lula Pereira ter feito questão de diferenciar “mulato” de “negro”: “Quando eu digo ‘negro’ é igual a mim ou um pouquinho até mais.”, tomando como critério de classificação a cor da pele.

O segundo ponto remete ao início da fala de José Carlos Serrão, momento em que ele narra o início da sua carreira como treinador profissional de futebol após um longo período na comissão técnica do São Paulo Futebol Clube. Ressaltemos que, em sete anos de clube, Serrão comandou o quadro principal por apenas dez meses. Não queremos, com isso, diminuir o mérito dele em exercer tal

⁶ Cf. ANDREWS, 1998, apêndice b; SCHWARCZ, 2001, capítulo 4; e D’ADESKY, 2005, capítulo 7.

cargo de tanta importância em um dos maiores clubes do país. É evidente que há um processo de aprendizado até se tornar um treinador profissional de futebol, mas a experiência de Serrão lembra, sob o nosso ponto de vista, a de Jorge Luís Andrade da Silva, atual técnico do Clube de Regatas do Flamengo.

Além de negros, é claro, ambos foram jogadores com passagens vitoriosas nas respectivas agremiações e, depois de um longo período enquanto membros da comissão técnica, foram testados como treinadores interinos até serem efetivados. Se em curto espaço de tempo os resultados esperados não vêm, ou técnicos iniciantes como eles voltam à condição de membro da comissão técnica ou são demitidos e dão continuidade à carreira em outros clubes. Embora este seja um processo pelo qual passam todos os interinos, independente da cor da pele, não teriam os negros um tempo menor para mostrarem a qualidade do seu trabalho no comando de um grande clube? Tal como em outras áreas profissionais, será que os poucos treinadores negros também não teriam uma remuneração menor em comparação com a dos brancos nessa posição?⁷

Sendo ou não especulações sem comprovação, o fato é que José Carlos Serrão exclamou com orgulho: “Tanto é que fui técnico do time profissional do São Paulo mesmo sendo de cor!”. Além de exaltar a sua conquista, dá a entender que ser negro significa uma barreira para se ocupar um cargo de tamanho prestígio como esse e que há, além de um racismo velado nos grandes clubes, um racismo difuso e consensual. Afinal, parece que ser treinador negro em um clube como o São Paulo é um feito inacreditável. Aliás, depois de Serrão, qual outro negro comandou esta importante agremiação?

⁷ Sobre diferenças salariais entre brancos e negros no mercado de trabalho, ver: ANDREWS, 1998, capítulo 6, e HASENBALG, 2005, capítulo 7. No entanto, se os salários dos treinadores negros no Brasil acompanharem o dos jogadores negros do Rio de Janeiro, conforme pesquisa de José Jairo Vieira (2003, p. 230), é provável que esta hipótese não seja tão especulativa assim.

Racismo “normal”

Lula Pereira

Sem dúvida nenhuma, há diferenças em se trabalhar em cada um desses estados. Em Santa Catarina, por exemplo, trabalhei no Figueirense, no Criciúma e no Avaí. Mas, não tive lá nenhum problema por ser negro. Se tive... tive aquilo que é normal, ou seja, do torcedor falar:

— Negro isso, negro aquilo...

Isso acontece na maioria dos estádios brasileiros... Na verdade, esse tipo de atitude não é normal porque, quando uma pessoa está me chamando de “negro”, é no sentido pejorativo, com a intenção de me rebaixar. Tá entendendo? Lógico que não gosto. Se disser pra ti que gosto, estou mentindo. Mas, esse tipo de situação não me tira o controle daquilo que eu tenho a realizar... Também nunca quis levar isso pra frente. Você já pensou se, em cada lugar que fui trabalhar e que o torcedor tivesse me xingado de “negro isso” ou “negro aquilo”, eu tivesse comprado briga?... Ha ha ha... Aí, os caras não me contratariam mais... Eles iam falar assim:

— Não traz esse cara, não, porque ele só dá trabalho!

Que engraçado!... Todo mundo tem receio porque sabe que, se falar, eles vão achar ruim... Eu sei que o torcedor é movido pela emoção e que ele se transforma quando está na arquibancada. E seja de que classe social for!... Já aconteceu uma vez de partir da minha própria torcida:

— Vá emboooora negro isso! Vá emboooora negro aquilo!

Note. Eles não disseram:

— Vá embora treinador!

Não. Disseram:

— Vá embora negro!

Como que posso gostar disso?... Todo mundo escuta e todo mundo silencia. Ninguém quer botar o dedo nesse “vulcão”, não. Esse “vulcão” tá adormecido. Tá tudo bom como está pra todo mundo vírgula! Tá bom pra quem está em cima, mas, pra quem sofre as consequências, não tá bom. Não tá! A gente sabe que não tá. Só que, se a gente abrir a boca, quem vai ouvir? Quem vai tomar uma atitude? Quem já foi punido por isso?... Me aponte... Não vejo... Que

nada! Vai pra baixo do tapete. Se vai na polícia, eles viram pra gente e falam:

— Volte daqui dois meses.

E ninguém fala, ninguém viu, ninguém sabe... É esse o grande problema.

José Carlos Serrão

Ofensas, a gente ouve na rua. Se tô dirigindo o meu carro e dou uma fechada numa mulher burguesinha ou patricinha, ela já me xinga de “negro” e essas coisas todas. Entendeu? Se a gente for dar ouvido a tudo que ouço na rua, vou pra cadeia toda hora! A polícia vai ter que ter um monte de sulfite pra fazer B.O.! E nós pra anotar a placa. Que nada, pô! Finge que não ouve muitas coisas, né?! Lógico, desaforo, eu não vou levar pra casa, mas dá pra conviver naturalmente com isso aí. Até porque, também temos negros fortes no Brasil e que têm capacidade pra uma porção de coisas... Só que, também, quando temos um negro como prefeito, ele faz a maior cagada! Você viu aquele Pitta? A gente torcendo pro cara ir bem e ele faz a maior sujeira. Porra! Aí, só suja a raça! Já existe um preconceito do caramba e o cara entra e faz o pior papel. Aí, é difícil, pô! Nós também somos culpados por não termos tantas chances...

Ambos os colaboradores ironizam quando falam em registrar na polícia as discriminações raciais sofridas no dia a dia, uma vez que passam por tais experiências de maneira tão costumeira que acabam, de certo modo, achando “normal”. Não no sentido de que concordem com as ofensas recebidas, mas no sentido de elas serem comuns, habituais na relação interracial. Lula Pereira sugere que a polícia brasileira não toma “atitude” e nem dá a atenção devida para tais casos. Já José Carlos Serrão diz que seria necessário “um monte de sulfite pra fazer B.O.! E nós pra anotar a placa.”, indicando que são frequentes insultos raciais no trânsito. Em pesquisa realizada junto à Delegacia de Crimes Raciais de São Paulo, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2004, p. 66) conclui que, no período de 1993 a 1997, “havia uma tendência de a autoridade policial sobre-representar os casos de crime contra a honra, recusando-se, assim, a verificar o crime de discriminação racial”, corroborando, pois, os relatos dos nossos entrevistados.

Outra observação relevante contida neste estudo de Guimarães indica que é provável que a população negra de maior *status* social e econômico procure menos a Delegacia de Crimes Raciais. Tendo isto em mente e levando em consideração, entre outros fatores, o enquadramento de Lula Pereira e José Carlos Serrão dentro da população referida – uma vez que atuaram como jogadores e atuam como treinadores em pequenos, médios e grandes clubes do “futebol espetacularizado” – e o medo de represália em caso de denúncia da discriminação racial sofrida – como veremos a seguir –, podemos compreender melhor a convivência “natural” com os insultos raciais, conforme narrou Serrão: “Finge que não ouve muitas coisas, né?! Lógico, desaforo, eu não vou levar pra casa, mas dá pra conviver naturalmente com isso aí.”.

No trecho destacado, Lula Pereira ainda revela que há um código tácito de comportamento para os treinadores, o que supomos que sirva também aos jogadores profissionais. Segundo ele, não é desejado pelos dirigentes que os seus subordinados “comprem briga”, “deem trabalho” ou mesmo, como imaginamos, “criem polêmica” e “chamem a atenção da mídia” para este tipo de questão. Agir dessa maneira levaria os mandatários dos clubes a não os contratarem mais. Em virtude disso, como o entrevistado narrou: “Todo mundo tem receio porque sabe que, se falar, eles vão achar ruim...”. O receio parece ser tamanho que nem mesmo o colaborador pronunciou a palavra “dirigente”, preferindo substituí-la por “caras” ou “eles” e ocultando o sujeito da ação, sujeito este que é o seu empregador.

Embora Lula tenha a noção de que “torcedor é movido pela emoção”, independente da sua classe social, não se engana quanto aos insultos raciais proferidos até mesmo por integrantes da torcida de clubes em que trabalhou: “Já aconteceu uma vez de partir da minha própria torcida: ‘Vá emboooora negro isso! Vá emboooora negro aquilo!’ Note. Eles não disseram: ‘Vá embora treinador!’ Não. Disseram: ‘Vá embora negro!’”. Esta fala lembra uma das principais características da discriminação neste país citada por Guimarães (2004, p. 68): “trata-se principalmente da utilização do racismo para manter uma hierarquia entre brancos e negros (de classe e *status* social) já dada e aceita como natural”.

Ao final, Lula Pereira denuncia: “Todo mundo escuta e todo mundo silencia. Ninguém quer botar o dedo nesse ‘vulcão’, não.”. Ou seja, compara a questão racial mal resolvida no Brasil a um vulcão. Ao modo como fala, parece se tratar mais de um vulcão adormecido do que um vulcão prestes a explodir. De todo modo, afirma haver um silenciamento a respeito, tal como já havia indicado José Carlos Serrão quando se reportou ao racismo neste país. Afinal, pra que promover tal discussão se muitos brasileiros ainda acreditam que vivemos em uma “democracia racial”?

Por sua vez, Serrão, ao mesmo tempo em que diz sobre a capacidade dos negros, contradiz-se ao lembrar-se de uma grande oportunidade mal aproveitada por um negro, referindo-se ao ex-prefeito da cidade de São Paulo, Celso Roberto Pitta do Nascimento, que teve seu nome ligado a uma série de denúncias: corrupção passiva, evasão de divisas, lavagem de dinheiro, formação de quadrilha e organização criminosa. Na visão de Serrão, negros envolvidos em escândalos como esses “só sujaram a raça” e não contribuem em nada para a diminuição do forte “preconceito” existente. Usando Celso Pitta como exemplo, ele sentencia: “Nós também somos culpados por não termos tantas chances...”. Responsabilizar os próprios negros pela falta de oportunidades é uma justificativa comum em nossa sociedade, até mesmo pelos negros, que acabam, por vezes, assimilando este discurso racista. A respeito disso, Joel Rufino dos Santos escreveu o seguinte:

Pelo menos uma dessas novas expressões parece invenção brasileira: “complexo de cor”. Seria uma espécie de complexo de inferioridade dos não-brancos diante da vida: ela dava oportunidade a todos que tivessem força de vontade, mas os não-brancos tinham um inexplicável medo de tentar; largassem o medo e tentasse, estudando, trabalhando firme, cumprindo as regras sociais... Acabariam premiados. A invenção deste “complexo de cor” teve um objetivo: jogar em cima dos não-brancos a culpa das suas dificuldades. *Você não vence porque tem complexo de cor. A sociedade brasileira não é absolutamente racista.* (SANTOS, 2005, p. 56, grifos do autor).

Considerações finais

A partir do destaque de alguns dos temas presentes nas histórias de vida de Lula Pereira e José Carlos Serrão, procuramos trazer ao leitor olhares e experiências de dois negros que atuam no futebol brasileiro desde a década de 1970, explorando, quando possível, as convergências e as divergências de pontos de vista. Apesar de os nossos comentários sobre cada um dos tópicos assinalados serem ainda preliminares, tentamos elaborar algumas análises e reflexões sobre as relações raciais no Brasil, usando, para tanto, uma bibliografia consagrada.

Certamente, grande parte da riqueza da história oral está justamente em possibilitar o registro de histórias e memórias de pessoas comuns (como por exemplo: mulheres, refugiados, imigrantes e negros), as quais por muito tempo não tiveram seus discursos contemplados pela historiografia, sendo, pois, esquecidos ou silenciados. Ao ouvir, dar atenção, validar, tomar nota e permitir a análise de pensamentos, sentimentos e experiências dos entrevistados, a história oral abre-se como um canal de denúncias e demandas públicas. Dá, também, acesso a um conjunto de elementos objetivos e, sobretudo, subjetivos (opiniões, imprecisões, omissões, mentiras, intenções, sonhos, silêncios, etc.) que não é encontrado nas fontes tradicionais de pesquisa. Neste sentido, a história de vida apresenta-se como um instrumento privilegiado e possibilita-nos uma compreensão subjetiva de um determinado processo histórico à luz dos seus próprios sujeitos. Este é o caminho que estamos trilhando.

Referências Bibliográficas

- ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo, (1888-1988)**. Bauru: EDUSC, 1998.
- D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multi-culturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- DAMO, Arlei Sander. Os racismos no esporte. In: GOMBERG, Estélio; MANDARINO, Ana Cristina de Souza (Org.). **Racismos**. Salvador: EDUFBA, 2008. (no prelo).

_____. **Do dom à profissão:** formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral:** memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** 5. ed. São Paulo: Global, 2008. 2 v.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRY, Peter. **A persistência da raça.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GORDON JÚNIOR, Cesar. “Eu já fui preto e sei o que é isso”: história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, Eduerj, n. 3/4, p. 65-78, 1996. Futebol: síntese da vida brasileira.

_____. História social dos negros no futebol brasileiro: primeiro tempo: “essa maravilhosa obra de arte fruto da mistura”. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, Eduerj, n. 2, p. 71-90, 1995. Futebol e cultura brasileira.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2005.

_____. **Preconceito e discriminação.** São Paulo: Ed. 34, 2004.

_____. **Classes, raças e democracia.** São Paulo: Ed. 34, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HELAL, Ronaldo; GORDON JÚNIOR, César. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 23, 1999.

KAMEL, Ali. **Não somos racistas**: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de sangue**: história do pensamento racial. São Paulo: Contexto, 2009.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141-158, out. 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 3-15, 1999.

SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira da (Org.). **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI. São Paulo: Ed. da Fundação Perseu Abramo, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, n. 42-43, p. 221-244, jan./jul. 2003.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Entrevistas

Lula Pereira. Ex-atleta profissional e treinador de futebol. Entrevista realizada em 15 de julho de 2009, Fortaleza-CE.

José Carlos Serrão. Ex-atleta profissional e treinador de futebol. Entrevista realizada em 24 de julho de 2009, Setãozinho-SP.

Sobre “quem participa do rateio”: duas trajetórias futebolísticas

Enrico Spaggiari

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar as trajetórias futebolísticas de dois atores ligados ao ensino e aprendizado de futebol em um bairro periférico de São Paulo. Por meio das trajetórias destes atores e das redes de relações ativadas por eles, problematizarei etnograficamente o uso da dicotomia amadorismo e profissionalismo dentro do campo de estudos sobre esporte nas ciências humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Amadorismo, Profissionalismo, Trajetórias.

ABSTRACT: This article aims to analyze the football trajectories of two actors linked to teaching and learning football in a football school in a peripheral district of São Paulo. Through the trajectories of these actors and networks of relationships activated by then, problematize ethnographically the use of the dichotomy of amateurism and professionalism within the field of sports studies in the humanities.

KEYWORDS: Football, Amateurism, Professionalism, Trajectories.

Introdução

Este artigo tem como base a pesquisa de mestrado desenvolvida entre 2007 e 2009,¹ cujo objetivo principal foi investigar o ensino e aprendizado da prática futebolística para crianças e jovens de alguns bairros da Zona Leste de São Paulo. Marcada, inicialmente, pela observação na escolinha de futebol do CDM (Clube Desportivo Municipal) Cidade Líder, na Zona Leste paulistana, a pesquisa posteriormente ganhou uma amplitude de atores, experiências, trajetórias e situações.

No CDM, acompanhei as aulas, treinos e jogos relacionados à escolinha, como também as demais atividades praticadas naquele espaço, principalmente as partidas de futebol de várzea aos finais de semana. Pude, assim, investigar as práticas, representações, formas de sociabilidade e a dinâmica relacional em torno dessa escolinha de futebol de várzea. Nesse sentido, para apreender os diferentes aspectos em torno do ensino do futebol, preferi, por meio de um acompanhamento das atividades (aulas, jogos, treinos), observar as relações construídas entre crianças, jovens, jogadores de várzea, pais e mães, olheiros, empresários etc.

Deste modo, realizei uma *observação participante*, o que traz distintas implicações para a construção dos dados, pois "quando o campo é a cidade" (MAGNANI, 1996, p. 20), a etnografia não se realiza do mesmo modo que o elaborado por Malinowski. Pesquisar em sua própria sociedade problematiza a relação entre pesquisador e pesquisado, e o processo da pesquisa.² A pesquisa teve, portanto, um enfoque nas relações etnografadas, que conectam uma pluralidade de pessoas, configurando redes de

¹ Em resumo, o processo da pesquisa foi iniciado em março de 2007, quando ocorreram as primeiras visitas e negociações para a entrada em campo propriamente dita, bem como o início de uma observação dos treinos. A segunda fase, de setembro de 2007 a julho de 2008, é marcada pela observação participante no CDM Cidade Líder, o que inclui a escolinha, os times de futebol de várzea, diferentes atividades esportivas ali praticadas, dentre outras experiências e eventos.

² Uma questão metodológica importante, pois faz da etnografia "um elemento de reflexão que possibilite compreender a proximidade e a distância social que une e separa o antropólogo dos grupos que observa, sejam estes pertencentes ou não à mesma sociedade do pesquisador" (SILVA, 2000, p. 72).

relações com os mais diversos atores sociais inseridos nesse universo interacional.

Neste artigo, porém, utilizarei como base algumas gravações de entrevistas que realizei com interlocutores, principalmente nas últimas etapas do trabalho de campo. Entre os diversos atores, destacarei as trajetórias de dois boleiros, que trazem novas e antigas questões, com olhares singulares, para uma discussão envolvendo os usos e discursos em torno da dicotomia *amadorismo* e *profissionalismo* no futebol brasileiro.

Tais trajetórias, obtidas a partir de entrevistas gravadas e analisadas por meio de uma abordagem antropológica, evidenciam histórias de pessoas que vivenciam cotidianamente experiências futebolísticas. Assim, vale destacar a importância da oralidade dentro da antropologia, método e conhecimento que permite o registro das experiências vividas por diversos atores e a transformação do relato oral em escrita, para que assim permaneça e sirva de referência para outros estudos.³

Portanto, neste artigo analisarei suas trajetórias a partir das narrativas pessoais articuladas a outras abordagens, mais precisamente à etnografia, para enfim identificar os sentimentos, pretensões, lembranças, olvidos e, também, o contexto sócio-histórico vivido (MEIHY, 1996; 2005), visto que a memória deve ser compreendida como um fenômeno edificado individual e socialmente (POLLAK, 1992).

Assim, por meio das trajetórias destes boleiros e das redes de relações ativadas por alguns atores ligados ao universo do futebol de várzea e à escolinha do CDM, será possível reavaliar a dicotomia amadorismo e profissionalismo. Tal polaridade será problematizada ao longo do artigo, porém exige alguns comentários iniciais.

Amadorismo e profissionalismo

Em vez de tomar a dicotomia amadorismo e profissionalismo como princípio classificatório, como acontece em inúmeros trabalhos,

³ Embora, como lembra Schwarzstein (1991), ainda permaneça a questão de como utilizar as fontes orais, pois estas, quando transcritas e textualizadas, apresentam os mesmos problemas que outros documentos escritos.

pretendo apreender as diferentes formas de suas destinações e ocupações, evitando, assim, reificar reducionismos dos significados. Trata-se, portanto, de analisar as gradações e modulações dos termos em suas posições relacionais.

Penso que o emprego da categoria *futebol amador* para diferenciar a prática esportiva da categoria *futebol profissional*, organizado pela FIFA (Fédération Internationale de Football Association) e regrado pela International Board (órgão da FIFA), precisa ser reavaliado, como propôs DAMO (2002). São categorias a serem problematizadas e redimensionadas, frente à variedade de práticas futebolísticas, devido à utilização exaustiva dos conceitos *amadorismo* e *profissionalismo* – dicotomia adotada no campo intelectual sem as mediações necessárias.

Nas observações de campo percebi que os termos amadorismo e profissionalismo eram empregados em diferentes abordagens nas discussões e conversas sobre futebol. Ora para se referir a certas configurações futebolísticas como amadoras (futebol de várzea, futebol society etc.) ou profissionais; ora para delimitar períodos históricos ("naquele tempo os jogadores eram amadores", "jogava-se por amor à camisa nos tempos dos amadores" etc.); ou ainda para qualificar atitudes, comportamentos, estrutura e desempenho ("o Botafogo parece time profissional", "eu chutava como um profissional", "o problema é que os dirigentes dos clubes brasileiros são muito amadores"); e ainda para separar os que atuaram por equipes do futebol profissional e os que jogaram somente na várzea e em outros espaços.

Percebe-se que os termos são sempre usados num sentido valorativo, tendo como referência o universo profissional. Essa é a razão principal para o esgotamento da polaridade amadorismo e profissionalismo. Questão que exige reflexão crítica, prudência e mediações no uso desse par dicotômico como categoria analítica, pois tal categoria mostra-se, por meio das observações de campo, pouco rentável para a compreensão de certas questões, bem como insuficiente para o aprofundamento das investigações voltadas ao estudo de diferentes configurações futebolísticas.

Percebi, a partir destes usos, que as observações evidenciavam a existência de um conjunto mais amplo de atores, agentes, espaços,

interesses, conflitos e representações que perpassam os dois polos, de um a outro, traçando, nesses movimentos, as linhas que desenhavam este enredado de interações. Procurei, portanto, aprofundar essa temática no sentido de investigar as práticas para além de tradicionais adjetivações. Desse modo, ter como fim analítico uma nova polaridade não auxilia a avançar na compreensão das diversas formas de como o esporte pode ser vivido.

Silva e Jaílson: duas trajetórias futebolísticas

Em várias regiões da cidade, tal como ocorre na Cidade Líder, parte dos jogos e torneios de futebol de várzea, disputados majoritariamente aos finais de semana, ocorre nos campos de futebol (gramados ou de terra) dos CDMs (Clube Desportivo Municipal).⁴ Apresentado por um amigo ao coordenador do CDM Cidade Líder, Jaílson Andrade, comecei a realizar as primeiras observações dos treinos da escolinha do CDM. Daquele encontro com Jaílson em diante, as conversas tornaram-se diárias, eu perguntando e ele respondendo. Ele demonstrava gostar dessas conversas. Dizia sempre que era o articulador de todos os grupos do CDM, tal como um mediador, que harmoniza e concilia (SANTOS; VOGEL, 1979).⁵

Jaílson, porém, não era o único responsável pelas atividades da escolinha de futebol. As aulas e treinos eram comandados por Silva, ex-jogador de futebol profissional vinculado ao Programa Mais

⁴ O CDM Cidade Líder é um dos Clubes Desportivos Municipais (CDMs) da cidade, unidades descentralizadas do Município de São Paulo. Criado em 1979, o CDM Cidade Líder é um importante equipamento esportivo e de lazer devido à carência de espaços na cidade de São Paulo para o exercício de tais práticas. Frente à expansão urbana e estruturação de serviços públicos, as áreas para a prática esportiva, parte delas não regulamentada para o seu uso, teriam sido os principais alvos de desapropriação e ocupação. Área pública gerenciada por um conselho local, o CDM Cidade Líder foi criado para oferecer atividades, equipamentos e estrutura esportiva; uma resposta, assim, à crescente diminuição de áreas públicas destinadas ao esporte e lazer.

⁵ Para mediar, é preciso saber reconhecer as diversas formas e critérios de aferição de um desempenho em múltiplos contextos, combinando conhecimento e habilidade. Precisa ter tempo no bairro, reconhecido através da história pessoal e conhecer a trajetória do bairro (SANTOS; VOGEL, 1979).

Esporte.⁶ Um dos pontos chaves do programa, segundo seus formuladores, é a parceria com ex-atletas de renome, que funcionam como seus *difusores*, cuja função seria "lidar com crianças carentes". Além da imagem destes atletas, apostava-se nos contatos e vínculos deles com clubes, equipes, empresários e outros agentes. Composta por mais de 65 ex-atletas de diversas modalidades, a equipe futebolística contava com ex-jogadores de futebol famosos – entre eles Coutinho, Badeco, Geraldão, Dorval, Mengálvio, Basílio, Felix, Leivinha, Ataliba e Edu Bala e Felix –, vários com passagem pela Seleção Brasileira e alguns com presença em Copas do Mundo de Futebol; havia também outros pouco famosos, principalmente para as gerações mais novas.⁷ Fazia-se uso, portanto, de agentes vinculados à história do esporte e do futebol como referências positivas para as crianças e jovens.

Para compreender os muitos sentidos conferidos à escolinha e ao CDM, é essencial conhecer as trajetórias de Silva e Jaílson, bem como de outros sujeitos que ali circulam, pois elas evidenciam a heterogeneidade de atores que cruzam a rede e que desconstróem as categorias amadorismo e profissionalismo, utilizadas para descrever os universos aqui pesquisados.

Antonio Sebastião da Silva Filho nasceu em Itaquera, em 1954, bairro onde sempre morou, exceto na época de jogador, quando rodou o Brasil atuando por diversos clubes. Silva teve uma infância humilde. Começou a jogar nos campinhos em peladas e posteriormente na várzea: "Porque antes de iniciar no esporte sempre gostei de jogar bola, já ficava assim no campinho meio gramadinho,

⁶ Criado pela Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo e conveniado ao projeto Segundo Tempo do Ministério do Esporte, o Programa Mais Esporte é desenvolvido em áreas mais periféricas da cidade, com a atuação de ex-atletas de diferentes modalidades como difusores. O objetivo do programa é oferecer às crianças e jovens, na faixa etária de 7 a 17 anos, matriculados na rede de ensino da cidade de São Paulo, um conjunto de atividades esportivas e recreativas em horário complementar ao de suas aulas normais, por meio das escolinhas de futebol organizadas nos CDMs, Clubes da Cidade, parques municipais e outros equipamentos esportivos, localizados principalmente em bairros periféricos de São Paulo.

⁷ Parte destes ex-jogadores, incluindo Silva, já atuava na Secretaria Municipal de Esportes por meio de contratos individuais. Esses contratos eram, porém, segundo Silva, constantemente interrompidos. Por meio de concorrência pública, a SEME organizou contratos mais longos diretamente com a Cooperativa de Trabalho de Esportistas Prático, da qual os ex-jogadores fazem parte.

jogava, ia para casa, depois basicamente que iniciei na várzea”. Assim, Silva jogava bola, em diferentes lugares, porém isso fora antes de iniciar no esporte, o que viria acontecer com sua entrada nos clubes de futebol.

Na sua época não havia escolinhas. Silva afirmou: “a primeira vez que calcei uma chuteira foi num teste no Corinthians, não fui aprovado, mas reconheço que não sabia nem andar, sabia jogar na pelada assim descalço [...] mas depois fui pegando a manha de como usar chuteira, de como jogar, e assim começou”. Realizou o primeiro teste aos quinze anos. Numa época em que havia, segundo Silva, somente as divisões juvenil (até dezoito anos) e profissional (acima de 18 anos), era possível tentar carreira até os vinte e poucos anos. Na época, também não era comum ter empresário, tal como hoje:

...[Quem me ajudava era primeiramente Deus e eu mesmo, porque meu pai assim, não queria que eu jogasse, minha mãe também era neutra, eu que me virava, tinha que correr atrás. Inclusive, na época, eu não tinha nem dinheiro para a condução [...] eu saía daqui de Itaquera pra ir treinar em São Miguel Paulista e muitas vezes eu fui a pé porque não tinha dinheiro, fui a pé e voltei a pé, mas eu queria. Corria atrás...

Participou de alguns testes no Corinthians, na Portuguesa e em outros clubes. Não foi aprovado: “não fui aprovado porque eu não tinha bagagem [...] aquele tempero para jogar futebol”. Após algumas reprovações, teve a chance de disputar o Campeonato Paulista Juvenil pela equipe *Microquímica*. Com o término do campeonato, que jogara pela equipe de São Miguel, Silva foi convidado para jogar no juvenil do Palmeiras. Nem deu tempo para digerir o interesse: surgiu, em seguida, um convite para jogar no Santos: “na época me interessei, porque eu gostava do Santos”. Para concretizar essa ida, Silva teve antes que fazer um novo teste, então no estádio do Nacional A. C.. Aprovado, encaminhou-se para a cidade litorânea de Santos.

Jogar no juvenil do Santos F. C, naqueles primeiros anos da década de 1970, era mágico, segundo Silva. Para começar, tinha o Pelé, que como lembra Silva, só parou de jogar no Brasil em 1974: “Naquele time lá tinha o... Edu, o Jonas, tinha o Clodoaldo, só fera. O Bezerra,

Toledo... se for falar dos onze aqui, os onze eram feras [...] E na época, a gente era mais garoto [...] e ficava convivendo ali junto deles...". Convivência que, num certo momento, exigiu uma difícil escolha: "de continuar no Santos e a chance de jogar em outro time [...] eu nunca tinha condições de jogar no time de cima, [pois havia] vários zagueiros de alta qualidade".

A oportunidade surgiu em 1974, porém em outro clube. Jogou na Associação Atlética Francana, emprestado pelo Santos por seis meses. Ainda como juvenil – "um capacho", segundo Silva –, participou da que seria a última partida do Pelé no interior de São Paulo, num empate sem gols entre Santos e Francana. Com o fim do empréstimo, retornou ao Santos, com esperanças de permanecer no clube. Porém, naquela mesma partida que marcou a despedida de Pelé dos gramados do interior paulista, Silva chamou a atenção de um diretor do Bangu Atlético Clube (RJ), que estava no estádio para acompanhar o desempenho de alguns jogadores que o Bangu emprestara à Francana.

...lá me viu jogando, falou assim: "Pô, você não quer ir pro Bangu?" Falei: "Quero." Claro, naquela época queria jogar. Eu ia ganhar mais do que eu ganhava na Francana. Aí eu acertei com eles e fui pro Bangu. Só que no Bangu eu não joguei muitas partidas porque eu era novo, era molecão. Joguei duas partidas só. Uma contra o América do Rio no estádio pequeno deles. É eu lembro que o jogo contra o Botafogo foi em General Severiano, lá no campo do Botafogo.

Encerrado o prazo do empréstimo, retornou para o Santos, clube ao qual seu passe estava preso. Novamente sem oportunidades, conseguiu que lhe cedessem o mesmo. Em 1975, emprestou seu passe ao Maringá (PB). Retornou para a Francana em 1976, mas dessa vez vendendo seu passe ao time: "Aí já fiquei com o meu passe preso na Francana. Ali eu disputei 76, 77 e 78. Em 77 fui campeão da divisão intermediária, em 78 disputei o campeonato paulista de profissionais [...] nesse ínterim, o Palmeiras comprou meu passe."

Contratado pela Sociedade Esportiva Palmeiras, Silva começou o Campeonato Paulista de 1979 no banco de reservas. Quando um dos zagueiros titulares se machucou numa partida contra a Ferroviária de Araraquara (SP), "entrei, dali não saí mais. Entrei, joguei bem. O Telê Santana era o treinador, me deu oportunidade de

continuar. Aí eu fiz oito jogos pelo Palmeiras e fui convocado para a Seleção Brasileira na Copa América.”.

A revista Placar de 1979 – que Silva guarda com muito zelo – trazia uma reportagem de capa com o então jogador do Palmeiras, recém-convocado para a seleção. Intitulada *O becão que cumpre palavra*, nela destacava-se a vocação de artilheiro do zagueiro, sua qualidade no jogo aéreo, seus desarmes na defesa e sua seriedade. “O Silva ainda não atingiu o máximo de rendimento que seu potencial lhe permite. Faltam-lhe 30%”, comentava à época seu treinador, Telê Santana (Revista Placar, ago. 1979).

Embora zagueiro titular do Palmeiras e convocado para a Seleção Brasileira, a boa fase não durou muito tempo: “no ano de 1980, o time estava numa fase ruim. Eu joguei algumas partidas, mas não me firmava porque o time não entrosava. Aí, quando chegou no final de 80, eu saí.”. Fez parte de uma negociação de troca envolvendo Palmeiras e Santa Cruz Futebol Clube em 1981. Enquanto o meia-direita Sena veio para o Palmeiras, Silva encaminhava-se para jogar pela equipe pernambucana. Insatisfeito com a troca? Silva afirmou que não, pois além do salário no Santa Cruz ser maior ao que recebia no Palmeiras, ganhara, ainda, uma boa quantia no próprio momento da negociação. “Foi quinhentos mil de luvas lá, quinhentos mil cruzeiros. Quinhentos mil cruzeiros na época era bastante, pô! E ganhava noventa mil cruzeiros por mês. Aqui, eu ganhava setenta mil, no Palmeiras.”. No Santa Cruz, o rendimento não foi o mesmo: “chegou lá no Recife, eu não me adaptei muito bem com o negócio de comida e também não deu muito certo lá”. Após apenas um semestre, Silva se transferiu para o Londrina Esporte Clube, do Paraná: “não joguei muitas partidas também, mas fui campeão paranaense em 1981 pelo Londrina”.

Peguei quinhentos na mão e recebia salário de duzentos... Depois, no outro ano, eu renovei por duzentos e cinquenta mil L... do Londrina eu fui para um time lá do Mato Grosso. Fiz um contrato de três meses para jogar um mês, já que você não pode fazer contrato de um mês, o mínimo é três meses. Aí eles me deram o dinheiro. Ganhava mais que no Londrina, acho que duzentos e cinquenta mil. Foram setecentos e cinquenta mil para jogar lá um mês... Aí eu fiquei lá um mês... e me deram um “boné”, um cheque eu não recebi.

Segundo Jaílson, este foi um entre tantos outros "bonés" que Silva tomou. O clube em questão é o Operário de Várzea Grande. Vice-campeão do Mato Grosso, Silva transferiu-se para o Esporte Clube Santo André, numa rápida passagem, pois em seguida seria contratado pelo Esporte Clube Juventude de Caxias do Sul (RS):

Silva: O treinador do Juventude trabalhou comigo na Francana [...] sabia do meu potencial, aí pediu minha contratação [...] foi bom para mim na época: o salário que eu queria, deram umas luva boas [...] isso foi em oitenta e dois. Aí fiquei disputando o campeonato gaúcho [...] fizemos um bom campeonato, surgiu a excursão lá para Ásia [...] nós jogamos lá na Coreia do Sul, jogamos lá na Arábia Saudita. Na Coreia nós ganhamos duas vezes da seleção coreana, jogamos na cidade de Busan, que seria a 400 km da capital Seul [...] depois no outro domingo em Seul, ganhamos de dois a zero. [...] Aí nós fomos para Arábia Saudita, jogamos quatro jogos lá, ganhamos os quatro e eu tive a felicidade de ser considerado o melhor jogador da excursão. Quem era o técnico? Nosso técnico era o Felipão, o Felipe Scolari.

E: Foi um dos primeiros trabalhos dele como treinador?

S: É, foi um dos primeiros. O Felipão era do juvenil do Juventude. O Daltro Menezes ficou doente, operação do coração, então não pôde ir. Aí botaram o Felipão para ir com a gente. Para ser o treinador. Ele já começou ali: seis partidas sem perder. Inclusive parece que nessa ele já foi contratado por um time da Arábia, para dirigir um juvenil. Então a gente também deu força para a continuidade...⁸

De volta da excursão, já no decorrer do ano, Silva sofreu uma torção no joelho esquerdo. Não tendo apoio do Juventude, Silva tentou obter novamente seu passe para voltar a São Paulo: "Agora pego meu passe e vendo aí, só que eu peguei o meu passe e fiquei

⁸ No livro de Ruy Ostermann (2002) há uma pequena biografia do Felipão, na qual o treinador relata a breve viagem à Ásia. "Em outubro de 1982, teve a primeira grande chance na nova atividade: na véspera de uma excursão de 36 dias à Ásia e ao Oriente Médio, o treinador do time profissional do Juventude, Daltro Menezes, que já tinha três pontes de safena, sofreu um infarto do coração. Da cama do hospital, Daltro mandou um recado aos dirigentes do clube caxiense, que não sabiam quem colocar em seu lugar: 'Tem um homem aí do lado que é experiente e pode resolver o problema. Chamem o Luiz Felipe.'. No total, a excursão teve seis partidas – duas na Coreia do Sul e quatro na Arábia Saudita. O time de Felipão saiu vencedor em todas. Inclusive um 1 a 0 diante do Al Ahli, equipe treinada na época pelo brasileiro Telê Santana. No retorno a Caxias do Sul, Luiz Felipe foi confirmado como técnico da equipe profissional do Juventude" (OSTERMANN, 2002, p. 161-162).

com ele, estou com ele até hoje. Na gaveta, aqui... aí só peguei time pequeno, aí não dava mais pra vender, negociar, então joguei no Uberaba Esporte Clube em 1984.” Após rápida passagem pelo Uberaba, Silva rodou o Brasil. Em 1986 ficou parado, pois achou que as propostas eram muito baixas e que não valeria a pena jogar. “Só vinha proposta baixa, fiquei um ano sem jogar, fiquei o ano todinho parado, aí só saindo. Dinheiro, só saindo.”. Atuou ainda por outras equipes, todas de pouca expressão na época: Independente de Limeira (SP), Guaçuano de Mogi Guaçu (SP), Itaquaquecetuba (SP), Guaratinguetá (SP) e Jacareí Atlético Clube (SP), clube no qual encerrou a carreira. “Ah, larguei o jogo. O dinheiro, era tipo assim... era igual um operário. Só dava pra você comer. Aí eu falei: ‘Agora eu parei, não vou jogar mais não.’”. Silva encerrou a carreira – “largou o jogo” – aos trinta e cinco anos, no ano de 1989, cansado das condições precárias oferecidas pelos times pequenos e pelo salário pouco atrativo:

Encerrei com trinta e cinco anos, só aparecia time de segunda, não queria parar, mas... você vai assim... jogar em time pequeno... é ruim, aí eu parei. O joelho também tava incomodando já na época. Já teve água, já teve torção. Agora... eu parei, joga mais na várzea, joga mais em seleções de veterano, de máster. De vez em quando eu joga no máster do Palmeiras, quando tem convite, eu vou...

Nos próximos anos, Silva quer investir na carreira de empresário de jogador: “Quem sabe nos próximos anos, aí já agenciando algumas carreiras. É, é possível. Para frente aí, a gente... se der tudo certo como a gente almeja, partir para esse lado aí. Vai dando certo com um, com dois, aí vai pegando o fio da meada e partir para isso.”. Afirmou já ter o principal, os contatos: “preciso aprender mais os cacoetes de como se mexe com papelada. Mas os contatos sempre tem... com o pessoal da bola.”. Descartou trabalhar como técnico, “a não ser que apareça um negócio de fora, que seja bom para mim. A gente está no futebol, pode ser que apareça um convite do Kuwait.”.

Jaílson Silva Andrade nasceu no estado de Sergipe e quando tinha quatro anos, mudou-se com a mãe para Salvador (BA). Criado na capital baiana, morou alguns poucos anos em Ilhéus, entre os

onze e quatorze anos. Com essa idade, veio com a mãe e a irmã para São Paulo. Chegou direto na Cidade Líder, bairro onde reside há mais de quarenta anos. "Sempre aqui, nunca saí daqui e acho que daqui é pra última morada" comenta Jaílson.

A vida de operário, como gostava de definir Jaílson, começara aos quatorze anos em Ilhéus, onde trabalhou em oficina mecânica, aprendendo a fazer funilaria. Foi neste trabalho com funilaria em Ilhéus que sofreu um pequeno acidente na visão, com um leve deslocamento de um dos olhos. Em São Paulo, deu continuidade ao trabalho com automóveis – uma de suas paixões, junto com forró e futebol –, porém então com outra função na oficina: trabalhava com guincho. Foram vinte e cinco anos puxando carro com guincho no Auto Socorro Jair, na época com sede no Brás.

Segundo Jaílson, cada um tem uma história no futebol. E a sua não deixa de ser curiosa. Sempre jogou bola, desde quando era garoto na Bahia. Em São Paulo, teve contato com o futebol de várzea, vínculo que durava mais de 40 anos: como jogador, organizador, técnico, árbitro, mesário, professor de escolinha de futebol e diretor de CDM. Conhecido como "Cabeça" quando jovem – que remetia à origem nordestina –, Jaílson preferia outro apelido: "Canhão da Vila". Se o Santos tinha, na década de 1960, o ponta-esquerda Pepe, canhão da Vila Belmiro, Jaílson ganhou o apelido por ter um chute muito forte: "Porque eu chutava demais, chutava muito forte... pessoas que me conheciam não ficavam em barreira quando eu batia falta, lse pegava na barreira o cara ia a nocaute, o cara não ficava em pé de jeito nenhum". Esse atributo lhe proporcionaria uma oportunidade de seguir carreira, desejada por muitos: conheceu Roberto Rivellino, na época, principal jogador do Corinthians.

Em 1965, Jaílson jogava futebol de várzea na Cidade Líder. Já noivo, morava com sua mãe, o padrasto e a irmã numa casa alugada. Sua noiva trabalhava como empregada doméstica no bairro de Santo Amaro, zona sul paulistana, cuja patroa, inclusive, viria a ser a madrinha de casamento deles:

...la patroa dela era vizinha da família dele [Rivellino] ali em Santo Amaro [...] ela tinha muita intimidade com a família do Rivellino e falou: "Olha Rivellino, tem um afilhado meu que é noivo da minha

funcionária, da minha menina [...] É namorado dela, eles estão noivos, eu vou ser madrinha de casamento deles. Ele chuta mais do que você, hein?” Eu chutava, eu chutava mesmo. “Chuta mais que você, hein, chuta barbaridade” [...] Aí ele falou: “Faz o seguinte.” Marcou um dia para eu ir lá conversar. “Segunda-feira você vai lá.” Eu falei: “Está bom.” Aí eu fui na segunda-feira de tarde, fui na casa dele, sentei na sala dele, conversei, ele falou: “Você joga de quê?” Eu falei: “Jogo de zagueiro.” Eu jogava bola, de zagueiro, de central, lateral direita, esquerda, ele falou: “É?” Eu falei: “É, mas meu forte mesmo é bater com a direita.” Ele falou: “Então vamos fazer o seguinte: eu vou fazer uma excursão para África com a seleção, são trinta dias na África. Quando eu voltar, aí você vai vir aqui em casa, e eu vou te levar lá no Corinthians.” O treinador na época era o finado Lula, que tinha treinado o Santos. “Vou levar você para o Lula, está bom?”

Contente com a oportunidade, Jaílson retornou para casa. Avisou à mãe da oportunidade que surgiu, mas não teve, contudo, o retorno esperado. A família acabara de comprar um terreno próximo ao Parque do Carmo, estava pagando aos poucos o terreno, investindo o que podia na compra do material de construção etc. Assim, segundo Jaílson, não bastava que a mãe e o padraсто trabalhassem; ele precisava ajudá-los, trazendo dinheiro para casa. Essa era a opinião de sua mãe, conforme assinala Jaílson: “Agora que nós compramos o terreno, você vai jogar bola, aí o velho vai achar ruim com você”, pois naquela época quem jogava bola era vagabundo, ‘eu também não vou gostar... olha, filho, é melhor a gente construir a nossa casinha, vamos trabalhar’.”.

Foi a única oportunidade que surgiu na vida de Jaílson. Poucos meses depois, um amigo o convidou para jogar como lateral numa partida do time da empresa Kopenhagen, que jogava na Rua Joaquim Floriano, bairro do Itaim-Bibi, zona sul da cidade: “aí eu fui lá no sábado, joguei, matei a paulada, porque naquela época os patrões iam assistir o jogo [...] aí o patrão perguntou: ‘Quem é o garoto aí?’. [...] ‘Manda ele ir lá segunda-feira na firma.’”.

Jaílson trabalhou cinco anos na firma, obtendo alguns títulos pela equipe. Comentou, inclusive, que o time ficou cento e vinte e quatro partidas invicto. Quando alcançaram a marca de cinquenta e de setenta e cinco, os jogadores ganharam, do patrão, um jantar

num restaurante paulistano. Quando atingiram os cem jogos invictos, receberam um jantar no interior de São Paulo. A 125ª partida invicta viria a ser comemorada com um jantar fora do estado de São Paulo, com a viagem toda paga. "Ele sabia incentivar a gente... dava um tratamento legal". Contudo, perderam a partida para a Malhas Formosa, da Vila Formosa (zona leste), por dois a um.

Depois, foi convidado para jogar numa equipe de várzea do Morumbi, bairro da zona sul. Com suas atuações, Jaílson passou a ganhar uma pequena ajuda monetária para o deslocamento aos jogos, assim como para compras no Morumbi ou nos bairros dos adversários. Quantia que utilizou, em diversos momentos, para comprar presentes à namorada, que dividia, com o futebol, a atenção de Jaílson nos fins de semana:

...Iera muito para mim, porque eu saía daqui de manhã e chegava aqui de noite. Minha esposa, que na época eu namorava, ficava beicuda porque eu chegava para namorar era dez horas, onze horas da noite. Uma vez, ela perguntou: "Você gosta mais da bola do que de mim?". Eu falei: "Eu gosto de você, mas eu também gosto da bola." Eu sei que ela não queria que eu voltasse a jogar bola, eu falei: "Eu não sou de beber, não sou de fumar." Aí eu... sabe como é mulher. Ela quer estar com o camarada do lado, mas minha profissão é jogar bola [...] Trabalhei em firma isso tudo, mas estou envolvido com bola.

Porém, quando perguntado sobre qual é a sua profissão hoje, Jaílson não respondia "jogar bola" ou "coordenador do CDM". Com orgulho, afirmava ser locutor de rádio comunitária: "Bobagem esse negócio de locutor profissional... é locutor, só isso. Que nem jogar bola... joguei tanta bola quanto outros por aí [...] Você vê esses moleques hoje ganhando para caralho... uma puta grana e não jogam porra nenhuma". Locutor e comentarista de esportes no rádio, Jaílson pretendia seguir a rotina atual por mais um tempo: "Agora eu estou esperando o contador terminar de fazer o serviço para eu mandar lá para o outro rapaz para dar entrada. É, falta pouco, logo chega aí e a gente está se aposentando, aposentando no documento, mas parar de trabalhar jamais."

Aposentado no documento, não pensava em alterar sua rotina: "a vida da gente é isso, é correria, é trabalho, sabe?"

Você vê, eu sou administrador do CDM, eu tenho a família para cuidar, eu tenho a rádio também para fazer, quer dizer, é correria. Tem o campeonato aqui do CDM que quem cuida sou eu e nós vamos fazer a copa do sub catorze ou sub quinze, tenho que ficar ligando para os times, chama um chama outro, vou para reunião, é complicado. É complicado, não é fácil não; é correria, é trabalho e têm pessoas que falam que a gente não faz nada.

Porém, o futebol continuava a fazer parte da vida de Jaílson, que atuava como técnico do “Esporte”⁹ do Botafogo da Cidade Líder, que vinha então obtendo uma sequência boa de resultados desde 2007. A função de treinador do “Esporte” foi uma das funções desempenhadas por Jaílson nos dezoito anos de trabalho no CDM e que ele afirmou desempenhar com prazer, pois a maioria dos jogadores treinava na escolinha do CDM Cidade Líder quando ele era o professor.

E é no CDM que as trajetórias de Jaílson e Silva se cruzam.

Sobre amadores e profissionais: o ensino de futebol

No começo da década de 1990, Jaílson e Silva se encontraram no CDM. Trabalhavam juntos, porém promoviam metodologias específicas e que valorizavam, cada um a seu modo, determinados aspectos da prática futebolística do treinamento. Enquanto Jaílson priorizava os treinos físicos e de alongamento, e ainda a correção repetitiva dos fundamentos durante os coletivos, Silva preferia focar nos coletivos e treinos de circuito. Jaílson justificava a escolha:

É. Futebol hoje em dia, Enrico, hoje em dia é força, sabe? Se você não tiver uma resistência no pulmão, ar no pulmão e tiver resistência na perna para correr, para chegar, não adianta, você vai

⁹ Segundo Jaílson, “esporte” é uma denominação comum no futebol varzeano, conferida ao quadro de jogadores de até trinta anos (em média, podendo variar). Jaílson afirma não ter certeza o porquê de se chamar “esporte”, mas relaciona ao fato de terem os jogos mais corridos, disputados e competitivos: “lembra mais o esporte de verdade mesmo”. Com jogadores entre trinta e quarenta anos, os times são classificados como “veteranos”. “Veteraníssimo” quando estão na faixa dos quarenta a cinquenta anos. Com jogadores acima de cinquenta anos, são formados os times de “masters”. Classificação que pode variar de acordo com o recorte. No Negritude F. C., clube do Conjunto Habitacional Padre José de Anchieta (COHAB 1), do bairro Artur Alvin, e que joga no campo do CDM Alvorada, as equipes são divididas em “esporte A” (time que disputa as competições), “esporte B” (até 18 anos), “veteranos” (acima de 30 anos) e “paradões” (acima de 40 anos).

levar dez minutos, vai andando e o futebol hoje não dá para andar em campo. Futebol hoje é correria, futebol é chegar primeiro.

Da posição de ex-jogador, por seu lado, Silva procurava sempre se distanciar dos demais educadores do CDM. Na relação com Jaílson, explicitava o fato de ter alcançado a condição de jogador profissional de futebol – com acesso ao que ele chamou de “conhecimento oficial” –, ao contrário de Jaílson, que teria permanecido somente no universo do futebol de várzea.

Deste modo, as fronteiras previamente delimitadas entre amadorismo e profissionalismo podem ser repensadas frente aos dados empíricos, tal como na continuidade jogador-professor expressa por Silva. Continuidade essa desfeita pelo próprio, ao diferenciar seu trabalho daquele realizado por Jaílson. Novamente, a sua posição de ex-jogador profissional é acionada para se contrapor à experiência amadora de Jaílson: “Eu fiz parte do esporte, o Jaílson só jogou por aí”.

Jaílson, por seu lado, questionava a todo momento o quão profissional era o comportamento de Silva, ou mesmo sua posição no universo futebolístico. Primeiro, no que se referia à sua atuação na escolinha do CDM, seus métodos de treinamento, relacionamento com alunos:

[...] o Silva é meu amigo e gosto muito dele, mas todo mundo aí reclama do trabalho dele, os moleques mesmo reclamam, você mesmo tem acompanhado aí, o quê acontece? Vai perder de cinco, perder de cinco, seis, pô, cara, time que eu montei aqui perdia de quatro a um, quatro a dois, quatro a três, assim tudo bem, está entendendo? Mas cinco a zero, seis a zero?

Segundo, pela própria trajetória de Silva. Embora tenha ganho, como bem afirma, uma quantia considerável nos tempos de jogador, suficiente para não ter que trabalhar, Silva afirmou não ter nada hoje em dia. Morava – com a esposa e o filho de seis anos – na casa da irmã em Itaquera, utilizava parte do salário de R\$1.500,00 para pagar as dívidas no banco e não tinha carro. Jaílson questionava, como no trecho abaixo, se esse é o perfil do profissional:

O Silva ganhou dinheiro como profissional, mas não sabia administrar o dinheiro dele [...] ele perdeu casa, ele mesmo falou para mim. Perdeu casa, ele perdeu um apartamento, ele perdeu uma

série de coisas que ele comprava e largava na mão dos outros. E você vê como ele é sossegado, ele é: “Ah, deixa para lá, não sei o quê.”. Desse jeito, quer dizer, o Silva podia estar bem, podia não estar dependendo disso aqui, podia estar treinando até um time [...] eu falei para ele: “Silva, seu ciclo de profissional acabou, cai na real, você tem que sair para luta, tem que... aí eu falei que ele era operário, ele quase me bate aqui. É, operário, ele fala: “Que operário?”. Não vem trabalhar todo dia aqui? É operário, pô, como todo mundo, entendeu?”

No pouco que falou destes aspectos da sua carreira, Silva revelava um arrependimento, embora parcial, de algumas de suas atitudes e comportamentos de quando era jogador: “de umas coisas que deixei passar quando era mais jovem, tipo investimento, que eu não fiz porque não tinha muito conhecimento. Por exemplo, alguns imóveis que eu não comprei [...] disso me arrependo, mas outras coisas não.”. Preferia destacar os momentos que a carreira proporcionou, como festas, viagens, histórias; os amigos que fez, os carros nos quais andou, as pessoas que conheceu etc.

Assim, Jaílson utilizava-se constantemente de eventos e fatos relacionados à trajetória de Silva para questionar a posição de ex-profissional emanada pelo ex-jogador. De outro lado, Silva tentava tirar proveito da posição de ex-jogador profissional, colocando em xeque constantemente: “você acha que a molecada prefere aprender com um ex-jogador de futebol, que atuou no Palmeiras, ou com um cara que só jogou na várzea?”. O que pode ser entendido, também, na explicação de Silva em relação ao futebol varzeano:

Estava no campo do Negritude, lá na COHAB, acabou o jogo e o cara que tinha me convidado para jogar passou pedindo dinheiro...fazendo o rateio para a compra da cerva e do rango. Fiquei irado. “Como assim, rapa? Rateio porra nenhuma. Eu nunca paguei... sempre pagaram pra mim.”. É brincadeira... rateio quem faz são os outros caras da várzea, tipo o Jaílson. Ele faz rateio.⁹

⁹ Nem todos os times têm patrocínio ou qualquer outra ajuda externa, o que obriga um “rateio” entre os jogadores para adquirir materiais e equipamentos, e para pagar os serviços utilizados. Os jogadores têm uma série de compromissos, como dar continuidade nas participações e auxiliar financeiramente a equipe com o pagamento de mensalidades. As disputas exigem gastos econômicos significativos para cada jogador: pagar o uso do campo, a lavagem e secagem dos uniformes, gastos com a arbitragem, transporte aos jogos, equipamentos e outras despesas menores. Mas sempre há os que pagam e os que não pagam.

Considerações finais

Ao evidenciar as distintas trajetórias e concepções de vida de Silva e Jaílson, assim como a disputa para apontar *quem participa do rateio*, é possível perceber a importância destas informações para a compreensão do ensino de futebol no recorte aqui pesquisados. Comandados pelos dois boleiros, as crianças e jovens tinham acesso a propostas e percepções de ensino e formação diferenciadas, porém nem sempre discordantes. Assim, o ensino e o aprendizado devem ser analisados como processos imersos num quadro amplo de atores – Jaílson, Silva, pais, professores, amigos, outros praticantes etc. – e compreensíveis somente de forma relacional.

Portanto, inúmeros atores participam do universo relacional futebolístico, marcado pelo encontro de gerações e por diferentes trajetórias de vida. Universo que, no caso da escolinha do CDM Cidade Líder, pode ser compreendido principalmente na relação entre os dois principais agentes de promoção do saber futebolístico. Uma relação construída no mundo amplo do futebol e definida pela dúvida de saber, afinal, quem participa do rateio?

Referências Bibliográficas

DAMO, Arlei Sander. O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o esporte. In: **XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais** – ANPOCS, Caxambu: 26º ANPOCS 2002, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lílian de Lucca. (Org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996. p. 12-53.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

OSTERMANN, Ruy Carlos. **Felipão**: a alma do penta. Porto Alegre: Zero Hora, 2002.

PLACAR. São Paulo: Abril, ago. 1979.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

SANTOS, Carlos; VOGEL, Arno. **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. São Paulo: Projeto, 1985.

SCHWARZSTEIN, Dora. Introduccion In: MOSS, William et. al.. **La Historia Oral**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1991.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras. São Paulo: Edusp, 2000.





Provocações





A transcrição em história oral e a insuficiência da entrevista

Marcela Boni Evangelista

RESUMO: O presente artigo tem como proposta discutir a transcrição enquanto elemento constitutivo da história oral. Tendo como pressuposto que a entrevista é o momento crucial de construção da narrativa e parte central dos trabalhos de história oral, mostra-se necessária a abordagem das diferentes maneiras de realizar entrevistas bem como utilizar seus produtos. Desta maneira, a transcrição é compreendida como um instrumento indispensável, sobretudo no que diz respeito aos trabalhos com história oral de vida. Acreditando ser a simples transcrição das palavras proferidas durante a entrevista insuficiente diante da complexidade das narrativas de vida, apontamos a entrevista como um referente a partir do qual se edifica o texto transcrito.

PALAVRAS-CHAVE: História oral, Entrevista, Narrativa, Transcrição.

————— A TRANSCRIÇÃO EM HISTÓRIA ORAL —————
E A INSUFICIÊNCIA DA ENTREVISTA

ABSTRACT: This article is to discuss the proposal transcreation as a component of oral history. Given that it presupposes that the interview is the crucial time of construction of the narrative and the central part of the work of oral history shows is necessary to discuss the various ways to conduct interviews and use their products. Thus, the transcreation is understood as an indispensable tool, especially as regards the work with oral history of life. Believing it a simple transcription of the words spoken during the interview insufficient given the complexity of life narratives, we point out the interview as a reference point from which to build the transcribed text.

KEYWORDS: Oral history, Interview, Narrative, Transcreation.

A realização de entrevistas tem sido recurso amplamente utilizado em trabalhos nos mais variados campos do saber. Entretanto, é necessário considerar as diferenças existentes entre as possíveis modalidades de entrevista. Há situações em que a distribuição de questionários com perguntas fechadas é suficiente para os propósitos do trabalho; em outros casos, há a necessidade de utilizar equipamentos como gravadores ou mesmo câmeras de vídeo.

No segundo modelo indicado, a oralidade é elemento fundamental, o que não significa afirmar que quaisquer entrevistas gravadas possuem as mesmas características. Ao contrário, a pluralidade de possibilidades permanece e depende, sobretudo, dos objetivos de cada projeto e área sob a qual este se orienta. O ponto convergente na realização de entrevistas gravadas, sobretudo do ponto de vista histórico, está na construção de novos documentos, os quais podem ser utilizados tanto na pesquisa que o projetou quanto em trabalhos posteriores.

Isto implica na constatação de uma visão de documento histórico descolada da restrição ao documento escrito, em alguns casos tido como “oficial”. Tal discussão vem se desenrolando desde as proposições feitas pela Escola dos Annales e, por considerar indiscutível a importância da multiplicidade documental, não aprofundarei este tema, me limitando a apontar sua relevância.

Quando nos referimos a entrevistas, independente de seus propósitos, devemos considerar diversos elementos, sobretudo os que dizem respeito à interação entre entrevistador e entrevistado. As relações de poder não podem ser camufladas, assim como as afinidades e parcialidades. Neste sentido, vale suscitar a importância da “performance narrativa”, a qual está diretamente relacionada às condições da entrevista, em geral oferecidas pelo entrevistador. Certamente, a performance do narrador depende de características de sua personalidade, mas a presença ou não de gravadores e câmeras pode interferir no comportamento do entrevistado, que pode tanto se sentir intimidado quanto propenso a se mostrar de forma mais exuberante.

Neste sentido, cabe ressaltar a importância do papel do pesquisador, responsável pelos esclarecimentos necessários acerca dos propósitos do trabalho bem como pela minimização de possíveis

tensões. O recurso da “pré-entrevista” é adequado na maior parte dos casos, de maneira que durante a realização da entrevista propriamente dita, os dois lados do processo já se conhecem, o que favorece o ato de narrar do entrevistado. Com isso, não queremos retirar o potencial performativo do entrevistado, afinal “A narrativa não é apenas contada, ela é apresentada, “performatizada”. (ALMEIDA; AMORIM; BARBOSA, 2007, p. 105).

Entretanto, certas preocupações por parte do pesquisador, como a maneira de realizar entrevistas e utilizar seus produtos, dependem de definições prévias relacionadas à área em que se alicerça a pesquisa. Os trabalhos voltados para o estudo da língua, por exemplo, poderão apresentar especial atenção para os detalhes representados pelas diferentes pronúncias, repetições e mesmo para os erros gramaticais. No caso de trabalhos antropológicos, as entrevistas e mesmo a “observação participante” do pesquisador são fontes para a escrita da etnografia, elemento central desta área. A Sociologia em geral busca captar através dos “depoimentos” dos entrevistados respostas às questões norteadoras do trabalho desenvolvido. Os trabalhos historiográficos se voltam para a realização de entrevistas, sobretudo, quando faltam outros tipos de fontes ou documentos para suas análises. Em todos os exemplos citados o material resultante poderá ser aproveitado integralmente ou de forma fragmentária.

Diante desta visível tendência em utilizar o recurso da captação de entrevistas individuais e/ou coletivas pelas diversas áreas do conhecimento, é possível perceber a valorização da experiência, o que tem como consequência imediata uma transformação na postura dos pesquisadores, que passam a questionar as relações de poder que se estabelecem entre aqueles que estão na posição de pesquisadores e os que são “pesquisados”. Da mesma maneira, sofre transformação o estatuto de veracidade daquilo que é narrado, entrando para o rol de apreensões os silêncios, os gestos, os sonhos, as mentiras.

Não se espera que a história de vida nos forneça um quadro real e verdadeiro de um passado próximo ou distante. O que se espera é que a partir dela, da experiência concreta de uma vivência específica, possamos reformular nossos pressupostos e nossas hipóteses sobre um determinado assunto. (DEBERT, 1986, p. 142).

Tal perspectiva torna indispensável a reflexão sobre a memória. A valorização da história de vida como caminho para a compreensão de questões de âmbito individual ou coletivo remete à necessidade de aceitar os percursos da memória, na medida em que esta é acionada pela situação presente. “Da mesma forma que o ângulo (ponto de vista) confere sentido à fotografia, é a situação presente que influencia a maneira através da qual o passado é percebido.” (BERTAUX, 1985, p. 51).

Segundo Ecléa Bosi, “Ouvindo depoimentos orais constatamos que o sujeito mnêmico não lembra uma ou outra imagem. Ele evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova sua experiência.” (BOSI, 2003, p. 44). O pesquisador atento a tais aspectos tende a se aproximar de forma mais comprometida tanto com sua proposta intelectual quanto com a vida que se desenha a sua frente.

No caso deste artigo, nos preocupamos em discutir as múltiplas possibilidades de utilização de entrevistas no âmbito de um campo específico, o da história oral. Ainda assim é possível verificar variações na forma de captar as narrativas dos entrevistados. O mesmo ocorrendo com a utilização dos textos produzidos a partir destas. Tais opções dependerão do gênero de história oral escolhido para desenvolver o projeto. Antes de delinear a especificação dos gêneros de história oral e diante da existência de diversas vertentes que assim se denominam, vale apontar a definição de história oral aqui adotada, que segue a linha de pesquisa do Núcleo de Estudos de História Oral da USP, segundo a qual:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 15).

A TRANSCRIÇÃO EM HISTÓRIA ORAL
E A INSUFICIÊNCIA DA ENTREVISTA

Há pelo menos três possibilidades de utilização da entrevista em história oral, que correspondem a seus “gêneros”: história oral temática, tradição oral e história oral de vida. No primeiro caso, há predominância de um assunto (tema) que percorre todas as entrevistas em detrimento da trajetória de cada entrevistado. Por conta destas características, as entrevistas de projetos temáticos são baseadas em questionários previamente definidos e utilizados para todos os colaboradores.

Na tradição oral, a necessidade de penetrar o universo cotidiano do grupo escolhido para a pesquisa, demanda entrevistas diferenciadas, de âmbito mais coletivo. Este ramo da história oral se aproxima em método à Antropologia. Ambas valorizam o contato prolongado com o grupo “estudado” e a imersão do pesquisador em cultura diversa da sua, faz do caderno de campo recurso indispensável para a constituição narrativa, seja ela etnográfica ou de história oral. A duração das entrevistas, neste caso, é mais frouxa, não havendo tempo pré-estabelecido para sua realização, nem tampouco necessidade de que se faça em apenas um contato com o entrevistado.

A história oral de vida, por sua vez, tem a experiência como foco e as entrevistas realizadas nesta perspectiva apontam para uma postura diferenciada por parte do entrevistador. Este deve estar imbuído de sensibilidade que o faça ouvir mais do que falar, estimular mais que perguntar. Neste caso, as entrevistas podem ser únicas ou múltiplas, de acordo com a necessidade da pesquisa, e sua duração dependerá para cada entrevistado. Isto não significa, entretanto, que não exista preocupação com estes pontos. Ao contrário disso, e salientando a necessidade de um projeto que anteceda o trabalho de campo, o pesquisador deve ter a responsabilidade de conduzir o processo como um todo, não através de imposição, mas de negociação.

Em seguida, e isso não apenas em trabalhos de história oral, há a necessidade de decidir como será feito o tratamento do material coletado. É possível que este permaneça somente no formato de áudio, se o objetivo do projeto em que se baseia seja o de formatar

um banco de histórias¹. Caso a proposta não se esgote no armazenamento das narrativas, que podem futuramente fomentar outras pesquisas, é necessário percorrer alguns passos. A transcrição literal da gravação é quase sempre a primeira etapa do processo. Em algumas áreas, este é também o último formato alcançado pelo texto, o que ocorre em geral quando a preocupação não se concentra na narrativa em si, mas nas informações ali contidas e que já neste momento conseguem dar conta de suprir as lacunas observadas pela pesquisa.

Quando nos detemos nos procedimentos específicos da história oral adotada, a transcrição é a primeira de um conjunto de três etapas. A segunda seria a textualização, que corresponderia à uniformização do texto, através da supressão das perguntas feitas pelo entrevistador, que agora passam a fazer parte de uma narrativa linear. Este processo tem como ponto fundamental a mudança de códigos. O oral passa agora a ser grafado e é nesta passagem que se assenta a discussão em torno nas possibilidades da “transcrição”.

Discutir o processo transcriativo é, talvez, uma das tarefas mais polêmicas em que se envolve um oralista². Há ainda muitas críticas à passagem do oral para o escrito que não seja fiel a cada som pronunciado pelo interlocutor. Em função disto, a história oral vem reunindo uma variada gama de elementos que possam dar conta de legitimar este tipo de trabalho com o texto. Há mesmo a proposição do ato transcriativo que se estenda da escritura do projeto até as múltiplas interpretações que as leituras do texto final permitem (CALDAS, 1999).

A ideia de transcrição sugerida pelo fazer da história oral tem sua fonte de inspiração em discussões que giram em torno da tradução. A passagem de uma língua para outra seria equivalente à passagem do oral para o escrito, de maneira que a atitude de

¹ Esta é uma tendência que vem crescendo e alguns centros como o Museu da Pessoa apresentam projetos com estas características.

² Utilizarei o termo oralista ao invés de pesquisador ou entrevistador quando estiver fazendo referência a questões pertinentes à história oral realizada por pessoas que assim se denominam.

fazê-lo literalmente em nada teria relação com o respeito ao sentido conferido à mensagem que se deseja disseminar. Pelo contrário, a leitura de um texto simplesmente transcrito não permite a ebulição de sentimentos que um texto literário, por exemplo, traz à tona.

Esta característica do texto transcrito remete a algo fundamental no trabalho do oralista, o caderno de campo³. De fato, o pesquisador tem a posse daquilo que foi gravado, o áudio pode ser reproduzido diversas vezes. Entretanto, é no caderno de campo que se encontra o registro das impressões, sensações, dos detalhes que somente outros sentidos permitem verificar. As anotações aí feitas servem posteriormente para a composição do texto transcrito.

Além da transcrição, existem outros recursos que apresentam preocupação com a mensagem transmitida pelo entrevistado. É o caso, por exemplo, da textualização conjunta (ATAÍDE, 1993), recurso que prevê a participação do entrevistado na conclusão do texto com o objetivo de acrescentar o que porventura tenha faltado ou não tenha ficado claro. Esta atividade pode demandar um ou mais encontros entre entrevistador e entrevistado, mas não é o mesmo que a transcrição, uma vez que o texto final não admite interferências mais sensíveis por parte do entrevistador.

A interação entre o oralista e seu interlocutor, elemento que constitui a entrevista, é algo que não pode ser minimizado. O que é dito naquela ocasião somente é feito por estarem estas duas pessoas ali presentes, e não outras. Neste sentido, consideramos a realização do texto produzido por essa interação, um texto feito em colaboração. O entrevistado passa a ser, com isso, o colaborador⁴, cuja participação na construção da narrativa é imprescindível na medida em que este possui espaço para opinar sobre o que é decidido ser dito e maneira de fazê-lo. Em geral, trabalhos que se utilizam de entrevistas encerram seu contato com os entrevistados no mesmo momento em que o gravador é desligado. Nestes casos,

³ O caderno de campo, recurso amplamente utilizado na Antropologia é emprestado pela história oral, que nele encontra um meio de não perder elementos que formam a essência da entrevista.

⁴ O termo “colaborador” designa aqueles que concedem entrevistas em projetos embasados no tipo de história oral referido no presente artigo.

o que será feito com a entrevista, seja o áudio ou o texto é definido exclusivamente pelo pesquisador.

No caso da história oral pretendida, o comprometimento do oralista é constante em reproduzir a mensagem do colaborador

Cabe, dessa forma, manter presente ao longo do trabalho das entrevistas, a ideia de um corpo, o corpo do colaborador que media e possibilita a narração, que a encena e recria para contar sua história de vida, sem esquecer que esse corpo se liga a um espaço, a circunstâncias e a um contexto histórico específico que modelam essa apresentação. É possível sugerir, por palavras tonalizadas, essas ações e cenários, “teatralizar” ao longo do texto o momento sagrado do encontro e o desenrolar da trama. Essa é a parte que cabe ao oralista, a outra será feita pelo leitor, imaginante e interessado. (ALMEIDA; AMORIM; BARBOSA, 2007, p. 106).

Tendo em vista o estabelecimento de uma relação entre as partes componentes da entrevista, o texto final, ou texto transcrito, é escrito por um dos participantes (entrevistador), mas somente se torna legítimo quando autorizado pelo colaborador, daí o aspecto ético da história oral. É somente por isso que insistimos na relevância da construção de um texto que, de fato, foge do que foi literalmente dito, mas se aproxima intensamente do que se quis dizer. “O texto final...jamais poderia ter sido pronunciado daquela maneira final pelo nosso interlocutor; no entanto, cada palavra, cada frase, cada estrutura lhe pertence (ele não disse mas somente ele poderia ter dito).” (CALDAS, 1999, p. 75-76).

Partindo deste princípio, e acreditando que o esforço do entrevistador/pesquisador é contar a história de uma pessoa, propomos aqui o entendimento da entrevista enquanto um referente. O texto transcrito, embora objeto de crítica de seguidores de outras linhas de pesquisa, se mostra como alternativa ideal quando o objetivo é conferir sentido à narrativa

É possível notar que a passagem da intenção do oral para o escrito está muito mais próxima na transcrição do que nas etapas que a antecedem. Indubitavelmente, a entrevista é o referente a partir do qual o texto final pode ser concebido. Entretanto, poderíamos ir além disso? A história contada poderia ir além do que é dito pelo entrevistado?

Pensar a entrevista enquanto um referente para o trabalho posterior remete não somente à primeira versão do texto, literalmente transcrito. Entendemos a entrevista enquanto um momento em que pontos de vista distintos se encontram. Trata-se de uma situação marcada pela interlocução e pela produção de significados novos, perpetrados pela ocasião em questão. Ambas as partes integrantes de tal interação têm responsabilidade sobre seus resultados e ao admitir a ausência de imparcialidade, o pesquisador assume os riscos de escrever a história de uma outra pessoa que por alguns momentos é ele mesmo.

Em “A Princesa” (ALBUQUERQUE; JANELLI, 1995) temos uma experiência que serve como inspiração para incrementar a discussão sobre a transcrição. A experiência que é denominada entrevista dá sustentação para a produção de um texto que leva a assinatura do entrevistador e do entrevistado. Entretanto, o texto final é evidentemente maior que a entrevista, denotando que o que ali é narrado não foi necessariamente dito pelo entrevistado. Mas, voltando ao que foi mencionado anteriormente, o entrevistado “não disse, mas somente ele poderia ter dito” aquilo. No caso da Princesa isso é tão certo que a obra é assinada pelas duas partes do processo dialógico.

As discussões sobre o biografismo também acrescentam notáveis elementos quando o assunto é escrever a história de alguém. Fugindo ao método tradicional de biografar somente figuras que obtiveram algum destaque, as novas tendências buscam suavizar algumas regras até então fielmente seguidas. Sérgio Vilas Boas ao apresentar as possibilidades recentes da escrita biográfica oferece, ele mesmo, exemplo de como fazê-lo. Para o autor, trata-se do “evento de duas vidas se interceptando” (VILAS BOAS, 2008, p. 39). Um dos elementos marcantes de sua proposta é visível na liberdade de construção do texto, admitindo desde reproduções de diálogos até digressões acerca do fazer biográfico.

Há diversas situações que se apresentam no momento da entrevista e que demandam do oralista muita sensibilidade. A negociação é fundamental durante todo o processo e no momento de produção do texto “final” esta é ainda mais imprescindível. A ética pertinente à história oral confere ao colaborador o poder de

decisão sobre o que será finalmente contado. Há casos, entretanto, em que a necessidade de omitir partes da história é motivada menos por vaidade do que por medo ou mesmo vergonha. Em casos onde haja risco para algum personagem da narrativa ou mesmo alguma passagem que comprometa os valores do colaborador, outras estratégias devem ser buscadas.

Vale ressaltar que, a despeito da valorização da história individual, os objetivos da história oral devem se alicerçar em questões de amplitude coletiva. Na medida em que a narrativa ou parte dela se mostra indispensável para a discussão de questões de relevo, é necessário propor novas formas de contar aquela história. Trabalho exemplar nesse sentido foi o livro “Augusto & Lea” (MEIHY, 2006), em que todos os personagens da história real de uma família são protegidos por nomes fictícios, sem que o tema em destaque deixe de ser trazido à tona para o âmbito social.

Além desta solução, o oralista pode lançar mão de recursos que vão desde a mudança de pessoa do discurso para remeter à parte “negociada”, até mesmo a “invenção” de uma nova história. Não importa aqui qual é o verdadeiro nome de quem vivenciou aquela experiência, ou mesmo se o que aconteceu foi narrado com palavras idênticas, mas é importante que se saiba e se discuta esta experiência como parte integrante da sociedade contemporânea. A entrevista não deixou de ser o referente e o texto “final” transcrito cumpriu a função de contar a história que se desejava contar desde o princípio. Este procedimento demanda sucessivas interpretações tanto por parte do oralista quanto por parte do colaborador, de modo que é o resultado desta complexa interação que surge o texto transcrito. Mesmo a pontuação, elemento que pode ser visto como corriqueiro ou mesmo impregnado de regras, é essencial para conferir à narrativa ritmo e vida e deve ser utilizado amplamente na construção narrativa.

A pontuação...além de fundir ou excluir possíveis perguntas atua no sentido do texto se curvar à narração e dela se realizar no texto. Nunca ordenamento ou reordenamento estrutural, mas realmente uma pontuação: em “pontos” específicos atuar para que o oral se realize em texto e o texto plenifique-se em “oralidade escrita”: essa relação, essa dimensão ético-moral que se apresenta como cuidado

A TRANSCRIÇÃO EM HISTÓRIA ORAL
E A INSUFICIÊNCIA DA ENTREVISTA

epistemológico não tem regras, não pode ser ensinado: cada oralista na relação vital com o colaborador fundará o texto num processo compartilhado tendo como horizonte o respeito à experiência viva do colaborador. (CALDAS, 2008, p. 166).

O trabalho transcriativo se aproxima do artesanal. Isto se dá, pois a possibilidade de transcrição somente é viabilizada quando aquele que escreve o texto final está envolvido em todas as etapas do trabalho, desde a elaboração do projeto de pesquisa. O envolvimento direto com o tema e com o documento vivo materializado pelos entrevistados é insubstituível na composição no texto final. A experiência agregadora da pesquisa em história oral de vida confere gradativamente ao oralista a segurança necessária para escrever com propriedade sobre a vida daqueles com quem divide experiências. Tal qual o produto do artesão, o texto transcrito é o resultado de uma série de etapas criativas que vão contornando um produto sempre inédito.

Isto não diminui o valor de trabalhos em que duas ou mais pessoas são responsáveis por diferentes etapas do trabalho. Por isso, é necessário enfatizar que praticamente tudo depende das propostas estabelecidas no início do projeto. Nos casos em que há um grande número de entrevistas e que somente a transcrição é prevista para os fins da pesquisa, é aceitável que este trabalho seja realizado por pessoas que nem mesmo tenham participação na pesquisa. Quando nos debruçamos, contudo, em propostas que valorizam experiências contidas em histórias de vida, o total envolvimento do pesquisador é demanda inquestionável. Da mesma maneira, não se mostra necessário o acúmulo de entrevistas, uma vez que os objetivos não se concentram em elementos de ordem quantitativa.

Sendo assim, a entrevista por si só se mostra insuficiente em alguns casos. Eventos marcados pelo trauma e pela dor, por exemplo, podem suscitar necessidades diferenciadas, as quais devem ser negociadas diretamente com os envolvidos. Uma vez que o objetivo do trabalho com histórias de vida não se esgota na reprodução simplesmente de uma narrativa, mas em preocupações que remetem à responsabilidades com uma história pública e que permita a discussão de questões de amplitude coletiva, os recursos

que admitem a criação permitem que experiências desconhecidas ou desvalorizadas possam trazer à tona realidades de fato vividas. A transcrição, desta forma, é o recurso ideal para potencializar os trabalhos de história oral, em especial os de histórias de vida

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de; JANNELLI, Maurizio. **A Princesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ALMEIDA, Juniele Rabelo; AMORIM, Maria Aparecida; BARBOSA, Xênia. Performance e objeto biográfico: questões para a História Oral de Vida. In: **Oralidades**: Revista de História Oral, São Paulo, Núcleo de Estudos em História Oral-USP, ano 1, n. 2, jul./dez. 2007, p. 101-109.

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. **Decifra-me ou devoro-te**: História oral de vida dos meninos de rua de Salvador. São Paulo: Loyola, 1995.

BERTAUX-WIAME, Isabelle. Mémoire et récits de vie. **Penélope**, Paris, n. 12, 1985, p. 47-54. Mémoires de femmes.

BOSI, Ecléa. **O Tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê, 2003.

CALDAS, Alberto Lins. Pontuação em História Oral. **Oralidades**: Revista de História Oral, São Paulo, Núcleo de Estudos em História Oral-USP, ano 2, n. 4, jul./dez. 2008, p. 163-167.

_____. Transcrição em história oral. **NEHO-HISTÓRIA**: Revista do Núcleo de Estudos em História Oral, São Paulo, n. 1, nov. 1999, p. 71-79.

DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Augusto & Lea**: um caso de (des)amor em tempos modernos. São Paulo: Contexto, 2006.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo**. reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Ed. da UNESP, 2008.

História oral de vida



História de vida de um travesti

José Carlos Sebe Bom Meihy

A proposta que me guiava era a coleta de relatos de vida de *prostitutas brasileiras fora do Brasil*. Preocupado com história oral da emigração, estou atento aos impulsos que motivam correntes de conterrâneos a deixarem o país em busca de outro espaço vivencial. Subjacente à intenção do projeto, na ocasião em que entrevistei Genivaldo Cruz, em Paris, buscava garantias de que além da movimentação comum aos lances migratórios, há algo mais do que o simples ir determinado por apelos econômicos. Interessa-me, sobretudo, as tais *motivações subjetivas*, as “outras causas” que sempre ficam no filtro do interdito.

Atento a detalhes decorrentes desse complexo fluxo, preocupei-me com a questão de gênero, pois me é transparente o crescimento de redes femininas que tendem inverter a proporção da liderança masculina no comando do processo. Os efeitos disso assombram e isso transparece em países como Espanha e Portugal onde a reputação das mulheres brasileiras tornou-se fator de alerta nas passagens migratórias. Estatísticas mostram que cerca de quarenta mulheres brasileiras, por mês, são “barradas” em Madri e mesmo em Portugal preside um olhar suspeito sobre elas.

Por manter contato com um hotel no Rio de Janeiro que é conhecido posto de turismo sexual encontrei articulação que facilita o movimento de pessoas afins: homens europeus e mulheres brasileiras. Nessa saga viajei algumas vezes a Europa em busca de contatos.

Quando estava em Paris, em 2009, soube de uma organização filantrópica, comandadas por senhoras, que tentavam ajudar essas moças. Em contato com uma delas, fui encaminhado para a secretária da instituição, Gabryelle. A surpresa foi dupla, pois Gaby – como prefere ser chamada – é um travesti que queria dar entrevista, contar sua vida para deixar um registro. Imediatamente estabeleceu-se um dilema, pois o projeto buscava histórias de mulheres. Mediante o impasse criado, Gaby tratou de argumentar que era mulher em corpo de homem. Este argumento bastou para que reavaliasse a situação e fizesse a gravação. Foi uma longa entrevista, de cerca de quatro horas de duração. O início foi marcado por certa euforia característica de quem tinha um discurso preparado e conduzido na mais convencional chave *gayete*. Não faltaram, pois momentos engraçados que, contudo, foram se modulando no caminho da seriedade digna de uma história que se impõe sobre limites e preconceitos.

Por se tratar de tema de domínio diferenciado – ela sabendo detalhes de procedimentos, locais e detendo conceitos precisos e eu despreparado para a abordagem de assuntos sobre o corpo de um travesti – o andamento da gravação foi lento, aclarado por explicações pontuais. Chamou-me a atenção o fato determinante da *vontade de contar*. Olhando-me com intensidade, Gaby estava certa de que narrava sua trajetória para um público maior. Não vacilou em julgamentos de sua moral que sintetizou num “valeu a pena”. Coerente com o fito de dizer que sempre soube o que quis e que chegou onde queria, o triunfante travesti revelou que apesar de gostar do corpo e trejeitos femininos não é uma transexual e que gosta de se vestir de mulher porque se sente uma em corpo de homem. O trabalho de transcrição mostrou-se essencial para não eliminar os modos da fala. De outra forma, como captar detalhes e modismos?

**Vou contar um segredo: eu queria ser mulher,
não uma fêmea.**

Meu nome é Genivaldo Cruz. Pode ter nome pior?! Genivaldo já é horrível, imagine Genivaldo Cruz... Mudei. Quando ainda estava

no Brasil, ao mudar para Betim, MG, próximo a BH me chamei de Sylvia – sim com “y” para ficar mais chique. Depois quando fui para BH passei a me chamar Betyna, também com “y”. Adoro “y”... Depois mudei quando fui para o Rio de Janeiro e mais outras vezes quando vim para a França. Confesso que me esforço para esquecer que nasci Genivaldo, mas não consigo, volta e meia os documentos me lembram dessa desgraça. Em francês fica pior ainda: Genivaldô. Ai!.. é praga, não é? Pode alguém chamar Genivaldo e ainda Cruz? Pode?! É Cruz mesmo, cruz que eu carreguei desde que nasci.

Mas minha história começou em Divinópolis, cidade do interior de Minas Gerais onde nasci... Divinópolis, veja só que nome!... Lá eu era Genivaldo. Tinha horror que as pessoas me chamassem de Geni... Geni daquela música do Chico “*joga bosta na Geni*”. E eu era a própria Geni “*maldita Geni*”... Felizmente as pessoas preferiram Valdo – que já é horrível, mas também não gostava que pusessem no feminino, Valda. Valda é feio demais, mas para me garantir contra a Geni, aceitava tanto Valdo como Valda... Um dia, uma pessoa me chamou de “pastilha Valda”, me azucrinei, fiquei possessa, comecei a buscar outros nomes, mas ainda não tinha muita imaginação. O melhor que consegui foi Sylvia... Foi assim até que se deu minha mudança de cidade. Mudar de cidade, mudar de nome, né?! E daí em diante... Olha, aqui na França tive vários nomes. Eu mesma não saberia dizer quantos. Adotei: Mychelle, Gyselle, Gabryelle – sim, além de “y” comecei a usar dois “ll”. “Y” porque gosto, dois “ll” por causa da numerologia e do significado de “elle”. Acho divino “elle”. Agora fixei em Gabryelle e fiquei conhecida aqui assim. O problema é quando vou para o Brasil onde as pessoas voltam a me chamar de Valdo ou Valda...

Minha idade? Mas que pergunta! Quantos anos acha que eu tenho? Diga? Diga, não se intimide. Bem, já que não quer dizer vou pedir para que registre que estou na faixa dos trinta... tá bom assim? Deixa quando me perguntam a idade. Prá quê esta pergunta, diga, prá quê? Cada um tem a idade que merece e pronto. De todo jeito, mineirinha que sou, peço para a pessoa que me pergunta adivinhar quantos anos eu tenho. Sempre dizem menos e eu ainda diminuo mais uns 10%. Daqui a pouco vou fazer uns quinze anos...

Como eu era não podia ficar na cidade em que nasci – era demais para mim, para minha família e para todos – resolvi sair... De vez em quando passo por lá quando vou ao Brasil, mas me sinto cada vez mais estranha, até parece que estou em um filme ou em um sonho... o filme é de terror, o sonho pesadelo. Divinópolis é uma cidade de costureiras e confecção. Tem muito sapato e bijuteria também. Aliás, me vestir bem, gostar de roupa, foi a única coisa boa que aprendi lá. Não sei muito de meu pai, mas minha mãe era sacoleira, comprova roupas e sapatos lá e ia vender em BH. Foi com ela que aprendi essas coisas de moda, de costura. Sabe que costuro muito bem? Mesmo aqui em Paris, eu faço algumas roupas para mim, principalmente quando me apresento em shows. Gosto muito de corte e costura. Demais. Mas voltemos à Minas... como disse, acompanhava mamãe nas compras e ia muito com ela a BH. Ela era bem mente aberta e se acostumou comigo como companheira. Fomos ficando amigas, mais do que mãe e filha, e ela me contava os casos que tinha, perguntava se achava esse ou aquele homem bonito. Até me emociono ao lembrar isso porque ela usava uma palavra gozada para falar de homem bonito: “pão”. Minha mãe me aceitava e isto sempre fez toda diferença. Conheço outras “meninas” que sofrem muito com a rejeição familiar. Mas era só ela que me aceitava... meus dois outros irmãos, ish! Era uma mineirada machista, bronca, Deus me livre. Mas sempre me impus e me perdi de meus irmãos.

Com meus dez anos, já me sentia mulher e gostava de roupas de meninas. Tinha que vestir uniforme para ir à escola, mas era mesmo uma mulherzinha, apenas meu corpo era masculino. De-tes-ta-va sair de hominho na rua... Em casa, direto, me vestia de menina e fazia tudo que se esperava de uma garota: arrumava a casa, lavava roupa, cozinhava – eu cozinheiro muito bem, viu – passava... Adoro cantar e me imaginava uma futura atriz, apresentadora de televisão, coisa assim. Sinceramente eu me sentia uma menina com a infelicidade e sonhos típicos da idade. O engraçado é que queria transformar o meu corpo, ter peitinho, formas arredondadas, mas não reclamava de meu pau... Acho até engraçado, mas meu pinto não me incomodava; queria ser mulher na aparência, isto sim era importante; mulher nos gestos,

nos costumes, no jeito de olhar. Aos doze ou treze anos, só tinha amigas e sofria demais na escola... dia de aula de educação física era um tormento para mim. Imagine aqueles machinhos mineiros e eu no meio deles. Sofri muito... muito. Você consegue me imaginar jogando futebol?...

Com quinze anos “debutei”. Debutei, quero dizer, me soltei. Soltei definitivamente a franga. Resolvi assumir que era mulher e pronto. Não ia ficar de menina apenas dentro de casa. Comecei sair montada. Imagine isso em Divinópolis. Não dava mais para ficar lá. Minha mãe resolveu pagar para uma tia minha de Betim, próximo a BH, para que eu ficasse morando com ela. Fui, mas mesmo pagando pensão, era tratada como empregada doméstica. Uma escrava, na verdade. Havia coisas boas também, lá eu podia andar vestida de Sylvia e não mais precisei ir à escola... Parei na terceira série do segundo grau, nem terminei o “ginásio”. Ah! Na casa em Betim eu costurava para todo mundo e até para vizinhos. Sabe que fazia um dinheirinho costurando para fora? Também foi em Betim que comecei a notar que muitas pessoas me olhavam com desejo... Fui aprendendo a retribuir; mas nada de sexo... Vou contar um segredo: eu queria ser mulher, não uma fêmea. Sonhava com um príncipe encantado, apaixonada, casada, com marido e filhos – imagine com filhos – mas não tinha muito a ver com sexo... tinha a ver com paixão.

Sabe que para o meu perfil até que comecei minha vida sexual tarde? Foi aos treze para quatorze anos que tive minha primeira experiência. Mas aí é que entra o detalhe importante: eu me sentia mulher, queria me vestir como moça, rebolava, gostava de salto alto, brincos... mas sexualmente não queria muita coisa. A minha primeira pessoa foi um cara mais velho que devia ter uns 30 anos e era padeiro... Ele, depois do trabalho, passava tempo num bar que tinha perto de onde morava, e um dia fui comprar refrigerante... ele me olhou fez sinal... Fomos ao banheiro que era bem escondido e lá ele me apalpou. Não fizemos muita coisa, mas considero esta a minha primeira vez. Depois fui me atrevendo com coleguinhas, com pessoas da redondeza... Logo aprendi que muitos gostavam de me ver com corpo de mulher, mas gostavam também de meu pau. Eu adorava me sentir atraente...

Sei que vai ficar surpreso, mas quero dizer que sexo para mim não é tão fundamental como todo mundo pensa. Não é messsimo. Logicamente faço sexo, mas não com a satisfação que imaginam. É preciso explicar melhor esta história. Todo mundo confunde tudo. A palavra gay ou prostituição masculina diz respeito a um mundo de coisas. Tudo é *très compliqué*. Eu, desde garotinha, gostava de roupas femininas, mas não era de brincar com bonecas. Gostava de me arrumar... Vivia no meio das meninas, mas queria sempre ver os peitinhos delas, os penteados, cortes de cabelos... É verdade que sentia também atraído pelos meninos, mas tenho certeza, queria é que eles e elas sentissem o mesmo por mim. Olha, vou contar outro segredo: sempre fiz sucesso entre elas... e... entre eles. Sempre. Juro.

Então, devo dizer que em Divinópolis passei por duas fases: primeiro só me vestia de mulher em casa; depois comecei a sair na rua com roupas femininas, deixei as unhas crescerem – adoro manicure, a-do-ro – descorei meu cabelo, fiz luzes, e deixei bem crescidinho, solto. Ah! Usava brincos sempre. Meu maior medo era ter pelos na cara, no peito. Nas pernas não me preocupava muito, pois seria fácil depilar, mas não queria ter aparência de homem. Felizmente só fui fazer a barba lá pelos vinte e um anos. Os hormônios ajudaram retardar o aparecimento de pelos e comecei a tomá-los logo aos dezessete anos. Hoje, meu maior desgosto é ter que fazer barba... Já tentei o tratamento a laser, mas para mim não adianta muito. Sabe que até aos hormônios minha barba resiste. Não suporto pelos e isto para mim é o inferno. Quando faço a barba tenho minha hora Genivaldo. Olho no espelho e me vejo homem.

Quando mudei para Betim, fui disposta a não abrir mão de minha feminilidade. Fui montada e de homem tinha umas duas ou três pecinhas de roupas. Nada de cueca, só calcinhas. Olha que loucura: até absorvente eu tinha!... Quando cheguei na casa da tia, logo fui pondo para quebrar. De início, meu primo – da mesma idade que eu – achava estranho – pelo menos dizia, né? Sabe o que aconteceu? Imagine. Comecei achar que alguém mexia nas minhas coisas; minhas roupas estavam sempre meio fora do lugar, os brincos também. Comecei a desconfiar dele, primeiro que

ele procurava dinheiro ou coisa assim. Sabia que ele era hétero e até conhecida a Imaculada, namorada dele. Depois comecei a achar que ele procurava coisas para dar para a menina, mas aos poucos fui vendo que ele experimentava minhas roupas. Um dia dei um fraga e o encontrei com uma saia e blusa minhas, bem mulherzinha. Fiquei sem saber o que fazer. Naquela época eu era pouco instruída dessas coisas. Bem, o encontro foi um desastre para ele. Pediu pelo amor de Deus para não dizer nada para a tia, para ninguém e menos ainda para a namorada. O engraçado é que começamos a trocar ideias e aos poucos ele começou a dormir com meu *baby doll*, usar minhas coisas. Mas ele fazia isto só em casa, no nosso quarto e era um segredo nosso. Nunca transei com ele...

Com a experiência de meu primo aprendi muitas coisas. Em primeiro lugar que transvestir é uma prática fetichista, e que algumas pessoas praticam apenas dentro de casa. Eu sou do outro tipo, exibicionistíssima. “Aparecer” é comigo mesma... Gosto de sair montada. Montadíssima. Perfumada, chamado atenção... Pessoas como meu primo, não. Ele só gostava de se montar em casa, para mim. Outro dia, da última vez que estive no Brasil, perguntei para ele como iam as coisas e ele me revelou que depois daquela namorada partiu para outras e que agora casado, apenas a mulher dele sabe desse segredo e que ela até gosta de transar com ele com detalhes femininos... Então aprendi também que se vestir de mulher não quer dizer obrigatoriamente ser gay. Sabe que demorou para minha ficha cair... Nossa! Garanto que esse primo é macho de verdade.

E falando de sexo, eu comecei a ter experiências variadas em BH. Foi assim: queria muito sair da casa da tia, ia então procurar emprego. Imagine, eu com meus dezessete anos, de mulherzinha, indo de escritório em escritório procurando vaga de secretária. Sabe, acontecia uma coisa intrigante. As pessoas me dispensavam, mas certos homens, principalmente os chefes, mais velhos, me olhavam com desejo. Estava cansada de tanta busca e às vezes em vez de procurar emprego ia às lojas e adorava quando não me identificavam como homem. Ia duas vezes por semana de Betim até Belô e nada, olha que são trinta quilômetros. Tinha que tentar “algo mais”,

pois sabia que a grana da mamãe estava difícil. Um dia, fui a um conjunto de escritórios de uma firma na Av. Amazonas, e o cara do RH depois de breve entrevista disse que não tinha nada para oferecer além de um café depois do expediente. Disse para ele que não morava lá e que tinha que retornar a Betim. Ele garantiu que me levaria de carro se o esperasse. Malandrinha, me fiz de difícil, mas aceitei. Olha, não diria que era virgem, pois tinha passado por algumas experiências, mas nunca tinha tido nada definitivo, me entende? Nunca por exemplo, tinha – até meus dezessete anos – tido uma experiência com penetração. Pois bem, aconteceu. Aconteceu, mas não do jeito que esperava. Eu fui ativa... O cara me levou para um hotelzinho perto da Rodoviária. Liguei para a tia e avisei que tinha conseguido uma entrevista e que ia chegar atrasada e fiquei com o cara.

Foi fácil aprender que apesar da aparência de mulher, muitos homens procuram travestis para que eles, os fregueses, atuem como passivos. Sabe, me encantei com esse tema. É lógico que com o tempo, fui encontrando variações e não são poucos os que usam o nosso corpo como se fôssemos mulheres. De todo jeito, posso dizer com mais de vinte anos de experiência que muitos homens se excitam com outro homem com características femininas, com corpo de mulher e cacete. Quero deixar bem claro que sou travesti e não transexual. “Trans” são aquelas que têm horror de ter pau, que o cortam e querem se esquecer que um dia foram homem. Eu não, para mim não é assim. Gosto muito de ter pinto até e garanto que muitos fregueses – a maioria – também. O que não abro mão é das roupas, gestos, trejeitos de mulher... adoro um batonzinho...

Pois bem, continuei com este cara e mesmo morando em Betim, duas vezes por semana batíamos ponto no hotelzinho. Como vinha de Betim, adotei o nome Betyna... Comecei ficar conhecida do pessoal do hotel e um dia, cheguei cedo e fiquei conversando com o porteiro que me perguntou se eu não queria fazer programas com outros fregueses. Disse que sim. Disse sem pensar... Disse e pronto. Um dia ele chegou com um número de telefone e me passou. Peguei e depois que me despedi do cara do RH, liguei para o outro com a maior naturalidade. O cara achou que eu era

profissional e foi logo perguntando quanto cobrava e como fazia para marcar encontro. Acertamos que deveríamos nos conhecer antes e ele sugeriu que no dia seguinte fosse a cinema pornô, chamado Cine Regina. Sinceramente, fiquei apavorada, pois ainda não tinha nem os dezoito anos necessários. Mas achei que era minha chance. Fui, encontrei o cara como tínhamos combinado e saímos. Era um advogado de uns 40 anos e que trabalhava sozinho em um escritório no centro. Fomos para lá. Ele também era passivo e eu já estava mais prática na coisa. Fiquei com os dois e logo comecei pensar que se continuasse assim poderia me mudar de vez para BH. Logicamente comecei a pedir dinheiro para passagem, queria uma comidinha aqui, uma roupinha nova ali. De dois passei para três, pois o segundo advogado tinha um amigo que gostava de fazer à três. Para mim tudo bem desde que entrasse uma graninha. O terceiro arrumou um outro amigo, o amigo um outro, o outro uma amiga – sim mulher – e de repente vi que dava para ganhar um dinheirinho e deixar a casa de minha tia. A esta altura, tinha fregueses e todos sabiam de tudo e eu estava já na praça. Fui aprendendo os segredos da cidade, sabia o babado da Rua Bias Fortes, da Av. Santos Dumont...

Consegui que o segundo advogado alugasse um quartinho para mim, perto da Universidade. Era bem ruinzinho o lugar, mas era um começo. Sempre fui bem de finanças, e isto também tinha aprendido com minha mãe que agora estava casada de novo e morava no Rio de Janeiro. Com dezessete anos, tinha já a altura que tenho hoje, 1,65 e era bem magrinha, mas de pernas grossas. Nunca fui atlética, graças a Deus. E sabe que meus peitos eram até que grandinhos. Mas não estava absolutamente satisfeita. Queria porque queria silicone que naqueles dias, em Minas Gerais, não eram tão comum. Mas sempre provocava meus fregueses dizendo que eles ficariam bem servidos se eu fosse mais “completa”. O curioso é que aos poucos eu ia fazendo mais dinheiro, aprendi logo a tirar um tostãozinho a mais aqui, outro ali. Vi que os caras que gostavam de travestis eram mais facilmente mão aberta, até porque temiam escândalos. Acho que ia também um pouco de culpa por se sentirem “anormais”. Sorte minha, né? Também fiz negócio com os caras de um motel e sempre que ia lá ganhava uma graninha extra.

Com dezessete para dezoito anos comecei a tomar hormônios. Foi simples: ia à farmácia e pedia... Os balconistas sabiam e indicavam. Tomava e ia sentindo mudanças em meu corpo. Pensei que se aumentasse as doses poderia ter melhor resultado. De fato, meus peitinhos começaram crescer, minha pele ficou mais lisinha, as unhas mais fortes e os cabelos também... pelo menos eu achava isso. Comecei a abusar dos medicamentos. Queria resultados rápidos e assim fui de farmácia em farmácia e ia consumindo mais e mais remédios. Sentia minhas formas mais arredondadas e ficava eufórica. Tive, uma vez uma grande alegria, quando notei que minhas roupas não mais me serviam. Quando penso em mim antes da hormonização fico surpresa com as mudanças conseguidas. Abusei muito de tudo. Comecei a gastar o que tinha em remédios e o pior é que além de engordar, tinha muita dor de cabeça e tontura... Mas não parava. Vicieei. Também fui ficando impotente. Meu sexo começou a ficar cada dia mais frouxo e notei que alguns clientes não gostavam muito de travesti brocha. Eu tinha que fazer esforço para dar conta do recado e às vezes não conseguia.

Sofri bastante nessa época, pois não tinha conhecidos, apenas clientes... Entrei em depressão e o resultado foi voltar para a casa da minha mãe em Betim... Foi um momento difícil. Estava já com corpo de mulher, com uma história de prostituição e não me sujeitava às regras domésticas. Era hora de mudar outra vez, pensei. Nessa época aconteceu outra coisa importante: me apaixonei. É tão difícil falar disso. Tinha um açougueiro em Betim que era lindo. Lindo e gentil... ele sempre me atendia com muita atenção e até dava um pesinho a mais na carne que eu comprava. Comecei a ir ao mercado todos os dias e logicamente, passava para vê-lo. Um dia dei uma piscadinha para ele e ele sorriu. Acho que o menino era mais criança que eu, mas isso não me importava. Um dia não aguentei e mandei um bilhete para ele me declarando. Ai que louca fui! Louca de vez, porque nem eu mesma sabia o que queria. Gostava do bofe, mas não era para transar, entende? Era uma coisa mais espiritual, mais sonhadora. Foi besteira o que fiz, pois espantei o moleque. Ele se assustou e não mais quis saber de mim. Isso durou um mês, um mês e meio, o tempo que fiquei em

Betim... Foi importante para mim, porque pude avaliar como meus sentimentos estavam. Pensei que fosse incapaz de amar. Vi também que tinha reputação de “traveca de programa” e que isto me proibia amar. A maior lição foi que daí em diante teria que ser profissional, sem amores... sem ilusões. Hoje, aqui em Paris, tenho um caso fixo, mas é uma relação aberta.

Acho que diferente em minha vida é que eu nunca fui muito de grupo. Como tive que me virar sozinha, fui fazendo minha freguesia sem necessidade de fazer tapetão... ah! esqueci: tapetão é como os travestis chamam as ruas asfaltadas. Tem gente que fala pista, mas a maioria que conheço prefere tapetão... Agradeço muito a “Nossa Senhora do Gliter” por não precisar fazer tapetão em BH. Tive que fazer no Rio, mas isto foi depois. No começo, em BH, fiz uma agenda com nomes de advogados, estudantes, médicos, comerciantes, engenheiros; tinha comerciários, feirantes também, mas era outra coisa. Olha, dei muita sorte. Muita. Nunca, em Minas, entrei nesses esquemas perigosos de rotas de prostituição, de violência, de cafetão – ai, Deus me livre. Minha clientela se fez de vagar, de boca em boca, e até que foi bem selecionada. É lógico que tinha de tudo: gente cheirosa, gente que não toma banho; co-roas que só queriam companhia feminina, tarados; jovens frustrados e maconheiros. Sintia-me protegida... Depois a coisa mudou. Cansei de Minas. Comecei achar que a vida podia ser mais excitante em outros lugares. Mantive sempre contato com minha mãe que sabia o que se passava comigo. Eu também sabia o que ocorria com ela, que tinha se juntado com um ex-traficante de drogas convertido, evangélico. Logicamente, minha mãe seria contato para eu ir a o Rio.

Meu sonho era mesmo ir para o Rio. Depois que fiquei mal com os hormônios, comecei a me preocupar mais. Sabia que minha mãe também não tinha grana e que o “maridão” dela não ia querer um travesti morando com eles. O jeito era me virar por mim mesma. Foi o que fiz. Mesmo quando retornei a Betim, não deixei BH. Dei sorte outra vez, pois numa dessas idas, apareceu um cliente carioca que se encantou comigo. Caprichei na noite que passei com ele num hotel. Ele era um viajante, comerciava roupa de banho e cama para firmas como hotéis, motéis.... Ele era bem

bonitinho e apesar de ser casado, pai de dois filhos, gostava de variar... e variava bem, juro. O cara era legal e sempre que ia a BH me procurava. Foi assim por uns três meses. Ficamos amigos e um dia ele disse que tinha um esquema legal no Rio, com um hotel que atendia. Achei que era a chance. Investi.

O hotel que o carioca falava era bem localizado, em Copacabana, perto das boates que em torno do Lido, no posto dois. A possibilidade do hotel era perfeita, pois poderia ter onde ficar, dormir como “residente”. O rapaz se mexeu, eu prometi que sempre ficaria à disposição dele e logo eu estava me mudando para o Rio. O problema é que ele não disse que eu iria trabalhar de arrumadeira. Pensei que fosse para fazer programas, mas não era. Como já tinha tomado todas as providências de mudanças, na última hora não ia desistir. Aliás, seria besteira, pois onde iria arranjar outro emprego com lugar para dormir? Não esperava que as tarefas de “residente” fossem tão duras. Às vezes tinha que arrumar quartos de madrugada, fazer faxina, lavar banheiro e tudo. Era emprego de verdade e até carteira assinada tive. Varria, arrumava cama, limpava, esfregava, tirava pó... Virei uma doméstica. Sempre estava de mulher, vestia uniforme de empregada claro, mas logo vi que de vez em quando, no hotel mesmo, aparecia algum programinha ou outro. Era meio clandestino, tinha que tomar cuidado para não concorrer com o esquema do hotel, mas rolava. O curioso é que as pessoas, tanto os empregados como os hóspedes me aceitavam.

Voltei a ter contato com minha mãe. Comecei achar ela meio infeliz, desanimada com o casamento. De vez em quando ia a sua casa na favela Pavão Pavãozinho, mas não gostava nada do ambiente. Em relação ao fato de eu ser travesti não havia problema nenhum. O pessoal do morro até que respeita mais do que o da cidade, mas o ambiente de gente pobre, de suspeita de droga, de polícia armada... Isso tudo era muito. Sinceramente, minha mãe estava a fim de outro tipo de movimento. Pensei em arranjar uma vaga para ela no hotel e batalhei isso. Como continuava fazendo meus programinhas com o mesmo carinho que facilitou minha vinda, consegui dele um contato com o gerente do hotel. A esta altura sabia que apesar de ser hotel quatro estrelas, os hóspedes vinham

sempre, do estrangeiro, para turismo sexual. Era claro isto. Todo dia achava camisinha, cremes, toalha suja, e até via muita gente se movimentando nesse sentido. Eu via as meninas que entravam e saiam. Eram lindas... Pois bem, quando fui conversar com o gerente, ele me mostrou um *book*, um livro de fotos de mulheres sensuais. Eram as tais moças que atendiam no hotel, na base da escolha do cliente. Com cara de pau, ele disse que estava pensando em abrir novo *book*, só para travecas. Tôpei na hora... Vi logo a oportunidade de por silicone, ir a bom médico e tomar hormônios certos, controlados... Tudo deu certo, até o emprego para minha mãe arranjei, mas, mas o marido dela não topou e pouco depois ela voltou para Minas.

Para o *book* me recomendaram um *studio* onde deveria fazer fotos provocantes. Foi a glória! As fotos ficaram ótimas e assim estreei o *book*. Mas começaram os problemas. Outras bonecas foram convidadas também e pela primeira vez eu sofria concorrência. E que concorrência! As bonecas cariocas eram lindíssimas, super produzidas, tinham roupas que eu nem imaginava, siliconadíssimas, e trabalhavam em grupo. Foi quando tive que, pela primeira vez, entrar no rolo e ter um cafetão. Bestava saída: eu me retirar, mas como voltar para Minas era último recurso, tive que ficar “amiga”... Não tinha muita escolha. Logicamente, elas me colocaram lá em baixo, na última escala. Acontece que estes turistas estrangeiros, muitas vezes, querem programas em grupo e eu sempre tinha que estar às ordens. Foi assim que sobrevivi. Mas a concorrência era enorme. Acho que a única vantagem que levava em relação às outras é que, apesar dos hormônios, eu era mais ativa do que passiva e os gringos gostavam muito disso.

Com os gringos a coisa foi mais pesada. Eles bebiam muito e não eram poucos os que usavam cocaína e outras drogas. Eu nunca fui chegada nem a bebida, a fumo... Muitas “meninas” eram. Outra novidade complicada para mim eram as armas. Sim, todas as bonecas tinham pelo menos um canivete ou navalha na bolsa. Todas. Sem exceção. Eu tinha medo de armas. Tenho até hoje. Além disto, nos programas conjunto tudo acontecia e perdia-se o controle. Tive que aprender a aguentar coisas que nem gosto de lembrar e até sentia saudade dos velhos tempos de Minas. Alguns gringos

não tomavam banho, outros não queriam usar camisinha. Coisas bem complicadas. Sem falar naqueles masoquistas que gostam de apanhar. Sabe, quando eu tinha que amarrá-los ou bater, fazia com força, mas não era minha praia. É lógico que às vezes aparecia um ou outro legal, mas a maioria era só para sacanagem. Não tínhamos problemas de pagamento, porque o hotel se encarregava disto. Foi quando apareceu o Oscar, cafetão de umas meninas que começaram a cobrar porcentagem quando me chamavam para completar “festinhas”. O Oscar era um cara horrível, muito violento, mas não tinha como me livrar dele: era aceitar ou ficar de fora. Então havia uma rede, o pessoal do hotel, o Oscar, os clientes, as agências de turismo...

Quando comecei a fazer programa com gringos, tive que sair mais à noite. Foi quando comecei também a fazer tapetão. Era tudo muito complicado para mim, porque além da falta de experiência, no começo a gente só consegue rua ruim, afastada, mal iluminada. Todos os pontos no Rio são tomados, muito bem guardados pelas meninas ou pelos cafetões delas. A gente ouve cada história!... tem de tudo, até morte, mas morte violenta. Toda traveca tem medo de ser assassinada... Eu só fazia tapetão quando a clientela do hotel estava em baixa, mas tinha que fazer. E o Oscar estava sempre por perto. Aos poucos fui ganhando um dinheirinho a mais, mas gastava muito também. No Rio, tinha que usar produtos importados na maquilagem, tinha gastar muito mais em perucas, apetrechos e acessórios. Ainda que eu continuasse morando no hotel, via que só poderia progredir se tivesse lugar próprio, fazer a minha clientela. Os custos, porém, são elevados. Demais para uma traveca. Sabia de histórias horrorosas de moças que dormiam em quartos miseráveis e que têm que sair à noite como se fossem princesas. Nossa um horror.

Tive que fazer uma escolha: ou ia morar sozinha ou aplicaria o dinheiro em uma prótese de silicone. Queria também aumentar meus lábios que eram finos demais, queria uma bochechinha mais rechonchudinha e um pouco mais de bunda. Tudo isso ficaria no mínimo em uns dez mil dólares. E olha que não se tratava de boas clínicas. Quando fiz vinte e dois anos, com já mais de três de Rio, eu tinha guardado uns R\$ 5 mil. Foi quando tive que desviar

meu plano e ajudar minha mãe. Fiquei desesperada, mas não tive saída. Por esta época – eu estava mais na rua que no hotel e pagava pedágio para o Oscar – quando chegou uma excursão naquele hotel. O Oscar me chamou porque os gringos queriam traveca ativa e eu era conhecida nessa área. Foi quando conheci Jeean Pierre, que logo ficou ligado em mim. Pierre já conhecia bem o Rio, era dono de casas noturnas na França e especialista em “dar jeito” em travecas brasileiras. Eu me animei na hora e achei que era a oportunidade. Tive que tratar a coisa como negócio e precisei mostrar que tinha algumas habilidades. Eu tinha ouvido falar de bonecas brasileiras que faziam ponto no Bois de Bologne em Paris, de outras que sobreviviam em Milão ou em Zurique. Aliás, o hotel em que trabalhei tinha relações com o “Piranha’s Bar” em Zurique e muitas meninas, mulheres, iam do Rio para trabalhar lá.

Para encurtar a história tratei de seduzir o tal de Jean Pierre. Ele era bem profissional e me escolheu também porque viu que eu poderia dançar, cantar, fazer programa e além de tudo sabia costurar... isso foi muito importante porque ele queria fazer shows e precisava de costureira. Novamente senti que Nossa Senhora do Gliter tinha me protegido. Fui para a França com visto de artista, por noventa dias. O visto não me dizia nada porque tinha certeza que ia para ficar. Os noventa dias vão para dez anos... Ir para a França foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido: livre-me do Oscar, do tapetão, da concorrência carioca. Mas não pense que foi tudo fácil. Não falava uma palavra de Francês, não conhecia ninguém... além disso, no avião tive que dar meu passaporte para o Jean Pierre e logo vi que está era a primeira atitude de dependência que ele estipulava. Não tinha dinheiro nenhum... nada! Isso era outra dependência. Mas havia um gostinho de triunfo: a menina de Divinópolis ia para Paris!...

Não dormi no vôo. Nem eu nem Tatiane, outra boneca baiana que também foi comigo, mas que eu não conhecia ainda. Tati era mulata, linda, bombada com silicone e de lábios perfeitos. Ela ia para cantar e juntas faríamos uma apresentação glamorosa no show que seria montado com o nome de *Stravaganzza*. O show era só de travecas. No total éramos umas cinco brasileiras, mas havia tam-

bém colombianas, argentinas.. A maioria era brasileira... Fui morar com Tati num quartinho em Montmartre. Era um pardieirinho... pequeno, escuro, sem banheiro no quarto, mas estávamos bem melhor do que muitas outras. O ruim foi que logo depois veio mais uma “menina”, de Angola, e ela era muito deprimida, chorava demais e tinha hábitos estranhíssimos. Quando chegou mais uma, de Cuba a coisa começou a se complicar porque não tinha lugar para todas e ainda a cubana falava espanhol o que complicava para a gente. Apesar das brigas fomos sobrevivendo e o show foi se montando. Estreamos na Rue de Mounier, bem abaixo do Molin Rouge, onde fica um barzinho “do ramo”. O show foi bem bonzinho e o Jean Pierre começou a agenciar a gente para outras apresentações. Eu tinha desenhado todo guarda roupa e além disso cantava e dançava. Cantava bossa nova, “o barquinho”, “garota de Ipanema”, coisas assim. Logicamente, depois do show tínhamos que fazer programas, mas o Jean Pierre é que se encarregava de agenciar. Quando não tínhamos apresentação, restava “atender”. Confesso que era bem difícil. Além da língua, dependíamos do Jean Pierre para tudo. Quando nosso visto venceu, foi um horror!... horror, pois não podíamos ficar na rua porque se a polícia pegasse seríamos deportadas como ilegais.

Minha sorte brilhou novamente porque fui ficando conhecida como costureira. Você sabe, Paris é cheia de travecas brasileiras. Cheíssima... Elas são famosas aqui e eu acabei virando costureira “oficial” das meninas. Olha, até que aprendi a falar um francesinho aceitável, depois de tanto tempo, quase dez anos, dá para me virar, mas a “moças do Brasil” são bem tapadinhas, elas não aprendem a língua. A Tati logo saiu do show, arranjou um velho italiano, foi para a Toscana, fez operação e não mais deu notícia. Eu acabei conhecida como modista e além das meninas, comecei a costurar para outras brasileiras. Foi quando conheci um pessoal mais “bem”, gente de família. Espertinha, fui fazendo um dinheirinho e tratei de fazer um *carpet* de clientes. Sim, continuei fazendo programas, mas com exclusividade afinal *noblesse oblige*. A costura dava para me virar e como eu cozinheiro, gasto pouco, logo fui ficando autosuficiente. Logicamente, não dispensava os programinhas, mas era mais segura...

Costurando acabei conhecendo pessoas do consulado brasileiro e entre outras pessoas “bem” fiquei amiga da dona Carmem que resolveu me proteger. Ela tem uma organização que cuida de brasileiras, mulheres, “desgarradas”. É um trabalho fabuloso, de combate à prostituição em geral. Além de tudo, sou secretária desta instituição. Olha, eu dei sorte. Muita sorte... Sei que a maioria das pessoas não são bem sucedidas por aqui. Principalmente as “meninas” do Bois sofrem muito, apanham, são exploradas e muitas delas ficam doentes, deprimidas ou loucas. Eu sou grata a pessoas que sempre me ajudaram. Na vida acabei conhecendo Henry, um senhor divorciado, de mais de sessenta anos. Pois bem, ficamos juntos algumas vezes e temos uma relação estável. Ele me ajuda quando preciso, me ensina francês, me leva a restaurantes e espetáculos... e o que é melhor, me deixa livre para um programinha ou outro. Não faço mais prostituição, credo... pelo contrário, trabalho contra isso, mas me divirto.

Hoje estou bem aqui, quero ficar mais uns cinco anos na França e quando tiver um dinheiro bom guardado volto para morar no Rio que o sonho de todos os mineiros e mineiras. Desliguei de minha família, principalmente depois que minha mãe morreu, faz uns três anos. Vou de vez em quando ao Brasil, mas vou e volto. Sempre que preciso de cuidados com o corpo vou ao Brasil. Foi lá que coloquei silicone, engrossei os lábios, e é lá que me abasteco de hormônios e vou ao médico... Ah! Imagine, até dentista vou no Brasil. Acho que nós temos uma boa medicina e não tenho dúvidas de usar o que posso de lá. Hoje tenho alguma estabilidade econômica e procuro ajudar os e as brasileiras que estão por aqui. Diria para as “meninas” que querem mudar o corpo que busquem um endocrinologista no Brasil. Ele certamente recomendará exame de progesterona, estrogênio e indicará o hormônio certo. Aprendi a aceitar o meu corpo e apenas mexer no que posso, nos limites possíveis. Sou homem, homem com corpo de mulher, mas sou feliz assim.





Tradução





Testemunhando narrativas

Rita Charon

Tradução: Roberto Rillo Bísvaro e
Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Um dominicano de 46 anos de idade me visita pela primeira vez, designado como meu paciente por seu plano de saúde. Ele vem sofrendo de falta de ar e dores no peito, e teme por seu coração. No início da primeira consulta, digo-lhe, “Serei sua médica, e por isso tenho de aprender muita coisa sobre seu corpo, sua saúde e sua vida. Por favor, me diga o que você acha que devo saber sobre sua situação”. Então, esforço-me para não dizer uma palavra, para não escrever em seu prontuário médico. Tento absorver tudo o que ele conta sobre si, sua saúde, família, trabalho, medos e esperanças. Escuto, não só o conteúdo de sua narrativa, mas também sua forma – curso, temporalidade, imagens, subtramas associadas, silêncios. Presto atenção em onde ele escolhe começar a dizer de si mesmo, como sequência sintomas ou os relaciona com outros eventos de sua vida.

Depois de alguns minutos, o paciente pára de falar e começa a chorar. Pergunto por que chora. Ele responde: “Ninguém nunca me deixou fazer isso antes.”. Lentamente, as implicações para a prática de uma medicina narrativa estão se tornando mais claras. À medida que clínicos desenvolvem a capacidade de atenção,

¹ Traduzido com a permissão da Oxford University Press. Do original em inglês: CHARON, Rita. Bearing Witness. In: _____. *Narrative medicine: honoring the stories of illness*. New York: Oxford University Press, 2006.

descobrem os poderes de representação, conforme essas práticas se coadunam com pacientes e colegas, descobrimos que *o que fazemos* na prática é alterado.

Ao desenvolver a competência narrativa através da leitura atenta e da escrita reflexiva, nos *posicionamos* de maneira diferente perante os pacientes. Nossa nova orientação e habilidades narrativas alteram nossa missão como membros de nossas profissões e o modo como tratamos nossos pacientes. Esboçarei abaixo como rotinas de atendimento ao paciente são fundamentalmente alteradas por força de novas aptidões: como coletamos e registramos informações clínicas, como podemos desenvolver alianças com os pacientes ao longo do tempo e o que fazemos para os pacientes sob nossos cuidados.

A doença abre portas

A doença abre portas. Pode não ter sido sempre o caso, mas hoje, é mais provável ser uma doença – e não, por exemplo, a perda da fé – o agente que impulsiona uma pessoa para o autoconhecimento e a busca de objetivos e valores de vida. É quando se está doente que se questiona em quem confiar, qual o significado da vida, e quanto sofrimento se pode suportar. É mais provável que seja o médico – não o padre confessor – quem escute as respostas a essas perguntas. Doença e estado do corpo ofuscaram outros eventos de vida como agentes *definidores* individuais para si mesmos e para os outros. Grupos de sobreviventes de câncer proliferaram; a luta pelos direitos dos deficientes é o movimento por direitos civis mais em voga na contemporaneidade; participação em grupos como Alcoólatras, Narcóticos ou Comedores Compulsivos Anônimos substitui a frequência à igreja para muitos; e chamamos nosso país de “Nação Prozac”. Encontramos nosso parentesco através de nossos corpos – não entre parentes de sangue, mas entre aqueles que compartilham de nossas disposições corporais. Recentemente, postei uma mensagem no grupo online de medicina narrativa sobre como a doença parece abrir portas.²

² <http://www.narrativemedicine.org> traz instruções a respeito de como se juntar à lista e postar mensagens.

Recentemente, ocorreu-me pensar como a doença abre portas. Não sei se é porque las pessoas não tendem a ter conselheiros religiosos ou confessores hoje em dia, mas quando as pessoas vêm me ver porque eu sou uma médica, contam as mais profundas e sérias preocupações de suas vidas. A situação de sua saúde física lhes permite analisar e considerar suas vidas. Agora vejo com profundo respeito como os pacientes aceitam desafios e divididos de mudanças na saúde. Parece que estamos a expandir nossas noções de como reagir à doença. A tarefa de preparar-se para receber histórias das doenças do Outro parece um desafio enorme e gratificante.

A clareza e a força das respostas postadas à minha mensagem me impressionaram. Cito algumas das respostas – a primeira de uma oralista e a outra de um médico que se tornou um Gestalt-terapeuta.

De Mary Marshall Clark, diretora do Projeto de História Oral na Universidade de Columbia:

Não posso deixar de responder a esta mensagem. Recentemente realizei uma série de entrevistas de história oral com os capelães engajados na Health-Care Chaplaincy – uma organização ecumênica que coordena a atribuição de capelães para a maioria dos principais hospitais de Nova York. O projeto incluiu também entrevistas com ex-pacientes, e suas famílias, por exemplo, cujos filhos morreram no Memorial Sloan Kettering, e com médicos como Jimmie Holland, que fundou o campo da psico-oncologia. É verdade que muitas pessoas, com ou sem filiação religiosa, enfrentando a morte, encontram a necessidade de “narrar” suas experiências como parte da busca por sentido que, de certa forma, caracteriza a essência da condição humana. Os capelães que entrevistei muitas vezes não falam de religião ou de Deus (por isso, não usam mais o termo “religião”, mas “espiritualidade”). Estão lá simplesmente como receptáculos para que as pessoas supram sua necessidade de contar histórias. Eles também acham que os profissionais da saúde sentem necessidade de falar tanto quanto os pacientes e seus familiares. O que os peritos ouvintes fazem, sejam eles médicos, oralistas, ou, como nesse caso, capelães, é abrir as portas para ouvir histórias que outros podem não estar dispostos a ouvir. Na verdade, como nossos projetos de História Oral sobre o 11 de setembro de 2001 nos ensinaram, esta é uma experiência única e profundamente gratificante.

Outra resposta foi enviada pelo médico de família e terapeuta Gestalt Barry Bub, refletindo sobre a sua formação pastoral:

Como alguém treinado nos cuidados de saúde, fui forçado a enfrentar minha própria apreensão ao visitar os doentes, munido apenas de um livro de salmos. Sem estetoscópio para conferir autoridade, sem jaleco branco para me esconder. Todas as técnicas de psicoterapia em suspenso e minha identidade de médico escondida. Estava totalmente dependente do poder da presença e capacidade de ouvir... Meu papel era trazer uma conexão humana, para estabelecer uma relação eu-outro que aliviasse um pouco esse isolamento, que é a própria essência do sofrimento...

Isso obrigava-me a ouvir com muito cuidado e em diferentes momentos refletir e responder, injetar humor, apoiar o silêncio ou oferecer bênção ou oração. Tudo isso baseado no que ouvia e em minha própria resposta emocional à narrativa. Longe de ser um receptáculo passivo, foi um processo muito, muito ativo.

Enquanto exibia empatia (validação terapêutica), pouco foi baseado em compaixão. Isso, na verdade, é um dos grandes mitos da escuta. Eu estava simplesmente fazendo o meu trabalho, que era ouvir profissionalmente, algo que poucos médicos são treinados para fazer. Compaixão surgiu a partir da interação, não a causou. Finalmente, quando eu ouvi as narrativas “deles”, eles ouviram a minha – minha linguagem corporal, a escolha das palavras e assim por diante – determinando o que por sua vez, eles escolhiam compartilhar.

Mais tarde em outra resposta, para esclarecer o seu uso da palavra “receptáculo”, Mary Clark Marshall escreveu:

Em história oral, entendemos histórias como presentes (literalmente, as depositamos na biblioteca como “presentes” em nossos formulários de inscrição), então estava pensando em “receber” as histórias como presentes. Além disso, pensei (em termos psicanalíticos) nas origens da palavra, como “receptáculo” ou “algo que mantém ou segura”. Não estava pensando em um processo passivo *versus* um ativo, porque, em história oral, muitas vezes pensamos em silêncio como uma presença e falamos nisso como uma forma de “escuta ativa”, registrada na intersubjetividade e em elementos não-verbais.

Seguiu-se um longo diálogo on-line, com a presença de muitas vozes – incluindo enfermeiros, médicos, capelães, e pacientes – so

como é possível receber as histórias dos pacientes e qual a melhor forma de cumprir o papel de testemunhar sobre a doença. Concordamos que os estados de atenção, representação e afiliação contribuem para a nossa capacidade de testemunhar o sofrimento dos pacientes e colegas. Trabalhamos para esclarecer o papel do profissional de saúde não como um ouvinte passivo, mas sim como um parceiro atento à construção de verdadeira intersubjetividade com pessoas doentes. Muitos de nós tínhamos descoberto a centralidade do testemunho em nossas práticas. Ao mesmo tempo em que prestávamos cuidados médicos, pastorais ou fisioterápicos, percebíamos – e nos esforçávamos para articular – que fomos convocados para o lado de pessoas doentes, para cuidar de seu sofrimento, para não deixá-lo passar despercebido, para reconhecer o sofrimento e ouvir sobre ele conforme nos contam os pacientes.

Nosso trabalho com medicina narrativa nos levou a aprender sobre testemunhos com os estudos de história oral e de trauma, dois campos entre outros, que, como o nosso, dependem de atenção e de representação para lidar com o processo de cura. Embora as demandas de uma prática clínica dedicada ao cuidado de indivíduos doentes seja diferente de um esforço para deixar pessoas traumatizadas registrarem suas experiências como testemunho público, os métodos desenvolvidos pelos oralistas e estudiosos de trauma são marcantes para o nosso trabalho. Começando com a definição do transtorno, de estresse pós-traumático em 1980 e sua inclusão no DSM III pela Associação Americana de Psiquiatria, surgiram novos vocabulários e modos de pensar sobre o trauma e seus sobreviventes.³ Estudos sobre o trauma e sua teoria cresceram a partir das práticas de psiquiatras, psicanalistas, terapeutas, advogados, documentaristas, autobiógrafos e literatos que

³ Ver Cathy Caruth, ed., *Trauma: explorations in memory and unclaimed experience: trauma, narrative, and history*; Shoshana Felman and Dori Laub, *Testimony: crises of witnessing in literature, psychoanalysis, and history*; Geoffrey Hartman, *On traumatic knowledge and literary studies*; Dominick LaCapra, *Representing the holocaust: history theory, trauma and writing history, writing trauma*; Claude Lanzmann, *Shoah: an oral history of the holocaust*; and Pat Barker, *Regeneration*, para introduções aos campos de teoria e estudos do trauma. Ver *The oral history reader* editado por Robert Perks e Alistair Thomson, para uma visão geral dos métodos e teorias da história oral.

tentaram compreender as sequelas de traumas – incluindo a guerra, violência étnica, repressão política e abuso sexual – e tratar aqueles que tinham sido submetidos a eles. Questões urgentes em torno da exatidão da memória e do metabolismo da experiência traumática foram abertas a discursos apaixonados. Os eventos traumáticos em escalas cada vez maiores entraram em pauta – a Guerra do Vietnã, juntamente com as atrocidades no Camboja e no Laos, o Apartheid, as limpezas étnicas da Europa Oriental, o genocídio em Ruanda. Nas sombras da Primeira Guerra Mundial, do Holocausto e de Hiroshima, esses sofrimentos em massa recapitularam as não-articuladas perdas anteriores e a impossibilidade de responder a elas. Se tudo que o Dr. W. R. H. Rivers⁴ pôde fazer por Wilfred Sassoon foi mandá-lo de volta ao campo de batalha, tendo tratado com sucesso o seu trauma de guerra, não se poderia fazer algo mais em face da Shoah, da bomba atômica, ou do Khmer Rouge?

Ao mesmo tempo, alguns traumas privados, como abuso infantil, estupro e violência doméstica se tornaram, se não mais prevalentes, pelo menos mais narráveis. Mais e mais terapeutas, educadores e médicos descobriram que faltava uma resposta eficaz para que seus pacientes lidassem com seus traumas. Não apenas questões técnicas, mas compreensões fundamentais de como os seres humanos experienciam eventos dolorosos eram trazidas à tona. Em um momento comovente de colaboração, estudiosos, escritores, médicos e cientistas se reuniram para perguntar – apesar de suas linguagens e práticas serem muito diferentes entre si – o que pode ser feito? O que pode ser feito para aliviar o sofrimento de uma criança que testemunhou o estupro e o assassinato de sua mãe durante a guerra civil em Ruanda? Ou do soldado que perpetróu vítimas civis no Vietnã, por nunca saber quem era o inimigo? Ou dos sobreviventes do Holocausto, que ainda não narraram plenamente tudo o que testemunharam e sofreram?⁵

⁴ N. T. Doutor William R. H. Rivers viveu entre 1864 e 1922. Inglês que atuou nas áreas de antropologia, neurologia, etnologia e psiquiatria. Ficou conhecido por seu trabalho com os soldados que voltavam da Primeira Guerra Mundial em “estado de choque”.

⁵ Geoffrey Hartman, *Narrative and beyond*.

O que aprendemos a partir da história oral e estudos de trauma é que o trabalho de testemunhar não violenta o orador, não *interfere* na narrativa. Ao contrário empenha-se em uma audição ativa, respeitosa e confirmadora. Aprendemos com a prática de Dori Laub, um psiquiatra que trata de sobreviventes do Holocausto, que esses “precisavam contar a sua história, para que pudessem sobreviver. Há, em cada sobrevivente, uma necessidade imperiosa de *contar* e, portanto, de vir a *conhecer* a história de cada um... conhecer a verdade enterrada em cada um, a fim de poder viver sua própria vida.”⁶ Aprendemos com o terapeuta cambojano Phaly Nuon, que trabalhou com mulheres sobreviventes das atrocidades do Khmer Rouge, que os sobreviventes devem primeiro lembrar, para então esquecer. Assim, poderão aprender a trabalhar e a amar; “dessa maneira, nunca terão de ser solitários e tão sozinhos novamente”.⁷

Se os profissionais de saúde tomam emprestado conceitos e práticas dos estudos de trauma e da história oral no exercício rotineiro da medicina ou de enfermagem, é porque podemos ver uma perda, talvez mais poderosamente, sob a ótica do outro. Podemos reconhecer no sofrimento catastrófico e público aquilo que está sempre presente e carente de atenção no sofrimento local e privado. Um grande número de médicos – Kate Scannell, Abraham Verghese, Abigail Zuger, Peter Selwyn, e Daniel Baxter – que cuidam de pessoas com AIDS, tem escrito sobre o sofrimento individual de seus pacientes, dentro de um quadro mais amplo do sofrimento global que esta epidemia tem causado.⁸ A médica de família Cathy Risdon encontrou maneiras de humanizar sua prática clínica, oferecendo-se como uma nova *receptora* de uma adolescente problemática, que sofre o peso talvez universal da adolescência.⁹ O psiquiatra e especialista em medicina da dor Mark Sullivan trata pacientes com dor crônica não com inibidores

⁶ Dori Laub, *An event without a witness: truth, testimony, and survival*, 78.

⁷ Ver a descrição sobre o centro de tratamento comunitário Phaly Nuon, presente na obra de Andrew Solomon, *The noonday demon*, 37.

⁸ Katrien De Moor, *The doctors role of witness and companion: medical and literary ethics of care in AIDS physicians' memoirs*.

⁹ Cathy Risdon and Laura Edey, *Human doctoring: bringing authenticity to our care*.

ou opiáceos, mas incentivando-os a contar, narrando rigorosa e sistematicamente, tudo o que rodeia a dor.¹⁰

Reorientar a nossa prática clínica em direção à *possibilidade* de testemunhar o sofrimento de nossos pacientes requer treinamento e habilidade em ouvir narrativas pessoais e nos cuidados com quem as escuta.¹¹ Isso porque, pode ser necessário para a cura, não apenas receber um relato do trauma, mas também permitir que o narrador siga além. Como Dominick LaCapra observou “pronuncia-se a tendência de um determinado sujeito submergir seu eu e identificar-se totalmente com a experiência de seu trauma, e a recuperação de uma vítima pode depender da reconstrução de si mesmo como mais que uma vítima.¹² LaCapra nos lembra a importância de incorporarmos temporalidade e intersubjetividade em nossas práticas, por meio do esforço comum para vislumbrar um paciente com um futuro para além do trauma, percebendo quão críticas são nossas habilidades narrativas para a prática de testemunhar. Podemos estar no limiar de uma nova prática clínica ao ter feito essa guinada em direção ao testemunho, ao aguçar nossa compreensão de empatia ou de compaixão para incluir nela a “experiência respeitosa, desorientadora e emocional da alteridade do outro: uma experiência que é radicalmente ética”.¹³ Nossos esforços narrativos em direção à ética e à intersubjetividade nos permitem não só *sentir* algo sobre a perspectiva do paciente, mas cometer atos de reconhecimento particularizado e eficaz, que, levam além da empatia, abrindo para a possibilidade de restaurar o poder e o controle daqueles que sofrem.

Como curadores do corpo, médicos e enfermeiros têm uma responsabilidade especial para com aqueles que sobrevivem ao trauma. Geoffrey Hartman nos lembra que “talvez a única maneira de

¹⁰ Mark D. Sullivan, *Pain in language: from sentience to sapience*.

¹¹ Ver a complexa e útil discussão sobre o eu, narrativas, histórias e auto-representação feita por Roy Schafer no capítulo “Narratives of the self”, em *Telling a life*. Ver Dori Laub, “Bearing witness, or the vicissitudes of listening” para uma discussão sobre o custo de uma escuta testemunhal autêntica.

¹² Dominick LaCapra, *Representing the holocaust*, 12.

¹³ David Morris, *How to speak postmodern: medicine, illness, and cultural change*, 5.

superar uma separação traumática entre corpo e mente é voltar à mente através do corpo. Recordamos que até a voz, ao sair, seca e sufoca.”¹⁴ Seja transitória, seja terminal, ao nosso ver, todas as doenças vão traumatizar, machucar e exigir um esforço ético intersubjetivo para reafirmar a unidade do paciente. Na ficção, como na prática, podemos ver como nossas respostas à doença física podem se traduzir na geração de estados não-corporais, como a esperança. Enquanto a protagonista de Henry James em *Wings of the Dove*, Milly Theale, encontra-se no palácio morrendo, Sir Luke Strett retorna a seu lado, prestando cuidados tanto para ela quanto para Densher, o homem que a traiu:

Os fatos do sofrimento físico, da dor incurável, das chances horripelantemente reduzidas, haviam se tornado, subitamente, intensos, e este seria o caminho [Densher] estava agora a senti-los. A depuração do ar era uma visão não apenas possível, mas inevitável, a única coisa a ser grato era a largura dos ombros de Sir Luke, com os quais, caso alguém fosse capaz de manter-se em alinhamento, poderia, até certo ponto, interpor-se...

Sir Luke finalmente estava diante dele mais uma vez... O grande homem não tinha partido, então, e uma rendição imensa à necessidade dela era tão intensa que era expressa de tal forma que, algum efeito, alguma ajuda, alguma esperança, faziam flagrantemente parte da expressão... [Uma vez que] Sir Lucas ainda estava lá, [Milly] tinha sido salva...¹⁵

São graves as implicações para os profissionais de saúde desses novos papéis, que envolvem a participação ativa de ouvir as histórias dos pacientes e render-se a sua imensa necessidade. Se a doença abre as portas para o conhecimento de si e de seus valores por meio do testemunho, então a pessoa que cuida de doentes tem de estar preparada para o exame da vida que inevitavelmente acompanha a doença. Temos que aprender a ouvir os registros múltiplos do próprio corpo e saber como responder de forma ética e respeitosa sobre o que ouvimos. Não podemos renunciar a este objeto de nossa tarefa e nem mesmo às outras da medicina, pois o corpo não vai se curvar a prescrições de alguém que não pode

¹⁴ Geoffrey Hartman, *On traumatic knowledge and literary studies*, 541.

¹⁵ Henry James, *The wings of the dove*, New York Edition, 20:299, 302.

reconhecer o eu dentro dele, o eu exposto à nova luz do dia em virtude de rupturas em sua superfície de saúde.

O Transporte ativo ou amor

Meu compromisso com o processo testemunhal intensificou-se ultimamente devido à uma grave enfermidade de um parente próximo, que leu este texto e consentiu em sua publicação. Durante todo o tempo, ela tem sido transparente no que se refere a me relatar seus estados interiores, em parte para se ouvir narrando, mas também, acredito, para deixar registrado o que está passando. Seus médicos não prestam atenção em tudo o que escrevo aqui, mostrando-se despreparados para escutar sua profunda experiência com a doença. Por ser médica e amá-la, possuo uma motivação especial para ouvir esses árduos aspectos desafiadores do novo eu que ela está descobrindo através da doença.

Aos 46 anos, Rosie (nome fictício) descobriu que tinha um meningioma, um tumor intracraniano, que, apesar de não ser maligno pode causar danos sérios aos tecidos do cérebro e dos nervos. Seu tumor era no ponto ângulo-cerebelar, que influencia a audição, deglutição, voz, visão binocular e equilíbrio. Ela se submeteu a uma neurocirurgia de oito horas de duração, menos de um mês após o diagnóstico do tumor. Permaneceu hospitalizada por quase uma semana. Disseram-lhe que talvez pudesse retornar ao trabalho em seis semanas.

Não foi o caso. Ao invés disso, Rosie embarcou em uma perigosa descoberta de um outro eu. Como resultado do tumor e da cirurgia, ela perdeu a audição no ouvido esquerdo. Também perdeu muitas das funções cerebrais que são tão automáticas que permanecem despercebidas até que sejam perturbadas: equilíbrio, deglutição, convergência dos olhos e fala. O que ela tem lutado contra – e o que tem sido incrivelmente capaz de expressar em palavras – é a experiência absolutamente nova de viver sem essas habilidades automáticas e ter de executar cada uma conscientemente a fim de poder viver.

“Quando me banho, não sinto a água morna; sinto a água fria e a quente separadamente.”. Fiquei pasma quando ela disse isso nas

semanas que se seguiram à operação. Percebi que ela devia ter perdido funções sensoriais básicas, que, para o resto de nós, suavizam as sensações táteis de diferentes elementos da temperatura. Era como se ela tivesse passado da pintura realista a óleo do século XIX para o pontilhismo, de uma hora para outra.

Ela também descobriu que perdera certos filtros auditivos que sequer sabia que possuía. “Noite passada, durante o noticiário, ouvi o âncora dizer ‘eu sei, eu sei’, no meio da transmissão. Pensei que ele estivesse falando com a pessoa que fica na cabine de transmissão, cuja voz pode ouvir através daqueles aparelhos que usa na orelha. Mas, eu fui a única que ouviu aquilo.”. Talvez, mesmo com a perda auditiva que sofreu, sua acuidade no outro ouvido tenha se tornado aguda e ela tenha escutado algo que ninguém mais fora capaz. Ou talvez, algum filtro sensorial automático – que teria suprimido essa interrupção auditiva desnecessária por interpretá-la como algo sem significado – esteja desconectado, dando a Rosie acesso mais íntimo a qualquer estímulo sensorial auditivo.

A perda da função vestibular não se resume ao simples fato de se ficar tonto quando nos movemos. Rosie perdeu a noção de onde seu corpo se localiza no espaço. Para andar, ela necessita pensar onde coloca cada pé. Tem que decidir o que fazer com os braços enquanto caminha. Cada movimento causa um turbilhão de sensações em sua cabeça; não náusea ou tontura, mas a sensação de que tudo deu errado. Isso acontece cada vez que ela se movimenta. O dano no oitavo nervo causou não apenas disfunção vestibular, mas também acúfeno. Ela o descreve não como um zumbido em seus ouvidos, mas como “uma gritaria na minha cabeça”, que sempre a acompanha. Médicos afirmam que há pouco tratamento disponível para acúfeno e que a maioria dos pacientes encontra um modo de conviver com ele. Duvido que entendamos completamente o peso desse sintoma crônico, e benigno, segundo nossos conceitos.

Prejuízo ao nervo vago e ao hipoglossal causou dificuldades na deglutição. Apesar de vigorosos exercícios de reabilitação, Rosie é incapaz de engolir até mesmo líquidos sem conscientemente relaxar o esfíncter superior do esôfago através da contração dos músculos abdominais. Se não fizer isso, ela engasga. Ela teve que

mudar seu comportamento tônico para se adaptar a essa mudança. Por exemplo, ela não prova mais as comidas enquanto cozinha, porque teria que passar pelo procedimento algo complexo e demorado de abrir o esfíncter antes de pôr o alimento na boca. Então, ela “aprendeu” a cozinhar sem experimentar o que faz.

Coloquei aprendeu entre parênteses porque é exatamente esse processo de adotar novos comportamentos que quero enfatizar. Esse novo eu dela é um que não experimenta a comida enquanto a prepara. Trata-se de uma estranha descontinuidade. Esse novo eu não pode correr espontaneamente até a porta quando a campainha toca. Ela não pode ir pescar nos fins de semana porque o estímulo da luz, das ondas, do movimento e de tudo que envolve estar em seu amado barco de pesca constitui-se em sobrecarga sensorial. Ela não pode desfrutar de uma refeição ou ler um livro. Rosie perdeu cerca de 20% de seu peso pré-operatório devido a sua dificuldade em comer. Perguntei-lhe se esse novo eu estava se tornando mais familiar ou menos estranho para ela. Sua resposta foi: “Eu tenho que me lembrar de não experimentar a comida enquanto cozinho”, o que equivale a dizer que ela não vive naturalmente com esse novo eu. Ela ainda se impressiona com o que se tornou, olhando a seu redor para perceber as dimensões do estranhamento que, repentinamente, herdou.

Mesmo assim, seu tratamento é considerado um sucesso. O meningioma foi completamente removido como podemos observar em imagens de ressonância magnética pós-operatórias. As sequelas deixadas são complicações conhecidas da neurocirurgia e espera-se que diminuam em decorrência de reabilitação agressiva, reparo glotal e talvez dilatação do esfíncter superior do esôfago, além de procedimentos para realinhar os músculos extra-oculares. Ela frequenta reabilitação vestibular e terapia deglutiva duas vezes por semana, fisioterapia três vezes por semana para restaurar a função dos músculos da extremidade superior, enfraquecidos pela cirurgia. Além disso, uma vez por semana, alternadamente vai a um grupo de apoio psicológico e outro de aconselhamento individual. Ela está tentando melhorar. Quando as pessoas a vêem, especialmente depois de um longo tempo, comentam que está maravilhosa. Ela aceita os elogios de bom grado, mas geralmente diz a si

mesma: “se eles soubessem quão estranha me sinto. Não sou eu mesma; tornei-me uma pessoa diferente. Jamais serei quem eu era.”.

A perspectiva de escrever uma descrição narrativa da experiência de Rosie fez com que eu prestasse ainda mais atenção em nossas conversas, as quais registro aqui. Quando minha paciente leu o texto, sentiu-se ouvida; era como se meu texto tivesse lhe dado voz. Ela o mostrou a outras pessoas como um registro de sua experiência. O simples ato de escuta atenta e, depois, a representação fidedigna do que havia sido ouvido estreitou nossos laços – vez mais, uma representação dos procedimentos da medicina narrativa, desta feita, realizada em casa e não no consultório.

Através de seu relato a partir do “campo de batalha” da doença, a qual não pode ser totalmente compreendida por quem está de fora, Rosie me ensinou lições sobre o eu alterado pela enfermidade, as quais absorvi pelas membranas do amor. Seu neurocirurgião e seu otorrinolaringologista não sabem o que eu sei a respeito de sua recuperação; mesmo assim, fica cada vez mais patente que eles cuidariam dela mais *efetivamente* se soubessem. Acredito que o que aprendi sobre Rosie por intermédio do transporte ativo de amor, pode ser aprendido sobre nossos pacientes. Isso não significa que pacientes devem ser tratados como se fossem familiares, mas, as lições aprendidas em nossos relacionamentos afetivos têm seus corolários e seus exemplos em nossa prática profissional. Uma vez experimentada nossa capacidade de testemunhar o sofrimento do outro – através do compromisso afetivo – temos à disposição, para utilizar em nossa prática, essa permeabilidade para com o sofrimento dos outros, essa receptividade em relação á palavra dos outros, essa generosidade do nosso eu a serviço de outro, que quer ser ouvido.

Ninguém me deixara fazer isso antes

Meu novo paciente – o chamarei Ignacio Ortiz – contou-me muito a seu respeito naquela primeira consulta: as mortes prematuras de seu pai e de seu irmão mais velho, em decorrência de problemas no fígado; o inconveniente de se mudar da República

Dominicana para Nova York ainda adolescente; a mudança recente da construção civil para um emprego de meio-período como atendente em uma loja de roupas, devido à incapacidade física para realizar trabalho pesado e sua vergonha por não poder mais sustentar sua família sem receber auxílio governamental. Em meio a tudo isso, ele me relatou sintomas físicos como dor no peito, falta de ar, dor nas juntas e fadiga. Ele me pareceu deprimido e seus sintomas não eram típicos de quem tem angina. Mesmo assim, prescrevi um exame do coração, em parte porque supus que ele se sentiria aliviado em saber que gozava de boa condição. Ele aceitou com gratidão.

Ao observar os resultados do exame, na semana seguinte, fiquei chocada ao descobrir que ele tinha um problema nas coronárias: um defeito reversível de perfusão na veia coronária direita. Liguei pessoalmente para a clínica de cardiologia para marcar uma consulta para ele. (Se ele tivesse um plano de saúde melhor, eu teria ligado para um de meus amigos cardiologistas com consultório particular e o Sr. Ortiz teria sido atendido no dia seguinte.) Um cardiologista o atendeu uma ou duas semanas depois e iniciou um tratamento anti-angina à base de betabloqueadores e nitratos, reservando cateterismo caso isso falhasse.

Em visita subsequente a meu consultório, o Sr. Ortiz e eu recapitulamos os eventos dos meses anteriores. Ele não mais sentia dores no peito ou falta de ar. Sentia-se muito mais vigoroso e parecia consideravelmente menos depressivo e passivo. Depois de sua primeira visita, eu publicara uma descrição de nossa primeira consulta em um jornal médico (alterei muitos detalhes clínicos para torná-lo irreconhecível), porque senti-me muito comovida com suas lágrimas e a afirmação de que ninguém jamais o deixara fazer aquilo antes.¹⁶ Conte-lhe sobre a publicação e ofereci-me para enviar-lhe cópia do artigo. Quando perguntei se ele se lembrava de nossa primeira consulta, animou-se: “Claro que lembro! Aquilo que você fez aquele dia me deu mais confiança na sua habilidade como médica. Desde então, eu rezo para você todo dia.”. Ficamos sentados lá, ambos com largos sorrisos, desfrutando a sorte de termos encontrado um ao outro.

¹⁶ Rita Charon, *Narrative and medicine*.

Em retrospecto, parece-me que, juntos, apreciamos nossa transferência médica. Ambos compreendemos que nosso relacionamento tinha desenvolvido algum ingrediente que o aprofundou, tornando-o particularmente poderoso. Devo admitir que não telefono para o cardiologista pessoalmente para todo paciente. Caso nosso encontro não tivesse se dado da forma como ocorreu, ele poderia não ter ido à consulta com um cardiologista indicado por sua nova médica. Desde então, continuamos a acompanhar sua doença cardíaca. Sua tristeza e vergonha ainda não se dissiparam. Ele continua a ter dor nas juntas, fadiga, problemas com o filho e explosões de raiva, intoleráveis, mas incontroláveis. Estimulo-o a contar-me o que está passando. Embora eu *realmente* o escute como médica – pedindo chapas do joelho e indicando anti-inflamatórios para suas juntas –, também ouço o que ele tem a dizer acerca de si mesmo. Ele encontra conforto e força em sua narrativa e se descobre recordando coisas da infância e estabelecendo conexões entre suas emoções, seu passado e sintomas físicos. Digo a ele que sua percepção é profunda, sofisticada e corajosa.

Ele concordou comigo que esteja deprimido – não suicida ou desesperançado, mas desmotivado, frequentemente choroso e confuso. Disse a ele que podemos tratar isso com terapia ou medicação antidepressiva. Ele optou pela primeira alternativa. Ao invés de encaminhá-lo ao assistente social para psicoterapia de apoio, eu mesma o atendo duas vezes ao mês. Pedi auxílio a um assistente social com experiência em terapia familiar para ser meu supervisor, enquanto desempenho essa nova mistura de medicina com terapia de apoio. Parece-me correto eu mesma encarregar-me da terapia do Sr. Ortiz e não mandá-lo a um psicoterapeuta, porque sua dor emocional está intimamente ligada a sua situação física. Seria danoso para a integridade do seu eu separar esses dois aspectos de seu sofrimento, deixando sua depressão e desencorajamento à cargo de um assistente social e reservando a dor no peito e a falta de ar para mim.

Creio que o que estou tentando fazer pelo Sr. Ortiz é testemunhar seu sofrimento ao mesmo tempo em que tento aliviar algumas de suas facetas, compartilhando com ele a ideia de que não sabemos realmente o quê “causa” o quê. A fadiga e a dor nas juntas, que o

impedem de realizar trabalhos pesados, contribuem para seu desencorajamento e aprofundam sua vergonha? Sua depressão clínica, com seus elementos de pessimismo e desencantamento, ativa suas sensações de fadiga e intensifica sua percepção da dor crônica? Trabalho para controlar suas dores e a doença cardíaca, e, paralelamente, aprendo sobre sua vida, seu passado e o modo como ele os enxerga agora. Talvez nosso trabalho ajude-o a compreender suas explosões de ira, a aprender a ser pai de um adolescente e a trabalhar na loja de roupas, da melhor maneira possível, apesar de suas limitações físicas. A atenção com a qual iniciamos nosso trabalho levou à representação. Sua leitura da descrição de nossa primeira consulta, publicada no *New England Journal of Medicine*, adicionou uma prova concreta sobre minha dedicação a ele. Combinados, esses movimentos de atenção e representação despertaram nossa atenção para o desenvolvimento de nossa estreita ligação, a qual é mutuamente fortificante e significativa muito em nossas vidas, podendo, inclusive, melhorar sua saúde.

A prática da medicina narrativa

Quero descrever, em termos muito práticos, a diferença que a tríade da medicina narrativa – atenção, representação e afiliação – faz em minha prática profissional.¹⁷ Considerações narrativas influenciam uma miríade de dimensões na prática típica: coleta de informação, arquivamento de dados, tomada de decisões terapêuticas e a construção de relacionamentos ao longo do tempo. Fundamentalmente, as considerações narrativas sondam o que pode significar estar doente ou estar são. Com a iluminação da narração, muito da paisagem do corpo e da saúde se altera. Percebemos quão intrincados são os processos que levam alguém a se sentir bem, a se sentir um eu. Nós, profissionais da saúde, vemos o quanto podemos fazer pelos doentes sob nossos cuidados.

Se quisermos mudar o modo convencional de tratar da saúde, seremos obrigados a inventar novas práticas através das quais os

¹⁷ Agradeço as observações da escritora Melanie Thernstrom e da estudante Nora Gross, que acompanharam a mim e meus pacientes em meu consultório, durante 2003 e 2004, ajudando-me a distinguir e descrever os componentes narrativos do trabalho eu meus pacientes e eu fazemos.

profissionais de saúde possam alcançar novos objetivos. Temos que articular quais são esses objetivos, como podem ser alcançados, como avaliar a eficácia depois de tê-los alcançado, como treinar outros para atingi-los e qual diferença eles representam para os pacientes. Precisamos encontrar modos para deixar registros quando a tarefa narrativa é cumprida. Não apenas para cobrar por nosso tempo (essa é a visão niilista), mas para manter os registros para uma comunidade de pacientes. A descrição que John Berger faz do médico rural John Sassal é reveladora: “Ele faz muito mais do que tratar deles quando estão enfermos; ele é testemunha objetiva de suas vidas, embora raramente se refiram a ele desse modo... de modo algum, ele é um árbitro final. Por isso, escolho o humilde termo *escrivão*: o escrivão de suas histórias. Ele mantém os registros para que, de vez em quando, possam ser consultados pelos pacientes. Ele os representa... Torna-se sua memória objetiva (ao contrário de subjetiva)... porque ele também representa algo que eles sabem, mas não conseguem pensar.”¹⁸

Coletando informação

Considerações que narrativas sobre doença desafiam os procedimentos convencionais de coleta de informação clínica. Se acreditamos que a narrativa dos pacientes sobre o corpo e o eu significa alguma coisa e que a forma e o conteúdo importam, então não aprenderemos o que devemos sobre e dos pacientes, perguntando-lhes as mesmas questões. Ao invés disso, devemos nos equipar com habilidades radicalmente mais flexíveis e criativas. Temos que nos tornar permeáveis àquilo que os pacientes emitem sobre si mesmos, através de múltiplos canais. “O médico não deve apenas ouvir o que é dito, mas, com ouvido treinado, deve escutar as palavras exatas usadas pelo paciente e em que ordem são expressas. Histórias devem ser recebidas, não simplesmente anotadas”, escreve o endocrinologista e ex-reitor da Westminster Hospital Medical School, Sir Richard Bayliss.¹⁹

¹⁸ John Berger e Jean Mohr, *A fortunate man*, 109. Ver também: o ensaio de Fred Griffin em *A fortunate man*, “The fortunate physician: learning from our patients” para um grupo de médicos em um seminário de medicina narrativa.

¹⁹ Richard Bayliss. *Pain narratives*, 75.

Na primeira consulta com o Sr. Ortiz, estreei o método que desenvolvi para conhecer um novo paciente. Começo por convidá-lo a “dizer o que acha que devo saber a respeito de sua situação”. Segue o compromisso de ouvir e não, pelo menos no princípio, escrever ou mesmo falar. Quando comecei a fazer isso, tinha que me conter para não fazer anotações no prontuário ou puxar seu histórico médico no computador. Existe uma enorme pressão entranhada para anotar enquanto se escuta e lançar os dados no prontuário. Só me tornei capaz de absorver o que os pacientes me relatavam sem deturpar suas narrativas transformando-as em minhas histórias, quando fui capaz de conter a compulsão por anotar enquanto falavam.

Enquanto o paciente fala, escuto tão atentamente quanto posso, sem tomar notas durante esse segmento da entrevista, sem interromper a não ser que seja imperioso, sem indicar o que de uma forma ou outra, ache relevante, significativo ou interessante. Faço o melhor que posso para registrar a dicção, a forma narrativa, as imagens e o ritmo do discurso. Presto atenção nas metáforas, expressões idiomáticas, gestos, bem como no enredo e nas personagens apresentados pelo paciente. Embora saiba que deva coletar informações como dosagens de medicamentos tomados, datas de cirurgias, alergias, histórico familiar e de tabagismo, tornei-me confiante de que esses dados emergirão naturalmente no decorrer da visita. Geralmente, gastamos de vinte a trinta minutos na narração do eu do paciente. Pela minha experiência até agora, o paciente chega a um ponto onde me disse tudo o que precisava saber.

Nesse ponto, peço que vista uma túnica de algodão a fim de proceder ao exame clínico. Enquanto ele se veste atrás do biombo em meu consultório, escrevo o mais minuciosamente possível o que foi relatado. Preservo a ordem na qual as coisas foram ditas, tentando utilizar as palavras e torneios de frase do paciente. Represento da melhor maneira que poso a integridade da narrativa – seu ritmo, suas transições e sua linguagem figurada. (Talvez eu devesse gravar essas narrativas e depois transcrevê-las, mas estou procurando um método que seja fácil e rápido). Ao final das anotações, incluo uma breve avaliação da pessoa que acabei de

conhecer – não apenas um pré-diagnóstico, mas um pequeno perfil do indivíduo.

Eis um exemplo:

Primeira visita de AIM, 32 anos ♀

Prestes a começar novo emprego como coordenadora de assentamento no abrigo para sem-teto St. Vincent, a Srta. Henri recebeu plano de saúde e deseja um clínico geral. Ela se acha bem e forte, conhecedora de seu corpo. Ao sentir dores na perna, procurou um pediatra, que lhe assegurou que isso nada tinha a ver com má circulação ou outra condição crônica. Quando sentiu dor no flanco direito, procurou seu ginecologista, que atribuiu o fato a alguma infecção urinária ou bexiga cronicamente cheia.

Período difícil ano passado, quando foi despedida de uma escola para alunos especiais, onde atuava como ajudante. Lidou com a perda por meio de reflexão com amigos, fé, oração e apoio da igreja. Avaliou sua própria contribuição para a perda do emprego. Graduada em psicologia na City College. Adora ler/pensar/estudar. Pretende se graduar e fazer mestrado em serviço social.

Mudou-se do Haiti quando tinha 15 anos – família já estava aqui. Trabalhou assiduamente para desenvolver habilidades de linguagem + inglês.

Acredita-se com dom para línguas, boa para resolver problemas, otimista com relação ao futuro, reflexiva + honesta sobre si mesma.

Sinto enorme prazer e interesse em submergir na narrativa do eu de estranhos. Impressiona-me a singularidade dessas narrativas corporais/do eu. É uma experiência carregada de sentido para ambos, pois o paciente toma *liberdades* em contar sobre saúde ou doença e eu trabalho duro para ouvir. Conforme ouvia a Srta. Henri, sentia-me cada vez mais motivada a escutar cada sentença – seu discurso era eloquente, evocativo e figurativamente denso. Ela transmitia emoções muito profundas enquanto descrevia experiências difíceis; parecia capaz de mesclar suas dificuldades passadas com as lições absorvidas delas. Na verdade, ela era uma narradora tão hábil, que eu ouvia tanto a garota que havia sido, quanto a mulher que era então. Pude vê-la como ela se via: apta, confiante, eficiente para ajudar os outros e compreensiva de suas dores. Essa visão que tinha de si deu-me uma rica percepção de

suas esperanças. Pude testemunhar *seu futuro* de maneira estranha: ela ansiava não apenas livrar-se de sua doença física; seus objetivos com relação à saúde, ampliavam-se ou potencializavam-se em objetivos de vida.

Esse é um modo fácil de alterar a prática tradicional da medicina em direção à narratividade. Pesquisas linguísticas sobre o desenvolvimento do relacionamento médico-paciente sugerem que ternura e intimidade nessa relação não tendem a se constituírem com o tempo, mas, atingem o nível que podem logo no primeiro encontro.²⁰ O primeiro contato com um novo paciente é crítico, então, para o estabelecimento *dessa diáde*. Quão penetrante no eu essa parceria pode se tornar? Quão *útil* ao paciente esse novo relacionamento pode se tornar? Uma coisa é ter um número de telefone para ligar quando se é acometido por uma gripe ou espasmo nas costas. Outra é sentir que se possui um apoio, como Mily Theale sentiu em seu primeiro encontro com Sir Luke Strett. Através do desenvolvimento disciplinado da atenção e da representação na prática de rotina, acredito estar começando a oferecer novos recursos para meus pacientes.

No princípio, eu reservava esse novo método para consultas de pacientes novos. Conforme percebi a diferença que fazia em minha *atitude* e na sensação de conforto que trazia aos pacientes ao falarem da doença, adotei-o como todos meus pacientes, não importando quanto tempo já estivessem se consultando. Não acho que essa prática consuma mais tempo do que a de anotar enquanto o paciente fala. Dividendo maravilhoso é que minhas anotações estão muito mais esclarecedoras do que nunca – talvez menos bem estruturadas, mas repletas de verdade, evocações, estão vivas pela presença dos pacientes e engajadas pela honra e tê-los escutado.

Mantendo registros médicos

Noto que os pacientes me dizem coisas que normalmente não teriam dito a outro médico. Eles se sentem mais à vontade para me contarem sobre suas vidas do que geralmente ocorre em um consultório médico. Ambos descobrimos que uma confiança mútua

²⁰ Michele Greene, comunicação pessoal.

é construída, resultante de escuta mais atenta e narração mais minuciosa. Ouvinte e narrador parecem de algum modo mais dedicados e mais aptos a revelarem ou guardarem o que foi dito. Uma vez contados, esses novos aspectos das histórias dos pacientes nos fornecem uma moldura mais ampla através da qual contemplamos suas vidas. Por vezes os pacientes surpreendem-se com os rumos que nossas conversas tomam. Lágrimas correm, eventos da infância vêm à tona e material que normalmente poderia levar muitas visitas para emergir, é exposto na primeira consulta. Se altero minha prática através da atenção, a fim de obter *narrativas* do eu mais ricas, espontâneas e libertadoras e se aprendo a representar aquele discurso, por escrito, com o máximo de fidelidade, o que fazer com esses registros? Uma vez que eu saiba essas coisas a respeito de meus pacientes, mesmo aquelas que podem não parecer medicamente relevantes, o que faço com esse conhecimento?

O corolário de se falar diferentemente com nossos pacientes é escrever distintamente sobre eles. Diversamente de meu pai em seu consultório particular, não mantenho registros médicos apenas para mim. Minha sala localiza-se num hospital-escola e pode ser usada por outros membros da equipe. Escrevo na mesma ficha usada pelo oftalmologista, urologista, nutricionista, assistente social ou o cirurgião. Preciso equilibrar a necessidade de lembrar informações sobre meus pacientes com o desejo de manter segredos passíveis de serem descobertos por quaisquer outros que leiam as fichas. Não posso compartilhar tudo o que sei sobre minha paciente com o ortopedista que engessa seu tornozelo depois que ela escorregou no gelo e nem com o funcionário do departamento de finanças, que enviará a fatura para o plano de saúde dela.

Aos poucos, passei a crer que os pacientes devem ser os curadores daquilo que escrevemos sobre eles.²¹ Ao término das visitas, entrego

²¹ Esta ideia não é nova. Ver, por exemplo, Richard Giglio et al., *Encouraging behavior changes by use of client-held health records* e Arnold Golodetz, Johanna Ruess, e Raymond Milbous, *The right to know: giving the patient his medical record*, como evidência de que profissionais da área de saúde têm considerado o paciente como curador de seus prontuários há décadas. A razão de tal prática ainda não ter se difundido, talvez se deva ao sentimento de vulnerabilidade e medo de perder o controle, caso os pacientes sejam encarados como parceiros igualitários no tratamento.

a eles uma cópia de minhas anotações no prontuário, certificando-me de que entendem minha letra e encorajando-os a acrescentarem o que quiserem na próxima consulta. Não me cabe decidir quem deve ler o registro dos problemas pessoais de meus pacientes, mesmo que possam influenciar seu status perante seus planos de saúde. Esses registros devem ficar nas mãos dos pacientes e cabe a eles decidir quem tem permissão para ler aspectos tão pessoais de suas vidas. Gostaria que o gráfico contidos nos prontuários para o Presbyterian Hospital fizesse alguns para meus pacientes. Neles, haverá espaço para os registros médicos oficialmente produzidos: cópias de minhas anotações, de testes laboratoriais e talvez cópias das anotações de outros profissionais da saúde que desejem participar de nossa nova prática. Do outro lado do formulário, haverá espaço para coligir o que os pacientes escreverem sobre si: suas experiências, questionamentos, registros de suas medições de taxa de glicose ou pressão sanguínea. Haverá espaço para reflexões de membros da família: a filha cuja mãe demente já não mais se recorda quem é, o pai desolado pela profunda deficiência de seu recém-nascido prematuro. Haverá espaço para os profissionais de saúde que escreverem sobre aspectos dos cuidados para esse paciente, mas que não se encaixam nos prontuários que circulam mais comumente no hospital. Tal mudança na elaboração de prontuários pode pôr forçosamente em prática nossas crenças frequentemente proclamadas a respeito de privacidade e confidencialidade. Também pode assegurar oficialmente que a voz do paciente é ingrediente crítico nos tratamentos.

O Presbyterian Hospital introduziu os prontuários médicos em 1916; talvez seja hora para o surgimento de um novo tipo de registro, que esteja em consonância com crenças e ideias contemporâneas a respeito do que provoca as doenças, mantém a saúde e do que profissionais da área podem fazer por seus pacientes. Os prontuários médicos eletrônicos já começaram a mudar fundamentalmente o modo como manuseamos dados sobre pacientes – o modo como as informações são lançadas, acessadas e formatadas e também quem as lê. Formulários de reclamações são eletronicamente preenchidos pelos pacientes antes das consultas; anotações no

prontuário são feitas online, com espaços livres para escrita rigorosamente delimitados. Adoro a conveniência dos registros eletrônicos – resultados de exames disponíveis imediatamente, testes laboratoriais remontando a décadas e até mesmo chapas de raio-x podem ser consultadas de minha escrivaninha. Em face dos recursos eletrônicos atuais, médicos, enfermeiros e assistentes sociais podem optar por escrever mais sobre seus pacientes em linguagem comum – podem usar parte do tempo poupado devido às facilidades dos registros eletrônicos para conferir profundidade narrativa aos dados instrumentais gerados pelas máquinas.

Ao invés de reclamar que os prontuários se tornaram simples faturas de serviços ou um deserto virtual de abreviações e respostas a questões de sim ou não, os profissionais de saúde poderiam aproveitar a oportunidade da atual revolução no registro de informações médicas e introduzir novos e robustos meios para mapear as trajetórias dos pacientes através da doença e desenvolver métodos responsáveis para articular suas próprias experiências pessoais como profissionais. O foco da medicina narrativa no poder da linguagem da doença e da saúde deveria *significar* algo no dia-a-dia da prática médica. Estou convencida de que esse significado seja uma fusão mais efetiva dos aspectos instrumentais e reflexivos no trabalho medicinal e nas vidas de pacientes e profissionais de saúde. Tal fusão requererá novas formas narrativas, que contenham, reflitam e investiguem essas percepções sobre saúde e doença. Se é verdade que uma maior habilidade dos médicos para representar o que vêem e ouvem contribui para uma afiliação mais efetiva entre eles e seus pacientes, é imperativo, então, que se coloquem essas práticas narrativas em uso rotineiro.

Tomando decisões terapêuticas

A medicina narrativa não altera apenas o modo como ouvimos nossos pacientes ou o suporte onde escrevemos sobre o que escutamos. As decisões terapêuticas que tomamos podem ser marcadamente distintas daquelas orientadas pela medicina convencional, como resultado do aprofundamento narrativo do relacionamento médico-paciente.

No outono passado, Bruno Moralez veio me ver pela primeira vez. Recém-emigrado da República Dominicana, perdera seu emprego de pintor depois dos ataques ao World Trade Center. Capaz apenas de arrumar empregos temporários de meio-período, lutava para pagar o aluguel e alimentar sua família. Aos 59 anos, sentia-se relativamente saudável, embora recentemente tivesse desenvolvido dores no pescoço e nas costas e se sentisse moroso, ganhasse peso, dormisse tarde e se tornasse cada vez mais isolado. Havia se tratado de depressão, mas a medicação apenas o tornara mais sonolento. Por isso, não queria repetir a experiência. Ele me disse de cara que queria retornar à antiga forma física. Ele queria malhar em uma academia ou em casa, mas não tinha dinheiro para pagar por equipamentos ou frequentar academia. Ele tinha certeza de que isso seria o melhor modo de tratar seus sintomas. Percebi que a dependência em relação à família da esposa para pagar o aluguel o humilhava. Recuperar fisicamente sua presença muscular significava reconquistar sua presença como homem, marido e pai. Durante a consulta, telefonei para um parque da cidade que havia inaugurado uma academia. Eu supunha que os moradores da comunidade teriam acesso gratuito ao local e alegremente lhe disse que poderíamos resolver o problema naquela mesma hora. Estava enganada. Apenas idosos não pagavam. A anuidade da academia custava 152 dólares. Ambos nos decepçamos e ficamos olhando um para o outro. Então, me decidi: “tudo bem, eu te dou o dinheiro”. No dia seguinte, deixei um envelope endereçado a ele, com a quantia em dinheiro vivo. A recepcionista achou que eu estava ficando louca, assim como colegas com os quais discuti o caso.²² Tinha consciência de que minha ação fora incomum e talvez um pouco fora de propósito. Discutira a questão com colegas antes de dar o dinheiro e eles me ajudaram a examinar o assunto. Quais poderiam ser as consequências de dar o dinheiro ao paciente? O que deveria fazer para me assegurar de que não haveria sequelas indesejáveis? Eu me perguntara se Bruno

²² Compreendi que cruzava uma barreira profissional ao oferecer dinheiro ao paciente, mas me senti confiante de poder avaliar o impacto de meu gesto em nossa aliança clínica. Ver *Love, boundaries, and the patient-physician relationship*, de Neil Farber, para uma discussão de outros tipos de quebra de barreiras na prática clínica.

não se sentia em débito com sua esposa e a mãe dela por ajudarem-no a pagar o aluguel. O fato de eu pagar pela sua academia não o femininizaria ou o enfraqueceria perante mim? Ele não se sentiria desnecessariamente em dívida comigo, complicando nosso relacionamento? Depois da discussão com os pares, decidi dar-lhe o dinheiro, mas retive na cabeça as possíveis consequências de minha intervenção clínica fora dos padrões.

Na consulta seguinte, o Sr. Moralez orgulhosamente exibiu sua carteirinha da academia. Sua aparência era fantástica. Ele treinava três vezes por semana, por cerca de uma hora e meia. As dores no pescoço e nas costas desapareceram e seu ânimo havia melhorado muito. Ele parecia recobrar a saúde sem antidepressivos ou psicoterapia formal, longe dos caminhos tradicionais da medicina, mas através de um tratamento que ele mesmo escolhera. Em retrospecto, considero que minha impulsiva oferta de dinheiro indicou que eu o ouvira e respeitara sua avaliação da situação e do que poderia ser feito para melhorá-la. A doação não pareceu aumentar sua humilhação pela falta de dinheiro; antes, aumentou sua força e energia para a vida diária. Na verdade, ele estava feliz que eu possibilitara sua entrada na academia e parecia aliviado por ter podido iniciar seu vigoroso programa de treinamento físico. Longe de mim sugerir que todos os médicos deveriam dar dinheiro para que seus pacientes possam satisfazer suas necessidades não-medicinais. Tais doações não se tornaram rotineiras em minha prática. Conto essa história como um evento atípico em meu trabalho, mas que me ajudou a aprender valiosa lição acerca do potencial da medicina narrativa em meus procedimentos clínicos.

Histórias crescem com o tempo

Impressionam-me as consequências de minhas práticas narrativas ao longo do tempo, *para meus pacientes e para mim*. O ato de escrever descrições “minuciosas” e evocativas sobre eles altera fundamentalmente meu posicionamento perante os pacientes. Os atos de imaginar um paciente, de me esforçar para representar em palavras o que emite, investigar minhas acepções a respeito de tratamentos adequados, tentar afinar minhas impressões e

intensificar minha atenção apresentam resultados não apenas a curto-prazo (o prontuário), mas também efeitos sequentes no decorrer do tempo.

Consegui escrever o perfil do paciente que chamei Bruno Moralez apenas na semana passada, meses depois de tê-lo visto pela primeira vez. Peguei-me, então, conjecturando sobre seu envolvimento no ataque ao WTC. Ele mencionara de passagem que perdera seu emprego como resultado dos ataques, mas eu não havia seguido a linha de raciocínio, que agora me intrigava. Após rever algo da fortuna crítica atual sobre estudos de trauma para escrever este texto, tornei-me particularmente engajada em meu papel como testemunha. Fora ele diretamente envolvido no trauma daquele horrível ataque? Perdera colegas de trabalho? Onde se encontrava no 11 de setembro de 2001? Alguma recaída da depressão pode ter sido deflagrada pelo trauma?

Na última quinta-feira, ele apareceu para nova consulta. Ele continuava na academia, embora parece ter perdido um pouco do entusiasmo pelo projeto. Ainda estava desempregado e não se mostrava otimista quanto à possibilidade de achar novo trabalho. Ciente de sua situação e curiosa a respeito de seu envolvimento no ataque, apressei-me em dizer que recordava que ele trabalhava em Manhattan e que deveria ter perguntado sobre seu envolvimento nos acontecimentos daquele dia.

Ele estava nas imediações e foi engolfado pelo horror do atentado. Sentada em silêncio, ouvi-o falar ininterruptamente por meia hora sobre a devastadora experiência. Ele se encontrava em uma estação de metrô bem próxima ao *Ground Zero*. Ouviu uma grande explosão e pensou tratar-se do encanamento de gás, enquanto via uma parte enorme do teto desabar sobre os trilhos. Policiais conduziram todo mundo para outra área da estação. Ninguém sabia o que se passava e os celulares não funcionavam. As pessoas não conseguiam respirar devido à poeira e fumaça causadas pela queda do teto. Depois de meia hora, os policiais deixaram as pessoas abandonarem a plataforma do metrô. Lá fora, o ar estava escuro pela fumaça, pó e material eu despencava das torres. Pessoas corriam, choravam e caíam pelas ruas. A polícia ordenou que todos se dirigissem para o leste, em direção à Ponte do Brooklyn. Embora

ninguém soubesse ainda o que acontecera, as torres do WTC podiam ser vistas em chamas. Quando Bruno estava quase no meio da ponte, olhou para trás à tempo de assistir ao colapso da segunda torre. Passava da meia-noite, quando chegou em casa, depois de ter andado o dia todo para encontrar uma família radiante, saudando-o freneticamente, porque, àquela altura, julgavam que perecera.

Essa narrativa foi produzida grave e lacrimosamente, às vezes com a velocidade de uma metralhadora, mas, permeada por silêncios, conforme buscava palavras apropriadas. Bruno tivera pesadelos e revivera todos os fatos repetidas vezes. Não me era claro se ele fora capaz de contar tudo claramente. As palavras de Dori Laub, sobre os testemunhos de sobreviventes do Holocausto, encaixavam-se aqui: “A emergência da narrativa que está sendo escutada e ouvida é o processo e o local onde nascem a cognição, a ‘sabedoria’ sobre o evento.”²³ Em minha posição de ouvinte – ainda que como médica-geral em uma visita de rotina – assumi a tarefa de testemunhar. Ambos estávamos em território desconhecido: Bruno não sabia que seria convidado a falar sobre esse sofrimento; eu não previra que seria o recipiente ativo dessa narração. Mesmo assim, parece que nós dois atingimos o objetivo daquela rememoração.

Afirmo isso, baseada no que aconteceu depois. Bruno discorreu sobre sua crença no *destino*. Ele crê piamente que Deus o salvou por alguma razão e que tem um destino a cumprir. Ele afirmou que muitos dominicanos que trabalhavam no WTC foram poupados porque estavam destinados a morrer no voo 787, semanas depois. Quando lhe perguntei como podemos saber nosso destino, respondeu-me que era um mistério.

Terminamos nosso encontro de 45 minutos profundamente comovidos. Senti que ele havia me ofertado uma confiança sagrada, temperada com fé e coragem. Ele tomou minha mão entre as suas, agradeceu-me sinceramente por ter-lhe dado tempo para falar e parecia tocado e *feliz* pelo que acontecera. Como com o Sr. Ortiz, percebi que compartilháramos uma autêntica experiência intersubjetiva que ambos valorizamos e que aprofundaria e tornaria

²³ Dori Laub, *Bearing witness, or the vicissitudes of listening*, 57.

nosso trabalho clínico posterior mais genuíno e efetivo. Novamente, os simples atos de atenção e representação – dessa vez, com a releitura de minhas anotações exercendo papel decisivo – levaram ao melhoramento da afiliação clínica.

Outra paciente de longa data auxilia-me na compreensão de um dos mecanismos dessa evolução temporal do engajamento narrativo. O que segue, foi escrito a respeito de uma paciente e publicado em uma revista, há mais de dez anos:²⁴

A Sra. Ruby Nelson é uma senhora obesa de 82 anos, diabética, hipertensa e com osteoartrite. É minha paciente há cerca de 15 anos. Nossos anos iniciais foram marcados por desacordos acerca de pequenas coisas: ela se recusava a tomar medicamentos genéricos, mesmo que fossem tão bons quanto os de marca e eu me enfurecia devido ao trabalho e preço extras. Ela jamais levou a sério a necessidade de controlar sua obesidade. Consequentemente, sua diabetes era descontrolada e sua doença degenerativa no joelho a debilitava. Uma manhã, sentada na mesa de exames, esperando que eu lhe medisse a pressão (sempre alarmantemente alta e desencadeando em mim ansiedade, receio de represálias, grande impaciência e sentimento de que tinha o dever de repreendê-la), ela mencionou que cantava no coral da igreja. Não sei por que, mas pedi a ela que me entoasse um hino. Essa mulher, cujo corpo eu rotineiramente descrevia como “morbidamente obeso”, transfigurou-se em uma figura abundante de dignidade e poder, enquanto levantava sua pesada cabeça, entrelaçava as mãos e cantava, com uma voz rica e profunda, sobre Deus, às margens de um rio, trazendo-a para casa. A partir de então, passei a fazer qualquer coisa por ela e vice-versa. Um momento realmente epifânico. Aquelas poucas notas de uma canção poderosa e melancólica nos transportaram para uma nova geografia de respeito e valorização mútuos.

Ao longo dos anos, ela foi hospitalizada muitas vezes para tratar de derrames. Mesmo durante as muitas semanas em que ficou no hospital, ela permaneceu para mim uma figura de grande dignidade e espiritualidade. A despeito das enfáticas recomendações dos assistentes sociais para interná-la em uma casa de repouso, apoiei seu desejo de voltar a seu próprio apartamento, porque agora sabia mais a respeito de suas convicções. Agora,

²⁴ Rita Charon, *The seasons of the patient – physician relationship*, 46-47.

ela se encontra em sua casa, anti-coagulada, com a pressão sanguínea controlada e sem ataques isquêmicos transientes no momento. Ela continua me pedindo para lhe prestar pequenos favores no consultório e sou grata de que faça isso.

Incluí essas anotações em uma palestra muito significativa para mim – quando obtive meu PHD – porque deixei que minha paciente falasse *por* mim sobre meu trabalho. A Sra. Nelson pôde ficar em casa durante anos, sendo visitada por uma multidão de enfermeiras, terapeutas, assistentes sociais e médicos especialistas. Eu ligava para algum desses profissionais pelo menos duas vezes por semana. Não foi fácil e, às vezes, perdia a paciência por ser apenas mais uma, nesse time cada vez mais complexo.

Entre 2003 e 2004, as internações tornaram-se mais frequentes, devido a quedas, infecções e diabetes avançada. Depois da quarta ou quinta hospitalização em menos de seis meses, os profissionais envolvidos concordamos em transferi-la para um asilo. Disse a ela que seria temporário, mas intimamente sabia que ela morreria lá.

Cerca de três meses depois, havia uma mensagem da sobrinha da Sra. Nelson em minha caixa postal. Pensei que ela queria comunicar a morte da anciã e me senti culpada por ter abandonado alguém com a qual me sentira tão ligada. Não era um aviso de morte, porém. A Sra. Nelson insistia em voltar para casa e se recusava a assinar qualquer documento permitindo sua permanência na casa de repouso. Aconselhei a sobrinha a *não* apoiar o desejo da tia, porque me lembrava das dificuldades da última vez em que ficara em casa. Deixá-la ir para casa seria perigoso demais: ela cairia novamente e quebraria a bacia; teria hemorragia, teria outro AVC. Também me dei conta de que não ansiava reassumir as responsabilidades complexas e extenuantes que cercavam seu tratamento em casa.

A sobrinha agradeceu meu conselho muito educadamente. Alguns dias depois, encontrei-me a apenas algumas quadras do asilo. Não resisti à tentação de lhe fazer uma visita. Lá estava ela – jogada na cama, olhando para o teto em silêncio, com um turbante na cabeça e um curativo no pé, devido a uma amputação de dedo. Sussurrei seu nome. À princípio, ela me olhou meio desorientada, mas em seguida, pronunciou meu nome. “Dra. Charon, a senhora veio

me ver!”. Estávamos meio bobas de contentamento por estarmos juntas novamente. Puxei uma cadeira para o lado da cama e ouvi sua descrição desolada de como era sua vida ali. Perguntei-lhe o que ela faria em seu apartamento, quem a ajudaria, como passaria seus dias; queria saber especificamente quão diferente seria a vida para ela, caso retornasse a seu lar.

“O que a senhora comeria em casa, que não pode comer aqui?”, indaguei. Ela olhou o vazio e respondeu, gesticulando eloquentemente com suas mãos deformadas pela artrite: “eu pegaria um pedaço de peixe deste tamanho e o fritaria na frigideira, ou pediria para a empregada fritar para mim. Daí, faria um pouco de *grit*²⁵ para acompanhar.”. A expressão de prazer antecipado em seu rosto alcançou meu coração e me fez tomar uma decisão. Procurei a chefe das enfermeiras e me apresentei como médica da Sra. Nelson há 23 anos. Disse-lhe que se os terapeutas do asilo achassem que a condição clínica da Sra. Nelson era estável, eu, como sua “médica comunitária” ficaria satisfeita em retomar seu tratamento.

Eu não teria desenvolvido tamanha lealdade caso não tivesse escrito sobre a paciente, se não tivesse pensado a respeito dela. Ao fazer isso, percebi quão importante nosso relacionamento era para ambas. Como diz John Marcher a respeito de May Bartram em *The Beast in the Jungle*, tenho um parafuso solto quando se trata da Sra. Nelson. O parafuso se soltou durante os atos narrativos de inventar, imaginar e achar palavras para falar com e sobre ela. Tais atos ensinaram que essa paciente significa algo transcendente para mim, algo primordial para minha vida como médica e uma coisa decididamente espiritual para minha vida privada. É tão irracional quanto clinicamente saliente. Porque tenho um parafuso solto por ela, aceitarei a tarefa clínica algo tola de realizar seus mais profundos desejos para o futuro.

Será que é tão tolo a ponto de significar que minha avaliação clínica a seu respeito esteja comprometida? Não creio. Altero minhas rotinas clínicas a fim de ser fiel a meu novo nível e

²⁵ N. T. Espécie de mingau de consistência quase como polenta, mas não tão “liso”, que consiste basicamente de milho moído. Bastante comum no sul dos EUA.

engajamento. A Sra. Nelson efetivamente voltou para casa após minha visita ao asilo. Retomamos todos os complexos aspectos envolvendo seu tratamento em casa: enfermeiras, fisioterapeuta, colher sangue na residência e muito mais cuidado e atenção por parte de sua família estendida. Comecei a visitá-la mensalmente. Ao invés de ligar para a enfermeira, assistente social ou sua sobrinha ou submeter a anciã ao cansativo trajeto de ambulância até meu consultório, nós nos reunimos ao lado de sua cama, uma manhã de sexta por mês. Temos grande prazer de estarmos juntas e fazermos nosso trabalho conjuntamente. O que importa aqui é que fui capaz de perceber e aprender sobre seus desejos, sendo capaz de *trabalhar a partir deles*, em virtude de minha conexão narrativa com ela. Também importou o orgulho narrativamente gerado a respeito do que ela e eu podemos fazer juntas.

Como no caso do Sr. Ortiz, da Srta. Henri e do Sr. Moralez, meu trabalho com Ruby Nelson me enriquece e me torna uma pessoa mais rica, que admiro mais. Meu relacionamento com essas pessoas vai além da área profissional ou burocrática. Render-me às exigências desses relacionamentos – desenvolvimento de novas habilidades de aconselhamento, doação de dinheiro ou disposição para atendimento domiciliar – revelou partes invisíveis de meu eu. *Encontro* facetas desconhecidas em mim, as quais valorizo. O parafuso solto é aspecto definidor de ser médico, ou pelo menos, de ser esta médica que tenho me tornado. Sinto-me clínica e narrativamente competente, apta a registrar as situações experimentadas pelo outros, com algum apuro e benevolência. Também sou capaz de perceber o papel que desempenho em suas vidas. Transformo-me em *agente* na vida de meus pacientes e isso aprofunda *significativamente* meu próprio sentido de estar viva. No funeral de uma paciente de mais de 20 anos, li o seguinte, no folheto do memorial: “a Sra. Nellie Trent deixa sua sobrinha Belle Edwards, suas amigas Hetta White e Eddie Gorman, e sua médica Rita Charon.” Eu me tornara uma das sobreviventes, alguém de luto.

Reconheço que as descrições de meu trabalho com o Sr. Ortiz, o Sr. Moralez e a Sra. Nelson podem soar excessivos. Esses pacientes requereram mais tempo do que o usual. Um dos casos envolveu soma em dinheiro; outro exigiu visitas à domicílio, que ocupavam

muito tempo. Não estou sugerindo que devamos ser tragados por demandas excessivas dos pacientes. Não atendo à domicílio com muita frequência, assim como jamais dei dinheiro a nenhum outro paciente. Não escrevo a respeito de todos meus pacientes, mas descobri que escrever sobre alguns, intensifica a atenção que sou capaz de dar aos demais. Sem ter pesquisado muito sobre minha prática de medicina narrativa e também sobre a de outros, ainda não sei quanta escrita por semana/mês é “suficiente” para estender os resultados para toda a prática. Acredito, no entanto, que mudanças na prática como um todo já ocorrem quando se presta atenção narrativa a alguns pacientes.

O profissional de saúde jamais abdicará de seu controle ou será engolido por atenção excessiva a seus pacientes. Esses aspectos do tratamento podem ser modulados, como fazemos com todas nossas ações médicas. Diferentes profissionais de saúde farão medicina narrativa de modos distintos, devido a interesses, dons e talentos individuais díspares. Sinto-me honrada por ter encontrado procedimentos novos para o trabalho clínico, porque esses novos modos de exercer a clínica geral *aumentam* meu prazer de ser médica. Ao invés de percebê-las como consumidoras de tempo ou invasivas de outras áreas profissionais, as práticas descritas me renovaram e proporcionaram prazer dobrado. Espero não ter descrito nenhum aspecto de minha prática como se eu fosse mártir ou destituída de individualidade. Muito pelo contrário: essas novas práticas medicinais têm me proporcionado prazer e incentivo tremendos, pelos quais me sinto extraordinariamente grata.

Construindo comunidade

Testemunhar pressupõe a criação de uma comunidade – como nas entrevistas com sobreviventes do Holocausto, memoriais em homenagem ao 11 de Setembro ou em tomar conta da Sra. Nelson em sua casa. Se a medicina narrativa engloba o dever de testemunhar a narrativa de pacientes em sofrimento, acabamos atraídos para nos identificarmos e juntarmos às comunidades onde o sofrimento e a cura em potencial podem ocorrer. Buscar inspiração na história oral e nos estudos de trauma nos oferece o dividendo

de nos focarmos nas comunidades que definem as noções de eu, de pertencimento e de futuro de nossos pacientes. É nessas comunidades que acontece o retorno à saúde e ao bem-estar. O Sr. Ortiz lamenta a perda de suas raízes dominicanas. Bruno Morales sofre pelos milhares que pereceram no WTC. Ruby Nelson anseia não apenas por sua cama no apartamento no Harlem, mas também por estar rodeada por seus vizinhos e amigos.

Testemunhar o sofrimento nos ajuda a superar algumas ansiedades perniciosas impostas pela doença – relação com a mortalidade, crenças sobre causalidade e emoções como vergonha, culpa e medo – que acabam por isolar os pacientes daqueles que cuidam dele.²⁶ Essas ansiedades nos separam de nossos pacientes e requerem a construção e pontes para que um tratamento efetivo possa ocorrer. Os resultados provenientes do testemunho das narrativas dos pacientes podem ser tais pontes. Podemos estabelecer contato com as comunidades onde residem nossos pacientes, com isso obtendo lucros na área da saúde. Esse contato nos levará a conhecer os contextos de doença de nossos pacientes, suas crenças sobre a origem da enfermidade, seus medos e esperanças e como eles encaram a morte. Se o tratamento religioso conecta os indivíduos sofredores às comunidades de fé e a terapia do trauma conecta sobreviventes de diversos tipos de traumas, então, a medicina narrativa pode conectar pacientes e profissionais da saúde com suas comunidades naturais de afeto. Tais comunidades de *presença* podem ser tão modestas e locais como a composta pelas cinco mulheres no quarto da Sra. Nelson: enfermeira, fisioterapeuta, sobrinha, vizinha e a médica. Formávamos uma comunidade de afeto, que tomou em suas mãos a responsabilidade de registrar e amenizar o sofrimento. Essas comunidades de presença estão espalhadas em nossa prática, basta procurar por elas.

Conforme minha prática de medicina narrativa se desenvolve, é alimentada por tendências em outras formas de tratamento de saúde, notadamente a assistência social e a psiquiatria, chamada terapia narrativa ou psicologia narrativa. Da terapia familiar antropologia e psiquiatria social, desenvolveu-se um tipo de

²⁶ Patricia Stanley, *The patient's voice: a cry in solitude or a call for community*.

tratamento centrado na narratividade e na possibilidade de contar histórias.²⁷ Há dois centros importantes desse tipo de trabalho: Adelaide, na Austrália, sob a coordenação do terapeuta familiar Michael White e Auckland, na Nova Zelândia, onde atua David Epston, egresso da mesma área que White. Em livros e ensaios, os dois têm desenvolvido uma posição teórica e um crescente repertório de experiências práticas para guiar o assistente social/psicoterapeuta em abordagens narrativas para tratamento.²⁸ Eles escrevem: “O significado deriva da estruturação da experiência em histórias... e a vivência dessas histórias é o que constitui vidas e relacionamentos.”²⁹ Usando os fundamentos teóricos de antropólogos como Victor Turner e Gregory Bateson, aliados às formulações sobre poder e conhecimento de Michel Foucault, White e Epston utilizam escrita de cartas, sessões de narrativas familiares, anotações detalhadas compartilhadas com pacientes e certificados assinalando realizações importantes para ajudar seus clientes não apenas a registrar, mas também mudar suas vidas. As contribuições duradouras da terapia narrativa são a ênfase no testemunho comunitário e na importância do ritual social da cura.

As diferenças entre terapia e medicina narrativa são evidentes, mesmo assim, os objetivos e dificuldades em relação aos métodos convencionais são os mesmos. Do mesmo modo, a riqueza da teoria e da prática narrativa pode ser imediatamente aplicada. No capítulo II relatei alguns de nossos esforços para construir uma comunidade entre os profissionais da saúde em instituições de saúde e a vizinhança onde estão localizadas. Esses círculos mais

²⁷ Ver Christian Beels, *A different story...: the rise of narrative in psychotherapy*, para um sumário da evolução da terapia narrativa desde suas origens nas áreas de psiquiatria social e saúde mental comunitária. As dimensões antropológicas da saúde e da doença iluminam as representações culturais e sociais das condições corporais, enfatizando o imperativo de que grupos e sociedades colaborem em qualquer tipo de tratamento. Ver Cheryl Mattingly, *Healing dramas and clinical plots*; Byron Good e Mary-Jo DelVecchio Good, *In the subjunctive mode: epilepsy narratives in Turkey*; Byron Good, *Medicine, rationality, and experience: an anthropological perspective*; e Arthur Kleinman, *The illness narratives: suffering, healing and the human condition*.

²⁸ Ver Michael White and David Epston, *Narrative Means to Therapeutic Ends* and Epston and White, *Experience, Contradiction, Narrative, and Imagination: Selected Papers of David Epston and Michael White, 1989—1991*.

²⁹ Michael White and David Epston, *Narrative Means to Therapeutic Ends*, 27.

ampla de afiliação amplificam as afiliações locais, entre paciente individual e seu médico. A teoria e a prática narrativas acenam com a promessa de um conjunto de soluções para o isolamento debilitante e as cisões que marcam nossa medicina. Através do esforço de diversos profissionais – terapeutas de família, capelães, psicólogos do trauma, e enfermeiras – podemos ver modos práticos de melhorar os tratamentos que oferecemos. Reconhecer, ouvir, receber e honrar as histórias de doença pode proporcionar ferramentas novas a médicos, enfermeiras e assistentes sociais, com as quais serão capazes de estabelecer contato com seus pacientes e minimizar seu sofrimento.

Treinando medicina narrativa

Não basta sugerir que os profissionais de saúde tem que testemunhar o sofrimento de seus pacientes, além de tudo o mais que fazem. Não podemos impor para profissionais sobrecarregados de trabalho, algo para o qual jamais foram treinados. Acredito que médicos, enfermeiros e assistentes sociais *desejam* estar aptos a proporcionar cuidados autênticos e eficazes aos doentes, embora atualmente não possuam tempo ou técnicas que lhes permitam alcançar o que idealmente deveriam ser capazes de fazer para cada paciente.

Muitos profissionais se sentem despreparados para testemunhar seus pacientes através de atenção e representação. O impulso para arregaçar as mangas e *fazer* algo é irresistível, mas, infelizmente, a escuta atenta não parece suficiente como ação clínica. Entretanto, estamos começando a aprender a ouvir esses aspectos das doenças com nossos colegas que prestam tratamento religioso, com estudos de trauma em história oral e com a psicanálise. Não precisamos reinventar ou redescobrir técnicas que nos podem ser ensinadas por eles – tudo que precisamos fazer é humildemente dialogar com eles.

As bases teóricas da medicina narrativa surgiram para adaptar modelos de testemunho desenvolvidos em áreas clínicas fora da medicina, onde profissionais tem estado engajados em *escutar seus pacientes*, como receptores ativos de suas histórias de sofrimento.

Treinamento – alguns bem pouco ortodoxos – estão se tornando disponíveis para profissionais de saúde desejosos de aprimorar suas habilidades para testemunhar seus pacientes. O Kenneth B. Schwartz Center, em Boston, oferece um programa de treinamento intensivo de um ano em tratamento pastoral para pessoas da área médica.³⁰ A American Academy on Physician and Patient fornece cursos intensivos de uma semana sobre entrevista médica, além de frequentemente organizar cursos de curta duração sobre técnicas de entrevista, desenvolvimento de relacionamentos terapêuticos e reflexão e bem-estar assistidos para profissionais de saúde.³¹ Rachel Remen criou o Institute for Well—Being, no Commonweal Center, onde qualquer profissional da área médica pode se juntar para ir a retiros, cursos e aprendizado durante a vida toda a respeito de auto-tratamento.³² Em Columbia, estamos planejando um curso sobre medicina narrativa com duração de um ano, além de oficinas de curta duração ao longo do ano, sobre habilidades narrativas para tratamentos de saúde. Alguns profissionais da área médica estão *procurando* outros modos para melhorar suas práticas e exercer funções testemunhais perante seus pacientes: treinamento em história oral, escrita criativa, prática psicanalítica, supervisão de profissionais da área de saúde mental, cursos de literatura e ciências sociais. Modelos como tratamentos centrados em relacionamentos e tratamentos centrados no paciente compartilham com a medicina narrativa o compromisso de testemunhar narrativas e sua autenticidade.³³

Assim como a doença, a medicina narrativa pode abrir portas para a procura de significado na prática médica rotineira. Continuaremos a aprender com nossos colegas de áreas co-relatas

³⁰ Visite o site do Kenneth B. Schwartz Center para uma descrição do Programa de Educação Clínica Pastoral para Profissionais da Área de Saúde. <http://www.theschwartzcenter.org/programs.asp#pastoral>

³¹ Site da AAPP <http://www.physicianpatient.org/>.

³² Ver o site do Rachel Remens Institute for the Study of Health and Illness <http://www.meaninginmedicine.org/home.html>.

³³ Richard Frankel, Timothy B. Quill, e Susan H. McDaniel, eds., *The biopsychosocial approach: past, present, future*; Anthony Suchman et al., *Toward an informal curriculum that teaches professionalism*; Thomas Inui, *What are the sciences of relationship-centered primary care?*; Moira Stewart et al., *Patient-centered medicine*.

como cumprir nossas tarefas testemunhais. Também aprendemos o que precisamos através do transporte ativo do amor e do uso de práticas informadas por nossas próprias vidas e famílias, aceitando que não é antiprofissional levar para o trabalho lições aprendidas em casa. Procedermos revisões muito práticas das rotinas clínicas a partir do que sabemos sobre atenção, representação e afiliação. Se pudermos fortalecer nossa treinamento clínico com treinamento narrativo, nos descobriremos transformando nossas práticas, dando possibilidade aos que sofrem de serem ouvidos e tornando seu tratamento mais efetivo.





Resenhas

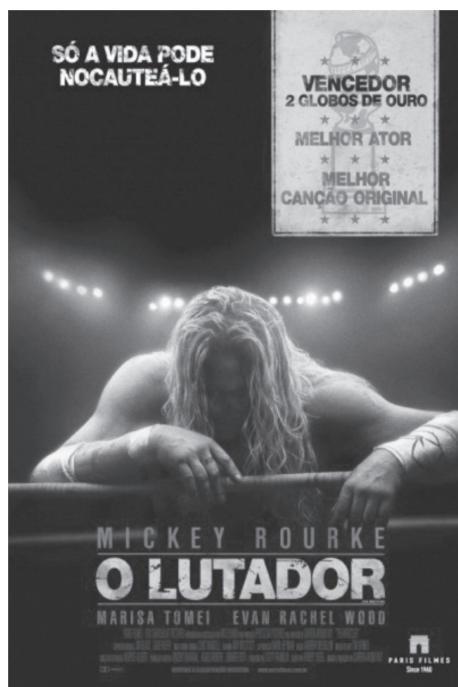




Corpos e cicatrizes

Fernanda Paiva Guimarães

The Wrestler
(O Lutador),
Darren Aronofsky,
2008.



Mesmo para quem não se identifica com o universo da luta livre norte-americana, *O Lutador* (*The Wrestler*, Darren Aronofsky, 2008), lançado no Brasil em 2009, tem muito a oferecer. Não (ou não apenas) pela peculiar interseção entre a história de Randy “The Ram” Robinson e a do ator que o interpreta, Mickey Rourke, mas por tudo que está – às vezes, literalmente – em jogo ali. Pode-se começar por observar a construção narrativa do filme para, a partir daí, desenvolver ideias sobre os mundos e os personagens ali representados. Desde já é útil notar a alternância entre mundos e personagens “reais” e “simbólicos”, alternância essa que produz, se não a total relativização, ao menos o questionamento sobre o que conforma o real e o simbólico.

O filme começa com um prelúdio, uma composição de imagens e sons. Nos créditos iniciais, ainda contra um fundo escuro, ouve-se uma multidão gritando por “Ram”, e um locutor anuncia seu nome no começo de uma luta. A abertura que se segue é um apanhado de manchetes gloriosas sobre o lutador em jornais e revistas, em plena *forma*, sendo celebrado. O som ao fundo dessa apresentação é o das locuções de diversas lutas, misturadas com a música *Bang your head*, da banda de heavy metal norte-americana Quiet Riot. Esses trechos de narrações, que contextualizam as vitórias, servem também para vincular o auge de sua carreira à década de 1980 (época em que a música que acompanha essa “colagem audiovisual” fez sucesso). Fica registrado que “The Ram” (“o carneiro”, em português) tem um golpe característico: o *ram jam* (que poderia ser livremente traduzido como “a esmagada do carneiro”). Também aparece o áudio de uma luta contra o Aiatolá, adversário que a multidão viaja muito. Uma das fotos do jornal mostra o pulo a partir das cordas do ringue, com os cotovelos à frente, que caracteriza o golpe final, e a manchete informa que ele “esmaga” (“jams”) o Aiatolá. O locutor narra com emoção a aplicação do golpe. Um sino toca três vezes, anunciando o fim do combate, e o narrador informa a data: 6 de abril de 1989.

Ouve-se, em seguida, contra o fundo preto novamente, uma tosse pesada. Vê-se o lutador sentado sozinho na sala de preparação, prostrado e sem energia, depois de uma luta. A câmera “respira” (sensação que dá a técnica de usar a câmera na mão do cinegrafista

em vez de no tripé, provocando uma ligeira instabilidade), e ainda não se vê o seu rosto. Uma legenda informa que se passaram vinte anos. Ele recebe um pagamento, bem menos do que esperava porque não havia muito público, e na saída dá autógrafos para dois fãs que citam uma luta de 1985.

O lutador então se encaminha para o “mundo real”: um *trailer* que não consegue abrir com a sua chave, porque o locatário não quer mais esperar pelo pagamento atrasado. Ele dorme em seu carro, e até esse momento não foi possível ver muito mais do que seu corpo e os cabelos compridos e oxigenados. Seu rosto aparece sob a luz interna do carro quando, antes de dormir, ele toma comprimidos e uma cerveja, olhando para si mesmo em diversos recortes na parede do carro. Acorda com crianças pedindo para brincar de luta – ele diz que brincarás mais tarde, resignando-se: “eu não vou a lugar nenhum...”. Em seguida é apresentado o supermercado, onde o grande lutador é um empregado humilhado. Como precisa de dinheiro, pede mais horas de trabalho para o chefe, ressaltando que não tem disponibilidade nos finais de semana. Fica visível na cena seguinte, em que se acompanha seu trabalho carregando caixas, um aparelho auditivo na sua orelha esquerda.

A próxima sequência, no clube onde treina, mostra a construção das lutas. O programador anuncia quem lutará com quem, e no fim deseja “bom divertimento” a todos. The Ram se prepara em uma sala separada e acerta com seu adversário da noite como será a luta: no fim ele fará o *ram jam* e os dois sairão para tomar cerveja. Ele coloca os óculos e prende uma lâmina de barbear no pulso, com esparadrapo. A câmera o segue por trás ao entrar no ringue, muito aplaudido, e em seguida vê-se a luta. Num certo momento Ram se corta na testa com a lâmina, o adversário o joga contra o poste e fica parecendo que ele foi atingido seriamente no rosto. Hora da reação: ele golpeia diversas vezes o adversário e faz o *ram jam*. O ponto de vista da câmera nesse momento (*contre-plongée*) simula o do adversário deitado no chão do ringue. Com gestos, de cima das cordas, Ram insinua que vai colocá-lo para dormir, e se joga com os cotovelos à frente, aterrissando na cabeça do outro. A luta termina e Ram é o vencedor. O programador, nos bastidores, diz que o dia 6 de abril está se aproximando, e que

teve a ideia de fazer a revanche contra o Aiatolá, o que Ram aceita. Os demais lutadores o aplaudem pela “bela” luta da noite.

Em seguida apresenta-se a casa de *striptease*, o outro dos “mundos simbólicos”. Cassidy é recusada por um grupo de clientes, que dizem que ela está velha demais. Randy a defende, ameaçando e dispersando o grupo. Ela então dança para ele e os dois conversam – ele só consegue pensar na luta contra o Aiatolá, e ela pergunta se as lutas são encenadas. Ele mostra as cicatrizes, “provando” que não, e ela evoca o carneiro bíblico e o sacrifício de Jesus em nome dos homens, lembrando que bateram nele por mais de 2 horas, jogaram de tudo nele, e ele aguentou. Ele paga e ela vai ao palco, onde dança para a plateia.

Em seguida, acompanha-se a preparação de Ram para manter o físico: ele compra anabolizantes, pinta os cabelos, faz bronzamento artificial. O próximo oponente fala de usar uma pistola de grampos e Ram responde: “rock ‘n’ roll”. Ram aparece em seguida inteiramente ensanguentado, dando os últimos golpes antes de ganhar a luta. Intercala-se o cuidado dos ferimentos e a retirada de dezenas de grampos de seu corpo com a luta, violentíssima. Quando está terminado o tratamento das feridas, ele tem um infarto.

O médico diz que ele não pode mais lutar, porque muito provavelmente seu coração não resistirá. O enquadramento do táxi que o deixa no estacionamento em seguida é de cima (*plongée*) e bem de longe, deixando-o pequeno em meio a um vazio. Em seguida, tendo conseguido finalmente pagar e entrar no trailer, chama um menino seu amigo para jogar videogame (o jogo é uma simulação da luta de Ram contra o Aiatolá), mas o garoto diz que esse jogo é velho e que o bom agora é o que simula a guerra no Iraque.

Randy vai em busca de Pam, a mulher (e não da *stripper* Cassidy), e ela sugere que ele procure a família, a filha. Mas a filha o rejeita, e ele vai percebendo que a vida que o aguarda é de decadência e solidão. É então que acontece uma pequena “virada” no seu “mundo real”: ele consegue o emprego no balcão de frios (apesar de ser mais uma vez humilhado pelo patrão), sai com Pam e fica claro que ambos sentem atração (apesar de ela acabar recusando por ser proibido o “contato com clientes”) e ele consegue ter um encontro bem-sucedido com a filha. Decide se aposentar.

Há alguns detalhes que vale mencionar nas sequências da “virada”, a começar por quando Pam conta que tem um filho e Randy dá um boneco de Ram para ela. Em seguida, no primeiro dia de trabalho no balcão de frios, o crachá que ele recebe diz “Robin” e ele pergunta se não pode mudar, mas o patrão responde com ironia e humilhação. A câmera então o acompanha por trás a caminho do balcão de frios, do mesmo modo como fez antes da luta, e um som de multidão ao fundo vai crescendo; ele para logo antes de atravessar a cortina de plástico, quando os gritos pedindo por ele estão no auge. Quando ele passa pela cortina, silêncio. Ele atende bem, e por um momento parece acreditar que pode se tornar aquele homem “comum”.

A essa mudança positiva segue-se a continuação da decadência que se observava no começo do filme e até o coração de Randy falhar. Ele decide agradecer a Pam pela ajuda com a filha. Ela diz que gosta dele, mas que ele a vê como *stripper*, e ela é mãe. “O mundo real e o clube não se misturam”, e ele é um cliente. Ele pede então uma dança, oferecendo dinheiro, mas ela se ofende. O segurança pede que ele saia, e Pam cobre o corpo. Em vez de entrar em “casa”, ele decide voltar a sair para assistir a uma luta, o que o leva a sair com outro lutador para um bar, onde uma fã lhe oferece sexo e cocaína, o que resulta em perder o compromisso marcado com Stephanie, a filha. Ao procurá-la, ela diz que nunca mais o quer ver e que o laço entre os dois está permanentemente quebrado. O mundo real não o quer.

Em seguida, a catarse. No balcão de frios, uma cliente nunca fica satisfeita e há uma grande fila. Outro freguês parece reconhecê-lo, mas não sabe bem de onde. Ele nega que seja esportista, mas quando o cliente lembra seu nome, The Ram, e diz que parece exatamente com ele, só que mais velho, ele dá um soco na máquina de fatiar frios, corta fundo o dedão da mão e, besuntando os produtos de sangue e quebrando tudo à sua volta, se demite. The Ram agora está pleno, invadiu o mundo real e matou a normalidade à qual Randy tentou se adaptar. Ele se demite de tudo. Tira a touca e solta os cabelos, o rosto cheio de sangue. No carro, amarrando o dedão, ele diz “oh, Robin! Cara, é Randy!”. Um acorde de guitarra distorcida fica suspenso.

Do orelhão, ele diz que quer voltar à luta. A guitarra soa em cheio. Em seguida, há mais uma cena de preparação para a luta, que em tudo lembra a vaidade socialmente definida como feminina: para atingir a aparência ideal de lutador grande e ameaçador, ele veste touca, raspa as axilas, pinta os cabelos e passa desodorante em frente a um espelho. O espelho serve de ligação para uma cena de Pam se preparando para sair para o trabalho. Ela pede à babá que coloque seu filho na cama e se despede. Ele brinca com o boneco de Ram.

Pam vai até ele, para explicar que ela sabe que ele não é mais um simples cliente, mas traçou uma linha entre o mundo e seus sentimentos que não pode ultrapassar. Randy está indiferente. The Ram está a caminho da luta. Ela sabe que ele está a caminho da morte. No carro, ele escuta *Balls to the Wall*, sucesso da banda Accept de 1983. Entrando no clube onde lutará, encontra o Aiatolá ("Bob") e pede que eles conversem sobre os movimentos. Bob responde: "que tal eu ganho e você perde?" e Ram: "fico feliz em ver que nada mudou".

Cassidy dança no palco, mas abandona a apresentação. Uma voz chama por ela ao microfone. Ela vai se vestindo e a mesma voz grita "Cassidy!", por último apelando para "Pam". Ela fecha a porta do clube e repete "Pam!". Foge desse mundo e alcança Ram logo antes da luta, mas ele afirma que seu lugar é aquele, ele só se machuca fora dali. Ela diz que está lá *de verdade*, mas a multidão o chama. Antes de começar a luta, ele discursa para a plateia: "disseram que eu não ia mais lutar, mas é só o que sei fazer. A conta é cobrada para quem vive no limite: não escuto mais tão bem, esqueço as coisas, não sou mais muito bonito, mas eu continuo aqui e sou Ram. O tempo passa, dizem que você está acabado, que é um perdedor. Mas só vocês podem me dizer quando parar de lutar, vocês são a minha família!". O Aiatolá o abraça, diz que falou bonito e logo lhe desfere o primeiro golpe; Pam chora muito e vai embora. Ram provoca o Aiatolá, chegando a roubar seus "movimentos", e ao receber o revide começa a fraquejar. O Aiatolá, percebendo, pede desesperadamente para que ele acabe com a luta – "já está bom!". Mas a multidão pede "ram jam". Ele se prepara para o golpe final, que será o da vitória e o da morte. Um golpe no

outro e nele mesmo. Olha para onde Pam estava e solta um riso de ironia ao ver que ela não está mais. Agora se vê, em um *contre-plongée* como no início do filme, a dificuldade com que ele sobe nas cordas do ringue. Ele se joga. Permanecem a visão do teto e o som dos gritos. O pulo termina e com isso voltam a escuridão e o silêncio.

Com a tela preta, ouve-se Bruce Springsteen cantar *The Wrestler*, música composta especialmente para o filme, com arranjo apenas de piano e violão. Depois de alguns segundos, começam a subir os créditos finais. Caracterizando a perda, a luta e a solidão do personagem, a música termina com (tradução livre): “minha única fé está nos ossos quebrados e nos machucados que trago à mostra / você já viu um homem com uma perna só tentando dançar livremente? / se você já viu um homem com uma perna só, então você me viu”.

Há uma evidente variedade de identidades apontadas até aqui: ele é Randy, Ram, boneco, videogame, empregado, lutador de sucesso rumo ao ostracismo, pai, cliente de Cassidy, homem que deseja Pam; ela é Pam, Cassidy, *stripper*, mãe, profissional rumo à aposentadoria, mulher que deseja Randy. Para se proteger, Pam optara por se fechar ao mundo “simbólico”, onde ela só existe quando está no clube de *striptease*, mas ao longo do filme ela vai se abrindo à possibilidade de se envolver com alguém que conheceu nesse ambiente, no fim tentando trazê-lo ao mundo “real”.

Tanto Randy como Pam se tornam “outro” em seus mundos simbólicos, adotando nomes diferentes e eliminando muitas das características que apresentam em suas vidas “reais”. Ambos, em sua atuação nesse outro mundo, dependem fundamentalmente do aspecto físico, que são como representações arquetípicas do corpo ideal feminino e masculino: a mulher *sexy* e voluptuosa, o homem bruto e viril.

O tempo, no entanto, é seu inimigo. Com a idade que avança, chega para cada um a decadência, a rejeição e o fracasso profissional. Ram e Cassidy simbolizam um deus da guerra e uma deusa do amor, mas o tempo vai corroendo seus corpos e com isso seus “poderes”. Diante disso, ao fazer renascer sua plenitude em Ram,

CORPOS E CICATRIZES

Randy inverte o jogo a que está predestinado, anulando-se (fechando-se de vez para o mundo “real”) e deixando que Ram se lance à glória. No fim, mesmo o tempo é simbolicamente derrotado pelo lutador, que escolhe morrer a perecer.

Entre(vistas): diálogos e performances na capoeira

Vanessa Generoso Paes

ABREU, Frede;
CASTRO, Maurício
Barros de (Org.).
Capoeira. Rio de
Janeiro: Azougue
Editorial, 2009.



Capoeira¹, que integra a Coleção Encontros da Editora Azougue, é resultante, em linhas gerais, de vinte e seis entrevistas realizadas com mestres da capoeira brasileira. Ao longo de suas 228 páginas, somos levados a conhecer, pelos diferentes textos, o universo dos mestres de capoeira do Brasil, assim como, suas preocupações e expectativas, as necessidades e os desejos dos sujeitos que praticavam e praticam capoeira no cenário micro, artesanal, outrora “marginal”, do mundo da capoeira, do samba de roda, samba-duro e do batuque, antes relacionados, ao universo das pessoas que jogavam capoeira.

Com base em pressupostos da comunicação social, os organizadores do livro propõem um descortinar das vidas de vinte e seis capoeiristas “desclassificados”, hoje consagrados, vinculados pela força e beleza da luta, da dança e do jogo da capoeira. A proposta dos organizadores é fazer com que as entrevistas tornem-se próximas do leitor, concedendo a palavra a seres reconhecidos da cultura imaterial do Brasil. Os organizadores tecem uma aproximação biográfica, com o conjunto das narrativas, de humanos outrora anônimos, assumindo a fronteira de diálogo e de confidências da utilização dos gêneros de entrevistas.

Das formas de criminalização da capoeira, no final do século XIX, ao reconhecimento como prática esportiva pelo governo militar, em 1972, a relação do governo com os capoeiristas se abrandou, porém nenhuma proposta institucional ocorreu para melhorar as condições financeiras dos mestres de capoeira brasileira. Esquecidos e sem nenhum apoio, foi somente na gestão política de Lula, precisamente, com o ministro da cultura Gilberto Gil que foi efetivada uma prática social que adotou projetos de apoio à manifestação cultural da capoeira, como também, aos mestres que criaram gêneros de capoeira no Brasil. Deste modo, Mestre Sena indagado sobre o futuro da capoeira e diz com em seu tom enfático:

¹ ABREU, Frede; CASTRO, Maurício Barros de. (Org.). **Capoeira**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.

a transformação de nossos trabalhos em livros e a sua viabilidade em os editarmos para que sirvam de subsídios aos órgãos de governo, principalmente nos setores de Educação e Cultura, é uma meta. Continuaremos lutando para que a Capoeira seja adotada como nossa representante cultural, da mesma forma que as Artes Marciais do Oriente representam os seus países de origem. (Mestre Sena, p. 63).

Nesse sentido, foi somente no ano de 2008 que o ofício do mestre de capoeira foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil, objetivando tornar válidas políticas públicas que permitam que os antigos mestres de capoeira pudessem sobreviver de sua arte. A importância dessa obra representa a somatória das entrevistas realizadas com os representantes da capoeira no Brasil, a qual representa um ritual “forjado em roda, espaço do sagrado e do profano, onde o corpo canta, toca, dança e luta” (ABREU; CASTRO, 2009). Assim, esse livro surge como uma forma de homenagear os fundadores e os continuadores do ofício e mestre de capoeira no Brasil e no mundo.

São dois os organizadores do livro. O primeiro, o pesquisador Frederico José de Abreu, é economista e trabalha com capoeira desde 1976, sendo organizador do primeiro seminário regional de capoeira que reuniu antigos mestres como Cobrinha Verde, João Grande, Atenilo, João Pequeno, Caiçara e Canjiquinha, entre outros. É também autor dos livros: *Bimba é Bamba: a capoeira no ringue* (Instituto Jair de Moura, 1999), *O barracão do Mestre Waldemar* (Zarabatana, 2003) e *Capoeiras: Bahia, século XIX*. O segundo organizador do livro, o pesquisador Maurício Barros de Castro, Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP-2007), participou da coordenação da pesquisa que formulou o dossiê e instruiu o registro da capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil (IPHAN-2007). É pesquisador associado do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP) e escreveu o livro *Zicartola: política e samba na casa de Cartola e Dona Zica* (Relume Dumará, 2004).

O livro *Capoeira* é dividido em três partes. A primeira, como uma apresentação concisa e em linhas gerais dos organizadores, expondo os motivos e a importância dos relatos contidos no livro.

A segunda, que por sua vez representa a maior parte da obra, com as entrevistas dos mestres de capoeira do Brasil. A terceira, contendo uma breve apresentação sobre os mestres indicando basicamente nome, data e local de nascimento e o gênero de capoeira a qual eles pertenciam.

As entrevistas que compõe o livro têm o mérito de servir como contribuição documental para a compreensão da riqueza cultural brasileira, assim como constituir uma forma singular de nos aproximarmos do universo dos mestres que não apenas jogaram, mas também ensinaram a magia rítmica da dança-luta, das orações de proteção, das ladainhas e mandingas presentes nas rodas de capoeira. As histórias narradas pelos mestres representam parte de suas vidas como praticantes da capoeira, que, para eles é, entre muitas coisas, uma arte que dimensiona uma filosofia de vida.

Os autores reuniram relatos dos principais mestres de capoeira, representantes de diversas modalidades, sendo eles: João Mina, Pastinha, Bimba, Canjiquinha, Waldemar, Sena, Arthur Emídio, João Pequeno, João Grande, Curió, Dr. Decânio, Jelon Vieira, Arcodeon, Itapoan, Nenel, Camisa, Nestor Capoeira, Suassuna, Russo, Moraes, José Carlos, Cobra Mansa, Angolinha, Janja, Freire e Leopodina. Cada mestre portando uma experiência única e singular no universo da capoeira. Com esse elenco, o livro foi elaborado a partir do material impresso pertencente ao arquivo Jair Moura na Bahia, segundo os organizadores o maior acervo de capoeira do Brasil e do mundo, onde buscaram as diferenciadas entrevistas para compor o livro.

Por meio do livro é possível perceber reflexões sobre as formas e reprodução da discriminação enfrentada pelos praticantes da capoeira desde o início do século XX até os dias atuais na sociedade brasileira, visto que apenas em 2008 esta prática foi reconhecida como ofício.

Os relatos indicam, a partir de técnicas diferenciadas na forma de realização de entrevistas, múltiplas dimensões da arte da capoeira no cenário contemporâneo. As diferentes pessoas e instituições que realizaram as entrevistas destacam as visões dos sujeitos, protagonistas que construíram estilos e escolas de capoeiristas no

Brasil, permitindo compreender a memória individual, traços coletivos da tradição popular da capoeira brasileira. Os relatos despertam a observação de diferenciados eixos temáticos desta tradição até o presente: arte de defesa contra escravidão; dinâmica do corpo; religiosidade; musicalidade; dança; os ritos; representação cultural; ensino e aprendizagem; tradição e modernidade.

Cabe ressaltar que, em diversas áreas do saber, existem diferenciadas maneiras de fazer entrevista, apesar de existir livros e manuais que classificam as entrevistas como projetiva, grupos focais, história de vida, entrevista estruturada, aberta, semiestruturada. Existem pessoas que constroem técnicas para a elaboração de um roteiro e, até instruções de como realizar uma entrevista. Afinal, entrevistar não é uma prática simples, exige atenção e sensibilidade dos que se postam como entrevistadores. A operação prática de entrevistas, além dos momentos de sua realização, demanda ainda, a finalização que a habilitará para o uso.

Para os pesquisadores das ciências sociais, as entrevistas podem ser múltiplas ou únicas. A escolha e o procedimento dependerão do tipo de projeto a ser desenvolvido pelo pesquisador. O importante ao se fazer uma entrevista é não querer impor a visão de mundo do entrevistador para os colaboradores ou sujeitos da pesquisa.

Deste modo, as entrevistas deste livro são múltiplas e diferenciadas, suas formas assumem variados modos de entrevista: livres, direcionadas por perguntas, entrevistas onde as perguntas foram retiradas e transformadas em um texto retilíneo e coerente, entrevistas descritivas amparadas no caderno de campo e perfil onde a inserção do entrevistador prevalece.

Seu nome – Washington Bruno da Silva – lembra Presidência da República, mas de política ele não manja nada. Seu fraco é a capoeira, do qual é bamba como ninguém. Washington é Canjiquinha, capoeira internacional, bom como Aberê, ágil como Maria Doze Homens – um verdadeiro patrimônio do folclore nacional. Para ele a capoeira está morrendo. Virou apenas dança para turista ver. E ainda existe quem a considere agressiva:

– Meu Deus, querem afeminar a luta dos homens.

Dos 45 anos de vida de Canjiquinha, 33 foram dedicados à capoeira. Ele não apenas luta capoeira, mas luta por ela. Acredita que os mestres hoje em dia são poucos. Queixa também da falta de divulgação da capoeira que, em seu modo de entender, deveria ser transformado no esporte nacional.

– Minha comadre – diz Canjiquinha com sua fala agitada, nervosa de filho de lansa – já viajei por quase todo o Brasil, ensinei capoeira até para a Força Aérea...

Emocionado diz: “lindos mesmos são os golpes: rabo de arraia – meia lua de frente – meia lua de costas – armada – chapéu de couro – escorão – benção – vingativa – chibata e tantos outros... (Mestre Canjiquinha, p. 41).

Pode-se perceber que houve uma preparação das informações para a realização da entrevista ou questões exploratórias para mapear o universo das pessoas que jogam capoeira aproximando a experiência de vida das pessoas. A narrativa foi trabalhada como um perfil construído pelo entrevistador, desta forma, os entrevistadores mostraram-se conhecedores do campo de ação dos narradores, compondo assim, um cenário de trocas discursivas múltiplas no universo dialógico que é a entrevista. É importante frisar que todas as entrevistas do livro iniciam com o *tom vital*² da narrativa, forma de apresentação do relato que é realizada pelos pesquisadores de história oral do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo.

Para a história oral, existem diferenciadas formas de entrevistas sendo praticadas por pesquisadores e, estas variam desde uma conversa amigável até a utilização de questionários. Os oralistas afirmam que para realizar uma boa entrevista é necessário que o entrevistador se depreenda do estatuto de poder que o reveste e passe a estabelecer com o outro uma relação de diálogo revestida de interesse e respeito com a experiência do ser que narra. É fundamental que, na relação da entrevista, a capacidade de demonstrar compreensão pela opinião do outro e a disposição para ouvir as histórias de vida do narrador.

² Para Meihy o tom vital é a frase escolhida para ser colocada na introdução da história de vida. Ela serve como guia para a leitura da entrevista, pois representa a síntese da moral do texto. Cf. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo, Loyola, 2005. p. 262.

O livro traz uma instigante proposta de utilização das entrevistas no mundo contemporâneo, aproximando-se assim, de forma indireta, da história oral enquanto capaz de produzir um material para ser arquivado como banco de história, proposta que se caracteriza como “acervos planejados segundo projetos que buscam caracterizar um conjunto de experiências individuais, que ganham sentido no coletivo”³. Há de se enfatizar que o livro não pretende ser, de forma direta, um trabalho de história oral na linha teórica do oralista Meihy, uma que vez isso implicaria num conjunto de procedimentos que vai desde a elaboração de um projeto em história oral, passando pelo agendamento, elaboração e realização das entrevistas, transcrição, transcrição, autorização para uso e análise das entrevistas.

Tais etapas são fundamentais para que um trabalho seja vinculado a uma perspectiva de história oral. No entanto, existem similitudes do projeto realizado na organização deste livro, dado o trabalho que é feito com a entrevista dos mestres de capoeira, já que as entrevistas utilizadas são transcritas (passagem do oral para o escrito), e algumas, como a do mestre João Grande é transcrita, uma vez que a sua entrevista fez parte do conjunto de narrativas desenvolvido na tese de doutorado de Mauricio Barros de Castro, e o mesmo, utiliza em seu doutoramento os procedimentos de construção da narrativa proposto por seu orientador José Carlos Sebe Bom Meihy. O conceito de transcrição surge como uma recriação da atmosfera da entrevista, como uma tradução possível deste momento, na qual se retrabalha toda a entrevista sem ferir o sentido primordial da mesma, incluindo no texto final, os silêncios presenciados na entrevista, a *performance*⁴ narrativa do colaborador. Assim, a capoeira é um elemento privilegiado para

³ Cf. MEIHY, José Carlos Sebe Bom Meihy; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007. p. 126.

⁴ Para Zumthor “performance se refere de modo imediato a um acontecimento oral e gestual. Pelo menos, qualquer que seja a maneira pela qual somos levados a remanejar (ou a espremer para extrair a substância) a noção de performance, encontraremos sempre um elemento irreduzível, a ideia de presença de um corpo.”. E ainda: “A canção do ambulante da minha adolescência implicava, por seus ritmos (os da melodia, da linguagem e do gesto), as pulsações de seu corpo, mas também do meu e de todos nós em volta.”. Cf. ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 38.

perceber a *performance*, pois liga a narrativa à noção de teatralidade da linguagem e do corpo.

Cabe ressaltar, fazendo algumas aproximações com a história oral, que o conjunto final do livro, aproxima-se muito mais do gênero de banco de histórias, uma vez que a pretensão é disponibilizar ao público em geral o registro de trajetórias pessoais ou de grupos que por diferenciados motivos merecem atenção da sociedade. O livro em questão se abre a esta proposta, uma vez que o conjunto dos relatos contidos no livro foi arquivado e as disponibilidades públicas das entrevistas possibilitam análises individuais e coletivas de um processo histórico do Brasil. Daí a sua contribuição documental enquanto narrativas que falam do processo de libertação do corpo frente às formas colonizadoras de um período nada democrático da sociedade brasileira.



Sobre os autores





Alfredo Oscar Salun. Mestre (1996) e Doutor (2008) em História Social pela PUC-SP e Universidade de São Paulo respectivamente. É pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP) e ao Grupo de Estudos Regionais e Pesquisa (GERP-UniABC). Ministrou os conteúdos curriculares História Contemporânea e História Moderna na PUC-SP, além de curso de capacitação para professores da rede estadual paulista. Atualmente é professor de História Contemporânea na UniABC, além de coordenador do curso de História dessa mesma instituição. É, também, responsável pela criação do Centro de História Oral da UniABC e de cursos de extensão. Além de diversos artigos nas áreas de História, Educação e Esportes, publicou o capítulo “Parsifal: a moderna propaganda nazista” no livro *Tradição e modernidade na primeira metade do século XX* (Ed. da UniABC, 2003) e, baseado na dissertação de mestrado, o livro *Zé carioca vai a Guerra: memórias e histórias sobre a FEB* (Pulsar, 2004).

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho. É doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo, com o projeto “De um puteiro em João Pessoa a uma Nação Santa: História Oral de Vida e análise da canção de Rodolfo Abrantes, dos Raimundos ao gospel”. Mestre em História do Tempo Presente (2010) pela Universidade do Estado de Santa Catarina, com a dissertação “A grande onda vai te pegar: mídia, mercado e espetáculo da fé na ‘Bola de Neve’ Church”. Especialista em Marketing e Comunicação Social (2002) pela Fundação Cásper Líbero e graduado em História (1999) pela Universidade de São Paulo. É pesquisador do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP). Publicou trabalhos científicos nas áreas de História do Tempo Presente e História das Religiões e Religiosidades.

Enrico Spaggiari. Graduado em Ciências Sociais (2006) pela Universidade de São Paulo com iniciação científica (CNPq) sobre futebol em bairros rurais do interior de São Paulo. Mestre em Antropologia Social (2009) pela Universidade de São Paulo com a dissertação “Têm que ter categoria: construção do saber futebolístico” (bolsa FAPESP). Atualmente, é doutorando em Antropologia

Social pela mesma instituição e bolsista FAPESP. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana e Antropologia do Esporte, atuando principalmente nos seguintes temas: práticas futebolísticas, cidade, periferias, juventude e cotidiano. Integra o Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC-USP) e o Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF-USP).

Fernanda Paiva Guimarães. Formada em Comunicação Social (habilitação Jornalismo pela PUC-Rio – 2003), é mestranda do curso de História Social da Universidade de São Paulo, e participa do Núcleo de Estudos em História Oral desde março de 2008. Trabalhou na produção de documentários no Rio de Janeiro e integrou a equipe de produção do Projeto de Restauração dos Filmes de Joaquim Pedro de Andrade entre 2003 e 2006. Desde setembro de 2006, trabalha na Cinemateca Brasileira.

Johanna Coelho von Mühlen. Possui graduação em Educação Física (2004) e Especialização em Pedagogias do Corpo e da Saúde (2006), ambas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É mestre em Ciências do Movimento Humano (2009) na mesma instituição (área de concentração: Movimento Humano, Cultura e Educação). Atualmente é aluna de doutorado do mesmo programa, membro do GRECCO (Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo) e do CEME (Centro de Memória do Esporte) e Diretora Técnica de Ginástica Rítmica da Federação Riograndense de Ginástica (FRG).

José Carlos Sebe Bom Meihy. Professor titular aposentado do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP). Autor de inúmeros artigos, capítulos de livros e livros sobre história oral, dentre os quais se destacam: *Canto de morte Kaiowá* (Loyola, 1991), *The life and death of Carolina Maria de Jesus* (com Robert M. Levine; The New Mexico University Press, 1995), *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York* (Parábola, 2004), *Manual de História Oral* (Loyola, 2005), *Augusto & Lea: um caso de*

(des)amor em tempos modernos (Contexto, 2006) e *História Oral: como fazer, como pensar* (com Fabiola Holanda; Contexto, 2007).

Katia Rubio. Graduada em Psicologia (1995) pela PUC-SP, mestre em Educação Física (1998) pela EEFE-USP, doutora em Educação (2001) pela FE-USP e pós-doutora em Psicologia Social (2005) pela Universidade Autônoma de Barcelona. Atualmente é professora associada da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, orientadora nos programas de pós-graduação da EEFE-USP e FE-USP, e coordenadora do Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano da EEFE-USP. Tem 15 livros acadêmicos escritos e organizados na área de Psicologia do Esporte e Estudos Olímpicos, sendo alguns deles *Esporte, educação e valores olímpicos* (Casa do Psicólogo, 2009), *Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário* (Casa do Psicólogo, 2006), *Psicologia do Esporte: teoria e prática* (Casa do Psicólogo, 2003) e *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo* (Casa do Psicólogo, 2001). É membro da Academia Olímpica Brasileira.

Marcel Diego Tonini. Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais (2006) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Campus de Araraquara), com pesquisa sobre a relação entre a ferrovia paulista e a difusão do futebol no município de Rio Claro. Atualmente, é mestrando em História Social pela Universidade de São Paulo, sendo bolsista FAPESP e desenvolvendo um projeto sobre histórias de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Oral e História Sociocultural do Futebol, estando atento, sobretudo, aos seguintes temas: futebol, racismo, memória e identidade. Integra o Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP) e o Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF-USP). Recentemente, publicou, em coautoria, o livro *Narrativas e experiências: histórias orais de mulheres brasileiras* (D’Escrever; Letra e Voz, 2009).

Marcela Boni Evangelista. Graduada em História (2004) pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é mestranda em História Social pela Universidade de São Paulo, com o projeto: “Maternida-

de e violência: história oral de vida de mães de crianças e adolescentes em conflito com a lei”. Sendo pesquisadora desta universidade, atua no Núcleo de Estudos em História Oral e no Núcleo de Estudos da Violência, no qual integra a equipe do Banco de Dados da Imprensa sobre as graves violações de direitos humanos.

Paulo Nascimento. Bacharel e Licenciado em História (2006) pela UNESP, é mestrando da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, onde desenvolve pesquisa sobre o profissionalismo nos Jogos Olímpicos tendo como principal referencial as histórias de vida dos atletas brasileiros. É membro do Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano, do Grupo de Estudos Olímpicos e do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol, todos da Universidade de São Paulo.

Rita Charon. Graduada em Medicina (1978) pela Universidade de Harvard. Mestre (1990) e Doutora (1999) em Estudos Literários pela Universidade de Columbia. Nesta mesma instituição, é professora catedrática e diretora do Programa de Medicina Narrativa, lecionando, principalmente, literatura, ética narrativa e narração de vida. Em virtude das pesquisas inovadoras que exploram o papel da literatura na relação médico-paciente, recebeu homenagens e prêmios de diversas associações. Dentre eles, destacam-se: *Virginia Frantz Kneeland Award* da Universidade de Columbia como médica notável do ano de 1987 – tornando-se a primeira mulher a receber tal prêmio – e *National Award for Innovation in Medical Education* da Sociedade de Medicina Interna Geral em 1997. Entre 1999 e 2007, foi coeditora da revista *Literature and Medicine*. É autora de vários artigos e livros, dentre eles: *Stories Matter: the role of narrative in medical ethics* (Routledge, 2002), *Narrative medicine: honoring the stories of illness* (Oxford University Press, 2006), *Psychoanalysis and narrative medicine* (State University of New York Press, 2008).

Sergio Barcellos. Mestre (2004) e Doutor (2009) em Estudos de Literatura pela PUC-Rio e, à frente da Editora Velocípede, publicou cerca de 30 títulos diversos. É autor de *Tôque de Silêncio: uma*

história de homossexualidade na Marinha do Brasil (Geração Editorial, 1997) e *Armadilhas para a narrativa: estratégias narrativas em dois romances de Carlos Sussekind* (Velocípede, 2006). Atualmente, leciona Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde também realiza seu estágio de pós-doutorado com o tema Corpo & Diário.

Sérgio Settani Giglio. Possui graduação (2003) e mestrado (2007) em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professor da Universidade Nove de Julho-SP no curso de Educação Física e cursa o doutorado em Educação Física pela Universidade de São Paulo. Integra o grupo de pesquisa Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF-USP). Também é um dos editores do site sobre futebol chamado Ludopédio (www.ludopedio.com.br). Entre as produções bibliográficas, destaca-se o artigo *O dom de jogar bola* (2008) publicado na revista Horizontes Antropológicos em conjunto com outros autores e um capítulo no livro *Futebol, cultura e sociedade* organizado pelo professor Jocimar Daolio (Autores Associados, 2005).

Silvana Vilodre Goellner. Possui graduação em Educação Física (1986) pela Universidade Federal de Santa Maria, mestrado em Ciências do Movimento Humano (1992) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutorado em Educação (1999) pela UNICAMP. Atualmente é professora da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul onde atua na graduação e pós-graduação. É Coordenadora do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS e do GRECCO – Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo. Autora de vários artigos, capítulos de livros e livros dentre os quais destacam-se *Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica* (UNIJUI, 2003) e, como organizadora, os livros: *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança* (UFRGS, 2007); *Recônditos da Memória: o acervo pessoal de Inezil Penna Marinho* (Gênese, 2009). É pesquisadora de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Vanessa Generoso Paes. Possui graduação em História (2004) pela Universidade Federal de Rondônia. Atualmente é mestranda

pelo programa de pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo onde desenvolve pesquisa sobre a imigração de famílias de bolivianos na cidade de São Paulo com bolsa FAPESP. É pesquisadora associada do Núcleo de Estudos em História Oral e tem experiência na área de história da Amazônia, história oral e migrações contemporâneas.

Normas editoriais

- 1 A Revista Oralidades recebe textos inéditos, em fluxo contínuo. São aceitos artigos em português, inglês e espanhol. Dossiês e números temáticos terão chamada e normas especiais.
- 2 São aceitos trabalhos nas seguintes modalidades: Artigos, Resenhas, Histórias de vida, Informes de pesquisa, Entrevistas e Ensaios. Traduções podem ser enviadas, desde que não publicadas no Brasil.
- 3 Entrevistas/histórias de vida e artigos traduzidos devem ser acompanhados de autorização de uso. Em ambos os casos, preferem-se autorizações formais por meio de carta de cessão. Autorizações informais (gravação em fita/mp3, escrito ou e-mail) e entrevistas anônimas passarão pelo conselho editorial para avaliação dos riscos legais.
- 4 Os originais (exceto resenhas e ensaios) devem ter entre 21.000 e 42.000 caracteres (contando espaços), fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas 1,5, devendo ser acompanhados de resumo (máximo 10 linhas) e palavras-chave (entre 3 e 5). Resenhas de livros deverão conter no máximo 12.000 caracteres. Ensaios têm apenas limite máximo de caracteres (42.000).
- 5 Título, resumo e palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês.
- 6 As referências bibliográficas deverão obedecer à seguinte orientação: A) As remissões bibliográficas deverão figurar no corpo do texto, devendo constar, entre parênteses, o sobrenome do autor seguido da data de publicação da obra e número da página. Exemplo: (CARVALHO, 1998, p. 128); B) As referências bibliográficas deverão ser listadas em ordem alfabética no final do artigo.
- 7 Os autores brasileiros deverão seguir as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

- 8 Os editores reserva-se o direito de devolver aos autores os textos fora dos padrões descritos.
- 9 A editores reserva-se o direito de executar revisão ortográfica e gramatical nos textos publicados.
- 10 A simples remessa de textos implica autorização para publicação e cessão gratuita de direitos autorais.
- 11 As imagens devem ser enviadas separadamente em arquivos JPG com resolução de 300 dpi.
- 12 O nome do autor deve ser acompanhado por titulação, filiação institucional e função exercida no momento do envio do texto.
- 13 Todos os artigos apresentados dentro das normas serão analisados pela comissão editorial.
- 14 O processo de avaliação segue as normas internacionais de peer review. Os textos recebidos são encaminhados a dois pareceristas integrantes do conselho editorial, consultivo ou a convidados “ad hoc”. Em casos especiais, pode-se consultar um terceiro revisor. É mantido o anonimato do autor e dos consultores.
- 15 Os textos devem ser enviados para: oralidades.neho@gmail.com

Publishing rules

- 1 The Oralidades Journal receives unpublished writings in ongoing flood. Articles are accepted in Portuguese, English and Spanish. Dossiers and thematic volumes will have special convocation and rules.
- 2 Productions are accepted in the following sorts: articles, reviews, life histories, research reports, interviews and essays. Translated articles may be sent as long as they haven't been published in Brazil.
- 3 Interviews/life histories and translated articles must be followed by an authorization of use. In both cases, formal authorizations are preferred by using letter of cession. Informal authorizations (recording on tape/mp3 or any sound file type, writing or e-mail) and anonymous interviews will be sent to the editorial council for evaluation of legal risks.
- 4 The original papers (save reviews and essays) must have from 21.000 to 42.000 characters, in Times New Roman font, size 12, space between lines 1,5, followed by an abstract (maximum of 10 lines) and 3 to 5 keywords. Book reviews must have a maximum of 12.000 characters. Essays have only a maximum of characters (42.000).
- 5 Title, abstract and keywords must have both Portuguese and English versions.
- 6 The bibliographical references must submit to the following orientation: A) The bibliographical quotations must be in the text body, with the author's last name, the publishing date and the page, using parenthesis. Example: (CARVALHO,1998, p. 128); B) The bibliographical references must be listed alphabetically at the end of the article.
- 7 The publication has the right to return the articles to its authors without the patterns listed above.

- 8 The publication has the right to review the writings both orthographically and grammatically.
- 9 The sending of the writings implies authorization for publishing and remission of copyrights.
- 10 Pictures must be sent individually in JPG files with 300 dpi quality.
- 11 The author's name must be followed by academic background, institutional links and position hold at the current moment of the sending.
- 12 The editorial commission will analyze all articles presented within these rules.
- 13 The analysis process follows the international rules of peer review. The writings received are given to two different people from the editorial council, consultants or guests "ad hoc", who pass sentence upon the work. In special cases, a third reviewer can be consulted. Both the author and consultants' anonymity are kept.
- 14 The papers must be sent to: oralidades.neho@gmail.com

Normas editoriales

- 1 La Revista Oralidades recibe textos inéditos, en flujo continuo. Dossiers y números temáticos tendrán llamada y normas especiales.
- 2 Son aceptos trabajos en las siguientes modalidades: Artículos, Reseñas, Historias de Vida, Informes de investigación, Entrevistas y Ensayos. Artículos traducidos pueden ser enviados, desde que no publicados en Brasil.
- 3 Entrevistas/historias de vida y artículos traducidos deben ser acompañados de autorización de uso. En ambos casos, son preferibles autorizaciones formales por medio de carta de cesión. Autorizaciones informales (registro en fita/mp3, escrito o correo electrónico) y entrevistas anónimas serán enviadas a el consejo editorial para la evaluación de los riesgos legales.
- 4 Los originales (excepto reseñas y ensayos) deben tener entre 21.000 y 42.000 signos, fuente Times New Roman, tamaño 12, espacio entre líneas 1,5, debiendo ser acompañados de resumen (máximo 10 líneas) y palabras-clave (entre 3 y 5). Reseñas de libros deberán conter como máximo 12.000 signos. Ensayos sólo tienen un máximo de caracteres (42.000).
- 5 Título, resumen y palabras-clave deben ser presentados en español y inglés.
- 6 Las referencias bibliográficas deberán obedecer a la siguiente orientación: A) Las remisiones bibliográficas deberán figurar en el cuerpo del texto, debiendo constar, entre paréntesis, el apellido del autor seguido de la data de publicación de la obra y el número de la página. Ejemplo: (CARVALHO,1998, p. 128); B) Las referencias bibliográficas deberán ser listadas en orden alfabética al final del artículo.
- 7 Los editores reservase el derecho de devolver para los autores los textos fuera de los patrones descriptos.

- 8 A editores reservase el derecho de ejecutar revisión ortográfica y gramatical en los textos publicados.
- 9 La simple remesa de textos implica autorización para publicación y cesión gratuita de derechos autorales.
- 10 Las imágenes deben ser enviadas separadamente en archivos JPG con resolución de 300 dpi.
- 11 El nombre del autor debe ser acompañado por titulación, filiación institucional y función ejercida en el momento del envío del texto.
- 12 Todos los artículos presentados dentro de las normas serán analizados por la comisión editorial.
- 13 El proceso de evaluación sigue las normas internacionales de peer review. Los textos recibidos son encaminados a dos examinadores integrantes del consejo editorial, consultivo o a invitados "ad hoc". En casos especiales, se puede consultar a un tercero revisor. Es mantenido el anonimato del autor y de los consultores.
- 14 Los textos deben ser enviados para: oralidades.neho@gmail.com